

IVANA GUIMARÃES LODI

**UM OLHAR SOBRE OS FORMADORES DE
FORMADORES DO UNIARAXÁ – IDENTIDADES
E PRÁTICAS**

PUC-Campinas

2005

IVANA GUIMARÃES LODI

**UM OLHAR SOBRE OS FORMADORES DE
FORMADORES DO UNIARAXÁ – IDENTIDADES
E PRÁTICAS**

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação na área de Ensino Superior do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, sob orientação da Profa. Dra. Maria Eugênia de Lima e Montes Castanho.

PUC-Campinas

2005

Ficha Catalográfica elaborada pela PUC-Campinas-SBI-Processos Técnicos.

t370.71 Lodi, Ivana Guimarães

L823o Um olhar sobre os formadores de formadores do UNIARAXÁ: identidades e práticas / Ivana Guimarães Lodi. - Campinas: PUC-Campinas, 2005. 179p.

Orientadora: Maria Eugênia de Lima e Montes Castanho.
Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Pós-Graduação em Educação.
Inclui bibliografia.

1. Professores – Formação. 2. Araxá (MG) – Ensino superior. 3. Ensino superior. 4. Ensino superior – Avaliação. I. Castanho, Maria Eugênia. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Pós-Graduação em Educação. III. Título.

22.ed. CDD – t370.71

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Autora: LODI, Ivana Guimarães.

Título: Um Olhar Sobre os Formadores de Formadores do UNIARAXÁ:
identidades e práticas.

Orientadora: Dra. Maria Eugênia de Lima e Montes Castanho.

Dissertação de Mestrado em Educação.

Este exemplar corresponde à redação final da
Dissertação de Mestrado em Educação da PUC-
Campinas, e aprovado pela Banca Examinadora.

Data: 18 de novembro de 2005.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Eugênia de L. e M. Castanho.

Profa. Dra. Ana Lúcia Guedes-Pinto

Profa. Dra. Katia Regina Moreno Caiado

Ao meu pai, que já não está entre nós,
mas que eu sempre tive a certeza de que continuou a me proteger,
a me amar, e que de alguma forma interferiu e encaminhou
para que este sonho se realizasse.
A minha mãe, mulher admirável, que sempre está ao meu lado
em todos os momentos da minha vida.
Para Ana Luíza e Mariana, síntese de um amor verdadeiro,
as maiores razões de minha vida.
Ao Arnaldo, amor, companheirismo, partilha,
que sempre acreditou em mim,
me incentivou, me apoiou.

AGRADECIMENTOS

- Agradecer é algo difícil e sublime. Difícil, porque às vezes não somos capazes de expressar toda a dimensão do que agradecemos e sublime, porque é muito bom saber que podemos contar com tantas pessoas em nossos diversos caminhos da vida.
- Agradeço a Deus em primeiro lugar, que me deu a vida e que diariamente me guia e protege, me empresta tudo que me mantém viva e me faz acreditar que um mundo melhor é possível, desde que tenhamos a alma simples e a fé incondicional em Seu amor infinito.
- Ao Arnaldo, companheiro sempre presente, mesmo de longe sendo meu apoio, me incentivando, acreditando em mim. Obrigada por tudo! Sei que isso é muito pouco diante de tudo que você fez, mas sei também que é capaz de sentir a dimensão do meu agradecer.
- Às minhas filhas amadas Ana Luíza e Mariana, que são sem dúvida nenhuma a razão de sempre querer fazer o meu melhor, de ir adiante. Vocês, que tantas vezes foram privadas da minha companhia e até mesmo de minha ajuda, mas que souberam reconhecer os momentos de ausência e acima de tudo, sendo meu incentivo, meu orgulho, minha crença num futuro melhor. Meu amor por vocês é o que existe de mais profundo, verdadeiro e belo.
- À minha mãe, mulher de fibra, exemplo de dedicação e amor. Saiba que mesmo de longe você foi meu porto seguro, minha coragem, meu exemplo. Você sempre foi o meu espelho. Além do meu amor imenso, tenho uma admiração por tudo que você fez e me ensinou.
- Aos meus queridos irmãos, que mesmo sem dizer, sempre estiveram “por perto”, me fazendo saber que se eu precisasse de qualquer coisa, até mesmo de um ombro ou de um simples ouvir, estavam disponíveis. Acredito que os laços que sempre nos uniram são fortes e eternos.
- À minha amiga Letícia, presença constante em minha caminhada, desde o início, quando comecei a escrever meu projeto. Você foi o apoio, a ajuda, o incentivo. Quantas vezes “chorei” minhas dores e dificuldades, mas também, quantas vezes rimos e dividimos as conquistas. Amizade é uma das coisas mais importantes da vida, e você é minha amiga querida.
- À Maria Clara, amiga, companheira e confidente. Nas nossas idas e vindas, todas as semanas, foram tantas conversas, desabafos, risos, reclamações, alegrias, angústias, cansaço. Foi muito bom ter tido você comigo nessa etapa de vida. Com certeza, tudo o que vivemos nunca será esquecido. Você é uma pessoa especial!

- Ao Nelson, que muitas vezes leu meus textos, meu memorial, minhas entrevistas, sempre com carinho e disponibilidade. Obrigada pelas dicas, pelas pequenas correções, pela presença. Seu incentivo, seu apoio e ajuda foram muito importantes, nunca vou esquecer!
- Ao Luis, Regina e Kelly, que sempre estiveram presentes e com boa vontade para nos atender na secretaria, ou pelo e-mail, obrigada pelo carinho.
- Aos professores do mestrado, todos eles, pela convivência pelos ensinamentos e pelo partilhar. Com certeza aprendi muito com vocês.
- Em especial às professoras Katia e Ana Lúcia, que com tanto carinho aceitaram participar da minha banca. Agradeço pela ajuda, pela aprendizagem, pela sabedoria.
- A todos os meus colegas, pela rica convivência, pela alegria, pelas trocas, e até mesmo pelas raivas e dificuldades.
- À Cibele, tão menina, que se disponibilizou a me hospedar em sua casa, sempre com um sorriso no rosto. Você foi fundamental nessa minha jornada.
- A todos os professores do UNIARAXÁ, que se dispuseram tão prontamente e com tanto carinho e atenção, a participar da minha pesquisa. Letícia, Elisa, Fábio, Magdalena, Luíza, Pedro, Celeste, Dona Elza e Auxiliadora, vocês são professores marcantes!
- Ao UNIARAXÁ, na pessoa de sua reitora: Maria Auxiliadora Ribeiro, pelo incentivo constante e apoio financeiro.
- À Maria Eugênia, minha orientadora, com quem tive a alegria de compartilhar momentos tão ricos e felizes. Você é com certeza, uma professora inesquecível! Mostrou-me tantas coisas, me fez descobrir minhas possibilidades e minhas fragilidades, me levando a querer melhorar, a acreditar que eu era capaz. Aquilo que aprendi e vivi sendo sua aluna nunca será esquecido, pois as marcas são profundas, para a vida toda. Obrigada por ter feito parte da minha história de vida, por toda a dedicação, pelo carinho, pelo compartilhar de maneira única tudo que você é como profissional, mas e acima de tudo, como pessoa. Você vai sempre fazer parte da minha vida, da minha subjetividade, daquilo que me tornei como educadora. Obrigada é muito pouco, você se tornou eterna nos caminhos da educação que ainda quero percorrer!

“Não sei sentir, não sei ser humano,
não sei conviver de dentro da alma triste, com os homens,
meus irmãos na terra.
Não sei ser útil, mesmo sentindo ser prático, cotidiano, nítido.
Vi todas as coisas e maravilhei-me de tudo,
Mas tudo ou sobrou ou foi pouco, não sei qual, e eu sofri.
Eu vivi todas as emoções, todos os pensamentos, todos os gestos.
E fiquei tão triste como se tivesse querido vivê-los e não conseguisse.
Amei e odiei como toda gente.
Mas para toda gente isso foi normal e instintivo.
Para mim sempre foi a exceção, o choque, a válvula, o espasmo.
Não sei se a vida é pouco ou demais para mim.
Não sei se sinto demais ou de menos,
Seja como for a vida, de tão interessante que é a todos os momentos,
a vida chega a doer, a enjoar, a cortar, a roçar, a ranger,
a dar vontade de dar pulos, de ficar no chão,
de sair para fora de todas as casas,
de todas as lógicas, de todas as sacadas
e ir ser selvagem entre árvores e esquecimentos”.

“Passagem das horas” – Álvaro de Campos

RESUMO

LODI, Ivana Guimarães. **Um Olhar Sobre os Formadores de Formadores do UNIARAXÁ: identidades e práticas.** Dissertação de Mestrado em Educação. PUC-Campinas, 2005, 179p. Orientadora: Prof. Dra. Maria Eugênia de Lima e Montes Castanho.

Este trabalho vincula-se à linha de pesquisa: Universidade, Docência e Formação de Professores. Busca investigar o caminho percorrido e as práticas docentes, através de relatos orais, de 10 educadores do Instituto Superior do UNIARAXÁ – Centro Universitário do Planalto de Araxá (MG), recuperando os diferentes sentidos e significados de sua auto-construção e de suas práticas pedagógicas na formação de futuros educadores. Optou-se pela pesquisa qualitativa e pela metodologia de História oral de vida, desafio para os historiadores que se propõem a utilizá-la. Foi valorizada a constituição sócio-histórica dos sujeitos, ponto fundamental para uma análise de caráter global, articulando o social e o individual na busca de entender a subjetividade humana. Mais importante do que escolher a técnica da entrevista, foi buscar a sensibilidade para compreender a expressão dos sujeitos entrevistados e sua representatividade no processo de auto-construção e de suas ações educativas. As trajetórias, sentidos e significados dos sujeitos pesquisados, revelaram que não se nasce professor, as pessoas tornam-se professores por uma série de fatos, vivências, convivências, que vão constituindo-as e instituindo-as. Tornamo-nos professores/educadores, e mesmo entre dúvidas, dificuldades e até mesmo realinhamento de rotas, a educação é vista como caminho de mudanças e uma das mediações para a transformação social.

Palavras-chave: História de Vida; Educação Superior; Práticas Pedagógicas.

ABSTRACT

This work is linked to research line: University, staff and professors' qualification. It looks into the paths taken and the practices carried out by ten educators from the Superior Institute- Uniaraxá - Centro Universitário do Planalto de Araxá (MG), restoring the different ways and the significance of self-construction and pedagogic practices in the qualification of future educators. The choice was for the qualitative research and for the methodology of oral History of life, a challenge for the historians who decide to use it. We highlighted the social-economic constitution of the subjects as an essential aspect in the search for the understanding of human subjectivity. More important than the interview technique was the search for the sensibility to comprehend the interviewees' feelings and their importance in the process of self-construction as well as their educational actions. The paths taken, the ways and the meaning of the researched subjects revealed that people are not born teachers, but become teachers through several facts, life experiences, and sharing of experiences that constitute and institute them. People are teachers/professors and even in doubts, facing difficulties and re-arranging paths, education is seen as a means of change and one of the mediations for social transformation.

Key words: History of Life, Superior Education, Pedagogic Practices.

SUMÁRIO

Introdução	11
Capítulo 1	
O professor e os processos de construção ou re-construção da sua identidade	22
1.1 Desafios, dificuldades, caminhos, identidades: quem somos?	22
1.2 O que nos constitui enquanto professores	27
1.3 Por que analisar histórias de vida	29
1.4 Por que pensar e refletir sobre os formadores de formadores do UNIARAXÁ	36
1.5 A opção pela metodologia de História Oral	39
Capítulo 2	
Percurso metodológico da pesquisa	45
2.1 Buscando no tempo o que sou hoje	45
2.2 Definindo os sujeitos da pesquisa	47
2.3 Pelos caminhos da pesquisa, transcrição, textualização: emoções vividas e re-vividas	49
Capítulo 3	
Vozes e trajetórias	56
- Letícia Vasconcelos Britto	57
- Elisa Antônia Ribeiro	63
- Fábio Vasconcelos	69
- Maria Magdalena de Castro Oliveira	76
- Pedro Eustáquio de Andrade	82
- Luiza Elena de Castro Rios	87
- Maria Celeste de Moura Andrade	93
- Elza Carneiro de Paiva	103
- Maria Auxiliadora Ribeiro	111
- Ivana Guimarães Lodi	119
Capítulo 4	
O ser, o viver e o fazer dos formadores de formadores do UNIARAXÁ: subjetividades e sentidos	127
4.1 A constituição da identidade docente	129
4.2 A relação prática/desafios nos cursos de formação de formadores	143
4.3 Ser professor formador – significados e sentidos	157
Considerações Finais	166
Referências Bibliográficas	173

INTRODUÇÃO

“Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo. Sou professor contra o desengano que me consome e imobiliza. Sou professor a favor da boniteza de minha prática, boniteza que dela some se não cuido do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo, descuidado, corre o risco de se amofinar e de já não ser o testemunho que deve ser de lutador pertinaz, que cansa mas não desiste. Boniteza que se esvai de minha prática se, cheio de mim mesmo, arrogante e desdenhoso dos alunos, não canso de me admirar”.
Paulo Freire.

Em alguns momentos, as nossas experiências, nossos relacionamentos, e até o tempo que já vivemos, nos obrigam a olhar em volta e fazer uma revisão daquilo que estamos sendo e do que queremos ser. Sem dúvida, somos o resultado de diversas influências, convivências, crenças, verdades e até mesmo falsas verdades. Centenas de pessoas, fatores, caminhos nos formaram, nos educaram, nos moldaram, somos o resultado de uma combinação entre fenômenos objetivos, sociais e humanos.

Buscando caminhos para me aperfeiçoar enquanto pessoa e até mesmo como mãe, senti necessidade de voltar a estudar. Fiz opção pelo curso de Pedagogia, mas não tinha nenhuma intenção de trabalhar em escola, queria apenas a chance de crescer, de conhecer coisas novas, de me aperfeiçoar como ser humano.

No início me senti como um “peixe fora d’água”. Não conhecia quase ninguém, me sentia velha em meio a tanta juventude. Mas, aos poucos fui me adaptando, fazendo amizades, querendo saber mais. Adorei estudar! Aos poucos, a rotina na escola fez com que eu descobrisse que *“o cotidiano é aquilo que nos é dado a cada dia”*, e que dar sentido a ele é tarefa pessoal de cada um de nós.

Dia-a-dia ia me redescobrimo, encontrando novos significados e valores em minha vida. No segundo ano do curso fui convidada para substituir uma professora, em uma escola de Ensino Normal, por indicação dos próprios professores da faculdade. Não sei descrever direito o que senti. Um misto de alegria e satisfação, em meio ao medo do que eu iria viver. Cheguei à escola com todas as sensações de insegurança, mas, fui muito feliz neste tempo que ali permaneci. Por incrível que pareça tudo foi se ajeitando, se aquietando e consegui desenvolver um bom trabalho, tanto que daí em diante, trabalhei durante 4 anos nesta escola.

Tinha afinal, encontrado meu verdadeiro prazer em trabalhar. A educação, com todas as suas dificuldades neste nosso país, me fez, e me faz querer ir além, superar desafios, buscar formas de participar de alguma maneira na construção de pessoas e de um mundo melhor.

Também fui percebendo que ao longo das últimas décadas, o professor tem sido tratado como alguém sem vida própria, destituído de corpo, de linguagem, até mesmo sem identidade. E isso me incomodava, pois afinal, nossa identidade carrega as marcas de nossa atividade, e boa parte de nossa existência é caracterizada por nossa atuação profissional.

Formei-me em Pedagogia em dezembro de 1993. Já em janeiro de 1994 comecei a fazer especialização em Metodologia para o ensino superior. Em fevereiro de 1995, comecei minha carreira como professora universitária.

Em meio a tantas mudanças, alegrias, conquistas, dificuldades, fui-me construindo como professora universitária. Neste meio tempo, fiz outra pós-graduação em didática, na cidade de Franca, viajando todo final de semana. Resolvi também fazer o curso de História, pois sentia falta de subsídios para minhas aulas. Descobri que a História é básica para qualquer pessoa, entendi

várias coisas que me incomodavam, me revoltei com tanta hipocrisia, mas no final, percebi que somos fruto da história, mas que somente através de ações lúcidas e coerentes é que podemos mudar o que está posto. Concluí meu curso no ano de 1999, numa situação ímpar, pois fui ao mesmo tempo professora e colega de meus alunos.

Desde quando iniciei minha carreira como professora universitária, há mais de dez anos, me interrogava sobre quem éramos enquanto profissionais do ensino superior, se estávamos preparados para enfrentar tantas situações que são colocadas a todo momento, no nosso dia-a-dia como professores, se tínhamos noção da dimensão e do significado de trabalhar e viver a educação.

Muitas vezes acreditava que as dificuldades, as fragilidades podiam ser fruto do nosso próprio despreparo, da pouca ou não tão eficiente formação, da heterogeneidade dos nossos alunos, e até mesmo das aceleradas mudanças pelas quais vem passando o mundo.

Os anos foram passando, as coisas iam dando certo, mas continuava em mim aquele questionar. Muitas vezes minha própria identidade enquanto professora eu questionava, me perguntava por que somos tão desvalorizados, porque ganhamos tão pouco? Uma vez, um aluno me perguntou se eu também trabalhava além de dar aulas. Tudo isso ia se alojando no meu mais íntimo ser, me incomodava. Questionava também o que meus colegas, muitos deles já tinham sido meus professores, sentiam enquanto educadores, como essas questões eram pensadas e se eram esclarecidas por eles.

Já no mestrado, fui percebendo que muitos dos questionamentos que tinha, eram também vividos por alguns colegas. Percebia que a maioria se sentia insegura e até mesmo despreparada para a docência superior, que minhas dúvidas, minhas angústias eram mais comuns do que eu pensava. Quanto a isso, recorro a Pimenta & Anastasiou (2002), que nos falam:

Na maioria das instituições de ensino superior, incluindo as universidades, embora seus professores possuam experiência significativa e mesmo anos de estudos em suas áreas

específicas, predomina o despreparo e até um desconhecimento científico do que seja o processo de ensino e de aprendizagem, pelo qual passam a ser responsáveis a partir do instante em que ingressam na sala de aula. Geralmente os professores ingressam em departamentos que atuam em cursos aprovados, em que já estão estabelecidas as disciplinas que ministrarão, aí recebem ementas prontas, planejam individual e solitariamente, e é nesta condição (...) que devem se responsabilizar pela docência exercida. (PIMENTA & ANASTASIOU, 2002, p.37)

Pelo que nos dizem as autoras, é muito comum o pouco preparo, a falta de subsídios, as dúvidas entre os professores universitários, não só os que estão começando, mas também por aqueles que já estão a mais tempo neste nível de magistério. Acreditamos que este é um problema estrutural, algo que acontece pela falta de formação específica, como por exemplo, em metodologia e didática, voltadas para este nível.

Portanto, é difícil identificar nosso próprio fazer, nossa imagem enquanto docentes superiores, entre múltiplos fazeres e conheceres, vamos dia-a-dia buscando, tecendo, errando, acertando, mas os questionamentos continuam dentro de nós, queremos respostas, caminhos, possibilidades.

A intenção deste trabalho foi justamente a de investigar o caminho percorrido e as práticas docentes, de um grupo de educadores que atuam no UNIARAXÁ – Centro Universitário do Planalto de Araxá. Esta instituição se situa na cidade de Araxá, Minas Gerais, na Região do Alto Paranaíba, que fica perto do Triângulo Mineiro. A cidade hoje, tem cerca de 88.000 habitantes e é uma cidade turística por suas águas minerais que se concentram na Estância Hidromineral do Barreiro, com seu belíssimo “Grande hotel”. Araxá também tem uma atividade mineradora muito importante, e é conhecida por sua culinária maravilhosa, principalmente por seus doces e queijos.

No final de década de 60, vários produtores rurais, profissionais liberais e autoridades constituídas, preocupados com o destino de Araxá e, notadamente, com o êxodo de nossos jovens para outras regiões em busca de cursos superiores, reuniam-se nas fazendas para confabular e destes encontros nasceu e frutificou a idéia de se criar uma Instituição de Ensino Superior em

Araxá. Começaram pelo “Livro de Ouro”, no qual foram registradas as contribuições iniciais dos simpatizantes à idéia, pois se fazia exigência a criação de uma Fundação Cultural e que esta detivesse um patrimônio.

Em 1972, foi criada a Fundação Cultural de Araxá, através da Lei Municipal nº 1.199/72, modificada pela Lei Municipal nº 1.222/73. O alicerce vigoroso estava pronto, para receber a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araxá, primeira Unidade de Ensino Superior da cidade, que teve sua autorização de funcionamento concedida pelo Decreto Presidencial nº 72.688, de 24/08/1973. Estavam, assim, autorizados os Cursos de Letras, Pedagogia e Estudos Sociais, posteriormente reconhecidos pelo MEC.

Durante os anos 70 e 80, a FAFI de Araxá, como ficou conhecida, prestou significativos serviços à cidade e municípios vizinhos, graduando professores e dando a todas as escolas a possibilidade de deixarem para trás o tempo dos leigos para trabalharem com professores tecnicamente preparados e legalmente habilitados para o exercício do magistério nos níveis à época denominados como 1º e 2º graus.

As amplas transformações ocorridas no final da década de 80 e o término dos embargos do governo federal à abertura de novos cursos superiores, levaram a novas conquistas e investimentos:

- Curso de Ciências (1º grau) e Matemática (licenciatura plena), reconhecido pela Portaria MEC nº 1.438/94.
- Plenificação do Curso de Estudos Sociais, com habilitação em História, reconhecido pela Portaria MEC nº 1.417/94.
- Faculdade de Ciências Gerenciais do Alto Paranaíba, Curso de Bacharelado em Ciências Contábeis.
- Faculdade de Direito do Alto Paranaíba, com o Curso de Bacharelado em Direito.
- Em 23/09/1999, a FAFI, a FACIGE e a FADI passaram a compor as Faculdades Integradas do Alto Paranaíba – FIAP, pelo Parecer CEE nº 607/99.
- No ano 2000, mais outra significativa conquista vem coroou os ânimos de todos os envolvidos com as Faculdades Integradas do

Alto Paranaíba – a criação da Faculdade de Ciências da Saúde, com o curso de Ciências Biológicas, autorizado pelo Parecer CEE nº 94/00 e implantado em fevereiro do mesmo ano.

A Faculdade de Ciências da Saúde foi alocada em prédio próprio e os laboratórios nela instalados foram estruturados para atender ao Curso de Ciências Biológicas e a outros, na mesma área, que seriam implantados.

Em 14/05/2002, por ato do Governador do Estado de Minas Gerais, Itamar Gautiero Franco, através do Decreto nº 42.583, as Faculdades Integradas do Alto Paranaíba – FIAP – foram transformadas em Centro Universitário do Planalto de Araxá – UNIARAXÁ – com a posse da primeira Reitora em 03/06/2002.

Compõem o UNIARAXÁ três Institutos que abrigam os seguintes cursos:

- Instituto Superior de Educação: História, Letras, Matemática, Pedagogia e Normal Superior.
- Instituto de Ciências Exatas e Humanas: Administração, Ciências Contábeis, Direito, Sistemas da Informação, Turismo e Gestão em Agronegócios.
- Instituto de Ciências da Saúde: Ciências Biológicas, Educação Física, Enfermagem e Fisioterapia.

(Fonte: PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional 2004 – 2008).

O UNIARAXÁ tem hoje cerca de 3200 alunos e seu corpo docente é constituído por 125 professores com a seguinte titulação:

- 11 Doutores – 9%.
- 50 Mestres – 40%.
- 64 Especialistas – 51%.

Dos 125 professores, muitos estão fazendo mestrado e doutorado e, 35 trabalham em regime de Dedicção total – mais de 30 horas semanais; 26 trabalham em regime de Dedicção parcial – de 20 a 30 horas semanais; 34

trabalham em regime de Contínuo – de 12 a 19 horas semanais e 30 são professores horistas. (Fonte Secretaria do UNIARAXÁ).

O UNIARAXÁ também oferece várias opções de Cursos de Pós Graduação *Lato Sensu*, em várias áreas. A Instituição trabalha o Ensino a Pesquisa e a Extensão, buscando a vivência prática da cidadania e a responsabilidade social, através de projetos voltados para a melhoria da qualidade de vida da população de Araxá, como: Projeto Social: “Uma lição de cidadania”, “Se essa rua fosse minha”, “Novos Caminhos... Além da sala de aula”, Alfabetização de adultos, Natação, dança, yoga, e outras atividades físicas para a população de baixa renda, entre outros. Outro grande projeto é a “Uni Sênior”, um programa de aperfeiçoamento, cultura, saúde, qualidade de vida, atividades recreativas e artísticas, voltados para a população acima de 40 anos, totalmente gratuito, coordenado pelo CADH – Centro de atendimento e desenvolvimento humano da própria instituição.

O UNIARAXÁ recebe alunos de diversas cidades da região, como: Ibiá, Tapira, São Gotardo, Tiros, Matutina, Rio Paranaíba, Sacramento; Pedrinópolis, Perdizes; Santa Juliana, Campos Altos, Patrocínio, Pratinha etc.

Como toda instituição de ensino superior no Brasil, vivencia vários desafios no dia-a-dia, tais como a necessidade de trabalhar com professores horistas e a qualidade da formação dos alunos que ingressam em seus cursos superiores, fruto da má formação inicial. Mas, mesmo com todos os problemas, o UNIARAXÁ, é uma instituição de prestígio e que vem conquistando o respeito e a admiração de diversos segmentos sociais, não só em Araxá e região, como também no estado de Minas Gerais.

Esta pesquisa questiona: Quem são os formadores de formadores do UNIARAXÁ? Como eles se constituíram como formadores? Que trajetórias trilharam até se constituírem como formadores de formadores?

Tenho como objetivo geral investigar a história de vida de alguns professores do Instituto Superior de Educação do UNIARAXÁ, recuperando os diferentes sentidos e significados da construção de suas identidades e de suas práticas pedagógicas na formação de futuros educadores.

Para atender a este objetivo, procurei refletir sobre os múltiplos caminhos, práticas e opções, construídas ao longo da vida, por alguns professores do Instituto Superior de Educação do UNIARAXÁ, tentei recuperar os diferentes sentidos e significados que os sujeitos pesquisados dão às suas experiências e práticas educativas e por fim busquei construir um perfil, uma identidade, dos educadores do Instituto Superior de Educação do UNIARAXÁ.

Em momento algum, tive a pretensão de tirar respostas prontas e acabadas de todas as falas e lembranças que me foram relatadas, pois a vida é dinâmica, mudamos sempre, mas com certeza, me deixei contaminar pelos belos momentos que vivi junto aos colegas-sujeitos desta pesquisa, pois o que esteve em jogo foram, ricas vivências, sentimentos, significados, singularidades.

Lembramos aqui, do que diz Arroyo (2004):

Revisitar o magistério é como revisitar o nosso sítio, nosso lugar ou nossa cidade. É reviver lembranças, reencontros com nosso percurso profissional e humano. Reencontrar-nos sobretudo com tantos outros e outras que fizeram e fazem percursos tão idênticos. O magistério é uma referência onde se cruzam muitas histórias de vidas tão diversas e tão próximas. Um espaço de múltiplas expressões. Somos um coletivo. Há uma imagem de coletivo na representação social e na nossa representação. (ARROYO, 2004, p. 14)

Somos os lugares que nos fizeram as pessoas com as quais convivemos, a história de que participamos, a memória que carregamos. Expressamos a subjetividade social dos diferentes espaços sociais em que vivemos nos constantes processos de aprender e desaprender. Nenhuma de nossas atividades resulta de uma atividade isolada do conjunto de sentidos que caracterizam o mundo histórico e social da pessoa (REY, 2001).

Minha opção metodológica foi pela História Oral de vida que tem a preocupação não com a busca da verdade, mas sim, com a versão do narrador, ou, segundo Bom Meihy (2002):

A história oral de vida é o retrato oficial do depoente. Assim a verdade está na versão oferecida pelo narrador, soberano para revelar ou ocultar casos, situações e pessoas. Pelo encaminhamento mais comum que se adota para a história oral de vida, a periodização da existência do entrevistado é um recurso importante, pois organiza a narrativa acima de fatos que serão considerados em contextos vivenciais subjetivos. A personalização do enquadramento da narrativa deve valorizar os vetores que indicam a história do indivíduo como centro de atenções. (BOM MEIHY, 2002, p.132)

Uma das causas da escolha por esta metodologia, foi que ela nos permite ter acesso a vozes que nunca são ouvidas, como também, permite aos sujeitos pesquisados contar de forma espontânea, sem interferências, como se a memória, o lembrar, fluíssem sem censura, sem cortes, naturalmente.

A escolha dos entrevistados teve como principal critério o fato de todos serem formadores de formadores do UNIARAXÁ, mesmo alguns, no momento, não estarem exercendo o magistério por motivo de exercerem outras funções dentro desta instituição, de terem tempos diferenciados no magistério e de atuarem nos cursos de licenciatura. Todos os entrevistados concordaram em publicar aquilo que estavam dizendo, assinando uma carta de cessão e por isso, todos eles estão identificados.

O presente trabalho se divide em 4 capítulos. No 1º capítulo é apresentada uma discussão sobre a formação e a profissão do professor, seus desafios, questionamentos, buscas e práticas. Nosso olhar se volta para alguns paradigmas atuais sobre a pesquisa da identidade docente que estão sendo desenvolvidas, tendo em vista que esta pesquisa está direcionada para o questionamento daquilo que somos enquanto pessoas e profissionais.

O segundo capítulo discute o percurso metodológico desta pesquisa, apresentando algumas análises sobre a metodologia de história oral, como também, apresentando todo o caminho percorrido na construção deste trabalho, suas dificuldades, descobertas, sentimentos que foram surgindo durante as entrevistas, superações.

No terceiro capítulo é feito o registro das narrativas dos nossos entrevistados, todas elas textualizadas na íntegra. Apresentamos os saberes, sabores, dificuldades, alegrias, conquistas, frustrações, recordações, saudades. Enfim, lembranças e viveres que nos constituem e instituem enquanto pessoas e profissionais.

Já no quarto capítulo apresentamos a análise da experiência profissional dos formadores de formadores que participaram desta investigação. São analisadas três categorias: formação – influências familiares, escolares, conquistas, dificuldades, semelhanças; prática diária docente e seus desafios; identidade – como se vêem enquanto educadores e principais expectativas.

Por fim, são apresentadas algumas considerações finais, relatando alguns sentires e descobertas neste nosso percurso, nesta nossa construção e vivência. Percebemos que nossas histórias de vida estão emaranhadas por pessoas, situações, experiências, fazeres, convivências. Todos aqueles que participaram desta investigação, nos mostraram as ricas trajetórias de vida que percorreram e continuam a percorrer, pois nada é definitivo, nada está pronto, somos a síntese inacabada de um projeto contínuo de criação, daí sua riqueza, singularidade, beleza, encantamento.

Interessante lembrar que quando iniciamos um trabalho de pesquisa, alguns pontos se mostram bem claros, mas muitos só vão se revelando em nosso percurso investigativo, acreditamos também que alguns nem cheguem a ser totalmente descobertos (PENIN, 1999), mas sem dúvidas, não deixa de nos acrescentar novas descobertas, como também, novas possibilidades.

Esperamos que esta pesquisa possa servir de contribuição para pensarmos e repensarmos nosso papel como professores, como pessoas que são formadores de futuros formadores. Sabemos que muito ainda precisa ser investigado, e principalmente, muito precisa ser mudado. Vivemos em um país com crônica desvalorização pela educação, que não pode ficar relegada ao descaso e à falta de respeito. Precisamos, através do reconhecimento daquilo que somos enquanto profissionais, continuar nossa busca e perseguição do ideal de educar com dignidade, qualidade e humanidade.

Viver esta investigação, ouvir tantas trajetórias, romper paradigmas que estão colocados, sem dúvida nos mostrou que estamos de alguma forma buscando alternativas para mudar o modelo atual tão criticado e ultrapassado. Sabemos que alcançar nossos objetivos de qualidade e respeito pressupõe a superação de várias barreiras, mas acreditamos que através de nossa investigação, estamos de alguma forma, contribuindo para que isso possa se realizar. O primeiro passo nesta transformação, sem dúvida, é a valorização do formador enquanto pessoa e profissional, em todas as suas dimensões.

CAPÍTULO I

O PROFESSOR E OS PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO OU RE-CONSTRUÇÃO DA SUA IDENTIDADE

1.1 Desafios, dificuldades, caminhos, identidades: quem somos?

“somos (...) o que fazemos para transformar o que somos. A identidade não é uma peça de museu, quietinha na vitrine, mas a sempre assombrosa síntese das contradições nossas de cada dia.”

Terezinha Azerêdo Rios

Vidas e práticas de professores configuram-se em uma das principais temáticas das análises contemporâneas sobre o profissional da educação, por vários autores, pois a compreensão da realidade vem ganhando relevo científico importante, em um momento em que a produção historiográfica valoriza, sobretudo, o exame das especificidades e singularidades locais e pessoais. Entre muito do que se tem dito ou escrito, Dosse (1992) afirma que o conhecimento do passado deve servir à melhor inteligibilidade da nossa realidade atual, subsidiando, desta forma, a construção de uma História mais participativa, no verdadeiro sentido da palavra, tornando possível hoje, conhecer as diversas faces que compõem a atividade profissional docente.

Ressaltando a importância que se tem dado à constituição de Histórias de vida no processo de investigação e de pesquisas em educação, Laville & Dionne (1999) nos dizem que

os documentos redigidos a partir das histórias de vida são, muitas vezes, extremamente vivos: neles descobrem-se pontos de vista originais sobre experiências pessoais, até mesmo íntimas em detalhes. (...) é uma maneira de recolocar o indivíduo no social e na história: inscrita entre a análise psicológica individual e dos sistemas socioculturais, a história de vida permite captar de que modo indivíduos fazem a história e modelam sua sociedade, sendo também modelados por ela (LAVILLE & DIONNE, 1999, p.159).

Consideramos que investigar Histórias de vida de professores, constitui-se em um rico instrumento de análise, pois cada um daqueles que tece a história da educação no Brasil, constitui-se num ser único, inigualável, em constante processo de se fazer e re-fazer, numa perspectiva metodológica que valoriza o ser como protagonista da sua vida, mas que de alguma forma interfere em diversas vidas com as quais convive no dia-a-dia. Cada vida é ao mesmo tempo singular e universal, expressão de história pessoal e social, representativa de seu tempo, seu lugar, seu grupo, a síntese histórica de tudo aquilo que nos envolve.

Também é importante como uma das formas de conhecer e procurar entender as causas de tanto descaso pela profissão, o fato de apesar de sermos tão numerosos, ainda somos uma categoria extremamente heterogênea, como também de tantos desafios que permeiam nosso fazer profissional, através de investigações que permitam não só ouvir e contar sobre vidas tão singulares e ao mesmo tempo tão coletivas. Quanto a isso, Nóvoa (1997) nos chama a atenção,

para as vidas dos professores que constituíram, durante muitos anos, uma espécie de 'paradigma perdido' da investigação educacional. Hoje sabemos que não é possível separar o eu pessoal do eu profissional, sobretudo numa profissão fortemente impregnada de valores e de ideais e muito exigente do ponto de vista do empenhamento e da relação humana. (NÓVOA, 1997, p.09)

A identidade de cada pessoa é formada por um corpo físico, um corpo emocional e um corpo histórico-social, que se modificam no decorrer da vida. Mudamos de lugar, de opinião, de profissão, no nosso modo de agir, de vestir,

mudamos como pessoas, ousamos, reinventamos formas, atribuímos significados, nos dispomos a enfrentar a aventura de viver.

Por tudo isso, acreditamos que falar e escrever sobre vidas, histórias, relembrar caminhos que já foram percorridos é às vezes, muito difícil, nossa subjetividade muitas vezes fica esquecida, não buscamos muito entendê-la. Conforme nos diz Lispector,

(...) escrever é tão perigoso. Quem tentou, sabe. Perigo de mexer no que está oculto – e o mundo não está à tona, está oculto em suas raízes submersas em profundidades do mar. Para escrever tenho que me colocar no vazio. Neste vazio que existo intuitivamente. Mas é um vazio terrivelmente perigoso: dele arranco sangue. Sou um escritor que tem medo da cilada das palavras: as palavras que digo escondem outras – quais? Talvez as diga. Escrever é uma pedra lançada no fundo (LISPECTOR, 1977, p.97).

É preciso indagar, entender e questionar a identidade do professor, sobre como nos fizemos e quem somos como profissionais. É preciso entender sobre nossa formação no que diz respeito ao exercício da docência, sobre se temos consciência de que, ao adentrarmos a escola, somos professoras/professores, sobre o como vemos e vivemos esta relação e até que ponto fomos preparados e formados para sermos formadores de futuros professores. Finalmente, é preciso questionar qual é a influência da vida pessoal e escolar na escolha e na nossa ação diária profissional, e na nossa formação docente. Afinal,

fomos um dia o que alguma educação nos fez. E estaremos sendo, a cada momento de nossas vidas, o que fazemos com a educação que praticamos e o que os círculos de buscadores de saber com os quais nos envolvemos está continuamente criando em nós e fazendo conosco (BRANDÃO, 2000, p. 451).

Contudo, estamos nos sentindo perplexos e inseguros com tantas mudanças e exigências, até com nossas próprias ações, com aquilo que nos revela o que existe em nós expressos em nosso fazer pedagógico diário, neste construir e re-construir a própria educação. Os respingos da história da

educação no Brasil e de como ela foi sendo construída, podem ser vistos por toda parte, e também, em nossa própria constituição como professores. Lembramos das palavras de Romanelli (2001) ao nos dizer sobre

a herança cultural, atuando sobre os valores procurados na escola pela demanda social da educação, e o poder político, refletindo o jogo antagônico de forças conservadoras e modernizadoras, com o predomínio das primeiras, acabaram por orientar a expansão do ensino e por controlar a organização do sistema educacional de forma bastante defasada em relação às novas e crescentes necessidades do desenvolvimento econômico, cada vez mais carente de recursos humanos (ROMANELLI, 2001 p.19).

Muitas vezes, nem nós mesmos nos compreendemos, somos contraditórios frente aos diversos desafios que nos são postos, não só em relação aos questionamentos das diversas teorias modernas, como também frente às práticas vividas no dia-a-dia, e que segundo Esteve (1991), devem ser analisadas à luz dos fatores de mudanças sociais e educacionais que interferem direta e indiretamente na atuação do professor, que são as seguintes:

- 1) Aumento das exigências em relação ao professor: pede-se ao mesmo que assuma um número cada vez maior de responsabilidades, sendo que não houve mudanças significativas em sua formação;
- 2) Inibição educativa de outros agentes de socialização: tais como a família que tem mudado sua forma de ação e atuação na transmissão de valores básicos;
- 3) Desenvolvimento de fontes de informação alternativas à escola: hoje o professor tem de disputar com as diversas instâncias a transmissão dos conhecimentos;
- 4) Ruptura do consenso social da educação: nos últimos anos, desfez-se o consenso social sobre os objetivos das instituições escolares e sobre os valores que estas devem fomentar diante de enormes modelos e diversidade culturais;
- 5) Aumento das contradições no exercício da docência: não se possibilitou integrar nas escolas as numerosas exigências opostas ou derivadas de distintos modelos educativos, pedindo aos professores que preparem as novas gerações não para responder às necessidades atuais, e sim, para

fazer frente às exigências de uma sociedade futura, que ainda não existe;

- 6) Mudança de expectativas em relação ao sistema educativo: houve diminuição da motivação do aluno para estudar como também desvalorização social do sistema educativo
- 7) Modificação do apoio da sociedade ao sistema educativo: grande parte da sociedade, alguns meios de comunicação e também alguns governantes chegaram à conclusão simplista e linear de que os professores, são também responsáveis diretos pelo fracasso, falhas, imperfeições e males que existem na educação formal;
- 8) Menor valorização social do professor: o professor que antes gozava de um elevado “status” social e cultural, hoje, por diversos fatores, é visto como um pobre diabo que não foi capaz de arranjar uma ocupação melhor;
- 9) Mudança dos conteúdos curriculares: com o avanço das ciências e a transformação das exigências sociais, foi necessária uma profunda mudança dos conteúdos curriculares, e o professor não consegue acompanhar este ritmo acelerado por falta de recursos físicos, econômicos ou culturais, ou até mesmo por uma atitude imobilista de não querer mudar;
- 10) Escassez de recursos materiais e deficientes condições de trabalho: a massificação do ensino e o aumento das responsabilidades dos professores não se fizeram acompanhar de uma melhoria efetiva dos recursos materiais e das condições de trabalho para o exercício da docência;
- 11) Mudanças nas relações professor – aluno: mudaram-se as relações nas escolas, tornando-as mais conflituosas e complexas, inclusive com o aumento dos graus de violência nestas relações;
- 12) Fragmentação do trabalho do professor: muitos profissionais fazem mal o seu trabalho, não por incompetência, mas por incapacidade de cumprir simultaneamente, um enorme leque de funções (1991, p.99-108).

Diante do que foi exposto “podemos constatar que a desvalorização da carreira docente possui uma história longa, que persiste até os dias de hoje. (...) O magistério como profissão, pode-se constatar, atravessa uma grave crise em muitos sentidos: econômica, social, moral, de formação” (GUEDES-PINTO, 2002, p.56-58)

Buscando compreender o processo de formação e ação profissional docente em meio a tantas crises, e principalmente, nossa atuação na formação de futuros profissionais da educação, a literatura nos remete à obra de Fontana (2003), que tece considerações importantes sobre essa trajetória:

Na trama das relações sociais de seu tempo, os indivíduos que se fazem professores vão se apropriando das vivências práticas e intelectuais, de valores éticos e das normas que regem o cotidiano educativo e as relações no interior e exterior do corpo docente. Nesse processo, vão constituindo seu “ser profissional”, na adesão a um projeto histórico de escolarização. Somente o distanciamento da experiência imediata e o confronto com outras perspectivas emergentes na prática social tornam possível a esse indivíduo perceber-se no contexto em que foi se constituindo professor/professora, analisar a emergência, a articulação e a superação das muitas vozes e das categorias por elas produzidas, para significar os processos culturais, e então criticar-se (ou não) e rever-se (ou não), aderindo (ou não) a um projeto de escolarização (FONTANA, 2003, p.48).

1.2 O que nos constitui enquanto professores

Neste pensar ou re-pensar a nossa prática pedagógica, é possível analisarmos os efeitos diretos e indiretos que foram nos constituindo enquanto professora ou professor universitário até hoje. Neste contexto, Larrosa (1999, p. 52) discute que “o sentido do que somos depende das histórias que contamos e das que contamos de nós mesmos (...), em particular das construções de narrativas nas quais cada um de nós é ao mesmo tempo, o autor, o narrador e o personagem principal”.

Diversos fatores influenciam e, às vezes, determinam o nosso modo de ser, de pensar, de agir, de interferir na formação dos futuros educadores ao longo de nossa vida profissional. Como Freire nos leva a pensar, “ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos, na prática social de que tomamos parte” (2001, p.79). Aquilo que nos tornamos é fruto de um processo

temporal marcado pela construção permanente e pela sedimentação do saber profissional. Está claro que “em cada escolha pedagógica feita, há algo de nós, de nossas crenças e esperanças, de nossas descrenças e desânimos. Há muito de nossa história individual e coletiva” (ARROYO, 2000, p.45). É o que o canadense Maurice Tardif, especialista em educação também nos confirma, quando argumenta que

... Se uma pessoa ensina durante trinta anos, ela não faz simplesmente alguma coisa, ela faz também alguma coisa de si mesma: sua identidade carrega as marcas de sua própria atividade, e uma boa parte de sua existência é caracterizada por sua atuação profissional. Em suma, *com o passar do tempo*, ela vai-se tornando – aos seus próprios olhos e aos olhos dos outros – um professor, com sua cultura, seu *ethos*, suas idéias, suas funções, seus interesses, etc... (TARDIF, 2002, p.56-57).

Sabemos que só poderemos penetrar verdadeiramente na análise sobre a formação docente e de sua prática educativa, quando contemplarmos o professor, levando em consideração sua subjetividade, sua história, sua vida e que “as concepções sobre práticas docentes não se formam nos cursos de formação, encontram-se enraizadas nos contextos e histórias individuais que antecedem até mesmo a entrada na escola e estendendo-se por toda a vida” (CASTANHO, 2002, p.155).

A construção de nossa identidade pessoal e profissional é um emaranhado de todas as relações que vivemos, que se cruzam e produzem múltiplas ambigüidades e contradições que vão se entrelaçando, tecendo, trazendo à tona todos os momentos de alegrias, tristezas, harmonia, tensão, dúvidas, realizações, fazeres, que fazem parte de nossa vida, desde que começamos a nos fazer como pessoas.

Pimenta & Anastasiou definem a construção da identidade docente, da seguinte forma:

Uma identidade profissional se constrói, pois, com base na significação social da profissão; na revisão constante dos significados sociais da profissão; na revisão das tradições.

Mas também com base na reafirmação de práticas consagradas culturalmente que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações, porque prenes de saberes válidos às necessidades da realidade. Identidade que se constrói com base no confronto entre as teorias e as práticas, na análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, na construção de novas teorias. Constrói-se também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente no seu cotidiano, com base em seus valores, representações, em seus saberes, em suas angústias e anseios, no sentido que tem em sua vida o ser professor. Assim, como mediante sua rede de relações com outros professores, nas instituições de ensino, nos sindicatos e em outros agrupamentos. (PIMENTA & ANASTASIOU, 2002, p.77)

Fica claro e é possível apreender, que a identidade docente é constituída por vários elementos que ao longo de nossa vida, vão modelando nossa formação como professores, num movimento contínuo e dialético, em que algumas características são generalizadas e muitas são singulares, únicas. Especialmente, nos tempos atuais, muitas são as questões cruciais que se colocam para aqueles que trabalham com educação, podendo ser pensadas através dos saberes que os professores devem dominar, de como esses saberes podem ser alcançados, de qual educação se quer desenvolver, de qual sociedade estamos buscando e finalmente, como encontrar as possibilidades para a transformação que queremos (NORONHA, 2002). Tudo isso, de alguma forma interfere em nossa identidade como docentes.

1.3 Por que analisar Histórias de vida

Analisar histórias de vida de professores assume hoje uma tentativa que, ao alargar os estudos sobre os processos educativos, possibilita a revelação de uma trajetória de realizações, dúvidas, perplexidades, opções, confrontos, caminhos e possibilidades que compõem a vida de todos os que estão inseridos no processo de ser professores e que interferem de forma direta no seu exercício profissional.

Concordamos com Fonseca (2003), quando diz que

(...) as investigações pedagógicas, que até pouco tempo “insistiam” em estudar a educação, a escola e o ensino, ignorando o professor, hoje tentam colocá-lo no centro dos debates. Isso decorre do reconhecimento de uma questão óbvia: não há educação ou ensino sem professor, e o professor é uma pessoa (FONSECA, 2003, p. 43).

A História Oral de vida tem sido um rico instrumento metodológico na análise e discussão de fatores que compõem a constituição do profissional docente, pois todo o processo de recordar pode tornar-se construtivo, dependendo do que se vive no presente, “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens de hoje, as experiências do passado” (Idem, p.43). Ecléa Bosi, professora titular do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho na USP, em seus estudos sobre a constituição da memória no tempo histórico-biográfico, nos mostra que “a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento” (1987, p. 39). Para ela a memória nunca será um retrato fiel do passado, mas sempre uma reconstituição deste, tendo em vista o tempo atual, “a memória não é sonho, é trabalho” (BOSI, 1987, p.37).

Portelli (1997, *apud* GUEDES-PINTO, 2002, p.104), “ênfatisa que trabalhar com memória significa trabalhar com algo que está em processo e com um processo que é singular”, cada narrativa, cada lembrar, são únicos, próprios. Continua esse autor:

Se considerarmos a memória um processo, e não um depósito de dados, poderemos constatar que, à semelhança da linguagem, a memória é social, tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas. A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são – assim como as impressões digitais, ou, a bem da verdade, como as vozes – exatamente iguais. (PORTELLI, 1997, p. 16, *apud* GUEDES-PINTO, 2002, p.105)

Já que nosso olhar está voltado para os formadores de formadores do UNIARAXÁ, pessoas também singulares, recorreremos mais uma vez a Nóvoa (1997), ao nos dizer que:

O reconhecimento do professor como pessoa, os estudos sobre histórias de vida, de formação docente e das trajetórias profissionais, constituem hoje possibilidades que encaminham para uma produção acadêmica qualitativa, que busca recolocar os professores no centro dos debates educativos e das problemáticas de investigação (NÓVOA, 1997, p.15)

O que reforçamos através das palavras de Assunção pois “busca-se entender como o professor, mergulhado na cultura pedagógica e institucional da escola, constrói sua identidade profissional” (1995, p.3).

Fazer História Oral de vida de professores consiste enfim, numa busca de produção científica com análises, na qual os protagonistas/sujeitos de sua história expressam e enfatizam diferentes sentidos às suas experiências, revelando como suas produções e práticas profissionais estão diretamente ligadas ao modo característico de cada um ser, viver e se formar. Cada um é ao mesmo tempo, produto e produtor de sua própria história. A História Oral de vida é uma experiência viva, um ato humano onde a busca e a descoberta permeiam o trabalho do oralista na via para superar a objetividade, colocando sua atenção no sujeito, já que toda voz individual forma parte de um diálogo, de um encontro, de conversas com o outro, que quanto mais avançam, mais solidamente nossos eus se fundem, “numa iluminação indireta (que) pode revelar detalhes que até à resplandecente luz do sol escaparam” (LACERDA, 2001, p. 143). Portanto, essa metodologia permite que o testemunho seja o mais fiel ao profundo do humano ser, pois, “nesse movimento, em que a reflexão sobre as experiências vividas se torna um elemento forte, os professores têm a oportunidade de reverem e reavaliarem seus (próprios) percursos” (GUEDES-PINTO et. al. 2005, p.69), não só de vida, mas também, de exercício profissional.

Pelo seu significado, concordamos com Nóvoa (1997), quando afirma que:

Esta profissão precisa de se dizer e de se contar: é uma maneira de a compreender em toda a sua complexidade humana e científica. É que ser professor obriga a opções constantes, que cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar, e que desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser (NÓVOA, 1997, p.10).

Também retomamos Tardif ao nos mostrar que a atividade dos professores é um exercício profissional complexo, composto, na realidade, de várias atividades pouco visíveis socialmente. A experiência constitui a expressão de aprendizagem profissional e, pelo contato diário com os alunos e os colegas, torna-se o modo de adquirir competências profissionais que se traduzem no perfil do "bom professor". Reportando-nos às suas palavras, "um professor tem uma história de vida, é um ator social, tem emoções, um corpo, poderes, uma personalidade, uma cultura" (2002, p. 265). Acreditamos, portanto, que autênticas narrativas não se rendem ou se entregam, elas são capazes de se desenvolver, depois de muito tempo, porque sempre conservaram suas forças. Mesmo se ficarem fechadas por muito tempo, elas germinam como sementes vivas, só é preciso "revolver a terra", deixar o calor do sol bater.

No exercício diário de ser e se fazer professores, a questão do ensinar e do aprender vão se transformando, tomando novos e diferentes sentidos no cotidiano das escolas em que trabalhamos. Dentro da universidade, envolvidos na formação de futuros professores, isso se torna mais profundo e nos faz questionar nossa própria identidade e como nossas representações são vividas e repassadas àqueles que estamos formando.

Nesse cotidiano, percebemos que este modelo de que "é o professor quem ensina e é o aluno quem aprende" ainda é muito forte. O professor foi visto por muito tempo, como o único detentor do saber e, o aluno ficava à mercê desse conhecimento, aquele que nada sabia, portanto precisava aprender. Somente estereótipos.

Passamos a questionar essa máxima, como também as nossas próprias ações e identidade. Questionamos a nossa formação, perguntando-nos: quais as influências na nossa escolha e exercício profissional? Por que

agimos de um modo e não de outro? Contreras (2002, p.82) nos diz que “o trabalho docente sofreu uma subtração progressiva de uma série de qualidades que conduziram os professores à perda de controle e sentido sobre o próprio trabalho, ou seja, a perda da autonomia”. Durante anos, fomos percebendo uma certa resistência, ou até mesmo uma alienação quanto ao questionamento dessas relações, afinal, “a verdade já estava posta”.

Por tudo isso, acreditamos que pesquisar sobre nossa prática educativa, nos permite um maior conhecimento e aproximação entre as diversas teorias que conhecemos e praticamos, e que mais uma vez Tardif (2000), ressalta, quando diz que

acreditamos que já é tempo de os professores universitários da educação comecem também a realizar pesquisas e reflexões críticas sobre as suas próprias práticas de ensino. Na universidade temos com muita frequência a ilusão que não temos prática de ensino, de que nós mesmos não somos profissionais de ensino ou que nossas práticas de ensino não constituem objetos legítimos para a pesquisa. Esse erro faz com que evitemos os questionamentos sobre os fundamentos de nossas práticas pedagógicas em particular nossos postulados implícitos sobre a natureza dos saberes relativos ao ensino. Não problematizada, nossa própria relação com os saberes adquire, com o passar do tempo, a opacidade de um véu que turva a nossa visão e restringe nossas capacidades de reação. Enfim, essa ilusão faz que exista um abismo entre nossas ‘teorias professadas’ e nossas ‘teorias praticadas’.
(TARDIF, 2000, p.21)

Portanto, proceder uma investigação como esta, na medida em que se aborda e se valoriza a história pessoal e humana dos professores que serão investigados, tem sido hoje objeto de grande valor dentro das novas propostas educativas que valorizam amplamente a história contada a partir do singular, a valorização da realidade vivida por professores e alunos. Vale lembrar que:

No tempo, vivemos e somos nossas relações sociais, produzimo-nos em nossa história. Falas desejos, movimentos, formas perdidas na memória. No tempo nos constituímos,

relembramos, repetimo-nos e nos transformamos, capitulamos e resistimos, mediados pelo outro, mediados pelas práticas e significados de nossa cultura. No tempo, vivemos o sofrimento e a desestabilização, as perdas, a alegria e a desilusão. Nesse moto contínuo, nesse jogo inquieto, está em constituição nosso “ser profissional”. (FONTANA, 2003, p.180)

Essa investigação também é válida, no sentido de ser mais uma oportunidade de conhecer e produzir conhecimentos sobre o tema, visto ser tão relevante para a reflexão desta “crise” existencial, profissional e social do docente, e, especificamente no nosso caso, do profissional universitário, tão cobrado e tão exigido. As universidades sofrem pressões sociais, econômicas, governamentais e as demandas que têm sido impostas, superam sua capacidade de resposta. “No entanto, um exame mais detido destas políticas revela que não existe uma preocupação com a universalização do ensino” (NORONHA, 2002, p.86), como também com a sua qualidade, e isso com certeza gera insegurança e angústia entre os educadores. Para agravar ainda mais este quadro, o professor muitas vezes ainda é visto, como o único responsável pela qualidade que não acontece, como também sofre as diversas pressões por essa qualidade e superação de problemas que na maioria das vezes são estruturais.

Marilena Chauí, importante pesquisadora nesta área e professora da USP, participando de um Seminário que discutiu as propostas de Reforma Universitária em agosto de 2003, resume da seguinte forma os vários desafios que estão sendo vividos pelas universidades e como consequência, pelos professores universitários:

A universidade, definida e estruturada por normas e padrões inteiramente alheios ao conhecimento e à formação intelectual, está pulverizada em micro organizações que ocupam seus docentes e curvam seus estudantes a exigências exteriores ao trabalho intelectual. A heteronomia da universidade autônoma é visível a olho nu: o aumento insano de horas-aula, a diminuição do tempo para mestrados e doutorados, a avaliação pela quantidade de publicações, colóquios e congressos, a multiplicação de comissões e relatórios, etc. (CHAUÍ, 2003, p. 05)

A autora, como muitos outros autores, que pesquisam o campo dos desafios enfrentados pelo Ensino Superior no Brasil, nos deixa claro que o papel para o qual foram criadas as universidades, que é formar o profissional integrado e voltado para a melhoria das condições sociais e humanas, tem sido totalmente esquecido. Aumentam-se as exigências, diminuem-se os prazos e os recursos e com isso, a qualidade e a própria identidade da universidade fica esquecida.

Ainda continua esta autora:

Na universidade de hoje, a docência é entendida como transmissão rápida de conhecimentos, consignados em manuais de fácil leitura para os estudantes, de preferência, ricos em ilustrações e com duplicata em CDs. O recrutamento de professores é feito sem levar em consideração se dominam ou não o campo de conhecimentos de sua disciplina e as relações entre ela e outras afins – o professor é contratado ou por ser um pesquisador promissor que se dedica a algo muito especializado, ou porque, não tendo vocação para a pesquisa, aceitar ser escorchado e arrojado por contratos de trabalho temporários e precários, ou melhor, “flexíveis”. A docência é pensada como habilitação rápida para graduados, que precisam entrar rapidamente num mercado de trabalho do qual serão expulsos em poucos anos, pois tornam-se, em pouco tempo, jovens obsoletos e descartáveis ou como correia de transmissão entre pesquisadores e treino para novos pesquisadores. Transmissão e adestramento. Desapareceu, portanto, a marca essencial da docência: a formação. (Idem, p.05)

Por tudo isso é preciso “travar nossas batalhas num plano e num sentido teórico e metodológico, histórico e pedagógico com o objetivo de construir uma utopia histórica diferente desta que o capitalismo quer que se creia ser a melhor para todos” (NORONHA, 2002, p.114). Tudo isso, toda essa crise, que não é nova, nos mostra que mais uma vez é o professor um dos mais prejudicados, o que faz com que muitas vezes ele mesmo questione o seu fazer profissional. Isso nos mostra a importância de se investigar sobre o professor e seu fazer diário e quanto a isso, recorreremos a Fontana (2003), ao nos dizer que:

Como professora entre professores, vi nascerem em mim a inquietação e o desejo de estudar, de perto, os processos pelos quais se tem constituído, em nós, nosso 'ser profissional', na rede móvel e multifacetada de relações sociais (que são relações de poder) por nós vividas (FONTANA, 2003, p.14).

Todas estas indagações, há muito presentes entre os educadores, têm se tornado hoje, o ponto de partida para diversas investigações, pois “refletir sobre o presente é impossível sem se valer do passado, pois neste o tempo que vivemos encontrou seu nascimento” (SACRISTÁN, 2000, p.37), tornando-se um ir e vir do empírico à teoria e vice-versa, exigindo procedimentos que busquem a interação entre o sujeito que pesquisa e a pessoa pesquisada, demandando a elaboração ou reelaboração de noções, conceitos e métodos de análise, porque tais elementos, por mais abstratos que sejam, surgem do engajamento empírico e do diálogo com as evidências (VIEIRA, 1998). Neste caso, os profissionais da educação que serão investigados, também estão em constante construção e, neste caminhar sentem a necessidade de rever papéis, retomar conceitos, reconstruir trajetórias.

1.4 Por que pensar e refletir sobre os formadores de formadores do UNIARAXÁ

A opção por estudar História Oral de vida de professores, numa ação reflexiva e investigativa sobre os caminhos e descaminhos de práticas e de formação vividos e construídos ao longo da vida de um grupo de pessoas, que têm hoje em comum, nas suas trajetórias, o trabalho no Instituto Superior de Educação do UNIARAXÁ, investigando aspectos de formação escolar e formação docente e de atuação profissional, constitui-se num campo fértil e rico em informações.

De acordo com os novos padrões e métodos utilizados nas pesquisas em educação, que valorizam o micro, o cotidiano, na busca de entender e,

quem sabe, contribuir no processo de constituição de um novo macro, sendo a tendência das grandes investigações identitárias, acreditamos ser esta, uma opção válida, pois nada melhor do que deixar cada um dos envolvidos contar a sua própria história. Como tão bem nos afirma Nóvoa (1997):

O objetivo final das abordagens (auto) biográficas é contribuir para a elaboração de uma teoria de formação de adultos, ainda que não se possa lá chegar sem passar por uma reflexão centrada no nosso próprio processo de formação. Segundo ele, é preciso mobilizar as dimensões pessoais nos espaços institucionais; equacionar a profissão à luz da pessoa e vice-versa; aceitar que por detrás de uma lógica (uma razão), há sempre uma filia (um sentimento), e pelas histórias de vida pode passar a elaboração de novas propostas sobre a formação de professores e sobre a profissão docente (NÓVOA, 1997, p.13).

Acreditamos que, a memória neste trabalho, terá um papel fundamental na construção da identidade, da consciência e da ação dos sujeitos que serão ouvidos. Usamos das palavras de Fazenda, ao nos dizer que é a “memória que tece lembranças, que mescla o passado, revê o curso do presente e que pode inspirar o futuro” (2001, p.17). A História Oral de vida é o detalhe que revela o todo, quem pronuncia a palavra ao mesmo tempo, faz a palavra. No encontro, existe reciprocidade e partilha.

As análises partirão das tramas da sociabilidade humana, tecidas no cotidiano da vida vivida, tanto na escola como no convívio familiar e social dos entrevistados, as marcas da vida escolar que influenciaram e/ou determinaram, e ainda influenciam a escolha e a ação profissional, de um grupo de educadores do Instituto Superior de Educação do UNIARAXÁ, que têm em comum, não só o ofício de serem profissionais da educação, mas de atuarem juntos num mesmo espaço institucional, formando futuros professores. Pensando como Freitas (2000), cada vida pode ser vista como sendo, ao mesmo tempo, singular e universal, expressão da história pessoal e social, representativa de seu tempo, seu lugar, seu grupo, síntese da tensão entre liberdade individual e o condicionamento dos contextos estruturais.

Portanto, cada um de nós, constitui-se, ao mesmo tempo, em síntese pessoal, individual e ativa de nossas vivências, um constante apropriar-se e reapropriar-se, de maneira singular, de tudo aquilo que nos envolve e nos constrói numa constante dialética do eu ao mundo e do mundo ao eu, pois

... o bordado não é mágico, ele se faz com/pelo trabalho, nos acontecimentos no tempo, preenchendo os espaços já riscados na tela virgem e/ou aventurando-se na tela em riscados (e riscos) outros. Assim vamos nos incluindo em nossas relações de trabalho, resistindo às pressões a que somos submetidas no nosso dia-a-dia. Jogamos com as artimanhas da tela, blefamos, como os jogadores, fingimos como os poetas, ocupamos espaços, delineamos ou destecemos fronteiras, introduzimos novos pontos no bordado, suprimimos outros, revemos planos, misturamos cores e fios... Tecendo, destecendo, constituímos-nos como profissionais (MEIRELES, 1983, p.20).

Neste tecer o bordado, cada um segue o seu risco particular, criado através das próprias experiências e de encontros plurais, sem nunca abandonar as singularidades pessoais.

A perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano configura a construção da condição humana exatamente nesta dimensão: as relações do homem com a sociedade e suas interfaces cultural e política. Neste enfoque, o indivíduo é um ser histórico-cultural e todo o seu desenvolvimento, no percurso de sua existência faz-se em meio a processos diferenciados e interligados aos padrões culturais, morais e sociais. Esse modo de pensar o homem leva-nos a refletir sobre o papel de sua ação no meio em que vive. Mediante sua atuação o homem transforma o seu meio, mas também é transformado.

Por ser o homem um ser essencialmente ativo, ele cria e modifica a realidade material e social em que está inserido, como também vai sendo modificado por ela, numa relação dialética muitas vezes contraditória. A constituição de sua identidade se processa então na interação social, envolvendo, necessariamente, atividade e consciência (FINOCCHIO, 2000).

1.5 A opção pela metodologia de História Oral

Nesta perspectiva, a utilização da metodologia de História Oral, coloca-se como um excelente método de pesquisa, ao mesmo tempo em que tem sido um grande desafio para os historiadores que se propõem a utilizá-la. A modalidade oral foi utilizada desde tempos remotos, como o único meio de guardar as tradições culturais dos povos.

Joutard (2002) destaca que o pesquisador/entrevistador em História Oral precisa, em primeiro lugar, reconhecer sua subjetividade como a primeira manifestação do espírito humano, tomando cuidado para não perder a lucidez no percurso metodológico, como também não esquecer que a qualidade de qualquer entrevista depende de seu envolvimento.

Vale lembrar também que, a História Oral apresenta alguns desafios que não podem ser desconsiderados, como a dificuldade em acompanhar a rápida evolução das tecnologias, a necessidade de fazer reflexão metodológica sob a luz de disciplinas afins, tais como a sociologia, a etnologia, a lingüística e outras, a busca em articular e dialogar com diversas produções em História Oral, o dar voz aos excluídos num mundo que valoriza a civilização escrita e que tem poder econômico, situações históricas que acarretam profundo traumatismo na memória e, o nunca esquecer de que por ser uma ciência dos homens no tempo, a história deve ser também uma arte.

Quanto a tudo isso, recorremos a Neves (2003), ao nos dizer que

na verdade, nenhuma história da humanidade ao longo dos tempos, é oral. A História da humanidade, em sua concretude, constitui-se pela inter-relação de fatos, processos e dinâmicas que, através da dialética, transformam as condições de vida do ser humano ou as mantêm como estão (NEVES, 2003, p.28).

Está claro que ao fazer opção pela metodologia de História oral, estaremos ao mesmo tempo adotando um percurso metodológico rico em possibilidades, belo em sua extensão e realização, mas desafiante e complexo quando nos coloca diante de toda essa dialética do viver, fazer e contar a

História. A História Oral de vida é uma rica possibilidade na transmissão de experiências via narrativas do próprio sujeito.

Segundo Éclea Bosi,

um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos, pode chegar-nos pela memória (...). Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até podem humanizar o presente. (...) Para quem sabe ouvi-la é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem-criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual. (BOSI, 1987, p.41)

Também, segundo Thompson, a pesquisa em História Oral garante a mudança de enfoque nas pesquisas científicas, permitindo uma relação direta entre o sujeito investigador e o sujeito investigado. Diz ele que:

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. (THOMPSON, 1992, p. 44)

Este autor nos alerta para a necessidade de desenvolver sensibilidade às pressões sociais que envolvem cada um dos depoentes. Essas pressões estão relacionadas aos lugares sociais de onde falam. Portanto, utilizar o processo metodológico de História Oral é buscar pela construção de fontes e documentos, registrar, através das narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. “Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas sim o registro de depoimentos sobre essa história vivida” (NEVES, 2003, p.6).

Ao utilizar esta metodologia, estamos construindo relatos de pessoas reais, que vivem e constroem diariamente a própria História. Estamos partindo de “homens ativos, reais, (...), que têm como base o seu processo vital, real, o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e ecos deste processo vital... Não é

a consciência que determina a vida, e sim a vida que determina a consciência” (SCHAFF, 1967, p. 55), numa clara análise do que Marx defendia ao elaborar sua teoria, ressaltando os homens como seres ativos que interferem e sofrem interferência do meio em que vivem e atuam.

Segundo Thompson, esta metodologia nos permite penetrar mais nos fatos, muitas vezes adormecidos e pouco valorizados, pois

(...) a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história. (...) A evidência oral, transformando os ‘objetos’ de estudo em ‘sujeitos’, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira (THOMPSON, 1992, p.137).

Temos percebido que o acentuado avanço do progresso e da informação tem feito desaparecer, a cada dia, a arte de narrar. Não temos mais tempo nem para ouvir o que o outro tem a nos dizer, a nos contar. A História Oral, enquanto método de investigação permite-nos recuperar a narração, possibilitando o ato de rememorar, de promover encontros entre os sujeitos para compartilhar suas lembranças e experiências, em forma oral e escrita, pois

(...) as narrativas orais não são apenas fontes de informações para o esclarecimento de problemas do passado, ou um recurso para preencher lacunas da documentação escrita. Aqui, ganham relevância as vivências e as representações individuais. As experiências dos homens, constitutivas de suas trajetórias, são rememoradas, reconstruídas e registradas a partir do encontro de dois sujeitos: narrador e pesquisador. A história oral (...) constitui uma possibilidade de transmissão da experiência via narrativas. (FONSECA, 2003, p.39)

É uma metodologia que permite ao outro se mostrar, contar, lembrar, sem a interferência de agentes externos significativos, numa busca de escrever histórias humanas, diferentes, únicas. Vale lembrar também que:

A história oral é um procedimento, um meio, um caminho para produção de conhecimento histórico. Traz em si um duplo ensinamento: sobre a época enfocada pelo depoimento – o tempo passado – e sobre a época na qual o depoimento foi

produzido – o tempo presente. Trata-se, portanto, de uma produção especializada de documentos e fontes, realizada com interferência do historiador e na qual se cruzam intersubjevidades. (NEVES, 2003, p.29)

Também é importante ressaltar, que o processo de recordar é construtivo e depende do momento presente, na construção/reconstrução de História Oral de vida, “um mundo de vivências, de contradições e de projetos que não vingaram pode chegar até nós, não como realmente existiu, mas como foi experienciado e como, hoje, é visto retrospectivamente” (FONSECA, 2003, p.40), daí sua riqueza e originalidade, sem perder a verdadeira essência dos fatos. “Não é a História em si mesma, mas um dos possíveis registros sobre o que passou e sobre o que ficou como herança ou como memória” (NEVES, 2003, p. 30).

A História Oral inscreve-se entre os vários procedimentos de pesquisa do método qualitativo, por ser um trabalho que permite contemplar uma visão totalizadora dos processos que constituem a escrita da História. Como nos confirma Rey (2001), a abordagem qualitativa no estudo da subjetividade volta-se para a elucidação, o conhecimento dos complexos processos que constituem a subjetividade e não tem como objetivo a predição, a descrição e o controle. Esse autor continua:

A epistemologia qualitativa é um esforço na busca de formas diferentes de produção de conhecimento em psicologia que permitam a criação teórica acerca da realidade plurideterminada, diferenciada, irregular, interativa e histórica, que representa a subjetividade humana. (REY, 2001, p.29)

Desse modo, se pensamos em aprofundar nosso conhecimento sobre um tema que envolve aspectos individuais e relacionais, como é o caso dos relatos humanos, não podemos nos fundamentar nos princípios da racionalidade científica. Os preconceitos, os valores, os pensamentos e as expectativas dos envolvidos na pesquisa, não podem ser submetidos a normas padronizadas. Supõem uma subjetividade individual e também social. Para Rey (2001), a ciência não é só racionalidade, é subjetividade em tudo o

que o termo implica, é emoção, individualização, contradição, enfim, é expressão íntegra do fluxo da vida humana.

André (1986) argumenta que, enquanto outros instrumentos têm seu destino selado no momento em que saem das mãos do pesquisador, a entrevista ganha vida ao se iniciar o diálogo entre o entrevistador e entrevistado. A autora ainda enfatiza que, na medida em que houver um clima de estímulo e de aceitação mútua, as informações fluirão de maneira notável e autêntica. Isso ficou claro, quando, na realização da primeira entrevista “o quanto fiquei ansiosa, mas no final tudo transcorreu tranquilamente” (Diário de campo em 15 de setembro de 2004). Também vale destacar que a segunda entrevista que realizei “foi muito tocante, houve manifestação de sentimentos limpos, claros, alma mesmo” (Diário de campo em 1º de outubro de 2004).

Tudo isso nos faz enxergar, de acordo com as palavras de Neves (2003), que são inúmeros e diferentes os desafios que envolvem a utilização da metodologia da História Oral, pois referem-se aos limites e perspectivas da pesquisa histórica do tempo presente. Tempo envolto em emoções recentes, manifestadas através de falas, omissões, lapsos, silêncios, expressões da alma. “Em cada uma das entrevistas, vivi momentos de reordenação de rotas e caminhos e ia também me descobrindo a cada dia” (Diário de campo em 08 de outubro de 2004). Foram momentos muito ricos de trocas e emoções, como na entrevista com a Dona Elza, em que “as lembranças fluíram tão límpidas, fiquei emocionada com a riqueza de vida. Quanta sabedoria! Uma pessoa realmente admirável!” (Diário de campo em 21 de janeiro de 2005).

Esta metodologia exige do pesquisador a sensibilidade para saber quando deve falar, ou quando deve perguntar, como também alternativas que não o tornem refém dos depoimentos que estão sendo colhidos, tais que prejudiquem a sua capacidade de análise dos fatos e dados levantados. Cada depoimento é único e fascinante em sua singularidade e potencialidade de revelar identidades, desvelando em cada fala, a riqueza desta metodologia, que entre emoções, lembranças, expressões humanas, vão tecendo novas Histórias, novas visões que, muitas vezes, ficam esquecidas ou veladas pelo tempo.

O maior desafio para a História Oral, daí também sua riqueza, é tomar emprestada a memória, contribuindo para que as lembranças não morram, vivam e se manifestem, não como forma apenas de exaltar ou contar o que passou, mas sim, como um meio de expressar a vida, suas interrogações, suas construções e práticas diárias, comuns, mas que fazem Histórias dia-a-dia. É procurar muitas vezes nos escombros, relatos que possam contribuir para entender as ligações entre o presente e o futuro, superando os desafios que nos são postos na utilização desta metodologia. Kramer & Jobim e Souza, pesquisadoras da área educacional, em um trabalho em que utilizam desta metodologia, nos falam que:

Um primeiro desafio com que nos deparamos ao utilizar as histórias de vida em pesquisa educacional é produzir conhecimento que se situe na encruzilhada de vários saberes, quer dizer, um conhecimento partilhado ideologicamente que requer, sobretudo, uma compreensão da narrativa como espaço de produção de linguagem entre entrevistador e entrevistado; um segundo desafio diz respeito a articulação entre história e memória redefinindo esses dois conceitos. (KRAMER & JOBIM E SOUZA, 1994, p. 02)

Acreditamos que através da História Oral de vida é possível redigir um documento que na medida em que registra vivências singulares, também a própria vida social se expressa. Através de relatos de Histórias de vida podemos descobrir diversas manifestações do coletivo, ou seja, “o que existe de individual e único numa pessoa é excedido, em todos os aspectos, por uma afinidade de influências que nela se cruzam (...) de ações que nela se exercem e que são inteiramente exteriores” (QUEIROZ, 1987, p. 283).

Assim, a História Oral representa a realidade com todas as diferenças, explorando as relações entre memória e história e colocando em evidência a construção de atores de sua própria identidade. Também reconhece, que lembrar é uma arte individual que é redimensionada pelas relações entre passado e presente, manifestadas através das representações sociais, políticas, ideológicas, enfim, singulares de cada narrador.

CAPÍTULO 2

PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

2.1 Buscando no tempo o que sou hoje

*Da janela, o mundo até parece o meu
quintal
Viajar no fundo, é ver que é igual
O drama que mora em cada um de
nós
Descobrir no longe o que já estava em nossas mãos
Minha vida brasileira é vida universal
É o mesmo sonho, é o mesmo amor
Traduzindo para tudo o que humano
for
Olhar o mundo é conhecer
Tudo o que eu já teria de saber (...)
Estrangeiro eu não vou ser
Cidadão do mundo eu sou.
Milton Nascimento e Fernando Brant*

Atuando como professora do ensino superior, há mais de dez anos, sempre questionei quem eram aquelas pessoas/professores, com os quais eu convivia todos os dias, quais os seus sonhos, suas dificuldades, o porquê de terem se tornados professores. Observava que não existia quase que nenhuma vontade de questionar essas relações, sempre me parecendo que todas as verdades já estavam colocadas. O tempo foi passando e minhas indagações só se faziam aumentar, percebia que as mudanças aconteciam, que íamo-nos adaptando a elas, mas ficavam “silêncios”, espaços vazios, pois

(...), o real não está na saída nem na chegada, ele se dispõe para gente é no meio da travessia. Mire e veja: o mais importante e bonito desse mundo é: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que estão sempre mudando. Afinam e desafinam. (ROSA, 1967, p. 111)

Observamos que a identidade do professor em nossa sociedade está configurada em dimensões amplas, complexas e por vezes indefinidas. A imagem que se tem é de um profissional com responsabilidades e fazeres determinados e estabelecidos por condições sócio-históricas e culturais, o que determina um papel profissional carregado de um significado social distinto.

Ao pensar sobre a identidade do professor, é preciso levar em consideração, vários saberes, que conforme Tardif (2002) são saberes múltiplos e muito desvalorizados mas, que têm um *status* próprio, que os professores a si mesmos conferem. Os diferentes tipos de saberes (acadêmico, vivencial, relacional...) conferem ao docente uma determinada “receita” que geralmente transforma-se na base para suas atuações.

Este mesmo autor nos faz refletir sobre a importância do ofício da docência postulando que o trabalho é um exercício de transformação interna. A carreira construída ao longo do percurso é responsável, em grande parte, pela construção da própria identidade deste profissional, pois incorpora valores, tradições e todo um conjunto de atributos específicos desta atuação. O professor passa a se apropriar do *saber-fazer* e do *saber-ser* numa dimensão historicamente construída, tanto através de todos os seus convívios sociais quanto das mudanças internas ocorridas ao longo do percurso profissional. Pensar a identidade significa dizer que ao mesmo tempo em que o indivíduo traz consigo traços da cultura, ele é capaz de apropriar-se da vida, inventando formas particulares de estar no mundo.

Assim, em meio às diferentes inquietações, quis saber quem éramos como profissionais que atuam no dia-a-dia do UNIARAXÁ, como tínhamos nos constituído enquanto professores, que dificuldades enfrentamos no nosso exercício profissional, que sonhos e expectativas trazíamos em nossa subjetividade, como nos enxergávamos enquanto profissionais.

2.2 Definindo os sujeitos da pesquisa

A opção foi fazer um estudo de Histórias Orais da vida de alguns professores formadores de formadores desta instituição, pois:

Busca-se entender como o professor, mergulhado na cultura pedagógica e institucional da escola, constrói sua identidade profissional. Busca-se estudar sua história profissional e sua história de vida, analisando como estes se cruzam. Busca-se conhecer como, durante a sua formação inicial (pré-serviço), ou antes, dela, e através do exercício de sua profissão, o professor vai desenvolvendo um saber sobre seu ofício. (SANTOS, 1995, p.2-3)

Apesar de não ser uma prática usual, proponho-me aqui a contar e analisar também a minha própria história, e isso se justifica, pois, como é um tema que me fez questionar, desde os meus primeiros anos de trabalho dentro do UNIARAXÁ, não só como alguém que observava, atuava e se intrigava com a realidade a sua volta, mas também e principalmente, como educadora que sou, me dispus a contar e analisar também minha trajetória, dentro da educação.

Estabeleci um número de dez narradores, incluindo a minha própria narração. Todos os entrevistados assinaram uma “Carta de Cessão”, seguindo o modelo proposto por Bom Meihy (2002, p.190), e por isso estão identificados. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra. Depois, foram textualizadas e constam do corpo deste trabalho. Todos os entrevistados concordaram em ser identificados. As cartas de Cessão, como também as fitas com as gravações das entrevistas, estão guardadas sob os meus cuidados.

Na escolha dos entrevistados, levou-se em conta o tempo de atuação no magistério superior, sendo uns com muito e outros com pouco tempo. Interessante destacar que uma das entrevistadas, a Dona Elza, já está com quase oitenta anos e continua trabalhando. Hoje ela coopera na coordenação do curso de Alfabetização de Adultos no UNIARAXÁ. Foram entrevistadas

também, a atual reitora e a diretora do Instituto de Educação. Completando o quadro dos entrevistados, considereei que deveria haver professores de todos os cursos de licenciatura do UNIARAXÁ – Pedagogia, Normal Superior, Letras, História e Matemática, para que nas categorias de análise definidas, pudesse observar quais as influências sofridas na sua formação como professores, como profissionais que atuam em cursos diferenciados, mesmo sendo todos eles formadores de formadores, quais são os maiores desafios na prática diária profissional e qual a imagem que têm, como se vêem, como profissionais hoje.

A perspectiva de poder trabalhar com Histórias Orais de Vida dos professores da faculdade onde trabalho há mais de dez anos, tem o propósito de analisar e perceber o quanto suas histórias – de vida, de formação escolar e de formação docente, têm e tiveram influências importantes tanto na escolha como na continuação da formação profissional de cada professor ouvido. Essas foram as categorias de análise estabelecidas para a realização deste trabalho.

Temos percebido que, ao longo das últimas décadas, freqüentemente, o professor foi tratado como alguém que, ao contar apenas a História dos outros (seus estudos, pressupostos e teorias), também tivesse a sua própria história, a sua própria identidade. Acreditamos que “a chamada História Oral só terá sentido quando as pessoas aprenderem a tomar consciência de seu percurso de vida pessoal e profissional, cotejando-o com o de outras pessoas, mais velhas e mais novas, sem valorizar ou desqualificar aquilo que aconteceu ou deixou de acontecer!” (Miriam Moreira Leite, *apud* FONSECA, 2003, p.143).

Assim, a utilização da metodologia de História Oral possibilita a sistematização de memórias e imaginários de professores que no nosso caso, convivem e trabalham em uma mesma instituição, numa tentativa de capturar visões de mundo, expectativas, sonhos, comportamentos e práticas, buscando conhecer um grupo que trabalha num mesmo espaço educativo e que faz parte do espaço da docência no país.

Assim, mais do que buscar dados e coletar informações, é necessário observar em cada relato, as práticas e/ou significados de práticas sociais

através das quais os professores envolvidos nesta pesquisa, constituíram-se historicamente. Constitui-se então, numa tentativa de responder à seguinte pergunta: Quem são os formadores de formadores do UNIARAXÁ?

2.3 Pelos caminhos da pesquisa, transcrição, textualização: emoções vividas e re-vividas

As entrevistas foram semi-estruturadas, e nas palavras de Triviños (1987), esta metodologia é considerada como um dos principais meios de coleta de dados em pesquisa qualitativa. Segundo o autor, a entrevista semi-estruturada, ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação. O roteiro flexível foi utilizado mais como um guia, uma orientação, pois assim, permitiu tanto aos entrevistados, como à entrevistadora, aprofundar e elaborar outras questões que se mostravam necessárias, lembrando que cada entrevistado é um caso específico, daí ser necessária uma atenção especial na condução de cada depoimento.

O roteiro utilizado para as entrevistas, foi o seguinte:

- 1) Gostaria em primeiro lugar, que você me contasse como foi a sua formação escolar. Lembranças que marcaram... Se possível desde o início. (quando e onde estudou...)
- 2) O que ficou marcado em você do tempo de sua formação profissional? (momentos interessantes, experiências - bons ou ruins – influências teóricas e políticas)
- 3) Que fatores ou pessoas, influenciaram sua formação e escolha profissional?
- 4) Durante sua formação profissional, existiu algum professor (ou professores) que lhe serviu como modelo? Por que?
- 5) Como você começou sua vida profissional de professor (a)? Onde? Quando? Como foi? Como é hoje?
- 6) Você vê alguma relação entre sua história de vida e sua escolha profissional?

- 7) E entre sua história e sua prática profissional? (Cotidiano de vida e trabalho; melhores e piores momentos da profissão).
- 8) Como você faria a relação entre a sua formação profissional e sua prática docente hoje? A sua formação lhe ajudou? Como?
- 9) Depois de atuar durante este tempo como profissional da educação, se fosse para você escolher esta profissão novamente, você a escolheria? Justifique: (destacar o que lhe agrada e o que não lhe agrada na profissão)
- 10) Como você se define, que imagem tem de você como professor atualmente? (Se acha mais competente; tem entusiasmo pelo que faz)
- 11) Se tiver mais alguma coisa que queira falar....

Nos momentos únicos e inigualáveis, em cada uma das entrevistas, não se estabeleceu realmente um diálogo, mas sim, um relato de uma História, uma História de Vida. Os momentos das entrevistas foram de olhares, revisões, escutas, sentidos, vividas e re-vividas como diálogo, encontro, “olhos nos olhos”, sentires, conversa profunda de comunhão, que conduz conhecimentos, saberes e sabores de um mundo humano. Segundo Fonseca (2003, p.50), a entrevista é “uma troca, uma visão mútua. Os dois sujeitos agem juntos e se reconhecem entre si como sujeitos e tentam construir essa igualdade sobre suas diferenças, trabalhando juntos”. Na verdade, aconteceu um relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, com a intermediação da pesquisadora, realizando-se um trabalho coletivo de um narrador-sujeito e de um ouvinte-interpretador. Sobre essas argumentações, Zago (2003) discute:

A entrevista se desenvolve em uma relação social. (...) A entrevista expressa realidades, sentimentos e cumplicidades que um instrumento com respostas estandardizadas poderia ocultar, evidenciando a infundada neutralidade científica daquele que pesquisa. O encontro com um interlocutor exterior ao universo social do entrevistado representa, em vários casos, a oportunidade de este ser ouvido e poder falar de questões sociais que lhe concernem diretamente. (ZAGO, 2003, p.301)

O trabalho de quem pesquisa é também o de traduzir todos os relatos que estão sendo colhidos e analisá-los a partir de todo o aporte teórico já pesquisado. É nesta etapa da pesquisa que o qualitativo aparece através do processo de analisar de quem está pesquisando, o que requer até mesmo a criatividade ao articular as fontes teóricas com as fontes empíricas, o particular e o geral, o específico e o histórico. Segundo Thompson (1992, p.292) “a pessoa que faz a fita também é a mais capaz de garantir a precisão da transcrição”.

O uso do gravador nas entrevistas, para alguns dos entrevistados, constituiu-se de início, em um recurso intimidador, perturbador, que gerou insegurança. O fato de saberem estar sendo gravados, de certa forma os preocupava ou até incomodava, mas aos poucos essas barreiras foram sendo quebradas. Nas primeiras entrevistas, por ter pouca prática com a técnica de gravação, também eu, me senti insegura, algumas vezes tive que parar para observar se a fita estava “rodando”, se não tinha acabado, se tinha apertado o botão de gravar, se o volume estava bom.

Ao longo das narrativas, em cada entrevista, ia percebendo cada vez mais, que cada História era uma História única e singular, e, que o papel do entrevistador, era ao longo da entrevista, o de apenas um bom ouvinte, um cúmplice, buscando escutar e desvendar os solos inatingíveis da alma humana, caminhando no indecifrável território das emoções. Posteriormente, de posse dos dados, é que, como entrevistadora, passaria às funções de intérprete dos mesmos, numa atividade necessária ao exercício investigativo.

Com muita delicadeza e respeito e, perseguindo os objetivos da pesquisa, fui percebendo que todas as palavras ditas estavam carregadas de informações significativas e ricas da consciência individual e coletiva e de subjetividades reflexivas através do contar e re-contar. Em cada entrevista, e pelas expressões de cada narrador, ia percebendo que, a memória não era um simples depósito passivo de fatos, mas fundamentalmente um processo ativo de criação de significados e significâncias. Memória aqui entendida, muito mais do que a simples recordação ou o registro na forma de lembranças de todos os fatos de nossa vida cotidiana na medida em que se

desenrolam, mas um fenômeno que permite ao sujeito que relembra a possibilidade de uma auto-análise em relação aos caminhos percorridos e em que sentido o vivido se inter-relaciona com o que se vive hoje e até com o que está por vir. Nesse aspecto, cada um dos professores, constituiu-se numa personagem histórica, que, ao narrar, buscou compreender as mudanças e transformações pelas quais passou e passa em suas próprias vidas.

Por tudo isso, fui aos poucos percebendo, que não existem receitas prontas e infalíveis a serem seguidas, o que há, são pistas, caminhos, percepções e cuidados que devem ser observados e que, se conjugados com a presença honesta e atenta do entrevistador, levarão a uma entrevista de qualidade. Dessa forma, como entrevistadora, devia ter sensibilidade e consciência de minha responsabilidade, enquanto também co-produtora na criação do documento oral. Acredito que essas são as grandes riquezas da pesquisa qualitativa.

Na realização das entrevistas, tentei ser uma entrevistadora atenciosa e atenta, não apenas ao roteiro preestabelecido e às respostas verbais, como também, a tudo que envolvia aquele momento, como emoções que se mostravam, através de gestos, expressões, entonações, sinais não-verbais, hesitações, alterações de ritmo, alguma lágrima que teimava em rolar, enfim, toda uma comunicação não-verbal, cuja observação é muito importante para a compreensão e a validação do que foi efetivamente dito e mesmo do que não foi revelado. Os gestos, as expressões faciais, os suspiros, os sorrisos, as lágrimas e as omissões registradas, constituem dados importantes para o processo de registro e posterior análise de todas as Histórias contadas. Tudo isso nos leva a concordar com Lüdke quando diz:

Não é possível aceitar plena e simplesmente o discurso verbalizado como expressão da verdade ou mesmo do que se pensa ou sente o entrevistado. É preciso analisar e interpretar esse discurso à luz de toda aquela linguagem mais geral e depois confrontá-la com outras informações da pesquisa e dados sobre o informante (LUDKE, 1986, p. 36).

Pude observar na realização deste trabalho de entrevistas, que cada professor entrevistado, conduzia seu discurso de forma muito particular, de maneira muito pessoal ao contar suas histórias de vida.

O tempo de duração das entrevistas variou, dependendo de fatores como emoção, facilidade de recordar, ambiente em que a entrevista aconteceu, no qual muitas vezes, apesar de todos os cuidados, houve interferência de telefone, campainha, pessoas que chegaram. Mas, a média geral de tempo em cada entrevista, variou em torno de uma hora.

Procurei sempre transcrever as entrevistas logo depois que as mesmas foram feitas, para que eu não perdesse aquele “clima”, para que pudesse manter as emoções que foram sentidas, os pequenos detalhes que me chamaram a atenção. Como por exemplo, o fato de que “vivi momentos de intensa emoção, momentos muito gratificantes” (Diário de campo, no dia 01 de outubro de 2004). Na primeira entrevista que fiz, no dia 15 de setembro de 2004, fiquei bem ansiosa, mas “apesar de toda a insegurança e expectativa, a entrevista transcorreu tranquilamente” (Diário de campo).

Quanto à minha própria entrevista, é interessante destacar o quanto viver essa situação de passar de entrevistadora para entrevistada, mexeu comigo. Vivi sensações de insegurança, questionamentos, dúvidas e até mesmo uma certa angústia com relação ao como eu iria reagir. Fiquei pensando no que ia dizer, afinal já tinha utilizado o roteiro de entrevista com tantas pessoas, só que isso não adiantou nada. No momento em que estava sendo entrevistada, pela minha amiga e uma das minhas entrevistadas nesta pesquisa, as palavras foram fluindo e me fazendo re-viver, re-lembrar de fatos, detalhes, situações, que mesmo sendo ensaiadas, nunca seriam ditas da mesma forma. Confesso que é um momento único, uma experiência que não tem como ser prevista, ensaiada, organizada, é algo que só pode ser sentido se vivido for. Durante o processo de lembrar e contar, a emoção aflora de maneira espontânea, sentimos saudades, alegrias, dores, amores. Percebemos o quanto as marcas são fortes, o como tudo aquilo que vivemos nos constitui enquanto pessoas no hoje.

Também senti que deveria ter dito outras coisas, mas o que é mais significativo e rico nessa metodologia é justamente contar e falar aquilo que é realmente verdadeiro e marcante, aquilo que flui naturalmente, não tem como emendar as palavras que foram proferidas, mesmo já tendo vivido a experiência de entrevistadora por diversas vezes e conhecer muito bem o roteiro da entrevista. É aí que reside uma das grandes riquezas e belezas de contar, de narrar, as palavras saem de dentro da alma.

No processo de transcrição das entrevistas, segui, segundo Bom Meihy (1990, p.28), a forma tradicional, que implica fidelidade absoluta ao que foi dito, o que muitas vezes significou o registro de repetições, de articuladores como “né”, “assim”, “ah”, “hum”, entre outros. Já, ao fazer as textualizações, procurei desenvolver um texto que se manteve fiel ao seu significado original, num registro com a máxima precisão de tudo que foi dito nas entrevistas. Bom Meihy, em *Canto de morte kaiowá*, diz que a textualização

é um estágio mais graduado na feitura de um texto de história oral. Consta dessa tarefa a reorganização do discurso, obedecendo à estruturação requerida para um texto escrito... Faz parte do momento da textualização, a rearticulação da entrevista de maneira a fazê-la compreensível, literariamente agradável. Nesta fase, anula-se a voz do entrevistador e passa-se à supressão das perguntas e sua incorporação no discurso do depoente, (o que), além de possibilitar textos mais agradáveis, provoca a realização do envolvimento do leitor (1991, p.30).

Transcrever é um momento que exige muito cuidado, muita sensibilidade, muito critério, pois na organização do discurso oral, estamos dando “voz” àqueles que foram entrevistados, estamos contando suas Histórias, suas memórias, suas vidas, estamos revelando o que muitas vezes nunca foi revelado, o que ficou por trás da maquiagem que a própria vida nos impõe.

Todo o trabalho de transcrição e textualização foi feito diretamente no computador. Assim que terminava a transcrição integral das fitas, salvava os arquivos, que depois eram impressos para que eu pudesse passar à etapa das

textualizações, que passa a exigir o posicionamento de quem escreve. Assim feito, encaminhava uma cópia das entrevistas textualizadas, para cada um dos que foram entrevistados, para que fosse feita uma leitura final, como também, a conferência de dados como datas, nomes, lugares. Segundo Fonseca:

Esses procedimentos de textualização são técnica e politicamente importantes para a produção do conhecimento histórico. Entendo cada texto de história oral de vida como documento, fonte de conhecimentos, de ensinamentos para outras e futuras gerações. Nesse sentido, não deve ser tratado apenas como mero documento historiográfico acessível aos especialistas, mas deve ser também acessível aos demais leitores, e para isso, é fundamental um texto claro e prazeroso que consiga expressar a riqueza da experiência vivida pelos sujeitos. (FONSECA, 2003, p. 56)

Também, é fundamental a utilização e a vivência ética na realização de todo o trabalho, afinal estamos lidando com gente, com sentimentos, com valores, com o humano, exemplo disso, é o respeito e a preservação das identidades das pessoas, que no nosso caso, autorizaram o uso público de seus relatos.

O texto documental que é produzido traz as marcas de todo um percurso na realização do trabalho. É o resultado de encontro, de troca, de diálogo, de desvelamento do humano. São histórias de vida, permeadas por sentimentos, questionamentos, dúvidas, sentidos, subjetividades (Idem, 2003). Histórias que estão ainda a se construir, mas que já contam tanto e tantas coisas, expressão de que a vida, por mais singular que seja, tem grandes e importantes caminhos percorridos, imersos em vivências com valor inestimável.

CAPÍTULO 3

VOZES E TRAJETÓRIAS

Entre quem ouve e quem narra nasce uma relação de reciprocidade e confiança, pois todos nós temos um passado que faz existir um presente. Nos momentos em que as entrevistas aconteciam, era como se as imagens deste passado ressurgissem firmes e até mesmo atrevidas, como se tudo que estivesse sendo re-lembrado, acabasse de acontecer.

Perguntamos: quem são os professores que fazem parte desta pesquisa? Por que fizeram opção pelo ensino e como vivem essa profissão? Como se vêem como formadores de formadores? Todas essas nossas indagações se desvelam e se mostram por inteiro nas narrativas que foram contadas. São Histórias de Vida em sua totalidade, pois assim permitirão a quem ler a compreensão e o compartilhar de vidas únicas e muitas vezes tão parecidas.

Ficou claro nos momentos em que as entrevistas aconteciam que a memória revive de forma particular cada uma das vidas vividas, foram momentos de emoção, envolvimento e comprometimento. Segundo Bosi (1987)

quanto mais a memória revive o trabalho que se fez com paixão, tanto mais se emprenha o memorialista em transmitir ao confidente os segredos do ofício... Aquilo que se viu e se conheceu bem, aquilo que custou anos de aprendizado e que,

afinal, sustentou uma existência, passa à outra geração como um valor... A memória do trabalho é o sentido, é a justificação de toda uma biografia. (BOSI, 1987, p. 399)

Todas as Histórias contadas revelam trajetórias de conquistas, perdas, dificuldades, alegrias, de vida acima de tudo. Todos os entrevistados como foi permitido, estão identificados. Vejamos o que foi revelado:

Letícia Vasconcelos Britto.

Entrevistada no dia 15 de setembro de 2004.

Nasceu no dia 25 de janeiro de 1969, na cidade de Belo Horizonte, MG. É casada e tem uma filha. Graduada em Psicologia pela UFU – Universidade Federal de Uberlândia e com mestrado em Educação também por esta instituição. É professora há 12 anos e no UNIARAXÁ há 10 anos, ministrando as disciplinas de Psicologia e Recursos Humanos.

Formei-me em Psicologia, pela UFU – Universidade Federal de Uberlândia. Comecei o meu curso em 1986, no segundo semestre. A escolha por essa profissão aconteceu quando eu fiz magistério, na cidade de Patrocínio – MG. O curso de magistério foi feito no Colégio Normal da cidade, o mesmo colégio que minha mãe estudou. Para falar a verdade, eu nem sei muito se queria estudar nesse colégio, se queria seguir a carreira do magistério, mas, nós morávamos em Belo Horizonte e meu pai foi transferido para Patrocínio, então, tivemos que ir também. Eu não tinha muita noção do que era bom para mim, não pensava muito em carreira e profissão. Minha mãe é que aconselhou para que eu me matriculasse nesse colégio pois, ela tinha estudado lá, era o colégio dela, na cabeça dela existia aquela noção de que eu devia ter uma formação, para ser uma professorinha, me casar e cuidar dos filhos e da casa. Essa profissão seria boa pra mim, por eu ser mulher.

Ainda no magistério, fiz opção por estudar psicologia, pois tinha uma professora de psicologia muito interessante e eu gostava dessa área, foi ai então que tomei a decisão por ser psicóloga. Quando eu falei para os meus pais sobre minha opção, meu pai não gostou muito, me lembro muito bem da sua fala: “Filha, isso é um hobby, não é uma profissão!”. Mas eu bati o pé, falei que queria ir estudar em Uberlândia.

Acabei indo para Uberlândia, pois em Patrocínio não tinha faculdade na época. Eu só consegui passar no vestibular no segundo semestre. Nessa época a faculdade era em tempo integral, cinco anos. Hoje, se não me engano são quatro. Eu me formei no ano de 1992.

As lembranças que eu tenho da minha vida escolar são muitas, eu me lembro que da 1ª a 4ª séries, eu estudei no grupo escolar e sempre tive muita dificuldade com a matemática. Eu sabia escrever muito bem, gostava muito de ler, mas quanto à matemática, eu me sentia completamente burra, além do mais, porque todo mundo entendia e para mim parecia grego aquele tanto de número. Sofri muito com a tal da matemática, tanto que no meu curso de Psicologia eu sempre perseguia as disciplinas que me levassem a entender as dificuldades de aprendizagem das

crianças. Especializei-me em psicologia escolar e a minha dissertação do mestrado foi sobre fracasso escolar. Tenho a impressão que até hoje estou buscando consertar este trauma que tive com a matemática.

Outra coisa que me lembro bem, é que na faculdade minha maior luta foi quanto à disputa, a competição que existia. Você tinha sempre que ser o melhor, tínhamos que mostrar o tempo inteiro, que éramos bons, para todo mundo, só assim para conseguir estágio. Tudo que era Congresso a gente ia, participávamos de projetos de pesquisa, iniciação científica e, eu achava tudo isso muito legal. Outra coisa que eu me lembro e que era muito bom eram os encontros na lanchonete da faculdade, as festas que a gente fazia, a convivência, às vezes até difícil com algumas pessoas. Tudo isso, me faz ter uma certa descrença com nossos alunos aqui do UNIARAXÁ, que não andam querendo nada com nada.

Quanto às influências teóricas e políticas que sofri na faculdade e em minha formação específica, tive um grande problema com Sociologia e Filosofia, que estudei no primeiro semestre do curso. Eu achava aquilo tudo sem sentido, não entendia pra que estava estudando. Outro problema era que meu pai que é militar, na época ainda na ativa, me levava a um conflito muito grande, pois o professor de Sociologia criticava tudo, eu chegava em casa e ia discutir com meu pai que não concordava com o professor. Por tudo isso, eu nem contava na faculdade que meu pai era militar, não abria a boca. Tudo isso me fazia sentir-me uma alienada, uma idiota ali. Eu estudava Marx, lia alguns livros que eram pedidos, mas mesmo assim eu tomei bomba em Sociologia, não sabia fazer os trabalhos direito, odiava tudo aquilo, ficava só conversando na aula. Penso que também eu não tinha a mínima maturidade pra estudar aquilo.

Quando comecei a estudar as disciplinas específicas da psicologia eu fiquei fascinada e pensei, “nossa, graças a Deus agora eu não preciso mais nunca da filosofia nem da sociologia”. Tempos depois, ao começar o mestrado em Educação, no ano 2002 na UFU, percebi que essa idéia era uma grande ilusão, vi o buracão que eu tinha em minha formação, tive que pedir ajuda, inclusive, diversas vezes para minha amiga Ivana, que sempre me socorreu.

Quem mais me influenciou em termos de teóricos foi Piaget. Eu gostava muito do Rogers também. Quanto a Vygotsky, só fui estudá-lo depois que me formei, a gente ainda não o conhecia muito bem no Brasil. Quanto ao que me influenciou para a área de educação, foi que quando eu me formei, voltando a morar em Patrocínio, fui convidada a dar aulas de psicologia, para o magistério, em um colégio de 2º grau de lá. Na verdade, a minha intenção era de clinicar, então eu comecei a fazer isso também. Mas clínica, o problema é que o dinheiro não aparece assim, não com tanta frequência e com tanta certeza, e eu sentia a necessidade de ter um salário fixo.

Gostei muito dessa experiência de dar aulas, acho que sempre tive essa intenção meio que velada em mim. Digo isso porque minha mãe era professora e no fundo, acho que sempre quis ser professora, só que tanto ela, quanto meu pai, ficavam tentando tirar isso da minha cabeça, diziam que isso não dava dinheiro e queriam que eu tivesse uma profissão que me desse dinheiro. Só que eu sempre achei que eu tinha de fazer o que eu gostava. Ficava sem saber para que lado ir, o meu pai achando que eu tinha que ir trabalhar em uma empresa com psicologia organizacional. Até que eu tentei fazer isso, mas foi uma grande frustração e dando aulas eu fui sentindo um grande prazer pelo que fazia, pela pesquisa, pela leitura, pela preparação das aulas, pela convivência com os alunos, muito mais do que a clínica propriamente dita, que me cansava.

Mudei-me para Araxá num mês e em pouco tempo fui convidada pra dar aula na faculdade. Nessa época eu já tinha feito pós-graduação na área de

educação, num claro intuito de me aprimorar nessa área. Resolvi então fechar minha clínica. Cheguei a trabalhar como psicóloga escolar aqui em Araxá, mas percebi que meus maiores investimentos eram na faculdade, na educação, aí fui deixando tudo até me dedicar somente às aulas. Vivi nessa época a minha primeira crise de identidade, pois pegava o meu registro no CRP, pagava por ele uma anuidade altíssima, mas não clinicava. Me perguntava: “sou psicóloga ou professora?”. Resolvi então a parar de pagar o CRP e ser professora. Outra coisa que me incomodava era que eu assinava no colégio que trabalhei como psicóloga educacional e na faculdade como professora, eu tinha que resolver o que eu era, se psicóloga ou professora.

No momento estou afastada da minha atuação clínica, mas continuo a ser psicóloga, foi um tempo de entender essa minha questão de identidade, mas romper com esse cordão foi difícil. Eu hoje sou uma professora que também é psicóloga, é assim que me vejo. Outra coisa que teve um peso muito grande foi o fato do “status”. Socialmente, existe no Brasil o mito de que professor é um coitado. Acho que tudo isso é uma desvalorização cultural que começou lá atrás. A Roseli Fontana fala sobre isso, que o magistério foi delegado às mulheres porque culturalmente, havia a idéia de que o homem que tinha que ser o provedor, não cabia a mulher ser provedora, ela poderia ser professora, não tinha problema, já que ela não ia ganhar muito dinheiro mesmo. Então, enquanto psicóloga, as pessoas acham que a gente ganha bem, o que não é assim. Tive que desmistificar isso dentro de mim, e hoje tenho orgulho em dizer que sou professora.

Durante a minha formação profissional eu tive uma professora, que penso muito me marcou, que inclusive foi minha madrinha de casamento, que é a Agda. A aula dela era bagunçada, mas era uma aula muito gostosa. Então hoje, eu uso muito das aulas dela para dar as minhas aulas, só que tento ser sempre organizada.

Infelizmente, meus professores na faculdade não tinham muita didática, não sei se porque lá era uma universidade federal. Eles nos entregavam aquele monte de material, de lista de livros, de apostila e nos diziam para nos preparar com leituras prévias para que nas aulas a gente se sentasse em círculos e discutisse esses textos. A aula deles era mais uma orientação. Aqui na faculdade é totalmente diferente, a gente tem que pelear, tem que fazer mil malabarismos para os alunos compreenderem, para acompanharem. Se eu fosse me basear nos meus professores, acho que seriam muito ruins minhas aulas. Isso não quer dizer que eles não tinham paixão pelo que faziam, mas faltava didática.

Lembro-me da Agda, de sua paixão pelo Piaget, de uma outra que era fascinada pelo Freud. Já quando fiz o magistério, tive a Dona Nilcéia que acho que foi quem mais me incentivou a trabalhar nessa área, ela era muito apaixonada pela educação, tinha uma visão muito positiva de que a educação vale a pena. Eu aprendi isso com ela e tenho estas duas professoras como marcas em minha vida.

Quando eu comecei a trabalhar na faculdade, eu tive um pouco de dificuldade em função da forma como comecei. Entrei no lugar de uma pessoa que tinha sido mandada embora. Houve muita rejeição pela minha pessoa inicialmente, além do mais que a demissão tinha sido feita de forma bastante arbitrária. Então, eu entrei pisando em ovos, tive que aceitar muitas coisas vindas dos alunos, achava que não podia impor muitos critérios, parecia que eu tinha que ceder de alguma forma para ser aceita. Tive muita dificuldade de me impor, parecia que eu tinha que ser a professora boazinha para ser aceita. Outra coisa que me lembro é que para corrigir provas de alunos que eram bons e que eu sabia que gostavam de mim, eu tinha muito medo de decepcioná-los mostrando que estavam errados. Quanto a trabalhos, era mais complicado ainda, eu não era muito rígida com datas de entrega, era muito permissiva. Hoje, já não tenho mais estes problemas, defino os critérios e os sigos,

mas tive que aprender e reconhecer que estava errada, isso foi um progresso. Odeio ser chamada de boazinha, odeio essa marca.

Penso que minha própria história de vida me influenciou nas minhas escolhas e em minha atuação hoje. Lembro-me desde pequena, de ver minha mãe mexendo com papel, se arrumando para ir para a escola, botando bolsa, sapato e eu a achando muito bonita, tanto que hoje eu tenho um gosto enorme em me arrumar para ir para a faculdade, sendo até motivo de ciúme de meu marido que me questiona dizendo que eu me arrumo mais para dar aulas, do que para sair como ele. Outra nítida lembrança é a cena da minha mãe preparando provas, como também do fascínio que tinha por minhas professoras na infância, achava-as lindas, tinha uma verdadeira paixão.

Adorava quando minha mãe ia à escola para as reuniões. Eu escrevia muito bem, minhas redações eram elogiadas, eu ganhava estrelas pregadas no uniforme. Acho que por minha mãe ser professora, eu era até meio protegida. Então, me lembro muito de toda essa vivência, desse contexto de vida de professora, de uma forma muito positiva, apaixonada e achava que ser professora era muito bom. Lembro-me também de minha mãe dizer que ser professora também era bom, porque tinha duas férias por ano, por trabalhar só em um período, essa era a idéia dela, de quanto menos trabalhar melhor. E hoje eu vejo que não é nada disso, que você trabalha demais como professora, inclusive nas férias. Para meu avô, o status de professora era algo assim, importantíssimo, ele ter formado uma filha dele professora, então, quando eu falei que ia fazer o normal, ele também ficou satisfeíssimo.

Quanto a minha atuação profissional, uma coisa que me lembro bem é a questão do sistema ser muito radical na cobrança do certo e do errado. Isso amedrontava, eu tinha muito medo de errar. Se um aluno reclamava de mim, isso aconteceu poucas vezes, mas eu achava tão grave, aquilo me chocava tanto, me causava angústia, achava que aquilo era a morte. Hoje, acho que amadureci, ou foi a terapia que me ajudou, eu fiquei mais "lerda". Por exemplo, me lembro de um episódio que aconteceu recentemente com um aluno, que reclamou e, inclusive, eu cheguei a bater boca com ele na sala, na frente dos outros alunos. Pois eu fui embora e dormi tranquilamente, sendo que isso foi mais grave do que outros episódios que já haviam acontecido. Também me lembro de uma vez em que, no curso de matemática, eu estava falando sobre Piaget, sobre Gestalt, sobre teorias desenvolvimentistas e no final da aula perguntei se alguém tinha alguma pergunta. Um aluno me disse que aquilo era como sair do nada e ir pra lugar nenhum. Fui embora pra casa e não sabia se deixava de dar aulas, se suicidava, se desaparecia, o que eu ia fazer. Mas, desse dia em diante eu tomei mais cuidado, procurei falar mais o português dos alunos e isso foi muito bom. No dia foi drástico, mas hoje vejo que aquele episódio me ajudou, pois não interessa se eu estou dando a melhor aula, o que interessa é se os alunos estão aprendendo. Tudo me ajudou a melhorar meu desempenho na faculdade.

Aquele medo, o receio de como os alunos iriam me classificar na "Avaliação do controle de qualidade", passou. Outra coisa que eu tinha muita dificuldade era de orientar, de explicar o que deveria ser feito e hoje eu percebo como melhorei neste aspecto. Pedi muita ajuda à Régina, da área de didática, ela me ajudou a superar estas dificuldades. Também me incomodava muito quando a aluno reclamava da falta de material na biblioteca, aí eu reconheci que estava complicando nesta área. Hoje eu vejo que nunca fiz algo assim de tão errado, que causasse calamidade. Errar é humano, devemos aprender com os erros.

Com relação a minha formação profissional, eu aprendi a ser psicóloga. Ai, quando fui fazer o mestrado em educação, percebi que minha formação enquanto

professora era inteiramente falha, porque matérias como História da educação, eu tinha visto de uma maneira muito superficial. Também tinha extrema dificuldade em entender as relações que têm, por exemplo, entre Banco Mundial e universidade, o que tem globalização a ver com escola, neoliberalismo e educação. Até hoje eu tenho dificuldades nessa área. Um dos motivos é que na faculdade eu aprendi a ser psicóloga e não professora. Até tive as disciplinas de licenciatura, mas a gente não dava muito valor a elas. Mesmo eu tendo essa vocação para o magistério, eu não tinha certeza ainda se queria ser professora, eu achava que ia ser psicóloga, que ia abrir minha clínica. Além de não dar valor a estas disciplinas, a parte de didática era muito falha na faculdade.

Quanto à questão da política, da filosofia, da sociologia aplicada em educação, eu tive enorme dificuldade. Lembro-me que, quando cheguei ao mestrado, na primeira aula, falaram que a gente deveria traçar qual era nossa matriz epistemológica, qual seria nosso eixo norteador, nosso eixo filosófico e eu não sabia, fiquei totalmente perdida. Aí eu vi o buraco que tinha e ainda tenho, tive enorme dificuldade. Quando me falaram sobre Platão e o “Mito da caverna”, eu tive que ligar e pedir para a Ivana me tirar de dentro dessa caverna.

Hoje, se fosse para escolher novamente essa profissão de professora, eu acho que a escolheria, teria tomado outro rumo já na época da minha formação. Hoje me identifico muito com a parte de psicologia organizacional, mas me especializei em psicologia educacional. Estou dando muito mais aulas atualmente em psicologia organizacional, tanto que sou considerada lá na faculdade, uma especialista nesta área, mas minha habilitação maior é em psicologia educacional. Me aprofundei em uma área e agora peguei um outro roteiro. Mas, sem dúvida eu escolheria ser professora hoje sim.

No exercício de minha profissão, o que mais me agrada é estar o tempo inteiro mexendo com a informação, com pesquisa, com conhecimento. Gosto também do contato com as pessoas, a aula é um momento muito grande de enriquecimento para ambas as partes, é uma troca de experiência. Acho que aprendi demais, amadureci dando aulas, é muito legal. Quanto a parte negativa do magistério, sem dúvida é a falta de interesse por parte dos alunos, a falta de incentivos por parte do governo e até da sociedade, os graves problemas sociais do Brasil, pois a gente têm alunos que trabalham o dia inteiro e depois têm de entrar num ônibus e vir para a faculdade, acabando dormindo na sua frente.

Se fosse me definir como professora, eu diria que sou muito apaixonada pelo que faço, sou entusiasmada, fico sempre inventando moda, sempre procuro levar uma aula diferente, uma aula dinâmica. Sinceramente, acho que sou competente naquilo que faço, acho que minhas aulas têm fundamento, eu me preparo para isso. Não me lembro de ter ido trabalhar sem preparar uma aula e, acho que os alunos percebem isso, sempre sei onde parei na aula anterior, aonde eu preciso começar, tenho um planejamento, um cronograma. Então, gosto muito de tudo que faço, acho que sou competente, como também acho que devemos ter auto-estima.

Também sei que tenho muito que aprender, mas sinto que tenho muito para transmitir aos meus alunos, transmitir não, trabalhar junto com eles, procurando sempre complementar o máximo que eu posso, pesquisar, estudar. Acho que é aí que a gente vai aprendendo, crescendo. Hoje eu posso dizer que sou melhor professora que psicóloga e sou otimista. Às vezes eu fico frustrada quando preparo uma aula legal e os alunos não participam muito, também me incomoda quando eu organizo alguma coisa que precisa de recursos e estes não funcionam muito bem, parece que somos desorganizadas.

Sou muito crédula a respeito da educação, isso me faz feliz, me sinto muito realizada, gosto de ir trabalhar, gosto de fazer o que faço. Ultimamente eu ando tendo muita preguiça é de ir fazer palestras, coisa que eu gostava muito. Acho que isso tem a ver também com o fato da faculdade estar tomando todo o meu tempo e, fazer outras atividades tem me desgastado. Estou participando de Congressos, que acho serem mais importantes, não ando assim, muito prestativa não, aprendi a dizer não.

Em educação, se a gente não acreditar que vale a pena investir em nossa formação constante, para assim podermos formar seres humanos através deste processo, é melhor desistir dessa profissão. Se você não acredita nessa proposta, não adianta você ser professora. A gente tem que saber também que é um trabalho à longo prazo, que a aula que dou hoje é uma semente pra daqui a anos ser usada. Acredito muito que o mínimo que a gente pode fazer por nossos alunos vai ser alguma coisa em suas vidas. Mesmo que eles não aprendam nada comigo, eles podem usar o material que utilizo como referencial, podem me ligar se for necessário. Em educação temos uma grande oportunidade de melhorar pessoas, até de mudá-las, de trabalhar com o crescimento pessoal e não apenas com conhecimento. Acho que é algo assim de formação do ser humano em sua plenitude. Dar aula vai muito além da transmissão de conteúdos, é um aprendizado, uma via de mão dupla, uma oportunidade de ir além.

A identidade dos professores hoje está muito confusa, a gente vem passando por um processo de transição, que tem gerado uma crise. Ficamos sem saber sobre aspectos de nossa valorização e, quando os alunos nos perguntam coisas como se você trabalha ou só dá aula, ficamos sem saber qual é nossa verdadeira identidade, qual o nosso status. Essa crise de identidade que os educadores estão passando tem seu lado positivo, que é o de levar a gente para um rumo maior de formação, de maior capacitação, de busca por nosso referencial. Estamos questionando qual ou quais referenciais, que aparatos teóricos nos norteiam. Hoje eu me vejo assim, muito mais embasada em princípios como os de Vygotsky, tenho estudado em um grupo com a professora Celeste sobre as teorias pós-críticas, com as quais tenho me identificado muito, tenho procurado ler mais. Portanto, acho que essa crise de identidade é boa nesse sentido de fazer a gente dar uma reviravolta e buscar se descobrir de verdade. Eu estou me descobrindo como professora...

Elisa Antônia Ribeiro.

Entrevistada no dia 1º de outubro de 2004. Nasceu no dia 09 de novembro de 1965, na cidade de Araxá, MG. Separada judicialmente, tem dois filhos. Formada em Pedagogia pela FAFI, hoje UNIARAXÁ e com mestrado em Educação tecnológica pelo CEFET – MG. Trabalha no magistério há 20 anos e no UNIARAXÁ há 5 anos. Atualmente é coordenadora dos cursos de Pedagogia e Normal Superior e ministra as disciplinas de Educação infantil e Avaliação Escolar.

A minha trajetória educacional foi feita, praticamente toda, em escola pública. E, as lembranças que eu tenho, sempre foram muito positivas, porque eu sempre tive ajuda em casa, dos meus pais, com orientações e acompanhamentos. Então, foi uma trajetória tranqüila. Eu fiz cursos técnicos como contabilidade e fiz o magistério. Depois, fiz o curso de Pedagogia, na FAFI, hoje UNIARAXÁ e o mestrado em educação no CEFET – MG.

O que mais me marcou na questão da trajetória educacional, foi particularmente no curso de especialização que eu fiz, também no CEFET, de gestão de instituições educacionais, em que um professor meu, acreditou em minhas potencialidades e propôs que eu enfrentasse o mestrado, que até então, não tinha nem pensado nessa possibilidade, porque nessa época eu não trabalhava no ensino superior. Diante disso, dessa proposta, desse desafio posto por este professor, que foi super importante em minha vida, como outros também, mas deste eu me lembro particularmente, pois acreditou em mim, me fazendo ver que todo ser humano tem possibilidades e perspectivas, é que eu parti para fazer o mestrado.

Penso que a minha escolha profissional é resultado em grande parte da minha influência familiar, porque toda a minha família, a maioria, se dedicou ao magistério. Venho de uma família de professores com grande sucesso na área do magistério, então, a gente foi se enveredando por esse caminho.

Percebo hoje, que minha escolha foi acertada, porque realmente tenho uma afinidade e um prazer em relação a essa atividade docente. Lembro-me também, de uma professora minha, da terceira série da educação básica, de como ela gostava daquilo que fazia, da sua dedicação, da alegria que chegava na sala de aula, de como ela tratava os alunos. Acho que tudo isso foi um conjunto de fatores que foram determinando para que eu escolhesse essa atividade que tenho. Mas, com certeza, a influência familiar foi a maior de todas.

Falando de influências teóricas e políticas, eu acho que para mim, foi a influência de sempre querer fazer o melhor e acreditar naquilo que você quer de bom para as pessoas, isso desde o início na carreira do magistério, em 1985. Sempre tive como proposta, fazer um trabalho bem feito, de respeito às pessoas e no mestrado, a gente vem a estudar mais a influência de teóricos, a influência política, de uma forma mais sistematizada, passando a entendê-las e a vivê-las com mais clareza. Mas o que fundamenta mesmo essa minha vontade de fazer o melhor, de querer que as pessoas se modifiquem e possam, através da educação, modificar as coisas e o seu entorno, é que toda a nossa prática deve ser baseada em princípios de solidariedade, de respeito, de compromisso.

O mestrado foi uma etapa da minha formação, muitíssimo importante. Foi um momento em que pude entrar em contato com essas fundamentações, de uma forma mais organizada, mas sistematizada, onde pude refletir sobre as próprias práticas pedagógicas e entrar em contato com professores pesquisadores tendo uma

visão diferenciada de tudo, com mais profundidade. Eu considero esta etapa de minha vida, a possibilidade para que eu entrasse no ensino superior, até porque, hoje eu não teria condições de atuar de forma tão boa, quanto a que eu venho buscando atuar. Fazer o mestrado foi uma etapa importantíssima, eu acho fundamental, principalmente para quem é docente no ensino superior, pois nos direciona para estudos mais aprofundados, contatos com professores com mais experiência, que já publicaram e, tudo isso nos faz mais organizados em termos de pensamento e sistematização de nossas idéias. Também acredito que você se prepara para escrever, para produzir, é um aprofundamento dos conhecimentos e conteúdos, tão necessários quando falamos em formação de professores.

Eu terminei o meu curso normal em 1985 e já, a partir daí, comecei a lecionar. Trabalhei na prefeitura, como professora contratada, até 1990, ano em que prestei concurso e me tornei professora concursada da prefeitura, lá trabalhando até o ano de 1994. Depois eu pedi exoneração desse cargo de professora, pois fui aprovada em concurso para técnico administrativo do CEFET – Centro Federal de Educação Tecnológica, em Araxá mesmo. Já o meu início no ensino superior, se deu justamente porque eu estava fazendo o mestrado, foi em 2000 que eu fui convidada pela direção das Faculdades Integradas, para assumir uma cadeira de Educação Infantil, já que tinha experiência de quase 12 anos nesse nível educacional, estava fazendo o mestrado e a faculdade estava buscando sua transformação em Centro Universitário, buscando profissionais que estavam ou que tinham terminado o mestrado. Eu já estava praticamente terminando o meu mestrado.

Começou aí o meu caso de amor com o ensino superior, no ano de 2000. Foi uma aposta tanto minha, quanto da instituição, que eu acho ter dado muito certo e que a gente tem tentado fazer o melhor, diante daquilo que acreditamos que é executar da melhor forma o nosso trabalho.

Atualmente, eu também estou fazendo um curso na instituição, o curso de Direito, que tem me permitido ter outras visões sobre o lado educacional e me possibilitado o contato com professores de outras áreas, professores que não têm tanta formação pedagógica, mas formação técnica. Isso tem me permitido fazer avaliações de quanto é importante a formação pedagógica dos profissionais que atuam no magistério, além dos fundamentos da área jurídica que eu estou particularmente, gostando muito. Este novo processo de formação em minha carreira está sendo substancial, em termos de elevação de conhecimentos gerais, conhecimentos na área jurídica, tem sido bastante válido.

Conciliar a vida de aluna, com a vida de coordenadora dos cursos de Pedagogia e Normal Superior e a vida de professora, eu penso que dos três o mais fácil é o de vida de aluna, porque hoje, com certa maturidade, eu me permito avaliar o desempenho de outros professores e vejo o tanto que isso é válido, o que é bom fazer em sala de aula, a relação com os colegas, os próprios sentimentos dos alunos. Enquanto aluna, junto com meu grupo, faço estas reflexões, o que tem me permitido levar para a minha coordenação e passar a agir de forma diferente. Tenho mais sensibilidade para entender o que os alunos pedem, o que eles desejam, a partir desses momentos que tenho vivido enquanto aluna. Isso tem sido muito importante na minha atuação enquanto coordenadora. Outra coisa que tem me ajudado muito também é a própria postura dos professores com os quais eu tenho contato todos os dias, me fazendo ver o que funciona, o que é bom e o que não é.

Quanto às influências que sofri de outros professores, hoje, trabalhando na graduação de formação de professores, tenho certeza de como o professor é marcante na vida de qualquer aluno, em qualquer idade. Os professores que marcam mais são aqueles que têm compromisso, que tem domínio do conteúdo, que tem flexibilidade para discutir certos tipos de questões, desde as de conteúdos, até

questões da própria organização da sala de aula. Eu tive um professor no primeiro período do curso de direito, que se encaixa bem nesse perfil, ele tinha domínio do conteúdo, bom relacionamento com os alunos, responsabilidade e exigência com sua disciplina. E não era só eu que observava isso, todos, de maneira geral, comentavam. A partir disso, a gente vai pensando enquanto professor formador de outros professores, o tanto que é importante o professor ter o domínio do conteúdo, o saber técnico, como também os outros saberes que envolvem os próprios saberes pedagógico e o saber relacional com os alunos. Eu acho que esses três saberes que integram o que podemos chamar de um bom professor, aquele que deixa marcas em seus alunos. Aquele que é lembrado pelos alunos e que é desejado como professor em outros períodos. Professores assim, fazem com que os alunos se dediquem mais, tenham entusiasmo, queiram se aprofundar mais em determinados assuntos, independente de ser ou não cobrado em sala de aula. Isso é ser um bom professor.

Com relação aos cursos de formação de professores, acredito que eles estão caminhando para uma grande valorização e mudanças em termos de qualidade. De modo geral, o ensino superior no Brasil, com as políticas adotadas, tanto pelo governo federal atual, como pelo anterior, têm priorizado o ensino superior e, embora na década de 90 tenha havido uma explosão das escolas particulares, de forma desordenada, agora está havendo um resgate dessa qualidade, seja através das exigências dos próprios exames como o ENADE e a avaliação que o MEC faz dos cursos para o credenciamento e o credenciamento, têm-se exigido uma maior qualidade dos cursos oferecidos, principalmente nas instituições particulares.

Não é só isso, acho que está havendo uma tomada de consciência dos dirigentes, em função da cobrança da sociedade, pela necessidade de melhor qualificação do corpo docente, na melhoria das bibliotecas, laboratórios. Então, essa série de fatores, contribui para que os cursos oferecidos ganhem qualidade, isso é notório e não tem como ser revertido, o caminho é esse e não tem volta, ainda bem!

Com relação a valorização dos cursos de formação de professores, acredito que está tendo uma retomada dessa valorização do profissional da educação. Acho que saímos de uma década em que o professor estava desacreditado, desvalorizado e agora está havendo uma reconstrução da carreira do magistério, principalmente na Europa e nos Estados Unidos isso já aconteceu. No Brasil, estamos no caminho certo, caminhando para essa reconstrução da carreira, da profissionalização docente. Acredito nisso, de forma contundente, porque os vários espaços educacionais que têm surgido, a própria questão do conhecimento, estão sendo exigidos dos docentes, essa qualificação, um maior entendimento da ação educacional. Acredito muito nisso, sou muito otimista quando se fala em formação de professores. Acho que existe um grande espaço para o professor atuar, nichos novos de mercado, não só na educação formal, mas na informal, em que o professor tem de atuar e vai ser chamado a atuar, para fazer essa grande transformação que se espera do mundo em termos de resgate dos valores morais, resgate da cidadania, da solidariedade, do respeito, que com certeza, é a ação educacional que tem toda essa condição de fazer.

Minha formação profissional foi fundamental para a minha atuação como professora que trabalha na formação de professores no UNIARAXÁ. Hoje eu acredito que com os novos professores que estão chegando ao ensino superior, resultante dessa formação mais continuada, da possibilidade de acesso ao nível *stricto sensu*, nosso corpo docente na instituição é formado em sua maioria, por profissionais com esse nível de formação, o que nos têm possibilitado um novo perfil de quem está saindo da graduação. Percebo isso claramente, quando atuando na pós-graduação *lato sensu*, em cursos destinados à área de educação, que aqueles alunos que foram nossos, têm uma percepção, um fazer, um entendimento e uma vontade, diferente daqueles que não passaram por nossa instituição, ou daqueles que já se formaram

há mais tempo e voltam para fazer a educação continuada, a formação deles é diferente. Tudo isso nos leva a concluir que, os alunos que estão saindo do UNIARAXÁ, com a formação recebida desse corpo docente diferenciado, têm um novo compromisso, um novo entendimento.

Percebemos também, que os professores que estão entrando na carreira agora, estão muito mais conscientes do papel que têm a desempenhar, enquanto pessoas que vão modificar a vida de outras pessoas, com muito mais responsabilidade, com mais seriedade, com mais compromisso ético e com vontade de acertar. Acho que acima de tudo, com vontade de acertar. Isso é claro nas escolas onde a direção é feita por pessoas que tiveram formação recente, é diferente o andamento do trabalho pedagógico dessas escolas, e isso é resultado da formação que elas estão recebendo no nível superior.

Se fosse para escolher hoje, novamente essa profissão, eu a escolheria com certeza. Sou apaixonada com a sala de aula, sou apaixonada pela relação professor-aluno. Todo momento, a gente sai da aula e recebe o “feed-back” dos nossos alunos, andando pelos corredores, temos as respostas através de declarações tais como a de que fizemos diferença na vida deles, de que lhes permitimos pensar de outra forma. Eu gosto e falo que o professor tem em suas mãos um instrumento muito forte, que é o seu discurso, que ele é transformador. Digo isso muito para minhas alunas, para que tomem cuidado com aquilo que falam, porque o professor é o exemplo para seus alunos.

Outra coisa que acho importante é a crença que tenho no ser humano, acredito muito no ser humano, em sua capacidade de ser um agente transformador. Primeiro, em se transformar enquanto pessoa, depois transformar também as pessoas que estão à sua volta. Por tudo isso, eu voltaria como professora, porque eu me sinto muito bem naquilo que faço. Procuro à todo momento, a todo instante, lógico que somos falíveis, erramos, mas tenho procurado fazer o melhor, procurado fazer da minha sala de aula, a cada dia, um momento de reflexão daquilo que foi bom e daquilo que não foi. Tenho procurado sempre, aperfeiçoar minha relação com meus alunos, que sempre tem mudado, sempre tenho tentado modificar aquilo que não é bom. Acho que, apesar da nossa profissão ser um pouco estressante, um pouco não, muito estressante, pois exige muito, é uma das profissões mais maravilhosas que existem. É uma missão, porque você transforma as pessoas e se transforma. Todo dia, o contato com os alunos que trazem as suas bagagens, trazem as suas experiências, que você não viveu e você passa a vivê-las com eles, isso faz a diferença em nossa vida. Aprendemos com os alunos, tanto quanto lhes ensinamos, é uma troca, e não vejo uma outra profissão onde haja tanta troca. Troca de experiências troca de novas informações, de novas visões, é muito gratificante ser professor, em todos os níveis. Eu comecei lá na educação básica, trabalhando na zona rural, com um nível de alunos totalmente diferente, desprovidos de várias condições, mas tudo foi gratificante, porque lidamos com o ser humano e cada ser humano é um ser diferente, que traz em si algo diferente para te acrescentar.

O meu trabalho desenvolvido no mestrado, teve como objeto de investigação as práticas avaliativas dos professores do ensino técnico, esse foi o meu “locus” de investigação, em uma escola de ensino tecnológico, onde eu percebia, uma das minhas hipóteses, que a relação do fracasso escolar nessa escola, estava vinculada às formas de avaliação adotadas pelos professores. Foi um trabalho bastante interessante, que eu adotei como metodologia o estudo de caso, me permitindo através da observação sistemática e utilizando da entrevista semi-estruturada e de questionários, levantar os dados pretendidos, e me levaram a constatar que a avaliação tem sido um dos instrumentos que vem referendar a exclusão da maioria dos alunos em todos os níveis escolares.

Construir este trabalho foi muito importante também, porque ao fazer o levantamento bibliográfico, tipo um estado da arte, eu constatei que nas dissertações e teses que constam do banco de dados da ANPED, somente duas tratavam da avaliação da aprendizagem no ensino médio e tecnológico. Então, esse trabalho meu, em termos de importância, veio mostrar a realidade das escolas técnicas e do ensino médio, que esse nível educacional ficou um pouco esquecido pelas pesquisas educacionais. Um dos grandes gargalos da educação brasileira é o ensino médio, um nível que tem sido sempre relegado em termos de pesquisa. Ou se pesquisa muito na educação básica, ou muito no ensino superior, o ensino médio fica aquém das pesquisas. Então, minha dissertação foi importante por isso, por levantar as questões das práticas de avaliação no ensino médio-tecnológico, que é fortemente marcado pela concepção tecnicista e por ter poucos estudos nessa área.

Os resultados da minha investigação, além de terem contribuído, sobremaneira, para a minha atuação profissional, porque eu leciono a disciplina "Avaliação e medidas educacionais" no UNIARAXÁ, tem possibilitado que eu fale de avaliação em outros espaços educativos, pois é um tema que tem sido sempre discutido, é o "calcanhar de Aquiles" de toda instituição. Também tenho pesquisado muito atualmente, sobre a avaliação institucional, pois, de acordo com as exigências das novas políticas educacionais, sabemos que qualquer instituição que quer realmente oferecer ensino de qualidade, tem que se auto-avaliar, passar por processos contínuos de avaliação. Por tudo isso, esse meu trabalho foi e é muito importante, pois contribuiu de forma muito significativa, tanto para a escola que eu fiz a pesquisa, porque pôde verificar a causa dos altos índices de reprovação, principalmente nas primeiras séries do Ensino Médio, como para a minha atual prática docente. Lógico que existem outros fatores que também contribuem para a evasão e a desistência, mas as práticas de avaliação são um dos fatores mais determinantes para evidenciar, resultar no fracasso do aluno.

Se fosse para eu me definir hoje como professora, gostaria de lançar mão das mensagens que meus próprios alunos me escrevem, ficaria mais fácil. Lembro-me de uma avaliação recente, de uma aluna da pós, que disse que tinha ficado deslumbrada com as minhas aulas. Eu acho isso o máximo! O aluno falar que ficou deslumbrado com suas aulas. É como eu já disse, o retorno dos alunos é imediato. Se eles fazem esse tipo de afirmação é porque eu trabalhei com entusiasmo, com compromisso. Também acho importante, quando eles destacam a organização, a clareza como me expressei, a leveza com que trato conteúdos, muitas vezes complexos, como o próprio conteúdo da avaliação. Outra coisa que fica evidente na avaliação que os alunos fazem sobre mim, é a importância do domínio do conteúdo. O professor tem que ter esse domínio, tem que, além de dominar o conteúdo, saber de outros saberes escolares, não só do seu próprio, mas de outras disciplinas também, isso faz a diferença. Também é importante a seriedade e o respeito ao conhecimento do aluno, sobretudo o respeito pelos alunos, pelos colegas de profissão, isso é muito importante quando se fala em educação. Eu acho que são todos esses fatores que fazem com que o professor seja um bom professor, que ele tenha sucesso em sua atividade acadêmica.

Agora, a Elisa enquanto essência, digo que sou uma pessoa que acredita na vida, que acredita muito nas pessoas em primeiro lugar, que acredita na sinceridade das pessoas. Eu acho que isso é bom, bom para mim acreditar nisso, porque fica mais fácil conviver com as outras pessoas. Acredito também, sinceramente, na capacidade de aprender de todos os indivíduos, todos são capazes de aprender. Acredito no amor, muito, acho que o amor, independente de ser amor de homem para mulher, amor de amigo, amor paternal, maternal, o amor tem de estar presente em todas as ações e nos nossos pensamentos no dia-a-dia. Sou uma apaixonada por aquilo que faço, sou apaixonada pelos meus alunos, pelos meus colegas. É lógico

que temos momentos de stress, momentos de conflitos, mas acho que vamos amadurecendo e percebendo que a gente tem que lutar e defender aquilo em que acreditamos em termos de educação. Eu acho que temos que ter firmeza para falar o que não está bom, falar o que tem que ser mudado, tomar atitude em nome do grupo, principalmente quando a gente atua enquanto coordenação e, enquanto equipe o que deve prevalecer, são os interesses coletivos. Eu penso muito nisso, tenho procurado a cada dia refletir sobre minhas atitudes, tenho procurado me policiar muito na questão de ser impetuosa, em pensar antes de agir, ser um pouco mais moderada. Isso é um exercício constante de aprendizagem que fazemos durante a vida da gente, e, acreditando sempre em Deus, uma força maior que norteia os nossos caminhos, que norteia o caminho dos homens, para que a gente possa viver de forma boa, em conjunto com as demais pessoas.

Esses dias, me preparando para dar aula na pós, dando uma olhada na minha dissertação, eu pensei: "Gente, será que eu fiz isso, ficou tão bom!". Você se emociona, porque é um grande trabalho que foi tecido, composto por várias pessoas, é lógico que não é um trabalho só da Ivana, só da Elisa, mas é um trabalho, resultante da ação dos seus professores do mestrado, das pessoas da sua família, as pessoas do UNIARAXÁ, daquelas pessoas que colaboraram. E, a vida da gente pode ser comparada com uma grande colcha, onde vamos alinhavando cada pedaço, e que essa grande vida nossa, que é a grande colcha, seja construída de cores coloridas. Cada cor, o preto, o vermelho, o roxo, são as pessoas diferentes que a gente coloca nas nossas vidas, para compreendermos melhor o ser humano, ter mais paciência, que é o que eu busco e tenho buscado, a paciência e a tolerância. Acho que essas são qualidades imprescindíveis para o professor e para qualquer ser humano, a tolerância e a paciência e, quanto mais colorida for essa sua colcha, com certeza, melhor a sua vida foi vivida, você contribuiu para com as pessoas.

Tenho um grande sonho que quero realizar futuramente. Abrir, uma casa grande de acolhimento para as crianças carentes. Eu penso em fazer este projeto em articulação com a universidade, onde os alunos que estudam nos cursos de graduação possam estagiar, possam vivenciar práticas educativas. Penso nisso, em criar esse espaço para melhorar a vida dessas pessoas e, cada dia, tenho entendido que, quanto mais você se desapega das coisas materiais, você vive melhor, vive feliz, fica mais realizada. É um processo difícil, lógico, isso só vem com o amadurecimento, com muita reflexão, e com certeza, é o resultado de uma vida que você vem construindo durante a sua trajetória, de encontro com outras pessoas que vão lhe mostrando isso.

Gostaria de dizer mais uma vez, que ser professor é muito bom, ser professor vale a pena. Vale a pena diante dos vários momentos que a gente vive e do agradecimento das pessoas com as quais você teve a oportunidade de conviver, e estas lhe demonstram o quanto você foi importante para elas. É a melhor coisa da vida! É você ter significado na vida de um ser humano! Que seja um, dois, a quantidade que for, mas você perceber que fez a diferença. Eu acho que nós, seres humanos, fomos colocados aqui, por esse projeto de Deus, para fazer a diferença na vida das pessoas!

Fábio Vasconcelos.

Entrevistado no dia 08 de outubro de 2004.

Nasceu no dia 23 de outubro de 1943, na cidade de Araxá, MG. Solteiro. Formado em Filosofia e Teologia e com mestrado em Educação pela UNIUBE – Universidade de Uberaba. Trabalha no magistério há 41 anos e no UNIARAXÁ há 20 anos. Ministra as disciplinas de Filosofia e Sociologia.

Vou fazer um “mergulho” no passado, que me é muito rico e proveitoso, para contar a minha história. Comecei minha vida escolar nos “Jardim de infância”, hoje os nomes mudaram, mas, dá para entender, no Colégio São Domingos, uma escola de irmãs dominicanas que tem como carisma a educação pautada na verdade. Também lá, fiz da primeira a terceira série primária e, nesta época, esta escola já mostrava certa abertura para o ensino público, porque todas as professoras eram ligadas à rede pública e particular ao mesmo tempo. Dentro desta dinâmica da vida, as irmãs tiveram que fechar a 4ª série e nós, alunos do sexo masculino, tivemos que migrar para uma escola pública, indo eu para uma escola considerada na época, uma das preferidas da cidade, a Escola Estadual Delfim Moreira.

Lá chegando, eu tive o meu primeiro impacto de preconceito sobre ensino. A diretora da época encaminhou todos os 15 alunos masculinos do Colégio São Domingos para o famoso “porão”, que eram salas de meninos com deficiência de aprendizado e baixo poder aquisitivo. Eu fiquei nessa sala durante 4 dias, quando uma vizinha minha, que era professora da 2ª sala desta escola, me viu e levou um susto muito grande, dizendo que eu não era menino para ficar na sala do porão, porque ela conhecia a minha história de vida, argumentando que eu tinha condições de fazer um ensino melhor. Esta professora ainda é viva, é a Dona Olinta que está hoje com 89 anos e que foi minha professora na 4ª série. As séries eram divididas em 1ª, 2ª, 3ª salas, até a última, que ficava no “porão”.

Sai-me muito bem na 4ª série do Delfim Moreira e, quando terminei, fiz um curso, chamado de Admissão, que era feito em um mês e 20 dias com esta mesma professora, a dona Olinta, para poder ingressar numa escola – o Colégio “Dom Bosco”. Entre 150 candidatos, eu passei em 11º lugar. Para mim foi uma surpresa, um aluno que tinha sido mandado para o “porão”, de repente, chega a ser tão bem classificado! Estudei no Colégio “Dom Bosco” da 5ª série até o 2º ano científico.

Tomei uma bomba que me marcou muito, na 7ª série, em latim e ciências. Lembro que eles mandavam vir de fora, dois clérigos, que são pessoas que estavam formando para padre, para passar férias aqui em Araxá, e foram eles que aplicaram nossas provas, sem conhecer nossa realidade, os alunos, porque nosso professor estava viajando. Eles aplicaram a prova e disseram que eu não tinha condição de continuar por causa do meu latim que estava muito ruim. No ano seguinte o governo tirou o latim do currículo.

Além de repetir a 7ª série, eu estava naquela crise de adolescência. Fui “levando o barco”, até chegar no 2º científico. Em Araxá não tinha o 3º científico e eu fui para São Paulo estudar. Lutei com todas as dificuldades econômicas da época. Todo mundo da região de Araxá, tinha o costume de ir estudar em Uberaba ou Belo Horizonte e eu temi e fui para São Paulo, mudando a direção dos estudantes daqui.

Em São Paulo eu fiz o 3º ano científico a noite, porque tive de trabalhar durante o dia. Estudei no Liceu Acadêmico de São Paulo, que ficava na Rua Oriente, no bairro do Brás. Eu tenho a impressão que esse colégio existe lá até hoje, pois São Paulo muda radicalmente de 10 em 10 anos. Fui me condicionando a fazer o cursinho, pois vinha daquela “cultura” de que tinha de fazer medicina ou engenharia.

Cheguei a pensar seriamente em fazer medicina, pelas minhas características pessoais e, em 6 meses de cursinho eu descobri que não queria ser médico. Aí, cancelei o meu cursinho para medicina, fiquei 6 meses sem estudar, trabalhando. E nesse período, me apaixonei por estudos que falavam de vida. Fui fazer teologia e filosofia.

Nesse estudo de filosofia e numa análise diferenciada da história, do homem, me aprofundei nesses estudos, me formando em teologia e filosofia. Aí, vieram os movimentos políticos de 64 e nos engajamos como universitários. Naquela época, éramos muito ligados aos acontecimentos da França, na Revolução de 68, que repercutiram em cheio nos movimentos que ocorriam aqui no Brasil, dos quais participávamos ativamente.

Eu me lembro que nessa época eu trabalhava no Banco, antigo banco da Lavoura, que hoje é o Banco Real. Saíamos correndo do Banco para participar das passeatas, dos piquetes contra a política e até mesmo correndo da polícia. As lideranças artístico-culturais eram muito boas, tais como Elis Regina, Caetano, Chico Buarque, hoje a gente tenta buscar novas lideranças e não está encontrando. Depois disso, eu comecei a trabalhar num movimento de igreja, na periferia de São Paulo, numa favela chamada “Buraco Sujo”, dando aulas. Era muito interessante, a gente tinha os esquemas para entrar na favela. Eu ia até um ponto X de ônibus e tinha alguém da favela esperando para levar até a escola. Eles vigiavam a gente, como também nos apresentava aos moradores da favela. Trabalhei lá por dois anos. Foi aí que eu tomei gosto pela educação. Só que não tinha habilitação específica para o magistério.

Começou então, um processo de doença, de cansaço físico, que hoje chamamos de depressão, stress e, o médico me aconselhou voltar para o interior, descansar, pois minha vida estava muito pesada. Eu morava sozinho em São Paulo, estudava e trabalhava e me alimentava muito mal, tinha carência de casa, da família.

Voltei pra Araxá em final de janeiro de 1972 e, em fevereiro, os padres me chamaram para dar aulas no Colégio “Dom Bosco”. Comecei dando aulas na 5ª série. Aí eles fizeram uma análise da minha postura, acharam que eu era bom e a cada ano que passavam me davam aulas na série seguinte, até que eu cheguei ao 3º ano científico. Quando eu estava lecionando na 8ª série, fui convidado a ir dar aula em uma escola do Estado, no 2º grau, sendo a diretora da época, a Rosa Chaer. Nesse período me veio o seguinte questionamento de como eu iria legalizar minha situação de professor. Resolvi ir fazer um curso de 3 anos em Batatais, no estado de São Paulo. Viajava para lá todos os finais de semana. Fiz o curso com habilitação em supervisão e administração escolar. Nessa época a nossa atual reitora, que na época era diretora da faculdade, me chamou pra trabalhar na antiga FAFI. Fui trabalhar lá em um curso de complementação de matérias pedagógicas e nesse espaço de tempo, fiz pós-graduação lato sensu em orientação na Fundação Severino Sombra que estava dando o curso na Faculdade de Patrocínio e nós nos deslocávamos para lá com um grupo da cidade de Uberaba.

Depois dessa situação, as coisas foram se encaixando e eu fui tomando gosto, fui me aperfeiçoando a cada ano. Resolvi ir fazer um curso em Administração Rural na UNAERP de Ribeirão Preto e logo depois fiz um curso em Educação sexual, ligado à área de orientação. Depois, fiz uma pós-graduação em psicopedagogia pela UFU. Também fiz vários cursos pelo Colégio “Dom Bosco”. Todos os anos, de 6 em 6 meses eu ia fazer algum curso pelo colégio, como também ia, pelo menos 4 vezes por ano, para Cachoeira do Campo em encontros, reuniões e seminários. Fui membro da AEC – Associação das Escolas Católicas, membro atuante da diretoria do Triângulo Mineiro e todos os cursos da AEC a gente participava, nos Congressos éramos presença atuante.

Depois de tudo isso, veio a nova LDB, exigindo que uma porcentagem de professores universitários devesse ter título de mestre ou doutor. Rapidamente, mesmo com críticas, até mesmo de colegas da faculdade, que prefiro não mencionar, é uma questão ética, fui fazer um mestrado na UNIUBE, Uberaba. Nessa época o curso ainda não era reconhecido pela CAPES. Eu e uma colega minha, tivemos que assinar um termo quando fizemos nossa matrícula, de que estávamos cientes desse processo e que o curso poderia não ser reconhecido. Durante todo o tempo do curso, colegas ficaram nos criticando, falando mesmo em reuniões, que fazer curso não reconhecido era como se estivéssemos fazendo um cursinho de 40 horas. Hoje o curso é reconhecido, fiz minha defesa na área de formação de professores e já participei de vários congressos, como o EPECO. Também vou apresentar meu trabalho na ANPED de 2004 e já recebi convites para publicação em revistas de universidades, tais como a Universidade Dom Bosco de Campo Grande e de Brasília.

Atualmente eu estou dando pouquíssimas aulas no UNIARAXÁ, na tentativa de tirar o cansaço do mestrado e pensando se vou ou não fazer o doutorado. Tem horas que penso em ir, tem horas que esfrio esse pensamento.

Quanto a minha presença no Dom Bosco, foi uma presença significativa, muito rica, tenho boas lembranças e se hoje, eu sou o que sou e tenho em termos de conteúdo, esta escola tem grande responsabilidade nisso. Como disse anteriormente, eu comecei a trabalhar lá, dando aulas na 5ª série. Quando já estava dando aulas para a 7ª série, fui convidado pra ser bedel, que na estrutura salesiana os cargos têm um nome muito forte, de policiamento. O diretor geral chamava inspetor, o bedel era como que o conselheiro de turno. Comecei pelo turno da tarde e fazia a ponte de ligação entre o aluno e a família, e entre os professores e a sociedade. Era o responsável pela interação, aquele que deveria diluir os conflitos, os atritos existentes entre o professor e os alunos em sala de aula. Não era simplesmente um disciplinador, era mais do que isso, porque a gente trabalhava a questão da adequação do aluno e sua formação como um todo. Pelo sistema preventivo salesiano, são três situações que a gente tinha que trabalhar, como a questão da afetividade, da "amorevolezza", trabalhar o aluno em tudo que ele fazia. Era como se a razão fosse dimensionada para apontar uma direção da fé, que toda pessoa humana teria que ter um caminho de fé a ser seguido. Em cima disso, eu tentei viver essa filosofia até as últimas conseqüências e passar isso pros alunos e professores, o que não foi fácil, pois se defendíamos os mais sofridos, no caso o aluno com suas crises, o professor achava que a gente estava passando a mão na cabeça do aluno. Se a gente ia para o lado do professor, a família vinha falando que a gente tava acobertando um erro do professor e a direção cobrava que a gente não deveria perder aluno, aliás, todas as escolas particulares têm isso, esse jogo de poder.

Quando eu peguei a coordenação do 1º e 2º turno, os dois colégios passaram por uma fase de integração, as matérias exatas eram dadas no Colégio Dom Bosco e as matérias humanas, no Colégio São Domingos. Então, a gente coordenava as duas escolas ao mesmo tempo, com os alunos trocando de turno na hora do recreio. Depois disso houve uma reestruturação do sistema salesiano de ensino, que passou a ser uma empresa, em que trabalhava aqueles termos técnicos que são questionados hoje, como eficácia e eficiência. Foi criado um cargo de ação pedagógica, que seria um tipo de supervisor, que no caso é a coordenação pedagógica diluída. A gente era obrigado, além da filosofia salesiana, trabalhar a parte pedagógica com o aluno.

No período de implantação desse sistema, aconteceram vários atritos, devido ao pouco entendimento de todos os elementos envolvidos no cargo e na função que cada um estava ocupando, havia muita interferência de todos os lados, até da parte financeira, que fiscalizava, cobrava da gente, coisas que não eram da

nossa competência. Teve um período que eu chegava na escola as 6:30, abria o portão para os alunos entrarem e saía as 17:30, todos os dias, durante 7 anos.

Nesse período também, eu fiquei conhecendo todos os colégios do sistema salesiano da nossa Inspeção, fiquei sabendo da dinâmica da vida dos padres, o que começou a despertar ciúme, porque os pais chegavam na escola e não queriam falar com o diretor, queriam falar com a gente, porque a gente é que conhecia a realidade. Foi nesse período que você começou a trabalhar lá com a gente, porque eu tinha força para pesquisar e sondar as pessoas para a seleção de cargos na escola. Tudo, passava por mim, direta ou indiretamente, o que despertou um certo ciúme, achavam que a gente estava galgando o cargo da direção, que eu estava querendo ser dono da escola, o que foi agravado com a idéia de que a direção deveria ser passada para as mãos de leigos, pela ausência de vocação religiosa, algumas escolas até já estão fazendo isso, eles estão percebendo que precisam se adequar a nova proposta de realidade econômica, que as escolas não podem ficar só no carisma. É preciso fazer a volta às origens com olhar moderno.

Quanto à Faculdade na minha vida, foi interessante, porque eu acho que deixou transparecer o bom serviço feito no Dom Bosco e no Dom José Gaspar. Eu dava aulas para 11 turmas no Dom José Gaspar e a Auxiliadora, que foi minha colega desde a infância, tem me acompanhado e me valoriza muito, me chamou pra trabalhar lá, pegar umas aulas de substituição de professores antigos que já estavam deixando algumas coisas a desejar na crítica dos alunos. Quando eu entrei, não tive uma recepção muito agradável dos colegas, que diziam que eu estava tomando aulas dos outros. Isso me marca muito até hoje, porque eu nunca fui de brigar por aulas. Me deram as aulas de filosofia, no lugar de uma pessoa que se sentia dona da situação. Durante três anos que trabalhei junto a essa pessoa, ela sempre me vigiou e controlou e fazia perguntas aos alunos sobre as minhas aulas. Mas eu superei isso, levei numa boa, cheguei a dar 23 aulas na época, só no curso de Pedagogia. Também me lembro de uma característica muito interessante da época, e de que a faculdade já passou por vários períodos na sua história, tais como a credibilidade da população e o número escasso de alunos, até que tudo mudou. Mudou-se o direcionamento da escola, mudou a direção, novas propostas foram surgindo e, mais uma vez a Auxiliadora reassume a liderança do grupo, dando um passo importante que foi passar de Faculdades isoladas para Faculdades integradas do Alto Paranaíba e depois para Centro Universitário do Planalto de Araxá – UNIARAXÁ.

Como Centro Universitário, temos condições de lançar novos cursos, de acordo com a necessidade da época. Hoje, lendo as grandes associações de educação, estes centros têm sofrido grandes críticas com relação ao seu avanço e ao aumento excessivo de cursos. No UNIARAXÁ já estamos trabalhando em cima dessas novas propostas, o que se expressa nas características de nossa nova clientela. Antigamente, eram alunos mais velhos, casados, pessoas que faziam curso superior pra ajeitar a sua vida profissional. Hoje, não é mais assim, a clientela é jovem, um pouco imatura, mas a gente percebe que estamos caminhando para um nível ideal de curso superior, que trabalha o ensino, a pesquisa e a extensão.

Com referência às influências teóricas que sofri em minha vida e prática profissional, na minha práxis, tem muito a ver com o método marxista de ver, julgar e agir, e que foi o campo ideal para nós que estávamos trabalhando na filosofia da libertação, que na época em que morei em São Paulo, era praticada por cerca de 15 bispos no Brasil, contra todo o resto, e que revolucionou a Igreja naquela época, tendo como endosso duas conferências de bispos latino-americanas, uma em Medelin e outra em Puebla.

Aliado a isso, teve também os grandes festivais, que a gente ia para os anfiteatros fazer torcida. Eram todas músicas de protesto, músicas políticas e que

passavam mensagens que a gente “mastigava” nos barzinhos ao redor da faculdade. Esse espírito político foi crescendo em mim, a ponto de eu me engajar no movimento dos alunos de química da USP e fazer bombinha pra soltar nos soldados na rua. Eu não cheguei a fazer bombinha, porque eu não entendo nada de química, mas eu carregava na minha mochila, saquinhos de rolhas para esparramar no asfalto e derrubar os cavalos da cavalaria da polícia. Uma coisa interessante, é que nós estávamos um dia esperando a cavalaria que vinha da praça da República. Eu estava na Avenida São Luiz e alguém avisou que a polícia estava chegando e todo mundo saiu correndo. Quando vi, tinha um cavalo bem em cima e ao lado tinha uma mulher de carro. Eu abri a porta do carro, me sentei ao seu lado e falei para ela tocar, que eu não era vagabundo, que era para ela fazer de conta que eu era seu amigo. Ela tremia de medo, os cavalos iam passando e eu ali, sentadinho no carro, até que pude descer em segurança.

Quando voltei para Araxá, sofri de maneira sutil, a influência de minha família para que eu não voltasse mais para São Paulo. Meus pais conversaram com o padre Hélio, que tomava café todo domingo pela manhã em minha casa, se não tinha como eu ir dar aulas no colégio. Hoje vejo que foram eles que deram o primeiro passo para a minha entrada no magistério aqui em Araxá, mas que a verdadeira influência para essa carreira, começou quando morei em São Paulo, quando trabalhei na favela e gostei muito de tudo, da alfabetização de adulto. Tenho uma coisa comigo, que não sou muito de contar para os outros o que eu faço. E já fiz muita coisa, mas aos olhos dos outros pareço uma pessoa muito pacata, sem iniciativa, sem experiência. Até hoje na faculdade, o pessoal não me explora muito, e eu não faço questão de dizer, acredito que a pessoa sábia mais escuta do que fala.

Também acredito que uma influência marcante que sofri, foi a crença no princípio de que não podemos falar de paz, de Deus, para alguém que está vivendo num mundo de privações. Isso foi e é marcante em minha própria vida. Aqui em Araxá, comecei um trabalho no bairro Bom Jesus, antigo Fuxico, que o nome foi mudado por influência nossa, onde fundamos uma Associação, uma creche e uma escola que ainda funcionam lá. Hoje, conto com a ajuda da prefeitura na manutenção dessa creche e da escola, que paga o salário das professoras e auxiliares. Isso só foi possível depois que ganhamos o selo da ABRINQ.

Com relação aos cursos de licenciatura no Brasil e no UNIARAXÁ, vou tentar falar sem me envolver com um documento da ANPED que li recentemente. Aqui em Araxá, o grupo que presidia a Fundação, que é a mantenedora do UNIARAXÁ, não se preocupou muito com os cursos de formação. Existiam os cursos de História, Pedagogia e Letras, depois foi implantado o curso de Ciências/matemática. Foi assim por 25 anos, sem muita preocupação. Com o aumento exagerado de cursos na região e a nova LDB é que “a ficha caiu” e que a instituição começou a buscar caminhos de melhorar nossos cursos de licenciatura, e que, no meu entender, nenhuma universidade existe sem as licenciaturas, sem a formação de professores. Penso que houve um descaso grande, durante muito tempo, uma banalização, o que fez com que os cursos de licenciatura, perdessem até um pouco do respeito, que é tão necessário para os profissionais. Muitas mulheres, porque o maior número de alunos nesses cursos, ainda é constituído por mulheres, vinham fazer as licenciaturas sem muita noção do que eram, só para poderem sair de casa, numa tentativa de mudar um pouco suas cabeças. Isso tudo, fez com que esses cursos se tornassem basicamente, cursos femininos, com uma discriminação muito grande da ala feminina, ou seja, o homem ficou discriminado nesses cursos. Até hoje isso acontece, a grande maioria das atividades nos cursos, ainda são atividades voltadas para as mulheres, cheias de detalhes, enfeites.

Depois de passar por todas essas mudanças, percebemos que é preciso redefinir o papel do educador, do profissional da área de ensino, e para que isso

aconteça, nós temos que trabalhar muito a formação nossa como professor em sintonia com as novas propostas de ensino, precisamos parar de achar que quem tem diploma de curso superior, curso de especialização, mestrado, já serve para dar aulas. Para dar aulas, eu acredito ser indispensável, fazer curso específico, licenciatura. Isso é muito sério. Se discute muito sobre dom, que já nascemos aptos ao magistério, mas a competência é outra história, é construída e re-construída diariamente, através da formação permanente, da leitura diária, de abertura, de quebra de paradigmas, de não levar verdades prontas e acabadas, mas se abrir às discussões, à dialética da própria vida.

Infelizmente, percebo que nossos professores ainda estão muito aquém disso tudo, eles vão depositando, endeusando linhas e teorias educacionais. Até autores críticos e que já foram consagrados, estão sendo interrogados. Temos que trabalhar hoje no campo do ensino, buscando o campo das possibilidades e não das verdades absolutas, pois se o mundo moderno que foi o mundo da centralização, do eu, do cartesianismo, de tudo centrado no eu no mundo contemporâneo atual, que alguns chamam de pós-moderno, está pedindo que a gente descentralize. Hoje, é preciso somar esforços, conjugar valores, pois estamos sendo constituídos diariamente e, como professores, estamos sendo dia-a-dia, nunca estamos prontos. Graças a Deus, as informações desinstalam a gente das supostas seguranças que nos são colocadas. Por tudo isso eu mudei muito a minha sala de aula, hoje eu procuro ter uma posição de escuta, de análise do discurso enquanto fala.

Pensando no que sou e faço, afirmo seguramente, que se fosse para escolher novamente ser professor/educador, eu escolheria. A riqueza que adquiri, a bagagem histórica, os relacionamentos ricos e proveitosos, ninguém me tira isso. Até poderia afirmar que, seguindo o discurso religioso, se houvesse, o que eu não acredito, reencarnação, eu voltaria e pedia para ser professor.

Refletindo sobre a profissão de professor no Brasil, eu diria que o que mais me desagrada é a alienação nossa enquanto professores. Muitos de nós ainda acham que o magistério é um sacerdócio, o que para mim, é uma aberração. Penso que devemos sempre trabalhar como profissionais competentes, com direitos e, através de nossa competência teremos valor, não podemos abrir mão disso, não podemos ficar miseráveis da cultura, criticando o sistema. Outra coisa que me chama a atenção é que não somos um grupo ético, somos uma classe desunida, que em determinadas situações vemos o outro não como colega e sim como inimigo. Muitas vezes em reuniões nos silenciamos, escolhemos o que vamos falar ou para quem falar e isso me desagrada muito. Penso que ainda não aprendemos a discutir os problemas sem ferir e nos ferir. Se falamos a verdade, o outro se isola, muitos não sabem distinguir o que é pessoal do que é profissional. Tenho observado que em várias reuniões, ficamos lá sentados, escutando os outros falarem e depois, fazemos o que se pediu, mesmo sem concordarmos. Isso é muito negativo, é alienação mesmo e desde quando eu entrei na profissão, observo isso acontecer. Hoje, até estão valorizando um pouco os títulos que obtemos, estamos valendo pela quantidade de títulos e não pela qualidade do que somos, só que o sistema precisa é de qualidade. Por isso é que todo mundo está correndo atrás dos títulos.

Também tenho uma grande preocupação com a nossa falta de consciência política. Nós não temos consciência política, não sabemos aonde levar nosso barco, ele é levado pelas ondas do outro. Se muda o governo, a gente cai para aquele lado do governo, muda o secretário a gente cai para aquele lado do secretário. Somos um barco a navegar, nas palavras do poeta, “navegar é preciso, viver não é preciso”.

Não podemos deixar de mencionar as coisas boas que existem na nossa profissão, é claro. A melhor coisa é a troca de experiências, o aprendizado que adquirimos a cada turma nova que entramos. Alguns aprendizados são doloridos,

mas não deixam de ser aprendizados. Olhando para o passado, percebemos que mesmo devagarinho, a realidade está mudando e que de alguma forma, contribuímos para essa mudança, apesar de não ficarmos registrados na história dos heróis da educação e nem nos medalhões, mas fizemos alguma coisa. Eu me sinto feliz nesse aspecto, e o mais gostoso é quando você esbarra com pessoas que dizem terem sido nossos alunos, isso fortalece a gente. Com relação ao problema econômico, ao salário, eu me eduquei a viver com pouco salário, só que não aceito o pouco salário, tive de me educar ao não consumismo, aprendi a selecionar minhas opções em função do que ganho como professor. Acho que isso foi muito positivo para mim.

Ser professor é ser uma pessoa sem fronteira. É estar sempre na frente do limite. Às vezes eu sou visto como um rebelde, já tive colega que me falou que eu estava falando demais, que se continuasse assim iria ser mandado embora. Busco sempre estar, me atualizar, e isso, faz com que muitas vezes, quando sou convidado para reuniões e palestras, os assuntos apresentados já não são novidades para mim. Então, acho que ser professor é trabalhar no campo das possibilidades, estar construindo e desconstruindo ao mesmo tempo e, nessa desconstrução eu estou surgindo novamente como ser presente nessa realidade. Hoje não afirmo que mais nada é verdade, eu já afirmo que existem possibilidades, que tudo é questionável. Me tornei um questionador e me deixo questionar.

Sempre em minha vida, tive a preocupação de conciliar a família, a escola e as minhas atividades pessoais. Tentei não anular nenhuma das partes, mantive o equilíbrio de gostar da vida, gostar dos amigos, dos meus ambientes, de ter a minha vida particular, ter minha família, sem renúncias dolorosas. Acho que isso é muito importante para mim, porque tem muita gente que se anula em função da escola, conheço gente que até hoje não aprendeu a dirigir um carro porque ficou o tempo todo envolvido, fazia muitas projeções. Eu nunca fiz projeções, pelo menos eu acho que não.

Maria Magdalena de Castro Oliveira.

Entrevistada no dia 18 de novembro de 2004.

Nasceu no dia 08 de fevereiro de 1947 na cidade de Perdizes – MG. Casada, tem 2 filhos. Formada em matemática pela Faculdade São Tomás de Aquino de Uberaba e especialista em Cálculo pela Faculdade de Patrocínio. Trabalha no magistério há 37 anos e no UNIARAXÁ há 13 anos. Atualmente é Diretora do Instituto Superior de Educação do UNIARAXÁ.

Da minha vida escolar, eu me lembro bem. Fiz da 1ª a 4ª série na Escola Delfim Moreira. Lembro-me bem de todas as minhas professoras, do nome e da postura de cada uma. Na primeira série foi a dona Catarina Pereira Vale, até a dona Ilca na quarta série. Fiz o ginásio, naquela época era chamado ginásio, no Colégio São Domingos, seguido pelo curso Normal em nível médio. Toda a minha formação escolar e profissional, foi feita dentro de escola religiosa, escola dominicana.

Após o Ensino Médio, fiz a minha graduação em matemática, na Faculdade São Tomás de Aquino de Uberaba, que também é de dominicanas. A formação que tive, tanto a nível médio, como profissional e superior, foi ligada a uma formação católica, ligada às dominicanas.

Posteriormente, fiz minha especialização na cidade de Patrocínio, em matemática mesmo, na área de cálculo diferencial integral. Não tenho nenhuma formação pedagógica, eu tenho é a minha prática, o meu interesse e as minhas leituras.

Comecei a minha carreira no Colégio São Domingos, e depois seguindo para o Colégio Dom Bosco, que é um colégio salesiano, trabalhando lá por muitos anos, o que também me influenciou muito na minha atuação profissional. Trabalhei paralelamente, em escola pública estadual, mas, o comportamento e o trabalho foram os mesmos, tanto em escola particular, quanto em escola pública, não houve diferenciação, embora o sistema fosse outro. O profissional é formado de uma forma e ele não tem que variar sua prática de acordo com o lugar em que está. Sua prática deve estar de acordo com a sua formação.

Durante todo o meu período educacional e de formação, lembro com destaque de algumas atividades, principalmente na época do ginásio, atividades estas, culturais, que eram desenvolvidas em grupos de jovens, ligando o estudo ao desenvolvimento de trabalhos sociais. Trabalhávamos a parte cultural e a de assistência social, em alguns bairros da cidade. Naquela época existia o JEC, JOC, JUC, eu era do JEC – Juventude Estudantil Católica. Na União de Estudantes secundários de Araxá. Eu me lembro mais é dessas atividades extra classe, atividades que a gente se envolvia, independente do currículo.

Quanto ao currículo, eu me lembro bem é de 5ª a 8ª séries e do Ensino Médio. Algumas professoras que marcaram, ou pela exigência, ou pelo exemplo, como uma professora de latim, que era muito exigente e que depois foi minha professora de português também, me lembro de uma professora que era irmã dominicana, seu nome é Luciana, que trabalhava muito bem a prática extra-muros, a prática vivenciada. Já no curso Normal, uma coisa que foi diferente no Colégio São Domingos, é que lá só entrava mulher e nós tivemos um professor de Higiene e Puericultura, que foi o doutor Orlando, quando ele estava vindo para Araxá, e isso foi interessante porque tinha a visão diferenciada do médico. Lembro-me desses professores e desses detalhes, como por exemplo, a dona Filotéia e a irmã Aparecida, que foram minhas professoras de matemática. Mas, o meu gosto pela matemática não está ligado a nenhuma delas, pois eu gostava intensamente de

outras matérias, como por exemplo, português, que era boa tanto quanto em matemática. Portanto, meu gosto pela matemática não veio pela influência de professores.

O que me levou a ir para a área da matemática, foi em primeiro lugar a influência familiar, nós temos tendência para ciências exatas. Essa herança familiar pelas ciências exatas se conjugou com o fato de que ao terminar o curso Normal no colégio São Domingos, eu fui convidada para dar aulas de matemática no ano seguinte, só com o Ensino Médio, essa foi a primeira oportunidade. No mesmo ano eu já peguei aulas também, em escola municipal, que é a Escola Vasco Santos, que hoje é estadual, mas na época era municipal. Então, tive as duas coisas, o gosto e a facilidade pelas ciências exatas e a oportunidade que surgiu rapidinho. Tive a oportunidade de ir para a matemática, para a área da educação e me realizei no que faço, acertei em minhas opções.

Quanto a minha formação para o magistério, eu acho que tudo que estudei, o curso normal, me preparou bem para enfrentar a carreira no início. Apesar de ter me formado didaticamente para dar aula de 1ª a 4ª séries, eu nunca atuei nesse nível, não tenho afinidade com essa faixa etária. Então, a minha formação didática e pedagógica inicial, eu fiz para atuar de 1ª a 4ª séries, mas acho que a mesma vale para todos os níveis, foi uma boa formação, foi bom para o meu exercício profissional. Não foi suficiente, claro, mas me deu uma boa base. A formação que tínhamos no Normal daquela época, era muito mais uma formação para a vida, para o humanismo, do que propriamente para a profissão. Tinha também a formação para a profissão, mas a tônica maior era dada a formação da pessoa, porque se a pessoa for bem formada, ela consegue atuar bem em termos profissionais.

O que me influenciou a escolher a carreira de professora também, foi que naquela época, aqui em Araxá, a gente só tinha duas escolhas, ou fazer o colegial, que hoje é o Ensino Médio, ou fazer um curso técnico em Contabilidade na Escola de Comércio, ou o Curso Normal. Eu comecei a fazer um curso básico em Contabilidade, mas minha irmã foi para o São Domingos fazer o ginásial e depois o Normal, e eu decidi ir também. Nessa época não tinha a menor noção de que queria ser professora, mas, uma vez dentro do curso, me identifiquei como tal. Eu trabalhava junto às professoras como monitora, tanto que ao terminar o curso, já fui chamada para dar aulas na escola. Então, o que me influenciou na minha escolha profissional não foi a família, e sim o meu próprio percurso de vida. Aliás, eu sou a única professora na família.

Em nenhum momento da minha carreira, pensei em parar, em procurar outra coisa. Todo o tempo, tive a certeza de ter feito a escolha certa. Sei que sou capaz de fazer qualquer outra coisa, mas quis ficar como professora. Quando terminei minha graduação em matemática, tinha pensando em fazer engenharia, pois tenho dois irmãos engenheiros, mas aí vi que eu queria continuar na educação mesmo. Fiz a escolha certa, tenho certeza.

Quando comecei a trabalhar na Escola Vasco Santos, ela era municipal, como já disse, e depois foi transformada em Escola Estadual. Minha vida profissional foi construída em escola pública, tive esse privilégio. Minha carreira em escola pública foi inicialmente no Vasco Santos e depois na Escola Estadual Dom José Gaspar. Tenho as minhas aposentadorias, minhas carreiras, todas elas feitas numa única escola pública, o Colégio Dom José Gaspar, o que já é um grande privilégio. Também tenho a experiência da escola particular, que foi no Colégio São Domingos, Colégio Dom Bosco e Colégio Atena. Também estive na EMINAS, no seu início aqui na cidade. No ensino superior eu só comecei, quando deixei a regência no Estado, passando a trabalhar aqui no UNIARAXÁ, no curso de Matemática, com a abertura do curso. Também nessa mesma época, eu fui para a direção do Colégio Dom José

Gaspar e continuei como professora só aqui. Continuei como professora da UNIARAXÁ e diretora do Dom José Gaspar, até que me aposentei como diretora. Hoje, sou professora e diretora do ISE – Instituto Superior de Educação, no UNIARAXÁ.

Com relação a direção da Escola Estadual Dom José Gaspar, tudo aconteceu dentro do próprio sistema, não foi uma coisa planejada em minha vida. Em nenhum momento eu tinha pensado nisso, mas aí veio uma mudança no critério para indicação do diretor, que passou a ser feito através de concurso e eleição. O concurso media a competência através das provas e os três primeiros classificados iam para a eleição para medir a liderança. Depois disso tudo o governador indicava os eleitos. Na verdade continuou sendo indicação do mesmo jeito, só que ele considerava esses critérios de seleção antes de indicar. Nessa época então, o pessoal da escola, se articulou para fazer a mudança, e o grupo mais forte, o grupo maior, entendeu que eu deveria ser candidata. Pensei bastante, não era o que eu tinha planejado para minha vida. Tive que estudar tudo de pedagogia, toda a literatura ligada à parte pedagógica, tudo de legislação, pois como professora a gente não necessita profundamente desses saberes. Estudei tudo o que pude nos níveis municipal, estadual e federal, todo tipo de leis, minha formação era para ser professora de matemática e não diretora. A pessoa habilitada para ser diretor tinha a formação específica em pedagogia e administração escolar, mas a lei não impedia que quem tem licenciatura fosse diretor de escola. A diferença é que quem tem pedagogia e administração, entra com a pontuação alta nos títulos. Então, eu entrei porque a lei me permitia concorrer, sem ter nenhum ponto, sem contagem de tempo, tive que me sair muito bem nas provas. Isso foi muito bom porque eu cresci como profissional, tinha a visão de professora e passei a ter a visão da comunidade escolar como um todo, de todo o sistema. Foi super legal!

Quando comecei a trabalhar no UNIARAXÁ, em 1992, na primeira turma de matemática, foi o mesmo ano que comecei como diretora da Escola Estadual Dom José Gaspar. Foi um ano muito complicado, estava acontecendo uma mudança muito grande no Estado, as escolas estavam recebendo serviços que eram feitos pelas superintendências e eu em fase de adaptação em duas realidades diferentes de minha vida. Não foi fácil. No UNIARAXÁ eram poucas aulas, só uma turma, mas lá no Dom José a gente ficava de manhã, a tarde e a noite, sábado e domingo, todos os dias, para poder organizar do jeito que aprendi, do jeito que se parece com a gente. Foi muito difícil na época e eu pensei até em deixar as aulas da faculdade. Conversei com o João Rios, que na época era diretor da faculdade e devo a ele não ter deixado as aulas. Estavam acontecendo coisas que nunca tinham acontecido comigo, como por exemplo, a necessidade de faltar à aula, coisa que nunca tinha feito, para poder participar de reuniões aqui em Araxá e em outras cidades, com datas marcadas que eu tinha que cumprir. Muitas vezes tinha que chegar em cima da hora para as aulas, eu que sou de chegar antes e não atrasada! Lembro-me das palavras do João Rios ao me dizer que aquela era uma fase transitória, passageira, um período de adaptação, mas que depois tudo voltaria ao normal. Fique aqui na faculdade, graças a ele.

Em 1997 eu me aposentei como diretora no Dom José Gaspar, no final do ano. Aí eu fiquei só aqui na faculdade, como professora. Em 1999, a Auxiliadora assumiu a direção da FAFI e eu e o Venâncio viemos ajudá-la como voluntários, no que ela precisasse. O Venâncio muito mais do que eu, sempre pronto e a disposição e eu para o que fosse preciso, podiam contar comigo. Também neste ano, criamos a Coordenação de estágio, que era coordenada pela Auxiliadora e eu comecei a trabalhar nessa coordenação dos estágios, na Faculdade de Filosofia, que envolvia os cursos de História, Letras, Matemática e Pedagogia. Através desse trabalho, que envolvia toda a Faculdade de Filosofia, eu fui tendo a oportunidade de ir aprendendo

outras coisas dentro da realidade de instituição particular e dentro do ensino superior. Participei de muitos cursos, de projeto pedagógico, tudo ligado à instituição e através da Auxiliadora. Tudo isso me proporcionou um estudo permanente, não na área da docência, mas na área administrativa, que envolve o pedagógico, pois não existe o administrativo, o pedagógico e o financeiro separados. Tive e estou tendo a oportunidade de uma formação, mesmo que sem o título, em trabalhos que eu possa executar, que eu possa contribuir com a instituição.

Há algum tempo atrás, fui, além de diretora do ISE – Instituto Superior de Educação, coordenadora do curso de matemática, até que o Carlos concluisse o mestrado dele e assumisse essa função. Foi uma fase em que acumulei as duas funções, que foi muito bom, porque eu tive um contato maior com o aluno, passei a ser colega dos professores e não só diretora, fui colega do atual coordenador, o que foi uma ótima experiência. Só que não dá para conciliar a aula, a coordenação e a direção do Instituto.

Hoje, na direção do Instituto tem sido muito bom porque a gente tem conseguido fazer aqui o que a Auxiliadora tem orientado, o que é também uma coisa que procurei fazer no Dom José, que é trabalhar de forma compartilhada e cooperativa, não trabalhar de forma isolada e não competir dentro do grupo.

Fora isso tudo, a instituição é uma só, todo mundo têm que crescer junto, um que eu não ajudo a crescer, o que ele fizer de errado vai respingar em mim também. Então, nós trabalhamos, estamos conseguindo trabalhar dentro do ISE, dessa forma. É uma conquista, que não começou desse jeito, mas que hoje a gente conquistou, trabalhamos de forma integrada, não existe isolamento das licenciaturas dentro do ISE e isso é muito gratificante. A gente consegue planejar juntos, executar juntos, ajudar o outro, ceder espaço, até físico se for preciso. Tudo isso foi uma mudança que nos faz ver que estamos no caminho certo. Dentro de uma instituição, principalmente de ensino, a gente tem que garantir a integração.

Não consigo me ver como uma profissional desvinculada da pessoa que sou. Apesar de não ter ninguém na família que tenha a mesma profissão que eu, eu me sinto totalmente ligada à área da educação, embora eu não seja pedagoga, acho que tenho essa ligação por senso próprio, de acordo com a minha maneira de ser, com o trabalho que faço.

O atual momento em que estamos vivendo nas licenciaturas, com baixa demanda e muitas mudanças, acredito ser uma questão conjuntural e não pontual. O problema está ocorrendo em todo o país, e acredito, apesar de não ter pesquisado, mas pela minha própria vivência e experiência, que a primeira coisa é a falta de status do professor no Brasil. Antigamente ser professor tinha status, casar com professor era um bom negócio, hoje não é mais assim. A profissão do magistério perdeu status em vários níveis. Até que em relação ao salário, não acho que esse seja a principal questão, não acho que ganhamos mal, pois aqueles profissionais que realmente são bons, que tem vocação são bem sucedidos. O que precisamos é investir mais na nossa formação.

Mas, a história é cíclica. Tivemos época em que as licenciaturas estavam todas cheias, não só aqui, mas em todos os lugares. Hoje, estamos vivendo um processo inverso. Precisamos resgatar essa valorização do magistério. Penso que logo a própria sociedade vai sentir a necessidade do professor bem formado, a necessidade desses profissionais para a boa educação e, as pessoas vão ter que buscar a formação específica para o magistério. Aliás, num país em que existe tanto desemprego, na área de educação sempre existem vagas, não só para os bons. Acredito que vai haver uma regressão desse quadro de baixa procura pelas licenciaturas.

Aqui no UNIARAXÁ, especificamente, penso que a abertura de novos cursos foi um dos fatores que muito influenciaram na diminuição da procura pelas licenciaturas, pois não existiam outras opções, então, muita gente fazia faculdade para ser professor. Hoje, as pessoas estão podendo escolher, e muitas vezes as escolhas estão vinculadas ao status da profissão, que atualmente não tem valorizado a carreira docente.

Os nossos cursos de formação aqui no UNIARAXÁ, cresceram muito em termos de qualidade. Agora, as pessoas consideram como ponto negativo ou retrocesso, a redução da carga horária, ou duração do curso. Eu vejo o contrário. A formação não depende da duração do curso e muito mais da qualidade. Nossos cursos eram de três anos, passaram pra quatro, depois voltaram para três. Acho positivo, pois sendo mais rápido, a pessoa pode entrar no mercado e buscar a educação continuada, que hoje é tão valorizada e necessária.

No curso de matemática, que eu atuo desde 1992, passamos por vários currículos, depois, projetos pedagógicos. Elaboramos o nosso projeto pedagógico da matemática em 1999, que foi feito pelo grupo, de forma participativa, discutido, com um maior envolvimento do grupo. Depois, esse projeto foi alterado, procurando melhorá-lo mais. Nessa época seguíamos a linha que a legislação permitia, que era misturar a licenciatura com o bacharelado. O aluno saía mais ou menos bem na parte do bacharelado, para fazer uma pós-graduação na área específica, mas com uma formação deficitária na área pedagógica. Agora é ao contrário, ele tem que sair com uma boa formação na parte pedagógica, e conteúdos que precisam ser bem trabalhados. Se ele tiver uma boa base, tiver uma boa formação, o que não der tempo de fixar muito bem, ele pesquisa, porque eles também estão aprendendo a ser pesquisadores, a investigar, a procurar a melhoria.

O nosso atual curso, que começou a ser trabalhado em 2004, a ênfase maior é na formação do professor, não temos o bacharelado no curso de matemática. Temos as disciplinas da matemática, que são necessárias para a educação básica e para o ensino superior, pois o professor não deve ter só o que ele vai ensinar, mas sim, uma ênfase na sua formação geral de licenciado.

Se fosse para escolher hoje de novo ser professora, eu escolheria sim, por vários motivos. O primeiro é que eu sou realizada, é gratificante trabalhar na educação. Outro dado importante é a relação que a gente tem com as pessoas, sobretudo o adolescente e o jovem, porque eles são cheios de projetos e isso contagia a gente. O lado salarial também é bom, não tenho o que reclamar. Trabalho muito, mesmo depois de aposentada e isso é bom. Sempre trabalhei os três períodos, só nos últimos tempos que passei a trabalhar em dois, mas estou disponível para um terceiro se necessário for. Portanto, vejo só pontos positivos em minha profissão.

Uma única coisa que faria correção hoje, é o fato de conseguir separar um tempo para o trabalho e um tempo para a família, ou às vezes, para o lazer e para mim mesma. Só esse aspecto que eu corrigiria, pois fui profissional demais e muitas vezes minha família ficou com o mínimo.

A imagem que tenho como profissional é a imagem que meus alunos tem de mim, pois eles manifestam isso. Sou uma professora séria, exigente, mas ao mesmo tempo alegre, descontraída, que não briga por qualquer coisa, calma, que tem ponderação para tratar das questões. Sou exigente e séria, mas ao mesmo tempo, deixo o aluno a vontade para se manifestar.

Quanto aos sonhos que tenho, vou me ater mais aqui ao UNIARAXÁ. Sempre acredito que vai melhorar mais, não acho que as coisas piorem. Quando vejo alguma coisa que não está bem hoje, acredito que a tendência é sempre melhorar. Com

relação ao meu trabalho no ISE, eu vejo que as licenciaturas vão continuar, pois elas são necessárias, o professor é necessário, toda instituição precisa ter a formação de professores. A demanda ainda vai ser baixa, mas ela pode ser revertida, daqui a algum tempo.

Vejo nosso caminho aqui no ISE como se tornando um Centro de formação regional de professores, trabalhando a formação continuada, a educação continuada dos professores da região. Já estamos trabalhando com cursos de extensão em nível de pós-graduação. Nosso maior espaço, enquanto Instituto de Educação é ser um Centro de formação de professores.

Pedro Eustáquio de Andrade.

Entrevistado no dia 08 de dezembro de 2004.

Nasceu no dia 08 de agosto de 1945, na cidade de Carmo do Paranaíba, MG. Casado, tem dois filhos. Formado em História pela UFMG. Trabalha no magistério há 42 anos e no UNIARAXÀ há 20 anos. Trabalha as disciplinas de Introdução aos Estudos Históricos e História do Brasil e é coordenador de Prática de ensino de História.

Iniciei minha vida escolar na cidade mineira de Carmo do Paranaíba, num grupo escolar chamado Winston Churchill. Era complicado escrever o nome da escola. Carmo do Paranaíba, uma cidade do interior mineiro, onde nasci, que era mais parecida com uma roça. Muito mais rural do que propriamente urbana, com uma população muito carente, a maioria que freqüentava a escola não possuía calçados.

Nessa escola, a gente aprendeu as primeiras letras. Lembro-me que quando comecei a ler, tinha uma famosa lição: Lili, um cartaz como recurso didático e uma menina muito bonita ; americana naturalmente. Seus sapatos eram maravilhosos e as meias idem. Isso me marcou muito, porque a nossa realidade era muito dura; tínhamos uma vida difícil muito diferente da Lili. Acho que nosso saudoso Paulo Freire tinha razão, nossa realidade, tão diversa, um país de dimensão continental, não pode padronizar o ensino. Há que se respeitar a diversidade cultural. Há que se respeitar as condições sócio-culturais. Sem dúvida, precisamos nos voltar mais para a realidade de cada região, cada lugar que ensinamos. Mas, mesmo assim era gostoso, tenho uma saudade enorme das minhas professoras do grupo, todas elas excelentes!

Minha professora do terceiro ano primário foi a minha grande fonte de inspiração, até hoje. Além do carinho que ela tinha com a gente, era uma professora sensacional. Lembro-me dela com alegria.

No ginásio, estudei numa escola particular, também em Carmo do Paranaíba e tive excelentes professores, como também, péssimos. Considero-me um privilegiado, porque, apesar desses professores não terem formação específica (na época isso era muito difícil), tive a oportunidade de conviver com pessoas extremamente competentes, verdadeiros profissionais. Apesar de não terem tido a oportunidade de fazer uma licenciatura, abraçaram o magistério com muita dedicação, com muito amor e isso sem dúvida, foi muito importante para minha formação.

Saí do Carmo muito novo e fui para Uberaba, onde me matriculei no Colégio Diocesano, um colégio excelente. A partir daí, a minha vida ficou meio tumultuada, como estava tumultuada a minha cabeça. Eu não sabia o que iria fazer, que rumo seguir. Área de Humanas, talvez. Debatia-me entre a sociologia, a antropologia e a história.

Fiz o primeiro científico no Diocesano. Depois, me transferi para um colégio, fazendo o 2º clássico e depois resolvi me mudar para o Rio de Janeiro. Lá, fiquei um ano. Depois, fui prestar vestibular em Belo Horizonte, na UFMG, onde fiz o meu curso de História. Durante todo esse período de mudanças, tive a oportunidade de conviver com muita gente competente e dedicada ao magistério.

Sou de uma geração que conviveu com a Ditadura Militar, um período de autoritarismo. Especialmente na universidade, que comecei em 1967, período áureo da repressão, participava de movimentos estudantis. Cheguei a fazer parte de entidades estudantis em Carmo, Uberaba e depois na UFMG. No primeiro ano de

faculdade, fui presidente do centro de Estudos Históricos da UFMG e, naturalmente, esse cargo tinha um vínculo político. Nessa época, a repressão era muito grande, nossa faculdade foi tomada várias vezes pelas forças militares, mas felizmente consegui sair ileso. Passei alguns “apertos”, naturalmente, porque participei de várias passeatas. Éramos organizados, soube me defender e conviver com esse período.

Naturalmente tinha ideal, batalhei por ele. O sonho de uma vida mais digna e menos cruel para nosso povo. Liberdade, democracia e justiça social. Foi um momento marcante na minha vida de estudante.

Desde a minha adolescência, era leitor assíduo dos folhetos do Francisco Julião, que foi o responsável pela criação das Ligas Camponesas. Também li muito Marx na minha juventude. Toda influência era esquerdista, sem dúvida, na faculdade especialmente. A maioria dos professores de concepção marxista. História marxista era a bola da vez. A História dos vencidos. Autores como Caio Prado Júnior, Celso Furtado, José Honório Rodrigues, muito me marcaram, essa foi a minha tendência.

Tem algumas coisas engraçadas na vida da gente. Nunca fui um aluno brilhante, mas também, nunca fui um aluno ruim. Sempre fui bastante dedicado, estudei muito. Acredito que muito da minha formação se deveu a grandes professores que tive. Na universidade especificamente, tive professores excepcionais e, a leitura que era feita no ambiente escolar foi fator fundamental em minha formação. Nunca fui de fazer muitas anotações em sala de aula, de seguir muito à risca aquilo que o professor trabalhava na sala de aula, as famosas “receitas de bolo”. Sempre questioneei as respostas prontas, as verdades absolutas. Procurei, através da orientação dos bons professores, uma complementação da minha atividade estudantil, fora dos bancos escolares.

Quanto a professores que me marcaram, tive uma grande professora, que foi a minha mãe – formada em Belo Horizonte (isso era o máximo!...) sem dúvida a grande motivadora. Também me lembro da minha querida professora do 3º ano primário, D. Neiva Santana, a grande paixão. Ela é viva, mora atualmente em Goiânia.

Dos professores do 2º grau, tenho lembranças do professor Osvaldo, chamado por todos de “Osvaldão”. Ele era irmão marista em Uberaba, sério, exigente. Costumo dizer para meus alunos, que me lembro exatamente daqueles professores que mais cobraram, mais exigiram e não dos “bonzinhos” que passam a “mão na cabeça”.

Na universidade, onde a coisa “corria mais solta”, eu tive excepcionais professores, como José Olegário, Durval Antônio Pereira, Amaro Xisto de Queiroz, Daniel Valle Ribeiro, José da Paz Lopes, Ana Maria de Moraes e, particularmente, um professor, um dos maiores poetas da atualidade, Afonso Romano de Santana, a quem devo muito também.

Sobre a minha vida de professor, a primeira aula que dei, foi aos 15 anos. Era aluno do 1º ano científico, lecionei num curso de alfabetização de adultos. Nessa época, o meu professor de história no Colégio Diocesano, convidou-me. Apesar da insegurança, foi ótimo!

Lembro-me perfeitamente da aula que dei: “O nativo brasileiro”. Foi muito legal. Saí entusiasmado da sala, tive a percepção de que gostava daquilo. Eu me preparei muito, fiz o plano, mostrei ao meu professor para ver se ele aprovava. Desde esta época, aprendi que dar aula, significa preparar, ter um projeto, um plano de aula. Foi muito gostoso!

Depois, quando entrei na universidade, no meu primeiro ano, comecei a lecionar, fui indicado por três professores meus do primeiro ano. Nessa época, tinha

uma carência muito grande de professores, fui trabalhar com os alunos que faziam o ginásio na época, o Fundamental hoje, numa escola de periferia em Belo Horizonte. Lá tive uma experiência marcante, no colégio Claudomiro de Carvalho, que hoje faz parte da rede Objetivo. Foi ótimo. Lá trabalhei um ano como professor e no segundo ano passei a dirigir esse colégio. Tinha 19 anos. Foi um grande desafio. Aprendi muito. Fiquei nesse colégio por 4 anos, até me formar.

Além desse colégio, em Belo Horizonte, trabalhei em cursinhos, trabalhei na rede particular de ensino, no Colégio Assunção (apenas de meninas e ricas), trabalhei na rede Pitágoras e fui estagiário na UFMG, de História do Brasil, com minha grande professora: Maria Efigênia Lage Rezende, grande historiadora.

Assim que terminei meu curso, transferi-me para Carmo do Paranaíba, já concursado pelo Estado e comecei a trabalhar no Colégio Estadual e na Faculdade de Filosofia de Patos de Minas. Nesta época casei-me com Maria Celeste, também professora e minha colega de turma.

Em Patos de Minas, trabalhei por 12 anos. Inclusive, no último ano, já morava em Araxá. Recebi uma proposta muito interessante para continuar em Patos, mas tinha outros interesses em Araxá. Teve um período em que trabalhei simultaneamente, em Patos e Patrocínio, sendo que em Patrocínio, só 3 anos. História do Brasil, sempre foi a grande paixão, como também a Cadeira de Introdução aos Estudos Históricos. Em Araxá, acabei assumindo também, a Prática de Ensino. Sou muito realizado em minha profissão, sou apaixonado pela História, e pela minha profissão. Tenho outra atividade, trabalho no ramo empresarial de transporte, que me consome grande parte do meu tempo, mas a sala de aula é para mim uma senhora terapia. O magistério foi e continua sendo minha verdadeira profissão. Sou professor por convicção, formação e bem querer.

Penso que tive muita sorte em me casar com uma professora também. Foi muito gratificante e fácil conciliar nossa vida pessoal e profissional. Minha esposa/companheira, além de ser uma pessoa de extrema competência, tem os mesmos interesses que eu. Acho que isso facilitou muito nossa convivência, nossa vida particular, familiar e profissional. Procurei fazer da escola, uma extensão daquilo que é a minha vida, não consigo separar as duas coisas.

Acho que tive uma grande vantagem, ter começado a trabalhar logo no primeiro ano de faculdade, isso me ajudou muito porque fui conhecendo a realidade escolar, ainda muito novo, o que me deu oportunidade de fazer a ponte entre a teoria e a prática. Isso foi fundamental. Acho a sala de aula uma coisa extraordinária. Confesso que é na sala de aula que a gente mais aprende.

Tive alunos excepcionais, excelentes, como também, alunos que não tinham a mesma capacidade. Mas o que nos deixa mais satisfeito, sem dúvida, é quando você pega um aluno que tem um monte de limites, e você consegue fazer com que esse aluno melhore em todos os sentidos, a começar pelo português, que passe a entender, a interpretar um texto. Acho isso a coisa mais gratificante para um professor.

Tratar os alunos de maneira uniforme é “balela”. Cada um é um. É claro que tem aluno que precisa mais de você, e têm alunos muito bons, prontos, que tiveram uma boa base. Tratá-los igualmente é desigualmente injusto.

No UNIARAXÁ, a realidade não é diferente do restante do Brasil, infelizmente pegamos alunos despreparados, fracos, e o grande desafio da nossa profissão, no meu ponto de vista, é exatamente esse, conseguir fazer com que esses alunos aprendam alguma coisa, saiam melhores, e muito, do que quando entraram na faculdade. Se conseguirmos fazer alguma coisa nesse sentido, de melhorar suas condições intelectuais, acredito que estamos cumprindo nosso papel. Por outro lado,

entra gente muito boa também. Esses devem sair melhores, é claro. Heterogeneidade como em qualquer lugar.

Hoje, com todos esses anos de profissão, fico pensando na primeira aula que dei. Mesmo não seguindo carreira desde aquele momento, pois só fui assumir a minha profissão aos 18 anos, no primeiro ano da faculdade, nunca mais parei. A escolha pelo magistério, acredito, tem muito a ver com a minha mãe, já disse. Também acho que quando estudava, fazendo trabalhos em grupo, já gostava muito de história, de geografia, de línguas. Também, sempre tive muita facilidade para escrever e me comunicar. Trabalhei em rádio, acho que tudo isso, ajudou.

O que desagrada na minha profissão é o descrédito, o demérito que a sociedade tem para com ela. É com tristeza que digo isso, sempre lutei muito, contra esse descrédito. O professor passou a ser “saco de pancadas”. Fico mais triste ainda, quando ex-professores que assumem outra profissão, por motivos econômico-financeiros e passam a desmerecer nossa profissão. Isso me deixa muito triste!

O que agrada é o retorno que o aluno lhe dá. É quando os objetivos propostos são atingidos, quando você é questionado, quando você percebe que fez o aluno pensar, quando você percebe que o aluno se interessou pelo seu projeto de trabalho, quando o aluno lhe dá o retorno de leituras feitas e apresenta novas propostas de discussão, quando você sai da sala de aula mais alegre do que entrou.

Uma coisa eu acho fundamental, saber usar vários recursos para uma aula, saber começar uma aula, não oferecer respostas prontas, fazer o aluno pensar. Fico muito feliz quando, especialmente aquele aluno que tem dificuldade, consegue expressar suas idéias.

Quanto ao problema que tem havido em relação às licenciaturas, não só aqui no UNIARAXÁ, mas em todo o Brasil, vejo com muita tristeza. Mesmo sabendo que não é uma coisa localizada, é preocupante. Se a gente pensar em outros cursos, como medicina, administração, economia, qualquer curso, onde é que estão os recursos didáticos? Quem são os professores? Onde está a sua formação? Reclama-se tanto da falta de didática. O que temos visto? Não conheço nenhuma universidade no mundo, que queira alçar vôos mais altos, que não tenha cursos de licenciatura, é uma condição “sine qua non”, para que essas universidades funcionem, para que sejam reconhecidas. Então, é com tristeza que vejo o que está acontecendo. Nenhum curso de formação de bons profissionais existe sem bons professores. Professores que tenham conhecimento de conteúdo e de práticas pedagógicas, que consigam fazer a ligação entre a teoria e a prática.

Precisamos nos organizar mais enquanto classe, nos unirmos, somar forças, participar de sindicatos. Precisamos acreditar e assumir a força que temos e que não enxergamos ter. Se formos medir em termos quantitativos, somos a classe que possui o maior número de membros, isso em qualquer lugar do mundo. Se você prestar atenção, em qualquer lugar desse país, qualquer lugarejo, qualquer povoado, você vai encontrar professores, pessoas que se dedicam ao magistério. Então, é uma questão de nos valorizarmos mesmo. Uma coisa que acho horrível, que nunca admiti, é ver alguns dizeres pelo Brasil afora, tais como: “Hei de vencer, mesmo sendo professor”. Isso é horrível, uma tremenda desvalorização de nós mesmos. Acredito que temos de vencer sim, mas sendo professores competentes, profissionais comprometidos, nisso acredito.

Se alguém me pedir para me definir como professor, diria que sou a pessoa mais satisfeita na vida por ter abraçado esta profissão. Mesmo estando com 37 anos de profissão, por enquanto não quero parar. Hoje me sinto muito mais maduro, minha cabeça é muito melhor. Gostaria de deixar bastante claro, a minha alegria por ter abraçado o magistério. Sempre entrei na sala de aula alegre e, na maioria das vezes,

saí sorrindo muito mais. Tenho o maior orgulho dessa profissão, acredito nela, e tenho a certeza de que saberei o momento certo de parar. Mas, no dia em que der a última aula, sem dúvida, esse vai ser um dos mais tristes da minha vida.

Sempre tive um carinho muito grande por meus alunos, pouquíssimas vezes tive algum desentendimento, algum atrito com aluno. Não que eles não existam, mas quando existiram, até que foram bons, tanto pra mim, quanto para o aluno, tenho certeza disso.

Há pouco tempo, encontrei-me com um ex-professor, que já esteve aqui no UNIARAXÁ algumas vezes, o professor José da Paz Lopes e ele me perguntou, quantas vezes que eu já tinha sido paraninfo ou patrono dos meus alunos de história. Eu nunca tinha pensado nisso, e então fui ver que tinha sido paraninfo ou patrono de todas as turmas de formandos em história. Sou um privilegiado, sou bem aceito pelos alunos tenho consciência disso, acho que é por essa razão que dou aulas até hoje, dar aulas é a grande realização da minha vida. Estar na escola, na sala de aula sempre me deixou muito alegre.

Gostaria de dizer aos verdadeiros profissionais, aqueles que realmente amam o magistério, para que a gente continue sempre lutando contra as injustiças, o desânimo. Acho que nenhuma pessoa nesse mundo deve aceitar rótulos, principalmente o professor. Quem não os teve? Quem não os tem?

Vale lembrar também, que aqueles que amam o magistério, que não são professores por “bico”, que não “deixem a peteca cair”, que se unam enquanto classe. Não fica bem para nosso país, e nosso povo que toda hora diz que a educação é a saída, que a educação é o caminho. Há que se valorizar o professor com dignidade, respeito e salário. Sei que é difícil, resgatar nossa dignidade e reconhecimento. Mas tenho certeza de que isso depende de nós mesmos. Que todos peguem essa bandeira e não aceitem esse descrédito. Que a gente lute com vontade e força para não permitir que isso continue acontecendo.

Luíza Elena de Castro Rios.

Entrevistada no dia 13 de dezembro de 2004.

Nasceu no dia 08 de maio de 1938, na cidade de Araxá, MG. Casada, tem 4 filhos. Formada em Letras e Pedagogia pela FAFI, hoje UNIARAXÁ, com mestrado em Lingüística pela UFU – Universidade Federal de Uberlândia. Trabalha no magistério há 27 anos e no UNIARAXÁ há 23 anos. Atualmente é coordenadora do curso de Letras nesta instituição.

A minha formação escolar começou em casa. Eu morava na fazenda e comecei a ter aulas com a minha irmã. Ela me ensinou a escrever o nome, me ensinou as primeiras letras e eu comecei a ler através de um método que não seguia nem a cartilha, nem o método global, porque ela não tinha uma formação de professora. Era mais improvisado.

Depois, quando eu vim para a cidade, fiz o primeiro e o segundo ano num ano só. Estudei um semestre fazendo a primeira série, e no outro, a segunda série, numa escola particular que também não seguia os métodos chamados “modernos”, nem tinha aquela seqüência como as escolas públicas ou outras escolas particulares, era um método quase que artesanal.

Logo em seguida, entrei para o Colégio São Domingos para fazer a terceira série. As irmãs acharam que eu não ia conseguir acompanhar o ritmo, porque eu havia estudado dois anos em um. Mas, a pedido da minha tia, elas resolveram deixar eu entrar e ficar em período de experiência, o qual consegui vencer bem. Fiz a terceira série e assim, continuei no Colégio São Domingos até a oitava série, quando interrompi meus estudos e voltei para a fazenda.

Só mais tarde, já depois de casada, e já tinha as minhas duas primeiras filhas, eu retomei os meus estudos, entrei para o Colégio Normal, que era o Colégio Jesus Cristo, e fiz o magistério. Depois, eu fiz faculdade, o curso de Letras. Também fiz Pedagogia. Depois de me formar, fiquei uns tempos sem estudar e novamente, voltando aos estudos, entrei no mestrado em Lingüística, na UFU – Universidade Federal de Uberlândia, trabalhando com análise do discurso.

Fiz o meu curso superior na segunda turma do UNIARAXÁ, antes FAFI e hoje UNIARAXÁ. Gostei muito do curso, os professores eram muito bons, tive uma boa convivência com as colegas, enfim, foi um período muito bom. Estudávamos tanto língua como literatura.

Como eu já trabalhava nessa época, dava algumas aulas à noite também, às vezes tinha que faltar de aula. Fui contemporizando isso da melhor forma possível, algumas vezes faltando em Língua Portuguesa, outras em Didática, até que me formei.

Depois de formada em Letras, fizemos um estudo intensivo de Pedagogia, aproveitando as disciplinas básicas do curso de Letras, obtendo o diploma em Pedagogia também, que depois foi complementado com a pós-graduação em Didática do terceiro grau. Fiz também pós-graduação na área de Letras, antes de ir para o mestrado, uma em Franca em língua e seus enfoques e outra em língua portuguesa na UFU. Sempre gostei muito de ler e aproveitava as leituras que sempre me deram uma base, um fundamento para os meus estudos. Sempre tive preferência por língua. Não que não goste de literatura, mas prefiro os estudos lingüísticos.

Quando eu vim da fazenda para a cidade, para estudar, fiquei interna no Colégio São Domingos, ou na casa das minhas tias. Quando meus pais vieram pra cidade, eu tive vontade de trabalhar, mas como não tinha o magistério, comecei

como monitora em uma escola, o Jardim de Infância Chapeuzinho Vermelho. Nessa época, estive em Belo Horizonte fazendo um curso no Instituto de Educação, mas apenas como ouvinte, pois era exigido o certificado de conclusão do magistério. Mas mesmo assim, foi uma experiência muito rica, aproveitei muito, me lembro das aulas com a dona Nazira Abi-Saber e outras professoras. Continuei trabalhando na escola Chapeuzinho Vermelho até quando me casei e parei de estudar, só retomando meus estudos novamente, para fazer o magistério, quando já tinha minhas duas primeiras filhas.

Durante o meu curso normal, que foi feito em três anos, às vezes eu dava algumas aulas substituindo professores que se afastavam, como também dava aulas particulares. Assim que eu me formei, recebi um convite para trabalhar na Escola Estadual Dom José Gaspar, como professora de Português, para os alunos da 6ª série. Também comecei a trabalhar na Escola Jesus Cristo, com português, para a 7ª e 8ª séries. Daí em diante, não parei mais de trabalhar.

De vez em quando, eu fazia algumas substituições em escola particular, outras em escola pública, até que passei a me dedicar realmente à língua portuguesa. Comecei como professora de língua portuguesa na Escola Estadual Vasco Santos, onde trabalhei por vários anos. Nesse tempo eu fiz um curso de Orientação Educacional e então, comecei a trabalhar na Escola Estadual Delfim Moreira. Após uma doença que tive e a uma cirurgia que me submeti, deixei a regência, porque estava me cansando muito, exonerei do cargo de professora de língua portuguesa e transferi todo o meu tempo para a orientação educacional, ficando apenas no Delfim Moreira, onde me aposentei nesse cargo.

Nessa época, quando já estava mais restabelecida do meu problema de saúde, comecei a trabalhar na EMINAS – Escola de Minas de Araxá, hoje CEFET – Centro Federal e Tecnológico, e também na faculdade, hoje UNIARAXÁ. Entrei na faculdade como professora, no ano de 1973, dando aula de didática, passando depois a professora de Língua Portuguesa e Lingüística, que trabalho até hoje. No UNIARAXÁ trabalhei com língua portuguesa, Gramática Histórica, Língua Latina, Metodologia do ensino da Língua Portuguesa. Já trabalhei nos cursos de Letras, Pedagogia e Normal Superior e hoje, estou na coordenação do curso de Letras, depois que fiz o mestrado nessa área.

Com relação ao mestrado, quando eu comecei como aluna especial, eu me sentia um pouco fora do contexto, porque todos os meus colegas, bem mais novos do que eu, tinham acabado de sair da graduação. Eles sabiam muito bem inglês ou francês, e alguns já eram alunos do grupo de estudos da UFU. Eles tinham muita facilidade e eu me sentia um pouco retraída, um pouco acanhada, diante da participação deles, do conhecimento deles. Mas, aos poucos, fui me entrosando, como também tive um incentivo muito grande de todos os professores e dos meus colegas, que passaram a ter um carinho muito grande por mim, sempre me passando informações, sempre me auxiliando. Aos poucos, com a leitura que fazíamos, realmente a leitura no mestrado é muito intensa, dos vários textos, das experiências vividas, eu fui adquirindo um conhecimento maior, fui ficando mais firme, fui sentindo segurança. Também acredito que essa dificuldade inicial se deveu ao fato de eu ter parado de estudar por um tempo, só estudando sozinha.

Com o mestrado, tudo renasceu e eu me dediquei profundamente. No princípio eu pensava em me dedicar à área de língua portuguesa, ir para a parte da gramática, mas depois, me interessei por um estudo novo, que é o estudo da análise do discurso, que achei muito interessante e, com o incentivo dos professores da área, resolvi fazer meu trabalho de dissertação trabalhando na análise do discurso. O meu recorte foi justamente aquilo que eu já vivenciava no UNIARAXÁ, que é o meu trabalho com a monografia, orientando os alunos, ouvindo as suas reclamações, ora

porque não queriam fazer a monografia, ora porque eles vão formar em licenciaturas e a lei não obriga fazer a monografia, só no bacharelado. Outras vezes, o aluno falava que o curso não trazia condições, não os preparava para a monografia. Vivendo essa realidade e sentindo a necessidade de estudá-la mais a fundo, entender essas falas, o porquê dessa rejeição dos alunos, eu fiz o meu trabalho. Trabalhei com eles colhendo seus depoimentos e nesse campo fiz a minha análise do discurso.

Além dos depoimentos dos alunos, eu trabalhei a matriz curricular do curso de Letras, as referências bibliográficas das disciplinas e a ementa das mesmas, observando como os professores estavam trabalhando o que era proposto. Tudo isso, junto com a matriz curricular, a linguagem dos alunos e as respostas que foram dadas em um questionário que apliquei, foi o meu campo de estudo. Foi um estudo muito trabalhoso mas muito interessante, e quando eu o terminei fiquei muito feliz pelo resultando conseguido. Também meus professores do mestrado, gostaram do meu trabalho e hoje eu estou realizada, mas ainda sentindo vontade de estudar mais.

Em alguns momentos da minha vida, quando eu passei a morar na cidade e comecei a estudar, às vezes eu me sentia como um peixe fora d'água, às vezes me sentia discriminada porque eu vinha da fazenda onde os hábitos e os costumes são diferentes dos alunos que moravam na cidade. Apesar de Araxá ser uma cidade interiorana, eu sentia isso, minhas colegas participavam da sociedade, se vestiam muito bem e eu me sentia um pouco retraída, não participava de festas, não visitava os mesmos lugares, não tinha as mesmas roupas. Sentia-me retraída, mas não quanto ao conteúdo, quanto ao conteúdo, eu nunca tive problema, só mesmo nos relacionamentos, mas eu sempre fui muito tímida, muito calada. Aos poucos, fui vencendo esses momentos e considero que eles fazem parte da minha experiência de vida, que depois, eu pude ser uma mãe que não deixou que se repetissem as mesmas coisas com meus filhos. Acredito que eles não sentiram as mesmas coisas que eu senti, vindo de uma família muito rígida, muito autoritária, como era a minha. Confesso que em alguns momentos eu me sentia perdida.

Quanto aos momentos de alegria, de felicidade, eu tive muitos. Tive a alegria de ser inclusive, aluna do meu esposo e brincava muito com ele, pois era muito rígido nas correções dos meus trabalhos, não permitia que eu errasse. Às vezes, ele contornava os erros dos meus colegas, mas dos meus ele tirava um percentual maior, pois considerava que eu deveria saber tudo, não podia errar. Foi uma alegria muito grande ter aprendido muito com ele, lembranças boas.

Outra coisa que me marcou também foi o fato de que quando eu voltei a estudar para fazer o magistério, eu já era mais velha, já era até casada, mas tive a sorte de estudar numa turma de jovens que me recebeu muito bem. Isso foi uma alegria muito grande porque eu voltei na juventude, que não tinha vivido tão bem. Com minhas colegas pude me sentir muito feliz, nem me lembrava da diferença de idade, me enturmava muito bem, fazia as mesmas brincadeiras, tinha as mesmas alegrias de sala de aula, os mesmos estudos, as mesmas festas, me sentia no mesmo pique que elas.

Quando penso no por que me tornei professora, acredito que não sofri nenhum tipo específico de influência na minha escolha. Claro que tem aqueles professores com os quais eu convivi mais e de quem gosto muito, eles são pra mim exemplos de vida. Eu sempre tive vontade de ser professora e aconteceu que ser professora pra mim, no meu momento de vida de esposa, de mãe, foi até mais fácil. A partir do momento em que eu comecei a trabalhar na escola eu passei a gostar e gosto tanto, que até hoje, já aposentada, ainda continuo trabalhando. Às vezes fico pensando: "Luíza, tá na hora de parar, você tem que dar lugar para os mais novos". Mas, como eu me sinto nova e renovada, eu continuo até hoje trabalhando.

Com relação a professores que me marcaram, que me serviram como modelo, eu tive vários professores em toda a minha vida acadêmica, professores muito bons. Mas, não sei se pelo momento, os que mais me marcaram, foi o meu professor orientador do mestrado, que pra mim é um exemplo de vida e os professores Mário Perini e Magda Soares Becker que me deram aula na especialização.

Minha vida profissional e pessoal estão totalmente ligadas, imbricadas. Meus filhos brincam muito comigo: “A mamãe tem mania de ensinar, a mamãe é aquela professora sempre, está sempre chamando a atenção, sempre falando o que deve e o que não deve ser feito, sempre lembrando”. Eu sempre fui assim com meus filhos, nunca fui de ensinar tarefas caseiras para eles, mas sempre me portei como uma professora dentro de casa, isso eu sei que sou, tenho essa mania de ensinar e de falar.

Relembrando sobre meu cotidiano escolar, minha formação, acredito que vivi momentos muito bons, alguns momentos de aperto, alguns momentos senti rejeição, mas momentos ruins, me lembro de um que nem sei se pode ser considerado assim, que foi quando eu terminei a quarta série do ensino fundamental, que era o antigo primário, eu adoeci e não queria fazer o chamado curso de admissão, queria entrar diretamente na quinta série. Mas por causa da doença, tive varíola, mesmo tendo sido vacinada, tive morre não morre e enfraqueci muito, só voltando a estudar no mês de maio. Por causa disso, eu não pude entrar no mesmo período que algumas colegas minhas, tive que fazer a admissão depois e com isso eu fiquei frustrada porque queria ter acompanhado minhas colegas. Fiquei um ano prejudicada por causa da minha doença mas é só isso que me lembro de ruim.

Agora, os momentos de alegria eu sempre os tive, como conseguir passar sem prova, terminar um trabalho, vencer os obstáculos, porque na realidade, eu lutei contra a doença, lutei contra a pobreza, lutei contra diversas adversidades da vida e mesmo assim, consegui dar a volta por cima e me formar. Então, todas as vezes que eu conseguia vencer uma etapa, eu me sentia realizada e feliz.

Com relação a minha atuação profissional, o que eu acho muito gratificante, é quando um aluno escreve um bilhete para mim, mesmo agora na graduação e dizem: “Dona Luíza, eu a admiro muito, tenho a senhora como meu modelo”. Não me vejo como modelo, mas me sinto lisonjeada, é claro, isso massageia o ego. Também, quando um aluno que eu sei que tinha muita dificuldade de aprendizagem, consegue aprender, que eu colaborei para isso, esse é o momento mais gratificante para mim.

Na minha profissão de orientadora, eu trabalhei com muitos alunos que precisaram de uma ajuda especial, tanto particular, como também com suas famílias, e quando a gente conseguia, nem que fosse um pouquinho da realização desse aluno ou dessa família, eu me sentia muito feliz. Acho que a felicidade não está só na gente, está muito mais nos outros. Então, quando a gente vê algum aluno que consegue realizar, que consegue defender aquele desejo dele, que consegue superar uma situação, isso me deixa feliz, isso é o mais gratificante em nossa vida de professora.

Na minha formação para professora, fazendo o magistério, acho que na época que eu o fiz, o curso nos preparava para as séries iniciais e eu trabalhei por um tempo muito curto nestas séries. Por gostar de trabalhar especificamente com língua portuguesa e mesmo tendo tido bons professores nessa área, eu estudei um pouco sozinha. Então, durante essa minha formação, eu não tive dificuldades com o conteúdo. As dificuldades apareceram ao longo da minha carreira, e uma das mais difíceis é a indisciplina de aluno. Também considero difícil, atender ao aluno, chegar até ele, conseguir com que ele construa o seu conhecimento. Levar o aluno a construir conhecimentos é uma tarefa árdua, muitas vezes eles querem que sejamos

mágicos, e eu acho que nós professores, não temos que ser mágicos, nós não somos mágicos, pois não adianta saber conteúdo, não é só o conteúdo que vai fazer o aluno aprender, construir.

Por tudo isso, é que acredito que tive bons professores, que me ensinaram a trabalhar com o aluno não só como um robzinho, mas um aluno que escreve, que aprende, que fala, que devolve conteúdo. Aprendi que a formação do aluno como um ser, um cidadão, é mais importante, e por causa disso tudo é que considero que tive uma boa formação.

Sobre a minha vida no UNIARAXÁ, me considero “peça de museu” do UNIARAXÁ, porque assim que eu me formei, em 1976, eu comecei a trabalhar lá, e estou até hoje. Estudei lá, ainda como FAFI, depois comecei a trabalhar, passando pelas mudanças para a FIAP – Faculdades Integradas do Alto Paranaíba e depois UNIARAXÁ – Centro Universitário do Planalto de Araxá, em 2002. Realmente, minha realização pessoal como professora, aconteceu dentro do UNIARAXÁ, eu me sinto muito bem lá, me sinto como se ele fosse parte da minha vida, como se fosse a minha casa, como se em cada momento ali dentro eu me realizasse como profissional.

Também, gosto muito dos meus colegas, e vejo o UNIARAXÁ num crescimento muito grande em todos os setores, com uma organização diferenciada e quando falo em UNIARAXÁ, eu me sinto muito feliz, sinto um carinho muito grande por todos os momentos lá vividos e por todos os momentos que ainda virão. Lá é a minha casa profissional, é onde eu me realizo como pessoa e como profissional.

Pensando nas licenciaturas, considero-as o ponto mais importante na formação do professor. Acho que todos os outros profissionais que vão dar aulas, deveriam passar primeiro pelas licenciaturas, porque elas são a base na formação de um professor. Mas, no momento, com essa diversificação de cursos, com a globalização, com as mudanças na economia, a licenciatura está realmente, vivendo uma fase de decaída. Vivemos um momento em que não estamos formando turmas, isso não só aqui, mas em todos os lugares. Acredito que a valorização salarial do professor também pesa, pois ele não está sendo valorizado como deveria. Sabemos que hoje em dia, a gente não trabalha em cima só de vocação, mas também em cima do profissionalismo, que entra na parte de valorização em todos os sentidos.

O professor no momento, não um professor universitário, que é minoria, mas um professor de ensino fundamental e médio, tanto de escola pública como privada, não está sendo valorizado e nem está recebendo pelo seu trabalho como deveria. Tudo isso está fazendo com que haja uma falta de professores no mercado, uma falta de interesse em se formar como profissional do magistério. As pessoas preferem fazer outros cursos, depois fazer uma pós ou até um mestrado e voltar para lecionar no ensino superior. Mas, no ensino infantil, fundamental e médio, há uma falta de interesse do professor em entrar na universidade para cursar licenciaturas.

Outra coisa que acredito, tem a ver com essa baixa demanda, é que a faixa etária das pessoas que precisavam entrar, para ter um título, para ter o seu diploma de graduação, não existe mais hoje. Hoje, nós temos os jovens que pensam diferente, pensam muito imediato, querem sair formados e já com emprego garantido, ganhando muito bem. Só que o professor ainda tem um campo de emprego muito bom, sempre se está precisando de professor. Acredito que em momento nenhum vai acontecer de a máquina superar o bom professor. Mas, o jovem não pensa assim, infelizmente.

Por tudo isso, as licenciaturas estão perdendo para o mercado de trabalho e para os outros cursos. Mas, como uma apaixonada pela licenciatura, eu continuo achando que todo estudante que vá dar aula, deveria primeiro fazer uma licenciatura,

mesmo que fosse só de dois anos, para depois fazer um curso específico. A licenciatura forma muito bem o cidadão, faz muita falta para a formação do ser humano.

Especificamente sobre as licenciaturas no UNIARAXÁ, eu acho que elas são muito bem trabalhadas, mas no momento em que estamos vivendo, está havendo uma redução tanto de demanda, como de trabalho para os professores, pois as licenciaturas não estão sustentando elas mesmas, são deficitárias e hoje as escolas são empresas, que não vêem com bons olhos as licenciaturas que não dão lucro, mais especificamente nas escolas particulares, como é o nosso caso. Mas, quanto a parte pedagógica, o UNIARAXÁ não deixa nada a desejar, nossos professores são muito bons, mestres e doutores, todos bem formados, todos interessados, trabalham com muito carinho e profissionalismo.

Hoje, pensando sobre toda a minha vida profissional, muita coisa mudou, os momentos são outros. Mas, deixando de lado as circunstâncias do momento, olhando mais a parte pessoal, eu escolheria ser professora novamente, porque eu amo o magistério, me sinto realizada. Acho que depois de tudo, não ficou nada a dever, eu me realizei e ainda estou me realizando, não só na vida profissional, mas na minha vida pessoal e até mesmo financeira. Sou uma pessoa que não fez fortuna, mas consegui ter uma vida boa, formei meus filhos e vivo bem, "graças a Deus".

Se fosse para eu me definir como professora, acho que fazer uma auto-análise é um pouco difícil, mas me considero uma professora, uma educadora, que tem bons princípios e que sempre tentou acertar. É claro que eu tenho os meus motivos, que as vezes não consigo atender a todos os anseios dos meus alunos, porque sou uma pessoa, as vezes, muito fechada. Acho que essa parte minha vem desde a minha educação e reconheço que me atrapalha um pouco no meu relacionamento com os alunos. Mas, a minha vontade de vencer, minha vontade de ser e o meu preparo, fazem com que eu me considere uma professora comprometida, uma educadora e, ao longo dos anos, acho que obtive uma bagagem bem grande através das minhas experiências.

Quanto a parte pessoal, a única coisa que eu ressaltaria que me faz sentir uma pequena frustração, é que eu poderia ter tido um relacionamento mais aberto com os alunos, reconheço que tenho um pouco de dificuldade nos relacionamentos.

Gostaria, mais uma vez, de reafirmar que durante toda a minha vida de professora, de educadora, eu procurei fazer o meu trabalho da melhor maneira possível e sempre me senti realizada, porque sempre gostei de trabalhar com pessoas. Nessa troca de experiência, podemos melhorar tanto a vida da gente, como ajudar que os outros melhorem suas vidas, que eles possam caminhar, possam fazer a sua construção. Por tudo isso, eu me sinto realizada e agradeço a Deus por ter me dado essa competência de poder trabalhar. E, cada vez que eu mudo dentro da minha profissão, ou de lugar, ou sendo professor, ou sendo orientadora, ou trabalhando com monografia, ou hoje, como coordenadora do curso de letras, eu acho que todas essas mudanças, todas essas experiências, só me fizeram crescer. Tudo foi gratificante, foram experiências que se somaram às minhas e que me colocaram a serviço do outro.

Eu acho importante poder trabalhar, não só para a gente, como profissão que precisamos, mas principalmente, poder trabalhar para o outro, poder cumprir a missão da gente. Acho que é uma missão que Deus me colocou e que eu não poderia ter trabalhado de outra forma que não essa que eu sempre me pautei. Eu sempre me pautei pela responsabilidade, pelo carinho, pelo amor aos outros, por amar sempre ao próximo.

Maria Celeste de Moura Andrade.

Entrevistada no dia 14 de dezembro de 2004.

Nasceu no dia 13 de março de 1949, na cidade de Belo Horizonte, MG. Casada, tem dois filhos. Formada em História pela UFMG, com mestrado em Educação pela UNIUBE – Universidade de Uberaba, doutoranda em Educação pela UNICAMP. Trabalha no magistério há 38 anos e no UNIARAXÁ há 20 anos. Trabalha a disciplina de Didática e Prática aplicada.

A minha formação escolar inicial foi no Colégio Sagrado Coração de Jesus, em Belo Horizonte, do qual tenho doces e amargas lembranças. Acho que tudo na vida é assim. Era um colégio de freiras alemãs, muito severas e muitas delas vieram para o Brasil fugidas da guerra. Eram denominadas de “Congregação das Servas do Espírito Santo”.

Naquele tempo a gente não fazia pré-escolar, não era comum, pelo menos numa família como a minha apesar de meu pai ser um homem de recursos, tinha dez filhos e o pré-escolar era um luxo a que poucas famílias recorriam. Meu pai ficou viúvo aos 36 anos, com seis filhos pequenos e se casou novamente, tendo mais quatro filhos. Era muita gente para receber casa, comida e escola.

Estudei no Colégio Sagrado Coração de Jesus, assim como minhas irmãs. Entrei no mês de março, com quase 7 anos e lá estudei, até a atual 8ª série, que naquela época era a quarta série do ginásio. Lá fiz minha educação básica.

Essas lembranças sempre mexem com a gente, ao lembrar a gente as revive, elas são importantes, nos trazem emoções, saudades, tristezas. Entrei para o colégio depois de duas irmãs já estarem lá. A minha irmã mais velha entrou logo que a minha mãe morreu, estava com 6 anos, logo seguida de minha outra irmã. Meu irmão estudou no Colégio Arnaldo, que era o colégio de padres. Havia essa tradição mineira das famílias católicas estudarem em colégios religiosos.

Quando eu entrei para o “Sagrado”, já havia uma fama das “Rubins” na escola (o sobrenome da minha mãe era Rubim), já havia aquela expectativa: “Ah, é a filha do sr. Raimundo, elas não têm mãe, mas são uns rubis”. Eu já entrei com aquela cobrança da tradição familiar, tinha que ser modelo, tinha que ser como eram as minhas irmãs, como verdadeiras jóias.

Hoje, tudo isso me faz pensar mais uma vez sobre como a gente é produzido por expectativas, falas, linguagens, que vão-nos constituindo como seres humanos. Nesse colégio eu fui sendo produzida, afinal tinha que ser esse rubi que era esperado, mas tinha as minhas rebeldias, as minhas vontades próprias. Acho que as escolas não conseguem nos produzir totalmente, a gente vai se construindo também por outras influências, outras maneiras de ver o mundo. Eu tinha os meus questionamentos religiosos, meus questionamentos quanto ao que era ensinado na escola, ao que era dito e cobrado, e, entre “trancos e barrancos”, fui sendo produzida por tudo isso misturado.

Tenho muitas lembranças da escola. A irmã Felicidade, que era coordenadora do antigo primário, tinha um cuidado especial comigo e minhas irmãs, porque já tinha sido recomendado pelo meu pai que era um pouco paizão. Bem, eu sempre amei ler, e essa relação com os livros me faz lembrar dois fatos, um na escola e um em casa. Por causa dessa adoração, na minha casa havia muitos livros, porque meu pai, mesmo não tendo graduação, (ele só fez o primário em casa, com o pai dele que era “mestre escola”, o que era comum naquele tempo) também amava os livros. Faço um parêntesis para dizer que minha bisavó e minha avó maternas

também eram professoras, uma de piano e a outra do grupo escolar. Mesmo não convivendo muito com esses avós, os assuntos escolares circulavam na minha casa. Contavam-me que meu avô escrevia peças de teatro para a escola, minha avó era professora e tocava piano, então a gente sentia que ser professor valia a pena, mesmo minha avó tendo sofrido muito pois ficou viúva muito jovem, numa cidade pequena e teve que conviver com aqueles “disse me disse”, de todo lugarejo. Acho que meus avós deixaram os genes relativos à escola para mim.

Voltando às lembranças da minha relação com os livros, havia muitos livros em minha casa, meu pai sempre gostou de comprar e de ler, ele era um homem muito informado. Só que, somente os livros de casa não me chegavam. Eu pedia livros para os colegas, levava livros da biblioteca da escola, acho que eu fiquei com escoliose de tanto carregar pasta carregada de livros. Quando a aula estava chata, cansativa, (isso era muito comum), eu ficava lendo o livro debaixo da carteira. Uma vez fiquei de castigo porque a irmã Felicidade me pegou com um livro debaixo da carteira, e aí ela fez aquele discurso: “como que uma rubi podia fazer aquilo?!”, desprezando meu gosto pela leitura, dizendo que a hora era imprópria. Eu fiquei de castigo na escola fazendo alguns exercícios, e ela proibiu as colegas de levarem livros pra mim. Foi muito engraçado, porque as colegas levavam os livros, só que me entregavam na saída e eu continuei carregando a pasta repleta de autores. Era uma conspiração.

Outro fato relacionado a livros, ao invés de diminuir meu amor por eles, só o fez aumentar, pois teve aquele clima de suspense, de expectativa. Minha madrastra não tinha o mesmo apreço pelos livros, não tinha a mesma história que eu, ela tinha sido criada numa cidade pequena, sem nenhum contato com eles, e desenvolveu uma relação meio que de poder com a posse deles. O meu pai comprava os livros e chegava com eles em casa e entregava para ela. Aí, ela trancava os livros e falava que não queria que a gente estragasse esses livros, que iria soltar um de cada vez. Para piorar a situação, a ordem de leitura era por idade. A minha irmã mais velha tinha que ler primeiro, depois meu irmão, depois a minha outra irmã, para só depois chegar a minha vez. Aquilo me dava um sofrimento tremendo. Então, o que eu fazia? Quando via um livro em cima de algum móvel, eu me trancava no banheiro para ler o livro todo, pra não ter que esperar até a minha vez de ler. E levava novos castigos por causa da leitura.

Outras lembranças interessantes, (acredito que não são meras coincidências), foi que eu tive uma professora, também coordenadora de curso do Colégio Sagrado, a irmã Dulce, que é tia do meu marido e que eu conheci muito antes dele, porque ela ficou fechada no colégio. Eu a conheci quando era criança e ele só a conheceu adulto, quando foi estudar em Belo Horizonte. Por causa disso, até hoje eu vivencio um pouco dessa congregação através dela, que mora no Paraná. No ano passado eu fui lá para o aniversário de 90 anos dela e, ficamos lembrando de muitas coisas da época do Colégio Sagrado, como é a escola hoje e como era naquela época. Fico me lembrando que lá, por ser um convento que formava as noviças, vivenciei muita coisa da formação das religiosas, mas que poderiam ser usadas para uma abordagem sobre como anda a educação hoje, como ainda existe até hoje uma metodologia bem tradicional, rígida, embora aparentemente aberta, que constitui as professoras, as freiras que ainda seguem essa carreira.

Meu colegial eu fiz na Escola de Aplicação da UFMG. Era uma escola muito concorrida, era como se fosse, como o próprio nome indica, um anexo da UFMG. Ficava ao lado da universidade e tinha uma concepção de educação completamente diferente. Tive que passar por um concurso sério para entrar nessa escola e felizmente consegui. Lembro-me que foi no ano de 1964, foram três anos de colegial. Eu escolhi o curso clássico, que naquela época felizmente existia, depois eles acabaram com ele, não sei pra quê, porque até a algum tempo atrás, a pessoa era

obrigada a fazer o magistério ou o antigo científico. Meu filho ficava irritado com isso, ele falava que não queria fazer o magistério e nem ter aulas de ciências exatas, não queria estudar física, química, matemática, isso não fazia o seu perfil, porque ele gosta é de ciências humanas. Na minha época a gente tinha a chance de escolher entre o científico e o clássico que tinha suas bases nas chamadas ciências humanas, essa dicotomia que ainda existe entre as disciplinas.

Fiquei fascinada pelo curso clássico, amei estudar na Escola de Aplicação, tive muitos professores que eram professores da UFMG, estudei muita história, geografia, estudei línguas – latim, espanhol, francês e inglês – estudei português em suas várias vertentes: literatura, redação e gramática histórica. Lembro-me que o curso era muito carregado no português. Estudávamos biologia e matemática também, e hoje sinto até falta de não ter tido um pouco de física e química. A escola era realmente fascinante, era um colégio antigo, caindo aos pedaços, mas havia muita riqueza lá, de trocas entre colegas, entre professores, eles levavam os alunos da UFMG para aulas práticas. Tenho lembranças do professor de latim, muito amado, apesar das enormes traduções de Ovídio e Horácio, que tínhamos que fazer. Ele conseguia contornar a aridez da matéria com brincadeiras. Ele tinha o apelido de “lâmpada GE”, pois era careca, não tinha nem um fio de cabelo e gostava de contar um caso que lembro com carinho: quando ele tinha ainda alguns fios, ia ao barbeiro e ele perguntava como ele queria que penteasse. Ele falava pra jogar quatro fios para um lado e quatro para o outro, depois três para um lado e três para o outro, até que ele ficou só com um fio de cabelo e o barbeiro perguntou como ele queria o penteado e ele disse que podia jogar tudo para trás. Eu achava deliciosas as histórias que ele contava com tanta simplicidade, um homem tão sábio, versado na língua mãe de tantas outras!

Matemática nunca foi o meu forte, mas eu gostei muito de um professor famoso em Belo Horizonte, o professor Clemanceau. Ele sempre organizava as aulas que começavam e terminavam com uma anedotazinha, ele humanizava a matemática, fazendo-me até gostar um pouco dela. Lembro-me das suas características físicas, ele era bem baixinho e às vezes chegava um pouquinho atrasado, acho que de propósito, para contar uma historinha pra gente. Ele falava: “Oh, eu cheguei atrasado, porque me sentei no meio fio pra esperar o ônibus e quando ele passou, eu não consegui alcançar o chão para me levantar”. As provas, ele não levava pra gente no dia que tinha prometido, e os alunos são todos iguais, ficam loucos pra saber o resultado, então ele falava: “eu não trouxe as provas, porque eu estou apertado de costura e os meus meninos estão de sarampo!” A gente ria a valer e ele entrava em seguida com a trigonometria!

Outro professor de quem tenho lembrança, é o professor Manga Rosa que dava aula de português. Manga Rosa porque ele era grandão, gordo, muito rosado. Aprendi muito com ele, eu que já era apaixonada pela história, comecei a ligar a história com as várias ciências, porque ele trabalhava a gramática histórica também. Havia também o professor Ítalo Mudado, famosíssimo, até hoje trabalhando com teatro em Belo Horizonte. Ele era meu professor de literatura, tinha paixão por ele. Os outros, agora não me ocorrem, mas todos me deixaram marcas, com certeza!

Uma brincadeira era feita na escola com a diretora, a Alaíde Lisboa de Oliveira, a autora daqueles livrinhos “A bonequinha preta” e “A bonequinha doce”. Ela é irmã da Henriqueta Lisboa e é viva até hoje, na época já era uma mulher idosa, para os nossos padrões jovens. Ela não ia muito à escola e a gente ficava tirando fotos dela, dizendo que era para não ter perigo de esquecer como ela era. Uma outra lembrança que me ocorre, outras das coincidências não-coincidências, pois tudo acontece por algum motivo, foi que quando a minha filha nasceu, ela nasceu com problema de coração e teve que fazer uma cirurgia. O médico que foi indicado para ela é filho dessa diretora, a Alaíde Lisboa de Oliveira, o Dr. Sílvio Lisboa de Oliveira,

e até hoje, quando eu converso com ele, tenho notícias da Alaíde. Eu não poderia esquecer-la mesmo! Sei que teve festa de aniversário, que hoje ela está com 100 ou quase 100 anos. Ele me falou da última festa que foi feita e que ela estava muito disposta e animada. Dizem que o professor não envelhece jamais, acho que a prova está lá.

Na Escola de Aplicação, eu fui vendo que amava línguas, amava geografia, mas a minha expectativa maior era com relação às aulas de história, isso desde o meu ensino básico. Tive uma professora inesquecível de história no Colégio Sagrado Coração de Jesus, a professora Madalena. Até hoje eu me lembro das aulas dela. Ela nos instigava a circular por outras ciências complementares da história, então, eu optei por fazer História na UFMG.

Prestei o vestibular logo que terminei o ensino médio, fui aprovada e entrei para a universidade com muitas expectativas, e tive muitas surpresas. Apesar de ter estudado na Escola de Aplicação, a universidade no início me assustou um pouco e eu entrei com apenas 17 anos. Acho que foi por causa da leitura, muita leitura, que eu fui aprovada em 2º lugar numa época em que o vestibular era unificado. Foi por ter tido uma boa base que eu obtive essa colocação e agradeço por isso a meu pai, aos professores que me estimularam a ler e até a minha madrastra por seus métodos não muito ortodoxos.

Reconheço e sinto que os brasileiros, em sua grande maioria, não têm uma boa base escolar. A gente vê os nossos alunos, as dificuldades com que chegam, as defasagens, aquilo que a escola não lhes ofereceu. Eu estudei numa escola particular e depois numa escola pública, ambas excelentes, tive uma boa base, reconheço que fui privilegiada.

O meu pai, apesar de ter tido 10 filhos, não colocava a gente no ensino público, porque ele dizia que tirava as chances de outras crianças que precisavam mais do que a gente. Quando cheguei ao colegial, as melhores escolas de Belo Horizonte, que davam uma base boa, eram a Escola de aplicação da UFMG e o Colégio Estadual. Então, nesse caso, ele deixou a gente optar por fazer o curso lá, pois era através de concurso e assim iríamos concorrer com outras pessoas. Meu pai sempre foi muito ético. Hoje vejo que essa concorrência não era tão leal assim, pois eu vinha com uma base muito boa, que outros não possuíam.

Essa pretensa inclusão que o governo está querendo fazer, com reserva de vagas em universidades, não vai mudar o ensino no país. O que tem que mudar é o ensino básico e médio que deve ser de qualidade, aí sim as pessoas terão condição de ter acesso melhor à universidade.

Entre para a UFMG e cursei os quatro anos do Curso de História, sempre muito curiosa e instigada a descobrir explicações da vida a partir da história, para os meus questionamentos que já vinham de muito tempo. Tive excelentes professores, como a Maria Efigênia Lage de Rezende e a Ana Maria de Moraes, a quem eu dedicava um carinho especial. A Efigênia, sei que depois atuou no ensino público, participou ativamente desses programas do governo de capacitação docente, porque eu a vi em um vídeo. A Ana Maria de Moraes, eu soube que ela foi para a Inglaterra e eu perdi o contato com ela. Teve também o Amaro Xisto de Queirós e o professor Daniel Ribeiro que já faleceram, a professora Amália do Castro Bandeira de Melo, o professor Francisco Iglésias, o professor Néelson Moura. Fico até com receio de citar nomes com medo de esquecer algum que tenha sido fundamental pra mim. Inclusive o meu professor de História Contemporânea, Durval Antônio Pereira, que foi um professor maravilhoso. Havia também o professor José da Paz Lopes, com o qual até hoje meu marido e eu temos contato, já o convidamos várias vezes para dar cursos e fazer palestras aqui no Centro Universitário do Planalto de Araxá, sempre com muito proveito para os alunos e para nós. Todos eles foram professores de muita riqueza

de conteúdo, e de metodologia também, sem deixar de ser exigentes e briguentos, quando necessário.

Eu não sei, fico vendo hoje, parece que a escola está enveredando muito, principalmente os cursos de licenciatura, para um “amaciamento”. Ao invés de uma leveza de espírito, uma leveza de trocas, está caminhando para a superficialidade, para o vale tudo, as pessoas fazem o que querem, como querem, não há muita exigência. Dizem: “Ah, coitados, são alunos de baixa renda, então vamos deixar”. Com isso eu acredito que estamos é tirando a chance desses alunos terem mais oportunidades, mais riqueza, mais aprofundamento, mais acesso a livros de qualidade, correndo o risco de simplificar demais, de limitar demais para que eles possam prosseguir, mas sem dúvidas, isso gera é um empobrecimento.

Sempre tento resistir a esses modelos, essa realidade, e sou considerada uma professora meio carrasca. Isso porque, tento que o meu aluno tenha as chances que eu tive, que leia muito, seja muito questionado e estimulado a encontrar respostas, desenvolvendo um pensamento mais de acordo com a complexidade da realidade. Tento estimular até com um pouquinho de humor. Tem uma história em tirinha que é da Mafalda, em que ela e o colega vão de traje de banho para a escola e a professora diz: “Que é isso! Vocês vieram de roupa de piscina pra escola?”, aí eles respondem: “A senhora não disse que nós temos que mergulhar nos livros?”. Então, eles riem disso, mas acabam “mergulhando” um pouco também.

Em meio a tantas lembranças, eu vejo as diversidades de oportunidades no Brasil, que me fazem questionar tudo isso, e pensar o tanto que fui privilegiada por ter um ambiente de leitura em casa, por ser cercada por professores bons, professores exigentes. Lembro-me agora do professor Daniel, nós tínhamos seminários com ele na graduação, desde os primeiros períodos. Ele era professor de História Antiga e tudo que falávamos nos seminários tinha que ser fundamentado. Onde leu; em que autor; por quê? Que outro autor fala disso? Você concorda? Por quê? A gente citava o livro e a página, não podíamos dar opiniões aleatórias, tudo era fundamentado. Com isso a gente ia desenvolvendo um espírito científico que levávamos para nosso cotidiano. Das relações sociais que observávamos, a gente levava a riqueza dos detalhes. Vejo a dificuldade que nossos alunos têm para fazer as citações nas monografias, faltou-lhes essa oportunidade e transformar isso em um espaço de tempo curto é muito difícil.

Quando eu estudei, não se falava muito ainda em História Nova, que eu só fui conhecer depois, na especialização e muito por conta própria. Vivi a universidade em plena ditadura e a linha teórica que predominava era a marxista, e vejo isso como algo negativo, pois devemos analisar várias correntes. Posteriormente, quando eu fui me aprofundando meus conhecimentos metodológicos dentro da história, estudando seus paradigmas, suas tendências com mais critério, com uma visão mais distanciada, fui relendo os livros que “bebemos” no curso, de autores da linha marxista, tais como Celso Furtado, Werneck Sodré, Caio Prado, confrontando-os com a linha nova, com as teorias pós-críticas, a Escola dos Annales, fui reformulando essa percepção. A linha marxista foi sempre considerada, mas ampliada. Às relações de produção fui acrescentando outras, como as relações de gênero, as ligadas à sexualidade, as relações raciais, éticas, religiosas, enfim, fui me introduzindo na perspectiva dos Estudos Culturais, menos reducionistas e menos dogmáticos.

Na UFMG, nos idos da ditadura, a gente tinha, com razão, uma visão mais radicalizada dentro da linha marxista, o que não impediu que também tivéssemos uma iniciação à antropologia, à sociologia que nos levava a pensar um pouco sobre essa questão da nossa constituição como seres históricos e culturais. A gente ia tendo um vislumbre dessa perspectiva, mas ainda dentro de uma proposta bem ideológica, dentro da linha crítica marxista.

De todos os professores que passaram pela minha vida, muitos incríveis, devo muito à Ana Maria de Moraes, de quem já falei, pelo fato de ter enveredado depois, para ser professora de Prática de Ensino e de Didática. Ela era uma pessoa extraordinária, com uma visão bem aberta nessa área, fugindo da didática tecnicista, para uma didática não instrumental, mas fundamental. Ela possuía um espírito aberto para o “ensinar a aprender”, e eu trocava muito com ela, lia muito, inspirada pelos conselhos dela. Tudo isso fez com que, mais tarde, mesmo tendo dado aula de História Contemporânea muitos anos, eu acabasse indo por trabalhar com a Didática, uma disciplina muito injustiçada e mal-compreendida.

Eu fiz especialização “latu sensu” quando terminei a universidade e logo, logo eu me casei. O Pedro foi meu colega e nós tivemos uma convivência afetiva e intelectual muito rica, como ainda temos até hoje e essas memórias que essa entrevista estão provocando, talvez me emocionem também por esse lado, por ser onde eu conheci a pessoa do meu afeto e por sermos parceiros na vida e na história, na vida e na profissão. Isso trouxe trocas muito ricas que acredito, nada no mundo vai conseguir apagar.

Logo que nos casamos, saímos de Belo Horizonte, mudando para uma cidade do interior mineiro, que é Carmo Paranaíba. A gente começa a constituir família e perde as condições de ter acesso a um mestrado. Aí, eu fiz um curso de especialização ligado à História, o PREPES, na PUC de Belo Horizonte.

Eu e meu marido trabalhávamos muito nessa época, toda a sobrevivência familiar vinha do que ganhávamos como professores. Trabalhávamos em um Colégio Estadual. Ele tinha feito concurso e eu não, meu pai não permitiu na época, porque a vaga que havia era para Carmo do Paranaíba, cidade dele, e: “não ficava bem fazer um concurso para a cidade do rapaz, ficava parecendo que se estava forçando um casamento”, essas coisas de família tradicional mineira. Mais tarde, fiz o concurso para o PREMEN, havia quatro vagas e Pedro e eu fomos aprovados, já éramos casados nessa época. As vagas eram para a cidade de Barbacena e nós não quisemos nos desligar do Carmo, do espaço onde a gente já trabalhava.

Depois, convidados pelo professor Durval Antônio Pereira, começamos a dar aulas em Patos de Minas. Pedro lecionava História do Brasil e eu História Contemporânea. Pelas exigências acadêmicas é que fui fazer o PREPES. A gente fazia em dois anos. Casei-me em 1971 e comecei a fazer o curso, que era ministrado nos períodos de férias, em 1973, quando já tinha um filho, que hoje é também formado em história, embora não exerça a profissão, o que deixa claro mais uma vez como a gente vai sendo constituído pela linguagem familiar. No PREPES era tudo muito organizado, a gente recebia as apostilas nos intervalos entre os módulos e fazia os exercícios. Era um ensino à distância, sem ser via internet, mas quando chegavam as férias, você tinha o período todinho de aulas, em janeiro e fevereiro e depois em julho.

De todos os cursos que fiz, gosto de lembrar as coisas boas, não fico procurando cheiros ruins, procuro os aromas e houve muito aroma, muito sabor. No curso do PREPES eu tive professores incríveis na História Contemporânea, que me fizeram ir complementando as minhas indagações.

Dei aula de História Contemporânea por dez anos em Patos de Minas e quatro em Patrocínio, a gente viajava muito. Por causa disso, do desgaste, Pedro e eu optamos por continuar só em Patos e lá, eu fui sendo puxada para a Didática. Começaram a me passar aulas de Didática, de Metodologia da História e de Prática de Ensino da História. Com isso, eu senti a necessidade de fazer um curso de especialização na PUC, de métodos e técnicas de ensino. Também fiz um curso de Didática para a Modernidade na UNIFRAN, do qual procurei tirar o máximo proveito. Fiz um curso de psicopedagogia pela UFU, que me mostrou um outro lado da

construção do conhecimento. Amei, por exemplo, trabalhar Vygotsky, que é uma perspectiva sócio-histórica, vindo complementar a questão da formação social da mente, a formação da mente através da linguagem, um lado que preencheu uma lacuna na minha formação, muito importante. Estudamos muito Piaget, tenho questionamentos a respeito da linha cognitivista, mas procuro tirar proveito de todas elas. As questões das dificuldades de aprendizagem da criança, fui percebendo que estão muito mais no social do que no estrutural, no cognitivo. São questões que precisam ser muito trabalhadas, para rever lacunas sobre o que estão fazendo com nossas crianças e adolescentes para que fiquem à margem da aprendizagem. As dificuldades de aprendizagem são muito medicalizadas, muito ideologizadas, e a escola ainda continua muito elitista.

Quando vim para Araxá e comecei a trabalhar na FAFI, depois FIAP e hoje UNIARAXÁ, acabei ficando com as aulas de Didática em diferentes cursos, como Letras, Pedagogia, Normal Superior e História. No curso de matemática, fui convidada e não aceitei, porque gosto de trabalhar a didática exemplificando e a matemática não era a minha praia e eu não poderia exemplificar bastante.

Acreditando na formação continuada, senti a necessidade de fazer o mestrado. Surgiu uma oportunidade, porque antes, morando no interior e dando tantas aulas, não tinha condições de ir cursá-lo muito longe. Apareceu um mestrado em Uberaba, mais próximo de Araxá, um mestrado em Educação, e eu me entusiasmei em fazê-lo. Fico gratificada por ter feito. O curso foi extraordinário, me deu uma outra visão a respeito da educação, porque foi fundamentado em grande parte, na linha crítica e pós-crítica e as aulas foram em forma de seminários. Esse tipo de mestrado foi incrível, pela diversidade. O professor Carlos Rodrigues Brandão nos aconselhou: “quando o seu aluno de monografia for te questionar, for lhe pedir uma bibliografia, peça a ele primeiro, para ler sobre tudo, menos sobre aquele tema específico que ele vai trabalhar, para ele não ficar numa visão única, para ampliar sua visão de mundo, suas perspectivas”. Assim, eu tentei ir fazendo, lendo muito sobre literatura, sobre multiculturalismo, diversificando a gama de influências que eu tinha. Acho que essa visão dentro do mestrado foi extremamente significativa.

Além do Carlos Rodrigues Brandão, foi magnífica e maravilhosa para mim (e ainda é), a convivência com a professora Ana Maria Faccioli de Camargo, minha orientadora, professora da UNICAMP, hoje aposentada e trabalhando no mestrado da UNIUBE. Também a professora Célia Maria de Castro Almeida, que participou da minha banca de defesa do mestrado, o professor Luis Eduardo Alvarado Prada, colombiano, que é o coordenador do mestrado, e todos os outros professores que me introduziram na leitura do pós-estruturalismo, dos Estudos Culturais, de Foucault, de Deleuze, de Derrida, de Nietzsche. Minha dissertação tratou da cultura, da cidadania e da diferença na escola.

O mestrado trouxe-me a oportunidade de fazer uma pesquisa na Escola de Aplicação do Centro Universitário do Planalto de Araxá, de poder trocar com as professoras, através de entrevistas que fiz com elas, de dividir angústias, conflitos que a gente vai desenvolvendo ao longo da profissão a respeito da educação, a respeito do que é ser diferente, do que é ser cidadão, de como a gente é constituído como cidadão, de como são instituídas culturalmente as diferenças. Eu pude desenvolver com elas, durante dois anos, os temas sobre os quais eu fiz as entrevistas, fomos discutindo e aprendendo juntas sobre eles. Não foi uma pesquisa em que você apenas vai lá e questiona e depois devolve o trabalho pronto, nós fomos elaborando, trabalhando, foi mais uma pesquisa-ação, uma pesquisa participativa.

Tudo isso me acrescentou muito, me emocionou muito, e estou tentando trocar essas coisas que fui aprendendo, com meus alunos da graduação, e hoje até,

com os alunos das Ciências Biológicas, que fazem a licenciatura também. O leque é muito grande, as teias das relações que a gente vai construindo são muito profundas, a teia dos significados é muito ampla.

Tenho certeza de que as falas familiares, de avós, dos professores, sem que fossem percebidas, tiveram muita influencia em minha escolha profissional. Meu pai muitas vezes falava o contrário, que não era para a gente ser professor, que professor ganhava pouco, sofria muito, tudo isso por influência da minha avó materna que tinha sofrido muito preconceito. A minha irmã mais velha, que nasceu com uma má formação no braço, quis ser professora, começou até a fazer estágios na favela, mas meu pai não quis que ela continuasse.

Eu também trabalhei com alunos de favela durante muito tempo em Belo Horizonte, e num colégio de alunas “socialites”, quer dizer, das meninas mais ricas, do Colégio Sion, atual Santa Dorotéia, fundado por freiras francesas. Trabalhei no anexo dessa escola que era um curso complementar, o Paula Frassinetti, para as meninas que vinham do “Morro do Papagaio”. Fui confrontando essas duas realidades. Já morando em Araxá, também vivi duas realidades bem distintas, pois trabalhei um período rápido no Polivalente, e no colégio São Domingos, como coordenadora na área de Estudos Sociais. Tive, portanto, uma experiência bem diversificada.

Voltando às influências que sofri na minha escolha profissional, mesmo o meu pai dizendo que eu queria açambarcar os problemas do mundo, sendo professora, eu me influenciava pelo orgulho com que ele contava que o pai dele tinha sido professor. Essas coisas vão-nos entranhando, nos formatando e, não por acaso, desde pequeninha, antes de entrar para a escola, antes de saber ler, eu já brincava de dar aula para as bonecas.

Na escola, a admiração que tinha por alguns professores, eu acho que interferiu também e foi me constituindo. Até mesmo essas falas de que ser professora é coisa de mulher, fenômeno histórico e cultural condicionante, tudo isso, com certeza, foi me tornando professora.

Minha vinda para Araxá, depois de ter trabalhado por dez anos em Patos de Minas, quando já acreditava estar muito bem entrosada, muito satisfeita com os rumos que a minha profissão estava tomando, já tendo passado por fases muito difíceis, como a da cirurgia cardíaca da minha filha, foi por necessidade de trabalho do meu marido, que recebeu um convite para vir dirigir a empresa “Viação Andrade”. Morando em Araxá, ainda tentamos por um tempo, continuar a viajar para Patos, para dar aulas. Eles concentraram as nossas aulas nas sextas e sábados, me lembro que dava sete aulas no sábado. Com o tempo ficou impossível continuar a fazer tantas viagens. Senti que precisava encaminhar meu trabalho, direcioná-lo para Araxá. Deixei meu currículo na faculdade, que na época era dirigida pelo professor João Rios Montandon e fui convidada para dar aulas na então FAFI e estou lá até hoje, vivenciando todas as mudanças, todo o percurso para ser transformada em UNIARAXÁ.

No início estranhei um pouco, havia aquela cultura, que emanava das falas dos próprios alunos de que era impossível freqüentar a escola a semana inteira (vinham só três vezes por semana). Às vezes o percurso acadêmico era facilitado por todos os seguimentos da faculdade, numa busca pela própria sobrevivência da instituição. Grande parte dos alunos eram professores, com suas dificuldades, e a oportunidade de vir só três vezes por semana era muito oportuna. Estranhei também a falta de comprometimento, o pouco hábito de leitura, as dificuldades da situação de viajar, embora em Patos também tivesse vivido essa experiência e o curso funcionava todos os dias.

De lá para cá, tenho tentado conviver com essas situações, que já mudaram muito. Alguns professores (alguns mais do que outros), têm percebido a necessidade de um nível de leitura mais alto, possibilidades mais amplas de unir a prática à teoria, de não ficar apenas na prática pela prática, sem uma fundamentação teórica, muitos têm se aperfeiçoado, têm estimulado isso no aluno e até mesmo cobrado isso dele, com muito mais seriedade, com muito mais rigor, conseguindo inclusive, por pequena que seja, a mudança de mentalidade. Muitos que, no início do curso não tinham hábito de leitura, não se exercitavam na construção do conhecimento, vão percebendo ao longo dele, a necessidade de pesquisa, utilizando diversas fontes de informação. Então, aquela fase dos alunos que ainda entram com a expectativa de que ele vai ter anotações no caderno, que vai estudar por elas, que vai se basear num mínimo de leituras e do que conseguir trabalhar nos curtos períodos de aulas tem sido modificada.

Ainda existem problemas? Muitos, mas a gente sabe pelas próprias circunstâncias de acesso aos cursos, dos vestibulares, ou processos seletivos, como se chama hoje, que não temos condição de selecionar alunos com uma boa base de leitura, eles nos chegam com uma grande deficiência que trazem do ensino médio, de toda a sua formação anterior. Mesmo que digam para nós, que o que importa não é o nível com que o aluno entrou, mas o estágio com que ele sai, eu como professora de Didática, sei bem que você não consegue em um curto tempo, ensinar um aluno a ler com compreensão, com bom nível de interpretação, o que ele não conseguiu construir ao longo de uma vida estudantil. Embora, num período de quatro meses ou às vezes dois módulos, porque um semestre na verdade tem uma carga horária de 72 horas aula, um adulto, já com muitas idéias arraigadas sobre o que seja aprender, sobre o que seja leitura, produção de texto, não alcance o perfil profissiográfico necessário, temos feito algum progresso.

Embora seja considerada inicialmente uma professora exigente, as minhas relações com os alunos, vão se estreitando e se aprofundando ao longo do curso, sem cair no sentimentalóide ou no protecionismo. Tenho muitos questionamentos, muitas angústias a respeito do que seja ensinar e aprender. Continuo sendo uma aprendente.

Está acontecendo no UNIARAXÁ e em outras universidades um esvaziamento dos cursos de licenciatura, sintoma da própria desvalorização do magistério com os baixos salários, a falta de programas sérios de valorização do corpo docente. A desvalorização do professor veio sendo legitimada, sendo instituída, a partir da própria história da educação no país, basta ir às várias fontes que trabalham este tema, basta ler "História das mulheres no Brasil", da Mary Del Priore, que tem um texto da Guacira Lopes Louro – "Mulheres na sala de aula", como vários outros que nos mostram que até a maneira como inicialmente, ser professor era para homens, depois isso foi sendo tirado deles, porque passou a ser menos valorizado, menos proveitoso financeiramente. Foram sendo reservados aos homens os cargos de direção, de gestão, de orientação, os cargos públicos ligados à educação que foram cada vez mais masculinizados. Começou a aparecer o discurso a respeito da mulher, da feminilidade, a mulher como mãe, a mulher que tem aquele coração que vai se desfiando fibra por fibra, todas essas idéias com relação à mãe e à mulher, foram sendo instituídas também com relação à professora. O papel do magistério foi sendo feminilizado e ao mesmo tempo desvalorizado.

Quanto a essa questão, Foucault me inspira a lembrar os jogos de poder que estão no ensino, nas secretarias de educação, nas universidades. Mesmo com a presença feminina maciça na educação, ainda há jogos de poder e saber envolvidos, não só sobre a questão de se imputar à mulher o papel do magistério, mas a questão de como os papéis educacionais foram sendo institucionalizados, quais disciplinas competem mais a mulheres e a homens, a forma como as professoras trabalham com

meninos e meninas. Todos esses aspectos foram sendo instituídos socialmente como verdades, são “regimes de verdade”. Tudo isso tem formatado um certo tipo de educação.

Estamos vendo um acesso menor aos cursos de licenciatura, por mais que digamos o contrário, não é porque eles sejam melhores ou piores do que outros, mas por uma questão de poder implícita, de “status” social que a profissão não oferece. Alguns alegam que a procura é por cursos que oferecem uma gama maior de emprego, só que a construção de escolas não pára, o aumento de crianças com acesso à escola aumentou muito no país, existe oferta de trabalho, falta é valorização da carreira do professor.

A questão está tão séria que, nos cursos, como o de Ciências Biológicas, que oferece o bacharelado e a licenciatura, os alunos acham desnecessário a licenciatura, eles se sentem inferiorizados por estarem cursando matérias pedagógicas. Então há sim, um problema ainda com relação à auto-estima dos professores, que ainda continuam se menosprezando.

Faço questão de dizer, acima de tudo, que fui agente de turismo muito tempo para complementar o orçamento da minha casa, mas eu fazia questão de dizer: “sou professora, estou agente de turismo”. Sou acima de tudo professora, com muito orgulho, apesar de todas as vicissitudes. Esse orgulho foi sendo construído histórica e culturalmente. Detalhes de minha vida aqui narrados confirmam isso. Talvez, por isso mesmo, se me perguntassem hoje, se eu escolheria ser professora novamente, sem dúvida eu escolheria sim, sem medo de ser feliz.

Se me pedissem para me definir como professora, se fosse há algum tempo atrás, alguns anos atrás, antes de me aprofundar na leitura dos autores pós-estruturalistas, eu até cairia naquela ideologia de dizer que eu nasci professora. Isso é uma balela, eu não nasci professora, eu fui construída como professora, fui sendo instituída pelo dito e pelo não dito, em casa, na escola, pelas influências que fui recebendo, nas leituras que fui fazendo, assim como eu também fui sendo instituída como mulher, como pessoa de uma determinada cor, de determinada etnia, de uma determinada condição sócio-econômica, de uma religião, fui sendo produzida como professora.

Dentro das pequenas brechas que existem que Foucault chama de “caixa de ferramentas”, eu me entendo professora que tenta usar essa “caixa de ferramentas” diversificada para não ser um mero elemento de produção, para não ser assujeitada num molde muito estreito, mas para ir me subjetivando em um contexto mais diversificado de influências e de trocas mais amplas.

Que os meus processos de subjetivação, que o poder pastoral que existe sobre cada um de nós, dentro da nossa sociedade católica, branca, européia, heterossexual, não acabe me limitando, mas me ensine a continuar questionando o ser professora. Porque nós não somos professores, nós estamos sendo professores. Assim como Darcy Ribeiro fala que “o brasileiro é um povo em sendo”, nós somos professores em sendo, nós somos alunos em sendo, nós somos mulheres, homens, brancos, negros, índios em sendo, e que a gente possa ser, da melhor forma possível.

Elza Carneiro de Paiva.

Entrevistada no dia 21 de janeiro de 2005.

Nasceu no dia 04 de janeiro de 1926, na cidade de Araxá, MG. Solteira. Formada em Pedagogia pela FAFI, hoje UNIARAXÁ, com especialização em Educação pela UFMG. Trabalha no magistério há 50 anos e no UNIARAXÁ há 30 anos. É professora de Estrutura e funcionamento do Ensino e Coordena o Curso de Alfabetização de adultos nesta instituição.

Acredito que o tempo escolar que mais marca a vida da gente é justamente do ensino fundamental, porque ali fazemos o alicerce para toda a vida. Sempre falo que a formação de professores é muito importante, porque são os professores que estão sendo formados, que vão conviver com as crianças e fazer delas uma pessoa mais feliz e equilibrada, ou não, e terão papel de destaque em sua aprendizagem.

Fui uma menina tímida, morava na fazenda e quando vim para a cidade, começar a estudar, tive o privilégio e a sorte de ser aluna uns poucos dias da dona Delica, e depois de uma reestruturação, passei para a dona Maria Santos, estudando com ela por quatro anos, não mudei de professora. Ela é uma pessoa magnífica, que marcou muito a minha vida e eu acredito até, que muita coisa do que consegui ser, foi por causa dela que sempre confiava na gente. Ela me passou até a idéia de que eu era uma pessoa inteligentíssima, que eu era capaz de tudo, e depois que ela me falou isso, eu nunca mais deixei de acreditar que eu era inteligente. Ela realmente salientava muito isso, principalmente quando se encontrava comigo, mesmo depois de adulta.

Acho que hoje, pensando em minha vida, acredito que sou uma pessoa esforçada, determinada, mas não acredito que tenha inteligência maior do que ninguém. Mas, acredito que aprendi muito com essa minha professora, e mesmo depois de adulta, encontrando com ela, ela sempre falava que eu era uma pessoa das mais inteligentes que passaram em sua vida. Acho que isso foi um reforço positivo, desses que encontramos na vida e que nos dão segurança, pois não é porque a pessoa é inteligente, é preciso que ela tenha boa vontade. Acabei levando isso comigo por toda a vida, que eu seria capaz de fazer as coisas bem feitas.

Eu nunca gosto de copiar ninguém, sempre tive opiniões, maneiras de trabalhar, maneira de ser. Aprender com os outros é muito bom, sou uma pessoa humilde, gosto de aprender, gosto de ver aquilo que não sei. Tive um ensino fundamental, naquele tempo primário, muito bem feito, que me deu muita segurança, não só pelo que aprendi, mas também por aquilo que aprendi a ser.

Estudei no Delfim Moreira, que era a escola pública que tínhamos naquele tempo. O meu pai, que foi rico, acabou quebrando, tendo que vender a fazenda, então a situação financeira foi afunilando, logicamente teríamos que estudar em escola pública. Depois eu fui para o São Domingos, na época da reforma Capanema, eram 5 anos, o que hoje equivalem de 5ª a 8ª série. Fazíamos um tipo de curso complementar e depois passávamos para um curso profissionalizante. Naquela época só tínhamos o magistério. Então, se me perguntarem se eu escolhi a profissão de professora, respondo que naquele tempo a gente não escolhia. Hoje a pessoa tem muito mais condições de escolha. Mas, ser professora naquela época era muito importante.

Sempre acreditei que a gente dever fazer o que gosta. Não me lembro se eu não gostaria de ter feito o magistério, essa lembrança eu não trago comigo, ou talvez não a tenha acalentado. Hoje, acredito que a gente consegue gostar do que faz e sou apaixonada pelo magistério, de poder fazer um pouco de bem às pessoas, em

transmitir aquilo que a gente tem, não o que sabe, trocar idéias com os outros, pois ninguém ensina nada a ninguém, a pessoa aprende com o seu potencial, a gente oferece instrumentos, dá condições e alternativas. Sempre gostei do que fiz, sempre estava e estou satisfeita de ir para o trabalho, por isso estou trabalhando até hoje, porque não estou tendo coragem de deixar, embora saiba que já está na hora. Acho que vai chegando a época que a gente tem que parar, já deixei várias aulas, pretendo parar em pouco tempo, acho que tudo chega uma época que você tem que decidir, mas é difícil deixar de trabalhar naquilo que se gosta.

Acredito que toda aprendizagem é válida, a gente aprende a vida inteira, vai aprender até morrer. O que se aprende hoje, amanhã se aprende de maneira diferente. O que aprendi durante a minha formação para professora eu aplico até hoje, foi uma boa formação, só que sempre fui melhorando, mas tive um bom começo e dou valor a tudo o que aprendi nesse período. Uma coisa interessante é que eu lia muito pouco depois do primário. Lembro-me de uma professora de português, a Laura Chaer que me falou que eu tinha que ler, pois eu tinha pouca idéia para escrever. Então, comecei a ler livro de bolso, livro de tudo, e aquilo me influenciou e ajudou muito. Naquele tempo eu já fui influenciada a ler.

Fiz um curso bom, não tive dificuldades, era também muito esforçada, sempre queria fazer bem feito. Quando fiz a pós-graduação na UFMG, com o Jamil Cury, que hoje é do Conselho Federal de Educação, ele mandou a gente fazer uma retrospectiva de vida, com os fatos positivos e negativos. Meus colegas tinham muitos pontos negativos e eu não tinha muita coisa não. Tenho lembrança como coisa negativa, somente da minha situação econômica que influenciava um pouco na vida estudantil, porque minhas colegas, todas de posses, podiam participar de festas, fazer roupas diferentes para isso e para aquilo e eu sabia que meus pais não podiam, isso me cerceava um pouco, mas eu sempre fui de entender, sem nenhuma exigência, naquela época a gente não tinha essa mentalidade consumista. Hoje o pai se vira e faz tudo que o filho quer, naquele tempo era outra maneira de viver. Uma situação difícil vivida na escola eu não tenho lembrança, nada que me magoasse.

Tinha muito receio das aulas práticas, mas depois que começamos a gente conseguia fazer aquilo bem feito. Lembro-me que escrevemos pré-livro, o meu se chamava "Bolinha, Manecão e Zé Bolacha". Era para ensinar a ler, alfabetizar. Nós fazíamos tudo, desenhávamos, escrevíamos. Engraçado que não tenho nada guardado, não sou de guardar nada. Também, a gente mudava muito por problema de situação econômica difícil, e por isso eu acredito que não tenha guardado muita coisa. Do meu irmão mais novo, quando a minha mãe morreu, é que eu guardei algumas coisas, mas as minhas eu não guardei nada.

Quanto a essa questão de marcar a vida da gente, tem um fato que aconteceu quando eu estava na escola fundamental, por isso eu falo da importância da escola fundamental, acredito que seja um período que vai trazer a segurança ou insegurança, a vontade de vencer ou não. Nessa época, quando a minha professora se casou, veio uma substituta, que mais tarde foi minha colega, acabamos trabalhando juntas. Quando ela pegou a turma, todos nós ficamos muito chateados, não tínhamos a hábito de conviver com outro professor. Lembro que um dia, meu pai que viajava de caminhão, trouxe uma laranja para nós, mas uma laranja enorme, que eu nunca tinha visto. Eu falei que ia levar para a professora e ninguém queria deixar. Insisti, pois naquele tempo a gente gostava muito de agradar os professores e levei. Todo mundo ficou encantado, perguntavam se era enxerto e coisa e tal. A laranja ficou lá em cima da mesa e eu fiquei satisfeita a vendo lá, coisa de criança que leva um presente e fica olhando se a pessoa está valorizando. No outro dia a professora chegou na sala e indagou como eu tinha tido coragem de levar um laranja azeda para ela. Não lembro se disse alguma coisa ou não, mas conto isso para mostrar o tanto que um professor marca os alunos quando estes estão nas séries iniciais, é muito

perigoso aquilo que a gente faz, aquilo que a gente coloca para o aluno. Eu nunca esqueci o fato e depois comentei com ela, quando já éramos colegas.

Em toda a minha vida sempre fui uma pessoa muito humilde, mas às vezes eu dou uma resposta sem pensar, não é para revidar, mas quando vejo já falei, tenho essa coisa comigo que talvez muita gente nem entenda, acham que estou querendo ficar brava, mas não é isso.

Comecei a trabalhar muito cedo, porque meu pai como já salientei antes, perdeu tudo, então eu precisava ajudar em casa. Quando me formei, fui para uma cidade vizinha, Santa Juliana e lá teve início a minha carreira de professora. Morava com uma tia, o meu tio era prefeito. Eu me formei em dezembro e em fevereiro já comecei a dar aulas lá, onde havia vaga. Essa questão de início de carreira é muito difícil, a gente ia para onde tinha vaga. Assim comecei a minha vida e foi interessante porque fiz novos amigos, tenho uma amiga que é freira lá até hoje, das carmelitas e ela me diz que faz quarenta anos que reza pra mim todos os dias, talvez seja por isso que estou sobrevivendo até hoje. Mas tudo que acontece na vida da gente, eu acredito que tem um porque, um valor, foi difícil sair para trabalhar fora, é uma coisa diferente na vida da gente, mas até que eu gostei, foi um bom começo.

Começar, além das dificuldades, tem também a insegurança, mas tive a sorte de ter tido uma boa diretora, uma pessoa maravilhosa de quem guardo as melhores lembranças. Mas em meio a insegurança, eu tinha muita vontade, faltava materiais diferentes, tinha que seguir um ritmo diferente do meu, sempre fui de querer inovar muito e às vezes não podia fazer do meu jeito. Também não tive problemas de disciplina, não foi difícil, as dificuldades vieram mais tarde quando a questão disciplinar foi se agravando dentro das escolas. Outra coisa que achei difícil foi não saber como deveria agir em algumas situações, lembro-me que pensei em aplicar pré-livro, mas os métodos lá eram outros. Tudo era muito diferente para mim, e tive que começar a ter que estudar novas metodologias, buscar novas alternativas, reafirmando a questão de que temos e devemos estar sempre inovando, conhecendo, adaptando-nos.

Alfabetizei muito em minha vida, tanto lá em Santa Juliana, como aqui em Araxá, acho que fui uma ótima alfabetizadora porque meus alunos liam bem, entendiam bem as coisas, então a gente sabe que foi capaz. Tive muito aluno bom, aluno que hoje é radialista, que me fala o quanto foi importante a minha exigência. Sempre fui uma pessoa muito exigente e não consigo deixar de ser, as vezes isso até me prejudica, dizem que não se usa mais ser exigente. Eu acredito que a pessoa sempre pode fazer o melhor, eu tento exigir sempre o melhor. Vou terminar o meu trabalho, minha fase de professora, sem conseguir largar essa exigência pelo melhor.

Quando tive que voltar para Araxá, meu tio também veio, tirei licença pois a transferência era muito difícil, problemas políticos, meu tio estava deixando a prefeitura por razões que não me lembro, mas acredito que tenha a ver com política, naquele tempo os prefeitos eram nomeados. Tive que ficar licenciada, licença sem vencimento, até que consegui voltar para Araxá e pude entrar para a escola Eduardo Montandom. Antes eu trabalhei na escola do Barreiro dois ou três meses; a escola Eduardo Montandom se instalou na cidade e lá comecei o meu trabalho como professora de primeira a quarta série. Depois, fiz um curso de pedagogia e mais tarde supervisão. No Eduardo Montandom eu fui auxiliar de secretaria e vice-diretora, depois passei para a supervisão até que peguei a direção da escola. Dirigi a escola por 16 anos, foi a época mais difícil da minha vida, mas muito gratificante também.

Nesse período tive a sorte de trabalhar com uma turma muito boa, professores muito bons, mas enfrentei todo tipo de coisa, inclusive um inquérito administrativo, uma sindicância. É um caso até engraçado de um servente que até é meu compadre, sou madrinha do filho dele. Ele não tomou posse no dia porque tinha

outro emprego, então, ele pediu licença de trinta dias, que a lei permite, para poder sair do emprego, tudo dentro da lei, para ingressar na escola. Foi tudo feito em tempo hábil, certinho e ele continuou a vida dele, só que o governador que entrou, efetivou em massa todos que tomaram posse no dia certo, todos os auxiliares de serviço e ele perdeu a chance e os benefícios. Então, fizemos um processo para ele levar na secretaria, provando que ele estava trabalhando sim, que não tinha culpa pelo que aconteceu, juntamos várias peças e ele foi para Belo Horizonte entregar. Até ajudar nas passagens dele eu ajudei para ver se ele conseguia essa vantagem que era bastante significativa, inclusive porque ele tinha filhos, abono, essas coisas que todo efetivo tem direito.

Lembro-me que um dia ele chegou de Belo Horizonte e disse que tinha assinado um papel e que agora as coisas iriam se resolver. Achei ótimo, embora tivesse as minhas dúvidas. Depois de uns vinte dias, apareceram uns senhores lá na escola, com uma máquina de escrever na mão e uma outra moça, foram entrando e eu nem sabia o que era. Aí, eles me mostraram as carteiras do DOPS, dizendo que era uma sindicância. Fiquei assustada e perguntei o que eu tinha feito, o que estava acontecendo e ele me mostrou o processo do meu servente. Fui entrevistada, entrevistaram uma servente, uma professora, uma secretária, tudo sigilosamente. Foi aquele alvoroço na escola. Eu, já sabia as conseqüências disso, pois numa sindicância que você entra, ou você ganha, ou você perde tudo e é afastada do serviço.

No meio de tudo isso, o Geraldo teve um infarto e nós tivemos que lutar com ele por causa da doença. Ganhamos a causa porque não encontraram nenhuma incoerência, só que depois de todos os problemas, o Geraldo resolveu mudar para São Paulo. Foi muito difícil enfrentar essa sindicância com todas as suas conseqüências, toda a responsabilidade pesando sobre mim, envolvendo toda a escola, foi um tempo de angústia e muita tensão para todos. Mas, acho que foi importante tudo isso, faz a gente crescer, deixa uma marca que nos impulsiona a querer ir adiante, mostra-nos também a importância de fazer tudo de acordo com a legislação, tudo certo.

O meu curso de Pedagogia eu fiz aqui em Araxá, tinha feito vestibular também em Araguari, depois de 30 anos sem estudar e passei em primeiro lugar, o que foi uma grata surpresa, mas como passei aqui também optei pelo curso daqui. Depois de formada fiz habilitação em supervisão, para ter uma outra opção de trabalho.

Uma coisa que me lembro é que estudava muito, tudo que era novidade eu queria saber. Quando fui para a escola fazer estágio, queria saber como fazer o melhor arquivo passivo, ficava pesquisando o porquê era daquele jeito. Depois, no meu trabalho eu já estava querendo reformar o meu arquivo passivo e isso só foi possível, pois tinha aprendido e pesquisado muito, queria uma maneira fácil de consultar dados da escola.

Durante o meu estágio, fiz uma pesquisa em cima da teoria do Skinner, do condicionamento. Trabalhei um ano com uma menina que fazia xixi na sala de aula. Apliquei a teoria nela e ela deixou de urinar. Foi tudo feito com acompanhamento médico e com a orientação do Niltinho que é psicólogo. Fazia todos os testes de quantas vezes ela urinava por dia, fiz tudo cientificamente. O problema da Ana Paula era médico e a incontinência dela, parecia que não tinha nenhuma maneira de ser tratada, então eu perguntei ao médico, a minha professora do curso e ao Niltinho e seu professor, se eu poderia aplicar o condicionamento operante nela. Eles disseram que não tinha perigo algum, e assim eu fiz, dentro dos trâmites científicos e tive a grande felicidade de conseguir com que ela parasse de urinar. Conto isso para mostrar que tudo o que fiz na minha vida, fiz para aprender mesmo, não era só para

acumular saberes. Acredito que em qualquer curso, que na formação de professores isso é muito importante, devemos ir sempre além do que é oferecido em sala de aula, devemos procurar fazer da melhor maneira possível.

A professora que mais marcou a minha vida, foi a minha professora primária, por isso acredito que a época que mais deixa marcas na gente é nas séries iniciais. Gostava muito da professora de português do colégio, a irmã Bernadete. Agora eu não tive nenhum professor que eu tenha me identificado. Na pós-graduação eu fiquei muito impressionada com os professores que tive, com a competência deles.

Fiz a pós-graduação em Formiga com os professores da UFMG. Era uma turma de professores do interior. O professor de didática era bom demais, como também o Anchieta de Filosofia, o Cury de Filosofia e história da educação, todos muito simples e de uma competência muito grande, uma exigência muito grande, o curso foi muito apertado. Lembro-me de ficar a noite inteira sem dormir para fazer as coisas do curso, mas acho que tudo isso foi muito válido, eu também sou muito exigente com as coisas, acho até que pequei por excesso de exigência, querendo que tudo fique da melhor maneira possível, se podemos fazer o melhor, porque não fazer?!

Lembro-me do curso de pós-graduação, o Anchieta, professor de filosofia, que tínhamos a impressão de que tudo que falávamos era bobagem para ele, de tanto que ele era bom de serviço. No penúltimo dia de aula ele falou que no dia seguinte seria o dia do “parto das idéias” então, nós questionamos o que seria aquilo e ele nos falou que o Sócrates já falava isso e que nesta atividade ele não iria falar nada, só ouvir e que nós teríamos 8 horas para mostrar o que aprendemos. Também disse que não queria nada do jeito que ele tinha feito e que não precisava ser a matéria que ele tinha ensinado, tinha que ser algo diferente, tudo recriado. Sei que nós saímos de lá as 7 da noite e fomos tomar um banho e logo depois nos reunimos no Polivalente, pois tinha um colega nosso que era diretor lá, para termos espaço para trabalhar e vermos o que poderia ser feito por cada grupo, pois o professor havia dito que poderia ser feito em grupos, desde que todos participassem. Sei que meu grupo fez uma missa com o que a gente tinha aprendido. Tudo foi feito numa noite, programado, executado, datilografado, passado no mimeógrafo para todos os colegas. No final, o professor gostou, cada um fez uma coisa diferente, ninguém queria ficar na frente parecendo bobo. Realmente, ele era uma pessoa muito interessante, muito bom, acredito que deva ser professor da UFMG até hoje.

Quanto a minha vida dentro do UNIARAXÁ, entrei lá quando ainda era FAFI, na época em que fiz o meu curso de pedagogia. Assim que eu terminei o meu curso, a diretora na época, Eunice, me chamou para trabalhar lá em uma substituição. A Auxiliadora, que hoje é nossa reitora, também já estava trabalhando lá. Nesse meio tempo, a Eunice deixou a direção e a mudança de direção não foi muito tranqüila, foi meio tumultuado. Lembro-me que o Paulo Roberto é que foi eleito diretor, muito bom e dinâmico, portanto, acredito que comecei bem, ele era uma pessoa que valorizava muito a gente. Mas, todos falavam que lá era uma maravilha e eu fiquei um pouco impressionada de ver tanto tumulto, reuniões calorosas, atritos, coisas assim. Teve uma vez, uma reunião que começou as 8 da manhã e só foi terminar as 3 da tarde. Ficava me questionando se eu iria dar conta daquilo tudo, mas foi muito bom, passada a fase dos problemas, eu nunca tive problema muito desagradável lá não, porque é claro que problemas a gente tem, dificuldades com alunos, mas tudo foi até bem tranqüilo.

Comecei então, na FAFI, depois passamos a FIAP e hoje somos UNIARAXÁ, e essa ascensão foi muito rápida e bonita, acompanhei todo esse percurso e sempre me senti muito bem, acho que as qualidades dos colegas que tenho, dificilmente se vê hoje em dia, somos muito calorosos uns com os outros, a

integração é muito boa. Não é que não houvessem problemas, vivi várias fases, convivi com vários tipos de pessoas, mas acredito que na medida que fomos crescendo, em proporções gigantescas até, fomos superando tudo isso com a qualidade de nossos cursos, o aumento da oferta de cursos, a própria nomenclatura de poder ser quase uma universidade que também cresceu no relacionamento das pessoas que convivem e trabalham lá dentro.

Uma coisa que sempre me chamou a atenção, foi que mesmo tendo as nossas preferências, isso é humano, não vejo ninguém querendo derrubar o outro, não sinto isso lá no UNIARAXÁ. Lembro-me de meus colegas de outras universidades que falam que isso é uma constante lá onde trabalham, que é um querendo derrubar o outro, mas não vejo isso aqui, então, acho que cada um quer o seu espaço, luta por ele, mas sem querer pegar o que é do outro, de achar que aquilo deveria ser seu. Acredito que isso seja mais uma garantia de qualidade de trabalho e, talvez seja por isso que estou lá até hoje. Sempre me dei bem com os dirigentes, sempre procurei trabalhar da melhor maneira, embora saiba que existiram falhas, as falhas são humanas, mas foi um tempo muito agradável. Outro dia a Auxiliadora brincou comigo, que uma pessoa tinha falado com ela que eu estava muito bem aparentemente, pela minha idade, pelo meu tempo de vida e ela respondeu que era porque eu trabalhava no UNIARAXÁ. Isso é verdade, acho o trabalho uma terapia e se a gente se sente bem onde trabalha, isso é melhor ainda. Se não tivesse sido assim, não estaria lá até hoje. Tenho deixado um pouco das aulas, diminuído o ritmo, porque sei que tenho que parar, mas acho o lugar tão agradável que ainda não encontrei esse tempo para parar.

Acredito que quando trabalhamos em um local que não estamos felizes, ficamos doidos para completar o tempo exigido para podermos sair. Aposentada eu já estou, lá no UNIARAXÁ eu tenho é um contrato, como vários professores, é uma situação comum e todas as universidades, tanto as federais, como as particulares, então acredito que cresço muito lá dentro, com o convívio com os colegas, com os alunos, isso faz muito bem pra gente, você poder entendê-las, ver o que pensam, ver a diferença do seu pensamento com o delas, fazer uma analogia, poder tirar seus próprios conceitos, isso traz um enriquecimento muito grande. Acho a parte humana e a parte do conhecimento que acontecem lá dentro muito bons, o enriquecimento é muito grande e tenho feito o possível para acompanhar, para não ficar para trás. Tudo isso não teria sido possível se eu não me sentisse bem, não teria conseguido.

Quanto a questão dos cursos de licenciatura, acredito que são bons, mas que melhorar é sempre preciso, mesmo nessa época de transição que estamos vivendo, de mudanças tão repentinas, é preciso que tudo mude para melhor e rápido, não podemos esperar. O nosso alunado, de uns tempos para cá, também mudou muito, ele era mais concentrado, mais dócil, mais velho, e talvez até estudasse mais. O nosso aluno de hoje é mais disperso, pela própria conjuntura da idade, hoje eles são muito jovens, e tudo que têm que acompanhar, viver, faz com que sejam menos concentrados, sinto que eles estão muito preocupados em sobreviver, isso tudo influencia no processo do conhecimento que eles precisam adquirir.

Acredito que nossos cursos são muito bons, nosso grupo de professores também, ainda conseguimos fazer com que nossos alunos, com todas as dificuldades que têm, permaneçam nos cursos e produzam. Entramos numa sala de aula e depois de 6 meses, quando saímos, vemos o crescimento deles na maneira de responder as coisas, de fazer, de escrever, até na postura. A postura do jovem hoje é muito diferenciada e o professor precisa ter a sua postura porque ele é o exemplo, isso é fundamental, educamos através de exemplos e não de palavras. Alduini diz que o professor é o ser da palavra, mas eu acho que o exemplo é que é fundamental, o professor precisa ter muita postura para assim tentar fazer com que seu aluno melhore. Não defendo aquela postura arcaica, mas dentro dos limites da época, o

professor tem que ter essa postura diferente, em qualquer lugar que ele esteja, isso é que faz a diferença.

Então, é isso que eu sinto, acho o jovem hoje muito mais autêntico também, às vezes eles falam muito fora de hora, mas é preciso saber contornar tudo isso. Uma das piores qualidades que uma pessoa pode ter é a mentira, às vezes nem é mentira, é omissão, e quando isso acontece, a pessoa fica desacreditada, isso me preocupa muito, em educação então, não deveria acontecer nunca. Com relação ao professor isso se torna mais sério, porque ele é uma pessoa muito visada, muito exposta. Tudo isso me preocupa porque trabalhando com formação de professores, alguns alunos não têm essa percepção, acham que dentro da sala a postura é uma e saindo dali pode ser diferente. Muitos não se preocupam com isso, não percebem que tudo os constitui, que é uma questão ética. Como educar se não somos educados? Tudo é construído dia após dia, constantemente, se você não começar a fazer um bom alicerce, como vai ficar depois? Acredito que a pessoa vai sofrer muito, o mercado está muito exigente, o que fazemos em educação é muito sério. Somos lembrados por nossas atitudes.

Tudo que lembramos dos nossos professores envolve a questão de postura, é o que fica marcado para sempre. É claro que o conhecimento é importante, vem incorporado, mas não lembramos do que nosso professor nos ensinou e sim da forma que nos tratou, de sua maneira de ser e agir. Portanto, é muito importante o professor ser um ser humano equilibrado, um ser humano capaz de enxergar o outro como gente, de ver que o outro é um ser muito importante. É isso que mais me preocupa na formação de professores, levar nossos alunos a serem excelentes profissionais, mas acima de tudo, excelentes seres humanos, e sei que é o mais difícil, mas acredito que sempre é possível.

Se alguém chegasse para mim hoje e me perguntasse se eu escolheria minha profissão de novo eu escolheria sim. Escolheria porque acho que nunca me senti frustrada, que me ensinou muito, que me mostrou que todos os problemas que vivi me fizeram crescer como gente, consegui sair ilesa, com a consciência tranquila. Outra coisa que me chama a atenção, é que consegui ser verdadeira naquilo que fiz, que não prejudiquei ninguém, aprendi muito a valorizar os outros, respeitei a todos. Tive colegas que passaram pela minha vida que foram exemplos magníficos, aprendi muito com eles, foi um aprendizado constante. Fico pensando em outra profissão e não me vejo fazendo outra coisa, por tudo isso, escolheria ser professora novamente, sem nenhuma dúvida.

Definir-me como pessoa e profissional eu acho muito difícil, nunca pensei muito nisso, acredito que a imagem que faço de mim mesma é de uma pessoa que batalhou muito, que realmente fez aquilo que acredita. Procuro muito ser coerente com as coisas que faço e falo, sempre, então acredito que a imagem que tenho de mim mesma é a de uma pessoa trabalhadora, que sempre batalhou pela coerência, que procurou ser útil, que é uma qualidade que admiro muito nas pessoas. Na medida em que somos úteis para os outros, estamos sendo também para nós, essa filosofia de vida eu tenho. Também me acho uma pessoa responsável, comprometida por tudo aquilo que vivi e vivo, venci muitos obstáculos.

Agora, eu acredito que uma das coisas que pesou um pouco na minha vida, foi o fato de não ter feito mais cursos, mais cedo. Hoje eu não faria o mestrado, acho que não está mais na hora de fazer, isso ficou em minha vida como uma coisa que eu gostaria de ter feito. Quando ainda existia a possibilidade não foi possível, tudo era muito difícil, muito complicado e quando as oportunidades chegaram, eu já não estava mais na época, tudo tem seu tempo, sua hora, não adianta ir fazendo as coisas só por fazer, é preciso que haja um retorno para a comunidade acadêmica. O Saramago sempre falou que eu devia fazer o mestrado só para o meu prazer, mas eu

acho que hoje não tenho o tempo necessário para isso, acredito que seja melhor eu não fazer, temos que tomar as nossas decisões na vida, não ficar angustiados. Tudo é dentro das possibilidades, estabelecemos nossas prioridades na vida e vemos o que é possível ser feito, que não te prejudique e nem aos outros, pois existem uma série de circunstâncias na vida da gente, como família e compromissos.

As mudanças que estão sendo propostas na educação eu acredito que são aceitáveis, vivemos numa época de transição, uma época em que tudo muda de forma acelerada, então é meio complicado. É por isso que vejo as medidas como necessárias, mas nem todas surtem efeito, vemos tanto desvio de verbas, mudanças radicais, como a questão de acabar com o “Provão”, que me deixou muito chateada. Era uma coisa que estava caminhando para dar certo, não gosto muito dessas mudanças em educação, quando a gente começa a se engajar, aquilo muda, e o que está dando certo não deve ser mudado. Esse novo modelo de avaliação, o ENADE que é por estimativa, talvez dê certo, não quero falar sem ver os resultados, mas o “Provão”, depois e tanta luta, estava engatilhando, o pessoal aos poucos foi aceitando, aí vieram as mudanças, e eu acredito que isso prejudica a educação.

Outra coisa que chama a atenção, é que hoje o povo está buscando a educação, os pais não querem que o filho fique fora da escola, quer que ele permaneça, mesmo que ele não saiba como conseguir isso. Os adultos também estão buscando a escola, aquele que não sabem ler, que não foram alfabetizados, pessoas que ficam a margem da vida, da sociedade, das comunidades. Então, temos que lutar para que todos se envolvam, se a educação não vai muito bem. O problema é que as mudanças não têm atingido os objetivos aos quais se propõem.

Essa mola mestra que é o professor em sala de aula é capaz de fazer coisas que nem o governo faz, mas a valorização do professor é uma coisa necessária e urgente, que até hoje não foi percebida pelas ações governamentais, são batalhas que tem que ser vencidas.

Sempre que viajo, vejo escolas e fico analisando-as. Em Uberlândia, fiquei encantada com as escolas, com os prédios. Uma criança pobre, que não tem nada em casa, chega em uma escola dessas e aquilo certamente influenciará a vida dela. Então, as mudanças são necessárias, a escola precisa se organizar, precisa proporcionar um ambiente tranquilo para as crianças, precisa rever aquilo que não está bom e mudar. Acredito na educação e através dela, muita coisa pode ser feita pelo bem das pessoas. Acredito que, as mudanças e as políticas públicas precisam ser direcionadas às escolas periféricas. Onde há mais carência, onde há menos recursos da população, as escolas deveriam ser as mais bem equipadas e as que oferecessem melhores condições pedagógicas e isto não estamos vendo acontecer.

Tudo que vivi, me traz uma certa tranquilidade no meu trabalho, como no fazer com que os alunos busquem o seu conhecimento de uma maneira tranquila e segura. Paulo Freire fala que a educação, não é em todo momento em que ela acontece, tem momentos em sala de aula em que a interação entre professor e aluno é tão grande, que se faz ou se dá um crescimento mútuo. Às vezes você passa a semana toda sem que haja educação, e de repente, ele acontece, tanto como aprendizagem, como valor humano. Quando o aluno percebe a palavra, quando ele a decodifica, e ele entende o que o professor diz, eu acredito que aquele momento é mágico, indescritível, inesquecível.

Estou vendo isso nas nossas turmas de alfabetização, também já trabalhei com alfabetização de adultos, na sala de aula, já vivi em todos os níveis. Isso foi muito bom na minha vida, foi proveitoso, me trouxe mais satisfação do que mágoas. Tudo ficou em mim, porque faço meu trabalho com amor, gosto do que faço.

Maria Auxiliadora Ribeiro.

Entrevistada no dia 10 de junho de 2005.

Nasceu no dia 23 de abril de 1945, na cidade de Araxá, MG. Divorciada. Formada em Pedagogia pela Faculdade São Tomás de Aquino em Uberaba e especialização na área de Educação pela UNISINOS – RS. Trabalha no magistério há 41 anos e no UNIARAXÁ há 28 anos. Atualmente é reitora do UNIARAXÁ.

Um dos fatos mais engraçados que eu acho na minha vida, foi quando eu fiz a primeira série, naquela época o primário, em que tive muita dificuldade para aprender a ler e eu nunca contei isso para ninguém, mas me lembro muito bem desse fato. Tive uma professora extremamente dedicada que era a dona Marina e eu passava todos os dias na casa dela, às 11 horas e ela ia comigo para a escola uma hora antes do horário e ali me ensinava a ler.

Outra coisa diferenciada da minha vivência em termos de escola foi que a segunda e a terceira séries eu estudei na zona rural, e era uma situação muito difícil porque eu ia pra escola a cavalo, era uma sala multiséries e a professora atendia todas as séries numa única sala.

Isto, mais tarde serviu muito na minha vida, quando como secretária de educação, eu encontro a mesma realidade, o que não me assustou tanto e que essa situação podia funcionar bem, desde que o profissional que trabalhasse na escola fosse bom. Acaba que aquela situação de ir para a escola a cavalo, todas as manhãs, de ajudar nas tarefas da fazenda, porque naquela época a gente vivia daquilo que produzia na fazenda, portanto com muita dificuldade, foi alguma coisa que me fez na verdade, muito forte e muito determinada.

Sou uma pessoa que sonha o tempo inteiro, quero alcançar, quero atingir, e com uma característica muito interessante, porque os meus sonhos são coletivos. Então, acho que as grandes marcas que ficam realmente na minha formação, é esse princípio, esse panorama um tanto quanto tumultuado, fora da realidade da maioria das pessoas. Aí, me vem a imagem do meu pai, a voz dele dizendo pra mim, exatamente o seguinte: “A menina que estudou na roça, virou reitora”, foi o que ele me disse logo após a minha posse como reitora. Acho que o que mais me marcou foi esse meu começo de história.

Sempre tive professores extremamente dedicados e competentes, e na verdade, ter estudado, na época não se falava fazenda, se falava era roça mesmo, não me prejudicou absolutamente em nada, pois quando eu vim para a cidade, havia um concurso classificatório para entrar na escola, e eu me lembro que tirei 9,7 e fui para a primeira sala do Delfim Moreira, que era a escola que todos freqüentavam, a melhor opção que tínhamos.

Existe uma situação interessante. Minha mãe sempre foi muito rigorosa com a nossa criação e com a questão das atividades que eram estabelecidas, todos nós tínhamos tarefas para desempenhar. Então, com muita freqüência, quando ia levar comida na roça para os empregados, plantávamos naquela época arroz ou milho, e quando eu voltava para casa, costumava sentar num galho baixo de uma árvore, apesar de morar na fazenda, nunca tive essa habilidade para subir em árvores, e ali ficava sonhando, sonhos que permaneceram comigo. Aquela vida na fazenda era uma vida de muitas dificuldades, muito limitada, mas apesar de tudo isso, não me passava pela cabeça ficar ali, eu já queria ser professora. E ainda hoje, outro dia, no Centro de Convivência do UNIARAXA, participando da II Jornada de Educação, falei que se a gente realmente voltar após a morte, eu quero voltar mulher e professora.

Creio que essa coisa de querer ser professora, sempre foi muito forte em mim, desde muito pequena.

Não digo que a gente nasce determinada para ser algo na vida, acho que tem também a questão dos dons. Os dons é Deus quem nos dá para que a gente os desenvolva, mas é lógico que a influência do meio no qual somos criados, a convivência com as diversas pessoas e situações vão nos fazendo. Nem todo mundo pode ser professor, sobretudo educador, pois na profissão de professor as coisas são muito fortes, é preciso ter alguns atributos, alguns talentos. Nascermos um pouco predestinados, mas não prontos.

Sair da fazenda para vir morar na cidade, foi muito mais uma questão de circunstância, uma opção da minha família, pois tinha chegado o momento em que nós tínhamos que vir para a escola, e na fazenda não haviam mais recursos. Minha mãe sempre foi uma mulher muito independente e nesse sentido eu acho que fui muito marcada por ela, não quis deixar a gente vir para a cidade e ficar morando com uma tia, com uma avó, coisas que eram possíveis naquela época. Somos uma família numerosa, dez filhos e nessa época já tinham nascido sete. Depois que a mamãe veio para a cidade, ela ainda tem mais três filhos.

Apesar de haver aquele desejo, aquele sonho de ser professora, existiu também que naquela época, a única opção que tínhamos de estudo, era para ser professoras, fazer o magistério. Na verdade, todos brincavam dizendo que sendo mulheres, só poderíamos fazer o curso normal, pois trabalhar só podia se fosse para ser professora, ou então ficar esperando o casamento. Era mais ou menos assim, historicamente colocado dessa forma. Então, eu fiz o curso normal.

Outra circunstância que eu acho que muito me marcou, inclusive eu tenho o maior orgulho de dizer, foi a marca das dominicanas em minha formação, isso foi muito forte porque fiz o ginásio e depois o curso normal e o próprio terceiro grau na São Tomás de Aquino em Uberaba. Tenho comigo o seguinte, de que muita coisa do que faço hoje em termos de organização, de exigência, que acaba criando um diferencial nas instituições que passei e nos lugares em que administrei, foi muito marcado pela minha formação de dominicanas. É uma formação realmente integral, em que realmente valoriza o ser humano. Lembro-me, por exemplo, de que nós éramos recebidos por uma irmã que variava de vez em quando, e que elas observavam o seu uniforme e até a cor do seu soutien para não aparecer na blusa. Por tudo isso, você acaba tendo uma formação voltada para a organização, para o bom gosto, de saber exatamente como deve se portar na vida. Tenho uma marca muito forte das dominicanas!

Quanto ao ser professora, eu quis trabalhar logo que comecei o curso normal, de imediato. Tive excelentes professoras no curso normal, mas me lembro de duas, que foram determinantes na minha vida. Uma é a dona Leonilda Montandom e quando dei a minha primeira aula, que foi no Eduardo Montandom, ela me abraçou e falou para mim: "Menina, você vai longe!", eu tinha então, quinze anos, estava fazendo o primeiro normal e realmente tive um nível de exigência, uma busca pelo perfeccionismo muito forte, não um perfeccionismo doentio, mas de sempre buscar a qualidade. Às vezes em minha profissão, preciso ficar me puxando um pouco para trás, exijo muito, mas sempre busco respeitar o grupo e a coletividade.

Então, comecei a trabalhar de imediato. Quando me formei, como aqui em Araxá não havia vaga para professora, fui para Uberlândia morar com a tia Zulinha e lá trabalhei por um ano. Em setembro desse mesmo ano, teve concurso público para o Estado e eu fiz, ficando classificada em primeiro lugar. Interessante que eu fiquei em primeiro lugar e a Íris, em segundo. Os primeiros classificados podiam escolher o lugar que queriam trabalhar e então eu voltei para Araxá e fui para o Delfim Moreira. Lá, a dona Agar, diretora na época, começou logo a trabalhar comigo, no sentido de

que eu precisava fazer faculdade, pedagogia e administração escolar. Já percebeu logo que eu tinha um perfil para administrar.

Fiquei na sala de aula apenas um ano, depois fui transferida para a função de eventual, o que na verdade era para poder ajudar a dona Agar a implantar a reforma de ensino, que era a Lei 5692/71, e ela, apesar de extremamente competente, precisava de uma pessoa de cabeça mais jovem, com uma visão diferenciada, uma vez que essa lei trazia uma liberdade, considerada na época significativa, hoje não sei se realmente existia essa liberdade, ou se éramos mais os nossos ideais ou nossa vontade de mudar a realidade de nossas escolas.

Daí em diante, a vida inteira, fui passando por situações diferenciadas e pouco depois de formada, fui convidada a dirigir a primeira escola, começando aí a mesclar minha vida entre ser professora e ser administradora ao mesmo tempo. Mas, não tenho dúvidas de que ser professor, apesar do tanto que gosto de administrar e me identifico com essa função, é o que faz a gente de verdade mesmo.

Pensando ainda em professores que me marcaram, tive vários. Engraçado que se alguém me pedisse para falar sobre algum professor que me influenciou negativamente, eu não tive. Tive sim, ao longo da minha vida, professores que foram extremamente significativos. Lembro-me que, quando no primeiro período da faculdade, tive o professor Prata, dando aula de Sociologia. Ele havia vivido toda aquela situação de perseguição da época da ditadura e tudo mais, e eu ficava deslumbrada, era como se um filme passasse na minha cabeça, as aulas dele eram dessa forma. E acaba que tendo professores tão variados, com formação muito diferenciada, com formas pessoais de ensinar, foi um presente, de cada um, recebi uma carga de influência e é realmente isso que fica em nossa vida.

Tudo isso me faz perceber que a facilidade que eu tenho de adaptação foi construída com essas experiências. Por exemplo, ajudei a implantar a 5692 e quando veio a 9394, em outras circunstâncias da minha vida, eu já tinha uma certa experiência, apesar de estarmos vivendo no país outro processo histórico de mudanças. Isso acontece quando eu já participava da direção do hoje UNIARAXA, o que permitiu uma grande renovação no próprio grupo que resultou em sucesso.

Ao longo da minha vida, eu não tenho, por exemplo, um momento que eu diga que tenha sofrido com alguma circunstância, nem mesmo quando ser diretora era um cargo político, a gente era nomeada e era dispensada pelo ato político. Nem mesmo quando fui dispensada da direção, exatamente porque outro grupo político é que ganhou no Estado, aquilo não me trouxe nenhum sofrimento, trouxe pelo contrário, uma questão de eu estabelecer um tempo mínimo para minha permanência no Estado, porque a função que eu desenvolvia já se mostrava pequena para mim, eu já enxergava alguma coisa mais a frente.

Em 1977 eu comecei a dar aulas na faculdade, na nossa faculdade e daí eu não saí mais, mesmo ocupando cargos que me exigiam mais tempo, como por exemplo, o de secretária de educação, eu continuei dando aulas na faculdade. Então, acho que essa facilidade que tenho para mudar, para aceitar as coisas que estão vindo e saber onde e como aplicá-las é muito grande. Como secretária de educação mesmo, eu fiz grandes mudanças, que eram na verdade implantadas pelas exigências da Constituição de 88, pois trabalhei nessa função de 89 a 92. Então, se fosse para eu dizer se sigo uma teoria, uma linha, acho que eu não sigo, estou aberta ao novo, àquilo que tenho que fazer.

Tudo isso me faz ver que a minha história de vida está completamente emaranhada com a minha vida profissional, hoje eu enxergo isso muito claramente. Não tem como afirmar que a vida profissional é mais forte que a pessoal, mas tenho

que admitir que vivi muito mais a vida profissional, embora eu seja uma pessoa muito próxima da minha família, de dar muita assistência, sempre coloquei como primordial a minha vida profissional. Chego até a acreditar que a minha separação foi muito influenciada pela valorização que eu dava a minha vida profissional e minha vida pessoal ficava em segundo plano, tanto que meu ex-marido dizia que havia se casado com um monumento da cidade e isso o perturbava muito, não resta a menor dúvida.

Engraçado que, outro dia eu comentei com a minha mãe que Deus faz as coisas tão bem feitas, e que Ele tinha feito certo ao não me dar filhos, porque não tem nada a ver a minha vida, com tudo isso que vivi, todas essas atividades, criando filhos. Não ia ter jeito, alguma coisa iria ficar mal olhada. Hoje, tenho o Tiburcinho, mas ele entrou na minha vida já adolescente, foi diferente, não teve aquela situação de ficar envolvida o tempo inteiro, de ter que estar junto. Realmente isso é muito forte, a priorização que dou a minha vida profissional, considero o trabalho a melhor coisa da vida e em decorrência do trabalho, acho que vieram todas as outras situações. Às vezes as pessoas acham que o trabalho é consequência da vida, eu já acho que a vida é consequência do trabalho, eu priorizo muito o trabalho, mas mesmo assim, procuro viver muito a minha vida social, sempre gostei, estou sempre presente em tudo que se faz necessário.

Quando penso em situações mais difíceis, acredito que o mais difícil para mim, foi a transformação que vivemos aqui no UNIARAXA. Estávamos em um momento histórico, em que, ou nós fazíamos a mudança, ou o próprio mercado de trabalho fecharia as nossas portas. Toda essa transformação foi muito difícil, mas ao mesmo tempo foi uma vivência fantástica para todo mundo, pois conseguimos conservar a quase totalidade do grupo, ao mesmo tempo em que as mudanças necessárias para que a instituição crescesse fossem processadas. Costumo dizer que, ao contrário do que muitos acham, de que tudo o que fizemos foi planejado, não foi assim. Ninguém fez nada planejado, foi no próprio desenrolar dos fatos, em meio às surpresas, na tomada de decisões necessárias, que fomos descobrindo os caminhos.

Interessante que hoje, lembrando, vejo que foi quando assumi a Secretaria de Educação que a coisa foi mais complicada, meio que um desatino. Falo isso porque a única coisa que a secretaria fazia em 89, era ter pouquíssimas turmas de educação infantil e o Ensino Supletivo que era uma loucura, duas coisas que eu nunca havia trabalhado. Aquilo ali foi um grande desafio, mas tínhamos uma grande vantagem, que era a série de obrigações impostas pela Constituição de 88, que nos ajudava a fazer as mudanças.

Já, aqui no UNIARAXA, eu pertencia a um grupo, precisávamos fazer as mudanças de forma rápida e ágil. Hoje, fica claro que deu certo, basta ver o número de alunos que nós tínhamos e o número que temos hoje. Outra coisa que acho interessante nessa nossa transformação em Centro Universitário, é que nós fomos muito felizes, pois é muito difícil uma instituição, sobretudo uma instituição de ensino, você fazer uma transformação em que crescemos em termos de qualidade de ensino, em termos de gestão e de espaço físico. Geralmente, um lado cresce mais, outro fica defasado. Acredito que profissionalmente esse foi o meu maior desafio, justamente pelos resultados alcançados.

Pensando hoje, depois de todo esse tempo de atuação profissional, tenho certeza de que se fosse para escolher essa profissão novamente, eu a escolheria sem pensar. Digo isso, exatamente porque me sinto perfeitamente realizada com o meu trabalho, com o que fiz ao longo da vida toda e com uma coisa que acho que tem um valor enorme na minha vida, que é eu ter passado por todas as funções. Apesar de ter administrado mais tempo, o ser professor realmente, foi muito mais

forte, essa é a minha formação, porque nas outras funções, estive e estou circunstancialmente, é aquele momento, mas o que sou realmente é professora, é a minha identidade.

Acredito que o que me faz muito feliz sendo professora, é esse convívio com as pessoas, que te renova o tempo inteiro, pois a cada semestre recebemos um grande número de novos alunos. Essa é a minha maior saudade da sala de aula, essa convivência, esse poder observar que nem envelhecemos como as outras pessoas, exatamente porque a gente é desafiada o tempo todo.

Outra coisa que realmente reforça essa questão minha de querer continuar a ser professora, é que eu tenho muito forte em mim a questão da coletividade, de benefício do coletivo, de consciência coletiva, coisa que ninguém trabalha melhor do que o próprio professor. Acho que nós ainda não descobrimos, ainda não vivemos toda a intensidade do que somos capazes como professores e como escola, indiscutivelmente, para mim a escola é a maior instituição organizada, mas nós ainda não a utilizamos em sua totalidade, o professor não reconhece ainda todo o seu potencial.

Com relação aos cursos de Licenciatura, de formação de formadores, acredito que o maior desafio é o pouco interesse que as pessoas têm para com esses cursos. Tenho pensando em campanhas maiores de divulgação, sempre que possível dou testemunho do tanto que é bom ser professor, que a realização pessoal é muito grande, que é possível viver bem e até ganhar dinheiro sendo professor. Uma coisa que acho prejudicar muito, é o reforço que os próprios professores insatisfeitos dão, quando falam mal da profissão. É uma coisa assim muito complicada, como vamos querer que a sociedade nos valorize, quando nós mesmos não nos valorizamos? Queremos que os outros façam aquilo que nós é que deveríamos fazer.

Acredito que uma das alternativas para que o Instituto Superior de Educação continue como célula "mater" de nossa instituição seria adquirir novas funções. O pessoal mexe muito comigo, dizendo que o Instituto de Educação é o meu predileto e eu costumo dizer que não é questão de predileto, que como reitora tenho que ser igual a mãe, olhar a todos, atender a todos. Agora, eu brinco muito, que ele é o meu ninho e que gosto muito desse ninho.

O que eu mais gostaria de fazer em relação ao Instituto de Educação, é nós continuarmos essa luta para a formação de professores, fazendo o melhor, com a melhor qualidade possível, da forma mais interessante, até chegarmos a criar um Centro permanente de capacitação de professores, tenho isso muito forte comigo, esse referencial. Exatamente porque quero poder aproveitar toda a experiência que temos, todos os professores que foram se habilitar, que fizeram mestrado com sacrifício e tudo mais. Por outro lado, existe em nosso pensamento que o próprio mestrado nosso, o primeiro que criaremos, vai ser na linha de educação.

Outra alternativa para o Instituto de Educação, foi a questão de trabalhar com 20% da carga horária à distância, o que, depois de várias discussões, foi muito bem recebida pelos alunos e já, pelos professores. Mas, como nossa ênfase é no aluno, estamos buscando sempre oferecer o melhor, temos muita gente boa aqui, que pode fazer um trabalho fantástico e com isso, nos transformarmos em um Centro de referência, para não apenas formar, mas também capacitar.

Às vezes a rapidez como tudo tem acontecido me assusta. É tudo tão acelerado, tão ágil, o movimento na minha sala é intenso o dia todo, muitas vezes não tenho nem tempo suficiente para poder absorver tudo isso, para enxergar a dimensão de tudo que estávamos e estamos fazendo. Mas, ao mesmo tempo é gratificante, pois percebo não só o crescimento da instituição, mas o meu próprio

crescimento, e fico pensando como que uma pessoa que está a quarenta anos no mercado de trabalho, sempre na educação, ainda percebe que cresce.

O crescimento da nossa equipe também é visível, a formação de uma equipe que veio de fora e que manifesta o tempo todo que se pudessem deixariam a outra instituição onde trabalham para poder trabalhar só aqui. Vários até já fizeram isso, já fixaram residência em Araxá. Na verdade, quando você sonha, e sonhar é um direito de todos, com consciência de que tem direito àquele sonho, você agrega tudo que é necessário para constituir aquele sonho em realidade. Então, acaba que o UNIARAXA hoje, é o que é porque foi sonhado e realizado por muitos.

Muitas coisas nos pegaram de surpresa, até a mim mesma e a hora que mais vejo isso, é quando preparo algum material para apresentar em reuniões, congressos, encontros, e levo um susto com tudo que fizemos e fazemos. Nossa equipe é muito boa, muito entusiasmada, muito alegre e eu estou, como lá na Antiguidade que o entusiasmo era visto como sendo capaz de fazer alguma coisa acontecer, eu tenho entusiasmo. Acho também, que tudo aquilo que você coloca Deus em primeiro lugar e depois o entusiasmo e a competência, e tem em mente que se deve trabalhar em grupo, pois ninguém faz nada sozinho, acontece. E é um trabalho muito grande. Quando alguém me pergunta que curso eu vou trazer, como se fosse eu que trouxesse os cursos, falo que um trabalho tão grande como o nosso só pode ser feito em grupo, que o grupo é muito bom e muito forte, e que eu só pude ter dado conta de fazer tudo isso nesses quatro para cinco anos, porque trabalhamos juntos.

Se alguém me pedisse para me definir como pessoa, diria que sou uma pessoa de bem com a vida, muito dinâmica e extremamente organizada. Fica difícil para mim, separar o pessoal do profissional, porque na vida da gente, vamos ficando muito compromissadas e não sabemos mais distinguir, não separamos um do outro. A vida inteira, por todos os lugares por onde passei, sempre fui muito rodeada pelas pessoas que trabalham comigo, com muito carinho e atenção, com muita presença, chegando até a irem a minha casa quando viajo a serviço, olharem como estão as coisas por lá. Essa é uma vivência que carrego ao longo da vida e que me faz muito bem.

Tenho muito forte comigo a valorização da família e da espiritualidade, sou uma pessoa católica, acredito em Deus e O coloco em tudo, embora nossa instituição não professe nenhum credo, Ele está sempre presente nas nossas coisas, o tempo inteiro. Não vejo Deus como aquele que castiga, só vejo Deus como aquele que provém, como aquele que quer a melhor coisa pra você, que o tempo dele é diferente do nosso. As vezes a gente acha que Ele, que alguma coisa ficou errada na vida da gente, que não poderia ter acontecido naquele momento. Tive uma situação muito forte e muito difícil de ser vivida, que foi a doença e a perda do meu pai. Se não fosse realmente a fé da gente que acredita que Deus está fazendo o melhor, acho que não suportaria. É como se tirassem um pedaço da gente que não se reconstitui mais. Nessas circunstâncias da vida é que eu trabalho mais, o trabalho para mim é uma terapia.

Quanto às minhas expectativas para o Centro Universitário, deveremos abrir ainda para 2006, uns dois cursos novos. Mas já estamos discutindo com o grupo de gestão a questão de que vamos trabalhar não em função de ter um grande número de cursos, mas em função de ter os nossos cursos todos, muito bem trabalhados, com a formação de profissionais da melhor qualidade possível, o mais rápido possível.

Com relação à transformação em Universidade, temos que repensar. Nós já vínhamos colocando com muita força, que 2007, pelo decreto federal, tínhamos a obrigatoriedade de ir a Universidade. Isso não se faz por decreto, se faz por

caminhos, por maturidade, por capacidade e tudo mais. Hoje, eu já não falo isso com tanta segurança, pelo seguinte, como é que vai ser aprovada a reforma do Ensino Superior? Tem também aquela exigência para as universidades, de que você tem que ter no mínimo três mestrados e um doutorado funcionando, coisa que apenas 30% das universidades do Brasil atendem. Politicamente e historicamente, eu acho que estamos vivendo um momento péssimo no Brasil, nem o próprio governo sabe o que quer. Ainda bem que acredito muito pouco na influência de governo, acho que quando a gente quer, o máximo que eles conseguem fazer conosco é restringir através da legislação. A restrição é ótima, pois a própria legislação, você a humaniza e aplica sem problemas. Mas, é um momento muito complicado que estamos vivendo, sobretudo nós que somos do setor particular. Acho que merecíamos mais respeito pelo trabalho que fazemos, afinal, respondemos por 80% do alunado do ensino superior, deveríamos ter pelo menos mais respeito e sossego para podermos trabalhar.

Nossa missão no UNIARAXA, o que a gente quer mesmo, é formar profissionais com formação humanística, com consciência de que a pessoa precisa ser melhorada, porque conhecimento ele vai buscar pelo resto da vida, não dá então para priorizar só o conhecimento e sim a formação.

Uma das coisas que mais me deixa feliz na instituição é exatamente a história que aconteceu com muitos alunos nossos, com você mesma Ivana, que agora está me entrevistando para a sua pesquisa no curso de mestrado. Você foi minha aluna na Pedagogia, depois foi convidada para vir trabalhar aqui pela sua própria capacidade, pela sua própria atuação enquanto aluna em sala de aula, e hoje já está há mais de 10 anos na instituição, tendo vindo no começo para uma substituição. Isso é muito gratificante! E veja você uma coisa, cada coisa acontece a seu tempo, cada pessoa dentro do seu tempo.

Lembro bem quando eu os motivava a irem para o mestrado e já dizia que eu não iria, pois já estava e estou em uma fase da minha vida que valho pela minha competência. Mas eu poderia, por exemplo, egoisticamente, não ter me preocupado em encaminhá-los, não ter facilitado e tudo mais. E quando vejo vocês desempenhando do jeito que desempenham, com a dedicação com o que fazem, com competência no que fazem, eu fico muito feliz.

Uma das grandes frustrações que levanto para nós no magistério, é que não estamos formando pessoas para nos substituir, e isso só começou a suavizar em minha vida, quando vejo vocês se formando e desempenhando trabalhos com qualidade e dedicação em tudo que fazem. Muitos são exemplos, você é um deles.

Uma coisa que sempre fiz questão é de andar bem arrumada, me apresentar bem para meus alunos e em todos os ambientes ligados a educação que frequento. Acredito que é um traço meu que herdei do meu pai. Minha mãe brinca muito comigo dizendo que se eu vestir chita, fico bem vestida, apesar de achar que isso é mais orgulho de mãe. Sei que sempre fiz questão de estar bem, de causar boa aparência no meu exercício profissional. Agora uma coisa que eu costumo dizer muito, é que a única coisa que eu fiz na vida foi educação, então, conseqüentemente, sempre procurei fazer bem feito, uma vez que ao optar por aquilo, você tem que fazer certo e muito bem feito, indiscutivelmente.

Realizo-me muito no que faço, sobretudo, naquilo que as pessoas que convivem comigo estão fazendo. Uma coisa que trabalho muito no grupo de gestão, com o pessoal com quem falo e convivo, é que o conhecimento pertence à humanidade, e que quanto mais nós passarmos conhecimentos, quanto mais ensinarmos, mais fortalecido ele vai ficando. Dons, que é aquilo que faz a gente diferente, são características pessoais de cada um. Uma vez em uma palestra no

campo religioso, tive a oportunidade de ouvir alguma coisa muito interessante, mais ou menos assim, de que os dons são qualidades e atributos que Deus nos deu para colocarmos a serviço dos outros. Então, quanto mais você se coloca a serviço do outro, mais isso volta para você. Com o conhecimento e os dons, conseguimos realizar muitas coisas e nos realizar enquanto pessoas e profissionais.

Ivana Guimarães Lodi.

Entrevistada no dia 1º de junho de 2005 pela Profa. Letícia Vasconcelos Britto. Nasceu no dia 15 de janeiro de 1964, na cidade de Araxá, MG. Casada, tem duas filhas. Formada em Pedagogia e História pela FAFI e FIAP, hoje UNIARAXÁ. Mestranda em Educação pela PUC – Campinas. Trabalha no magistério há 14 anos e no UNIARAXÁ há 10 anos e meio. Trabalha as disciplinas de Ética, Filosofia, Sociologia e Metodologia Científica.

Engraçado que, quando pensamos e falamos em formação, a primeira imagem que me vem à cabeça, foi quando eu fui para o pré. Tinha nessa época seis anos, mas lembro muito bem que estudei na escola Alice Moura que, aliás, foi minha bisavó, e que funcionava ao lado de onde hoje é a ACIA, a casa existe lá até hoje.

Lembro que minha mãe trabalhava pela manhã e não podia me levar e buscar na escola. Então, ela me levou no primeiro dia de aula, essa lembrança é muito forte, nítida, eu, um “toquinho” de gente, ela me pegou pela mão e foi me explicando onde que eu tinha que atravessar, o que eu tinha que fazer, onde era perigoso. Parecia um lugar tão longe, que na realidade não é. Ao final da aula ela me buscou, me explicou de novo, e o resto do ano, eu ia e voltava sozinha. Fico imaginando hoje, que não faríamos isso, não deixaríamos nossos filhos fazerem uma coisa dessas, eu mesma não deixei minhas filhas irem sozinhas para a escola enquanto eram pequenas. Claro que tudo naquela época era diferente!

Desta escola tenho algumas vagas lembranças. Lembro-me de alguns detalhes, da sala de aula, do pátio e também, me lembro muito bem da minha professora, a dona Ângela, que nunca mais vi, só sei que ela está viva e não mora mais em Araxá.

Depois, fui estudar nos chamados Grupos Escolares, o Delfim Moreira, onde estudei da primeira a quarta séries. Lá comecei a viver aquilo que hoje questiono e estudo, que são as chamadas exclusões, a compartimentalização da educação, a seleção por grau de inteligência, se isso é possível, os desníveis sócio-econômicos. Tinha também, o “terror” do Delfim Moreira, que hoje já não é mais assim, o famoso “Porão”, que são as salas que ficam no subsolo, que foram utilizadas e que naquela época, eram destinadas aos alunos rebeldes, aos que tinham problemas de disciplina e aos “menos” inteligentes. Tínhamos horror de alguém falar que iríamos para o “Porão”, era o maior castigo.

Sempre fui uma menina muito tímida, e me lembro que quando entrei para o Delfim Moreira, naquela época era feita uma pré-seleção e eu comecei a estudar na chamada segunda sala. Logo nos quinze dias iniciais, eles fizeram uma prova para medir a capacidade da gente e eu, por sair bem nessa prova, fui transferida para a primeira sala, que era a da professora Maria do Carmo. Muitos dos meus colegas são conhecidos, convivo com eles até hoje, como o Rogério Contato, que é professor no UNIARAXA, a Ana Maria que é médica, o Toninho que é prefeito de Araxá, me lembro de vários.

Nessa época na escola, na primeira série, éramos pressionados por resultados, e também a minha professora, não sei se deliberadamente, tinha algumas preferências por alguns alunos. Isso me incomodava de alguma forma, comecei a ter dores de cabeça e ninguém conseguia descobrir a causa. Minha mãe, com toda a peleja da época, me levou a Uberaba, uma cidade aqui perto, para que eu pudesse fazer exames mais apurados, e nada foi constatado organicamente, diziam que era

de fundo emocional. Tive dores de cabeça quase que o ano inteiro, já na segunda série elas desapareceram, confirmando a tese de fundo emocional

Com relação a aprendizagem, nunca tive problemas, em nenhuma série, foi muito tranquilo. Da 5ª a 8ª séries, estudei no Colégio São Domingos, das irmãs dominicanas, com toda aquela ideologia cristã, onde éramos muito cobrados com relação à conduta, valores, religião, isso ficou meio que como um tabu em minha vida, que só consegui resolver quando adulta.

Lembro-me também, que era muito desenvolvida fisicamente, como também muito madura para minha idade. Continuei sendo uma menina tímida, vivi meus primeiros amores, meus primeiros dramas, mas isso não interferiu na minha vida de estudante. Tenho muita saudade dessa época, mas o que mais lembro é das aulas de educação física, das atividades extra-classe e isso me chama muito a atenção enquanto educadora, me faz questionar o porquê o extra-classe é tão bom e a sala de aula tão enjoada, coisas que os alunos reclamam até hoje.

Também tive professores que me marcaram. Da primeira a quarta séries, quem me marcou muito foi a Darcy, minha professora na segunda série. Até hoje eu a admiro pela postura, pela calma, por sempre estar com um sorriso no rosto, pela valorização de todos sem distinção. Já da quinta a oitava séries, tenho algumas lembranças. Tive uma professora, que por sinal, um dia bati de frente com ela, que é a irmã Helena. Ela era muito brava, mas sabia cativar a gente. Um dia ela falou algo, que agora não me lembro, e eu não concordei, levantei a voz para ela e sem argumentos, ela me mandou sair da sala de aula e depois veio conversar comigo, dura, mas justa. Até hoje lembro-me dela com carinho, ela deixou marcas pela postura, pelo conhecimento, e essas coisas não esquecemos.

Fiz o Ensino Médio no Dom José Gaspar, mas resolvi fazer também um curso técnico em Contabilidade, no período noturno. Fiquei naquela vida maluca de estudar de manhã e a noite. Pela manhã achava péssimo ir pra escola e ter que estudar matérias como química, física, gostava mais das humanas, mas fui levando. Não era uma aluna ruim, não tirava nota ruim, mas não gostava do Ensino Médio. Agora, o curso técnico eu adorei. Minha turma era muito heterogênea, tinha gente de todas as idades, e isso fazia também com que eu conhecesse as diversas realidades sociais que eram, muitas vezes, muito diferentes da minha. Foi uma época de conhecer, de questionar, de sonhar.

Quando estava no segundo ano, comecei a trabalhar em um banco como “trainee”, e então, resolvi largar o Dom José Gaspar, continuando só com o curso técnico, no qual me formei. Nessa época, tinha vontade de fazer psicologia, mas não tinha o curso em Araxá e eu tinha pavor de ir morar fora. Nesse meio tempo, conheci o Arnaldo, meu marido. Logo que me formei no curso técnico, resolvemos ficar noivos, no dia do meu aniversário de 18 anos. Aí as coisas foram acontecendo, resolvemos nos casar naquele mesmo ano, em outubro, eu com quase 19 anos. Tirei de cabeça estudar psicologia, acho que até mesmo como uma “fuga” pelo medo de morar fora e, como eu ia me casar, parece que estava tudo justificado.

Nunca pensei em minha vida que fosse dar aulas, apesar de ser filha, neta e bisneta de professora. Acredito que isso tenha a ver com eu ficar vendo a minha mãe naquela luta a vida inteira, de ajudá-la muitas vezes, até mesmo na correção de provas, no preenchimento de diários. Eu achava a vida da minha mãe muito sofrida, ela trabalhava demais e eu não queria aquilo pra mim.

Não queria ter tido filho cedo, mas depois de seis meses que eu me casei, fiquei grávida da Ana Luiza. A questão de não pensar em ser professora era muito forte, pois quando a Ana Luiza estava com dois anos, eu, a mamãe e a Guiu, uma tia minha, resolvemos abrir uma confecção de malha em tricô. Ficamos com essa

confeção por 5 anos, foi uma época muito difícil, o pessoal não dava valor, não tínhamos capital de giro mas, mesmo assim, foi um período bom da minha vida, apesar da correria.

Nesse meio tempo, fiquei grávida da Mariana, que nasceu em meio ao tumulto da minha vida, pois também estávamos construindo nossa casa. Nos mudamos para essa casa em 1990, onde moro até hoje e, nessa época, comecei a querer largar a confecção, estava cansada daquela peleja, daquela falta de perspectiva de melhora.

Apesar de não pensar em ser professora, sempre tive vontade de estudar mais. Ficava pensando o que poderia estudar, já que queria era mais me aprimorar enquanto pessoa, me atualizar, acompanhar o desenvolvimento de minhas filhas. Não tínhamos muita opção de cursos aqui em Araxá, então resolvi fazer Pedagogia, pois era um curso mais voltado para a formação e para as questões de educação. Fiz o vestibular, comecei a estudar e foi muito engraçado, sentia-me meio perdida, um verdadeiro “ET”. Questionava o que eu estava fazendo ali, pois quando casamos, na maioria das vezes, nos afastamos muito das pessoas, ficamos meio que isoladas de escolas.

Na faculdade tinha gente de todas as idades, muita gente que eu nunca tinha visto e nos primeiros meses foi muito difícil a convivência, os vários conhecimentos, largar as meninas pequenas em casa. Se não fosse o apoio do Arnaldo, meu marido, inclusive financeiro, eu acredito que teria até desistido.

Com o tempo as coisas foram se aquietando, fui me acostumando, fui conhecendo as pessoas, fazendo novas amizades e aquilo tudo me fazia muito bem. Quando estava no segundo ano, fui chamada à secretaria pelo Carlos, então diretor da faculdade e que já faleceu. Ele me disse que tinham telefonado da Escola Dom José Gaspar, pedindo que indicassem alguém para substituir a professora Brígida, que iria tirar licença por motivos de saúde, na disciplina de Psicologia da educação do curso do Magistério, e que estavam querendo me indicar, se eu aceitava. Topei na hora, apesar de nunca ter dado aula na minha vida. Quando fui para a minha casa, minha cabeça girava a mil, pensava: “Ivana, você é louca, você nunca deu aulas!”.

Bem, não sei contar como tudo foi dando certo, mas deu. Cheguei à escola no primeiro dia, na maior insegurança, mas não demonstrava. Acho que uma coisa que facilitou muito, foi o fato de que o curso só tinha alunas, ficou mais fácil a identificação inicial. Fui muito bem recebida, fui feliz neste início de carreira e trabalhei no Dom José Gaspar por três anos e meio. Começava aí a minha carreira e história como professora.

Quando eu tinha 14 anos, trabalhei durante um ano como auxiliar de maternal na Escola da Isa Braga, acho que tinha o nome do pai dela. Só que minha função era apenas de auxiliar e não de professora. Teve um acontecimento engraçado hoje, apesar de ter achado muito difícil na época. Uma menininha, que hoje nem mora em Araxá, caiu brincando no parquinho e cortou a cabeça. Fiquei tão desorientada, que eu a peguei no colo, não falei com ninguém e saí correndo com ela até à Santa Casa. Lá chegando, com ela sangrando, falei que era pra dar ponto primeiro e depois é que eles iriam ligar na escola. Não sei bem como aconteceu, mas eles deram ponto, depois chegaram a mãe e a diretora da escola. Fiquei morrendo de medo da bronca, como se a culpa tivesse sido minha, mas no final tudo deu certo. Essas coisas ficaram gravadas em minha memória e essa tinha sido a minha única experiência em trabalho nas escolas, só que não tinha muito a ver com a docência.

Por todo esse meu percurso, acredito que tenho sido levada a me tornar professora e questiono aquelas falas de que nascemos pra ser alguma coisa. Nascemos com certos dons, é claro, mas ninguém nasce para nada, gostamos de

determinadas coisas e vamos sendo construídos, instituídos. Na minha família, tudo conjugava a favor de ser professora, mas só depois que eu comecei a trabalhar como tal, depois de mais ou menos um ano, é que eu constatei que era aquilo mesmo que eu queria para minha vida, que me sentia bem fazendo o que fazia, que me realizava enquanto professora, tanto no lado pessoal, como no profissional.

Acredito que indiretamente, minha mãe influenciou nessa minha profissão. Apesar de toda a dificuldade por ela vivida, ela nunca reclamava da profissão. Achava difícil sim, era mal remunerada, ficava insegura, mas ela mesma dizia que, assim que entrava na escola, tudo que era problema ficava para trás, ela se tornava a professora, e isso era possível porque ela gostava, porque sentia prazer naquilo que fazia. Lembro-me muito bem do carinho que os alunos sempre tiveram com ela, indo até a minha casa se necessário, e eu participando daquilo tudo, muitas vezes até ajudando em alguma tarefa escolar. Minha bisavó também, que eu não conheci, era uma educadora de muito respeito, muito admirada na cidade, participando até da fundação de escolas. Acho que tudo isso, de alguma forma, fez com que eu, quando entrei para a faculdade, mesmo sem pretender ser professora, me influenciasse. Vejo minhas filhas hoje, elas não querem ser professoras, mas ao mesmo tempo elas tem orgulho por eu ser, mesmo reconhecendo que às vezes é muito difícil.

Concordo com elas em alguns pontos, pois a nossa profissão é muito desvalorizada, é uma questão histórica. Aos poucos estamos mudando isso, mas é um processo muito lento. Na faculdade, apesar das dificuldades, somos mais respeitados, temos um salário melhor, mas a grande maioria não é assim. Para piorar, ainda tem aqueles professores que só entram para a profissão por falta de opção, por bico, isso é terrível, desmerece mais ainda toda a classe profissional. Para mim a primeira coisa a ser feita, é todos nós, sem restrição, nos valorizarmos enquanto classe profissional e enxergarmos a força que temos enquanto tal.

Acredito que a minha história deixou marcas muito fortes na minha forma de atuação profissional, não é possível separar. Essa coisa de não desvincular a formação profissional, os conhecimentos, da formação humana, acredito que tem muito a ver com a forma de minha mãe ser e agir em sua profissão. Procuro valorizar sempre meus alunos, mesmo reconhecendo que muitos deles nos chegam cheios de fragilidades na sua formação, acho importantíssimo valorizar a pessoa humana. Em momento algum deixo de ter autoridade, mas acho que mesmo tendo mais conhecimentos, não podemos nos julgar superiores aos nossos alunos, sejam eles quem forem, os valorizo muito. Tento conciliar meu fazer diário com a formação da pessoa enquanto cidadão, com princípios éticos, isso é muito importante pra mim, e isso eu aprendi também com a minha mãe, ela sempre valorizou isso.

Não tem nada melhor do que um aluno chegar pra gente e falar que aprendeu além daquilo que tentei ensinar, a enxergar a vida de forma diferente, a valorizar e a tentar mudar alguma coisa nele. Indiretamente, o estamos influenciando, somos exemplo, e isso é o mais importante dentro da educação.

Quando penso na minha formação para o exercício da docência, no meu curso de Pedagogia e depois também de História, que já fiz como professora do UNIARAXÁ, acredito que foram bons, mas nunca o suficiente. Enquanto somos alunos, não levamos as coisas muito a sério, às vezes somos um pouco irresponsáveis, falta compromisso. Agora, quando eu caí na sala de aula, enxerguei a importância do compromisso e aí fui buscar muita coisa do que sou hoje, coisas que não se aprendem em cursos, que a própria prática diária vai-nos oferecendo.

É claro que os cursos que fiz, deram-me os fundamentos, as teorias, a base, mas eu acho que enquanto não vivemos a realidade de ser professor, o cotidiano dentro da escola, não aprendemos realmente, a prática é muito importante. Aliás, não paramos de mudar nunca, tentamos melhorar sempre. Agora, o mestrado foi

revelador para mim, vi muitas coisas sob uma nova ótica, com mais criticidade, com mais fundamentação. Acredito que o mestrado me deu muitos subsídios, como também sei que não acaba aí, seremos eternos aprendizes.

Na minha profissão existem coisas que me dão muito prazer, como quando saímos de uma sala de aula e sentimos que foi muito bom e proveitoso. Por outro lado, é péssimo o dia em que saímos e achamos que foi muito ruim. Outra coisa que muito me desagrada é quando preparamos alguma coisa diferente, ficamos entusiasmados, e quando chegamos na sala de aula os alunos nem ligam, isso é muito frustrante. Aquela coisa de o aluno só querer saber de coisas que estão nos livros que ele utiliza, de não querer ir além, extrapolar, também me incomoda muito. Muitos de nossos alunos não têm uma visão mais ampla, não buscam, não arriscam, isso é muito ruim. Agora, quando um aluno chega pra gente e nos diz que não esquece aquilo que dissemos, não esquece nossas aulas, nosso jeito de ser, o fato de termos feito alguma coisa por ele, mesmo que não tenhamos percebido, isso é muito gratificante! Nada no mundo paga, é uma das melhores coisas da profissão!

Se fosse para escolher ser professora hoje, eu escolheria sem dúvidas. Depois desses mais de treze anos de profissão, não me vejo fazendo outra coisa. É uma opção consciente, não tenho vontade de fazer outra coisa.

Quando penso na vontade que tive de fazer psicologia, não sei se ela está ainda meio camuflada, não sei se faria hoje. Na nossa vida, algumas coisas vão ficando para trás e outras vão surgindo, vamos tendo outras prioridades. Mas acredito que em minha profissão, os conhecimentos de psicologia são muito importantes, o saber como lidar com o outro, como também com a gente mesmo. Sinto-me realizada, mas não acomodada, quero ir além, quero estudar mais.

Com o passar dos anos, vamos mudando e aprimorando algumas coisas. Hoje, apesar de ainda me incomodar muito, aprendi a dar mais tempo ao tempo, esperar o momento das coisas. Em educação as coisas não acontecem rapidamente, não fazemos algo hoje para ver resultados instantâneos. Aquele imediatismo já não é tão forte, apesar de continuar sendo agitada, de querer tudo a tempo e a hora, vamos amadurecendo, vamos vendo que os frutos, muitas vezes demoram pra nascer. Acredito que isso tem muito a ver com o fato de hoje conhecer melhor a dimensão da subjetividade que envolve nosso fazer profissional, afinal nossa matéria-prima é o humano, com toda a sua complexidade e singularidade.

Tem dias que fico pensando em mim como professora, em como sou como profissional. Acho que sou uma boa professora, apesar de estar sempre buscando melhorar. Considero-me às vezes, um pouco insegura, acho que esse é um traço da minha personalidade. Percebo pelas próprias avaliações institucionais que desenvolvo um bom trabalho e percebo isso através dos meus alunos também. Tem vezes que encontro alunos que já não vejo há muito tempo, que já se formaram, e quando eles me dizem que sentem saudade de mim, que lembram muito de mim, acho isso muito bom, isso faz com que eu me ache uma boa professora. Claro que sei que não sou perfeita, sempre me questiono, mas existem coisas em que não somos ótimos, que precisamos aperfeiçoar, mas me julgo sim uma boa professora.

Quando aluna do UNIARAXÁ, então FAFI, no curso de Pedagogia, ouvindo o professor Fábio, que já conhecia há muito tempo, ele foi colega da minha mãe, ele tinha uma certeza muito grande do que nos dizia, ele não aceitava as coisas como eram, questionava, nos fazia pensar. Sempre fui muito questionadora, e na faculdade isso foi mais acentuado, não aceitava, questionava as formas como a sociedade era instituída, que muitas vezes a gente engole sem pensar. Eu nunca fui de aceitar, mas não percebia isso muito bem, e quando entrei pra faculdade, comecei a estudar os teóricos na história da educação, a filosofia, passando a enxergar e entender muita coisa, que só reforçaram em mim essa vontade de fazer alguma coisa pela mudança.

Sei que é difícil, mas temos que ter o compromisso, pelo menos de fazer nosso aluno pensar, de não ser alienado. Não acho que sou marxista, mas tenho um posicionamento que se identifica muito com as teorias marxistas de questionar o social que está posto.

Uma coisa que tem me incomodado muito desde que entrei para o mestrado, é quando discutimos as chamadas teorias pós-críticas, que eu não entendia muito bem e que sei que ainda tenho muito que aprender, quando estas teorias questionam o que está posto, os tempos atuais com todas as influências de paradigmas dominantes e históricos. Sei que o que estamos vivendo não deu certo, existe muita incerteza quanto ao futuro, mas quando o pós-modernismo, entre tudo o que defende, propõe o fim das metanarrativas, o fim da construção dos processos históricos, isso me deixa muito preocupada. Sem dúvida estamos vivendo um momento muito forte de transição, muito conturbado e complicado, mas ainda não encontramos um referencial sólido, isso me angustia, a força do capital ainda é muito forte. Não acredito que o que Marx falou esteja totalmente certo, mas acho também que o que está sendo proposto, numa tentativa de justificar o tempo presente, não é o melhor caminho.

Enquanto educadora acredito e não abro mão, se deixar de acreditar, se abandonar minhas crenças, não construiremos um futuro sólido. Temos de trabalhar no hoje para mudar o futuro, e não veremos essas mudanças efetivamente, mas somos responsáveis por elas, se não trabalho por isso, sinceramente, acho que não tem sentido o que faço.

Em meio a essa sociedade tão cheia de problemas, lembro-me do Paulo Freire, do Darcy Ribeiro, pode até parecer muita pretensão da minha parte, mas me identifico muito com eles. É terrível ver o ser humano ser usado como mercadoria, não concordo com isso. Acredito que a minha postura enquanto educadora é a de trabalhar para formar consciência crítica e cidadã em meus alunos para que eles se transformem em seres de mudanças, para transformar essa sociedade constituída do jeito que está.

Tive alguns professores que foram muito marcantes em minha formação, fundamentais. O Pedro, quando fiz história, foi demais, tenho a maior admiração por ele, pela sua postura, por ser politizado, simples. Ele soube me passar isso e eu tenho muito carinho e dou muito valor a ele. O Fabinho também na filosofia, a Auxiliadora, que às vezes me deixava até um pouco intimidada, mas que sempre teve um carinho muito grande por mim e eu admirava sua postura, suas convicções, sua crença na educação. Também a dona Elza, quanta sabedoria! Não tive o privilégio de ser aluna da Celeste, mas de conviver com ela e a admiro muito, acho que seu jeito forte, suas idéias muito bem fundamentadas sempre me influenciaram. São vários, não tem como citar todos, mas o que mais ficou não foram os conteúdos que eles ensinaram, mas sim a postura enquanto educadores.

Engraçado que essa pesquisa que estou desenvolvendo no meu curso de mestrado tem tudo a ver com isso que vivi. Quando entrei no UNIARAXÁ como aluna, pode até parecer brincadeira, mas eu falava que iria voltar como professora. Já se disse que “sonho que se sonha só é apenas sonho, mas sonho que se sonha junto se torna realidade”, acho que foi algo mais ou menos assim. Formei-me no final de 93, já no começo de 94 entrei para a pós-graduação e no começo de 95 estava em casa, toca o telefone, era o Gilmar que trabalhava na faculdade na época, não mora mais em Araxá, me chamando, pois o Sr. João Rios, que era o diretor, queria falar comigo. Nunca imaginei o que podia ser, pensei ser o meu diploma que havia chegado.

Lá chegando, o Sr. João Rios, sempre muito sério, com aquele jeitinho calado e discreto dele, veio me falar que tinha uma vaga para dar aula de Estudos de Problemas Brasileiros e que eles tinham me indicado para assumi-la, se eu aceitava.

Levei aquele susto, mas aceitei na hora, isso era uma quinta-feira e as aulas teriam início na segunda-feira. Fui embora para minha casa com a cabeça a mil, tinha que organizar tudo, passei o final de semana preparando, lendo, organizando. Foi tudo muito tranqüilo, apesar da ansiedade, foi dando certo. Hoje já tem mais de dez anos que estou trabalhando na faculdade.

Fico me lembrando, desde quando entrei na faculdade como professora, via meus colegas, muitos deles tinham sido meus professores, e questionava quem éramos enquanto educadores, o que fazíamos. E nessas idas e vindas, quando resolvi entrar para o mestrado, por sugestão da minha amiga Letícia e do Guilherme Saramago, um professor da UFU – Universidade Federal de Uberlândia resolvi escrever um projeto sobre história de vida, da vida daqueles professores/colegas que conviviam comigo todos os dias no UNIARAXÁ.

Hoje, desenvolvendo minha pesquisa, entrevistando meus colegas, meus antigos professores, é claro que quando me perguntam o porquê das escolhas, sem dúvida nenhuma, além de todos eles serem formadores de formadores, de trabalharem no Instituto Superior de Educação, de terem tempos variados no magistério, digo que são pessoas que eu admiro, que têm valores que julgo importantes, tudo isso interferiu nas minhas escolhas. Tem sido muito bom realizar esta minha pesquisa, estou muito feliz, apesar de muito cansada. Acho que está ficando um belo trabalho, algo que tem me feito muito bem, me feito enxergar muitas coisas, como por exemplo, essa questão de que não nascemos professores, somos construídos e instituídos enquanto professores. É claro que existem dons, mas a nossa história de vida é que vai-nos lapidando, nos moldando enquanto professores, isso tem ficado muito claro para mim.

Outra coisa que tem me deixado muito feliz, é que esse trabalho tem feito com que eu descubra muita coisa em mim mesma, valores, verdades que às vezes eu questionava. Estou vivendo uma experiência muito rica, que me fez mudar muita coisa, amadureci, descobri. Todas as pessoas que entrevistei, sem dúvida, tiveram influência na minha vida de alguma forma, uns mais, outros menos, mas são pessoas que admiro e que estão contribuindo com esta re-descoberta de mim mesma. Claro que tem muitos professores do UNIARAXÁ que seria interessante pesquisar, mas como estou trabalhando só com o Instituto de Educação, estes foram os escolhidos. Quem sabe um dia não faço um trabalho de toda a instituição?

Também tem me chamado a atenção no desenvolvimento dessa minha pesquisa, o fato de perceber algumas habilidades e algumas falhas minhas, de me valorizar mais, me enxergar mais, me conhecer enfim. Entrevistando o Pedro e a dona Elza, que foram entrevistas muito bonitas na questão do humano, e são pessoas que estão há mais tempo na educação e que me mostraram que todos eles tiveram dramas, dificuldades, questionamentos do que estavam fazendo, todos passaram por momentos de serem colocados contra a parede, mas todos, sem exceção, chegaram à conclusão de que era aquilo que eles queriam fazer, tanta coisa que eu mesma venho vivendo. Outra coisa que também me chamou muito a atenção, foi a questão da identidade, de questionar quem somos, e o que todos nós vivemos em algum momento das nossas vidas. Dentro do magistério, acredito que essa crise de identidade tem muito a ver com a própria desvalorização social que sofremos, mas que quando queremos realmente ser professores, vamos superando e saímos mais amadurecidos, isso eu pude perceber muito claramente e foi muito bom para mim.

Às vezes fico pensando nesta crônica desvalorização do professor, e reconheço que ser professora do UNIARAXA, tem certo status, apesar de não ligar para isso. Em Campinas mesmo, quando convivemos com nossos colegas, de realidades tão diversas, fica claro que o lugar em que trabalhamos é muito bom, sou

orgulhosa de ser UNIARAXÁ, gosto de falar que trabalho lá, inclusive quando acontece de algum aluno falar mal da instituição perto de mim eu não aceito e ressalto para ele que temos problemas sim, mas se não acreditarmos no lugar onde estamos, estudamos e trabalhamos, isso é um demérito muito grande para com a gente mesmo. Acredito muito no UNIARAXA, e naquilo que faço e vivo lá dentro.

Todas as vezes que paro para pensar em relação a tudo que faço e vivo na minha profissão, acho que não tem como desvincular a minha família disso tudo. Acho que minha família, de modo mais direto, meu marido e minhas filhas, foram fundamentais em todos os momentos. Meu marido sempre me apoiou, nunca foi contra nada, mesmo que não concordasse, ele dizia que se fosse bom para mim eu deveria ir em frente, que a decisão deveria ser minha. Às vezes ele até me ajudava financeiramente, meu curso de Pedagogia foi ele quem pagou. Reconheço isso e valorizo demais, acho que eu teria feito tudo de qualquer forma, mas seria muito mais difícil e mais demorado. É muito bom ver minhas filhas, a Ana Luiza e a Mariana, terem orgulho de mim e do que eu faço, isso dinheiro nenhum paga. Elas gostam de falar que eu sou professora, curtem as coisas que faço, e isso eu acho muito importante também, porque procuramos ser exemplos para nossos filhos.

Também, alguns amigos, de forma direta ou indireta, me ajudam, incentivam, apóiam. Letícia é uma delas, sem sombra de dúvidas, já trocamos tantas coisas, vivemos tantas situações juntas, nos apoiamos e isso é fundamental Meus alunos, minha mãe com sua sabedoria, todos me marcaram, me fizeram. Tenho orgulho do que sou hoje, do que faço.

Não tem como separar a Ivana mãe, a Ivana esposa, a Ivana professora, é sempre a Ivana enquanto pessoa, com todos os seus papéis, neste contexto múltiplo, que acredita estar melhorando sempre. Tem um livro que li, chamado "Manual de Tapeçaria", que achei muito interessante a maneira poética de contar sobre um aluno discriminado social e culturalmente, em que a autora vai tecendo as diversas situações como se estivesse tecendo um tapete. A vida da gente é isso mesmo, vamos tecendo e destecendo, às vezes arrebenta o fio aqui, dá um buraquinho ali, mas não deixamos de tentar, e assim tem épocas em que achamos nosso tecido lindo, outras, muito feio, cinzento, sem cor. Tem horas em que fica maravilhoso, outras, horrível. Assim é nossa vida, feita de altos e baixos, muitas estruturas interferindo no nosso tecer, nos fazendo rir e chorar, outras vezes, perder o fôlego de êxtase, mas tudo fazendo parte de nossa criação. Tudo é vida, minha profissão é vida. É a minha vida e a vida de tantas pessoas que comigo vivem, cada uma delas criando e tecendo sua própria tapeçaria, numa teia de fios que se tocam em diversos momentos.

CAPÍTULO 4

O SER, O VIVER E O FAZER DOS FORMADORES DE FORMADORES DO UNIARAXÁ: SUBJETIVIDADES E SENTIDOS

*“Todo mundo ama um dia,
todo mundo chora,
um dia a gente chega
no outro vai embora.
Cada um de nós compõe
a sua história e cada ser
em si carrega o dom
de ser capaz, de ser feliz”.*
Almir Sater

Quem são os formadores de formadores do UNIARAXÁ? O que os constituíram/instituíram? Por que e para que trabalham com formação de formadores? Como se vêem enquanto pessoas e profissionais?

Temos observado que o debate sobre os formadores de formadores tem-se intensificado que as pesquisas educacionais voltadas para esse nível de formação têm aumentado muito nos últimos anos. Dentre os diversos autores que pesquisam a identidade docente, vale lembrar de Nóvoa (1991), quando diz:

A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de

estar na profissão. Por isso, é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz *professor*. (...) É um processo que necessita de tempo. Um tempo para refazer a identidade, para acomodar inovações, para assimilar mudanças. (NÓVOA, 1991, p.16)

Nossa identidade, portanto, não é adquirida apenas pelos títulos ou cargos que ocupamos, mas é construída em nosso viver, em nosso caminhar pela nossa história, com todas as influências familiares, sociais, culturais, morais. Nossa identidade não é herdada geneticamente, não é casual, é um processo de construção diária, ininterrupta, entrelaçada pelas diversas vivências ao longo de nosso existir, viver e fazer. Nesse processo, vamos também, nos constituindo enquanto profissionais. Moita (1992) diz sobre a identidade profissional que:

É uma construção que tem como dimensão espaço-temporal, atravessa a vida profissional desde a fase da opção pela profissão. (...) É construída sobre saberes científicos e pedagógicos, como sobre referências de ordem ética e deontológica. É uma construção que tem a marca das experiências feitas, das opções tomadas, das práticas desenvolvidas, das continuidades e descontinuidades, quer ao nível das representações, quer ao nível do trabalho concreto. O processo de construção de uma identidade profissional própria não é estranho à função social da profissão, ao estatuto da profissão e do profissional, à cultura do grupo de pertença profissional e ao contexto sociopolítico em que se desenrola. (MOITA, 1992, p.116)

A autora nos mostra que a construção de nossa identidade pessoal e profissional é marcada por todas as relações vividas que vão se intercalando, se mesclando, produzindo aquilo que somos e nos tornamos, num contínuo processo ora de contradições, ora de harmonia, de integração ou desintegração, de certezas e dúvidas, de construir, desconstruir, re-construir, mas que no final, tudo se conjuga na formação de um ser, uma pessoa única e inigualável. Acreditamos que “a verdadeira vida está (...) na qualidade poética da existência, porque viver exige, de cada um, lucidez e compreensão, ao

mesmo tempo e mais amplamente a mobilização de todas as aptidões humanas” (MORIN, 2000, p. 54)

Através das narrativas colhidas nesta pesquisa, procuraremos recuperar e analisar alguns desses elementos constitutivos das identidades de alguns educadores do UNIARAXÁ, com o objetivo de não só registrar, mas analisar as diversas influências que foram os constituindo e instituindo, enquanto professores universitários e formadores de formadores, como também alguns dos desafios em suas práticas como professores universitários, buscando definir qual a imagem que têm de si mesmos e como definem sua identidade pessoal e profissional. Bosi (1987, p. 407) nos fala que “somos, de nossas recordações, apenas uma testemunha, que às vezes não crê em seus próprios olhos e faz apelo constante ao outro para que confirme a nossa visão”. Acreditamos que esse trabalho é também um pouco o ajudar o outro a relembrar, a se conhecer melhor, a se definir.

São depoimentos emocionados e emocionantes, fragmentos de vida inigualáveis, únicos, e ricos. Foram momentos de delicadeza, saudades, dores, amores, enfim, momentos de vida, de contar a vida. Lembranças que fizeram aflorar a emoção mais profunda, com o que somos, com as influências que sofremos, e sem nenhuma sombra de dúvidas, *“essas influências mexem com a gente, ao lembrar a gente revive, elas são importantes, nos fazem emocionar”*. (Maria Celeste)

4.1 A constituição do ser docente:

No desenvolvimento desta pesquisa, fomos ao mesmo tempo sujeito e objeto. Sujeito no momento em que indagávamos, procurávamos conhecer, como também, contávamos nossa história. Objeto quando ouvíamos, registrávamos, sendo instrumentos de ouvir e transmitir as memórias revividas e contadas. Nas palavras de Bosi (1987, p. 47) “a memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora”.

Não basta ter um nome, o nome por si só não define nossa identidade, ele é uma marca, uma pequena parte de nossa História de vida. Acreditamos que a partir de um exame detalhado do que vivemos podemos entender o que somos hoje e até mesmo planejar nosso futuro. Podemos encarar o que passou através de novos olhares, atribuindo ao vivido novos significados. As narrativas são capazes de atravessar os tempos e se colocarem abertas às interpretações e reflexões no hoje. “Singularidades e significação não se oferecem como comportamentos à observação direta. Antes, inscrevem-se nos gestos e nas posturas dos indivíduos, deixando marcas em seus corpos”. (FONTANA, 2002, p.105)

Vejamos algumas dessas narrativas no que diz respeito à formação da identidade docente:

Nunca pensei na vida, que fosse dar aula, apesar de ser filha, neta e bisneta de professora. Acredito que isso tenha a ver com eu ficar vendo minha mãe naquela luta a vida inteira, de ajudá-la muitas vezes, até mesmo na correção de provas, no preenchimento de diários. Eu achava a vida da minha mãe muito sofrida, ela trabalhava demais e eu não queria aquilo para mim (Ivana).

Percebemos que não nascemos determinados a ser alguma coisa, somos feitos, construídos. As vivências familiares, as experiências, os dizeres, sem que percebamos, vão-nos invadindo e se instalando em nossas essências e a família, é claro, tem um peso muito grande. Nas palavras acima, podemos entender que apesar de ver e viver as dificuldades vividas por sua mãe, as marcas positivas foram tão fortes, que em momento oportuno se fizeram notar e interferir na escolha profissional.

Falando sobre as marcas e influências familiares, também vale apontar outras lembranças:

Tudo isso, me faz pensar mais uma vez que a gente é produzido por expectativas, falas, linguagens que vão nos constituindo como seres humanos. Acho que meus avós deixaram os genes relativos à escola em mim (Maria Celeste).

Penso que a minha escolha profissional é resultado em grande parte da minha influência familiar, porque toda a minha família, a maioria, se dedicou ao magistério (Elisa).

Penso que minha própria história de vida me influenciou nas minhas escolhas e em minha atuação hoje. Lembro-me desde pequena, de ver minha mãe mexendo com papel, se arrumando para ir para a escola, botando bolsa, sapato e eu a achando muito bonita. Outra nítida lembrança é a cena da minha mãe preparando provas, como também do fascínio que tinha por minhas professoras na infância, achava-as lindas, tinha uma verdadeira paixão (Letícia).

Quanto a influências externas, muitos de nossos entrevistados ressaltam a escola, professores, conversas. Vejamos:

Tive um ensino fundamental, naquele tempo primário, muito bem feito, que me deu muita segurança, não só pelo que aprendi, mas também por aquilo que aprendi a ser (Dona Elza).

Também acredito que uma influência marcante que sofri foi a crença no princípio de que não podemos falar de paz, de Deus, para alguém que está vivendo num mundo de privações. Isso é marcante em minha própria vida (Fábio).

Pensando ainda em professores que me marcaram, tive vários. Engraçado que se alguém me pedisse para falar sobre algum professor que me influenciou negativamente, eu não tive (Maria Auxiliadora).

Então, me lembro muito de toda essa vivência, desse contexto de vida de professora, de uma forma muito positiva, apaixonada e achava que ser professora era muito bom (Letícia).

Lembranças boas, saudades, detalhes que foram nos impregnando e interferindo no nosso modo de ser e de construir alternativas, possibilidades e caminhos para nossa profissão de educadores. Ninguém nasceu pronto,

fomos instituídos nos caminhos percorridos em cada uma dessas vidas. Isso pode ser exemplificado:

Por todo esse percurso, acredito que tenha sido levada a me tornar professora e questiono aquelas falas de que nascemos pra ser alguma coisa. Nascemos com certos dons, é claro, mas ninguém nasce para nada, gostamos de determinadas coisas e vamos sendo construídos, instituídos. Na minha família tudo conjugava a favor de ser professora, mas só depois que eu comecei a trabalhar como tal, depois de mais ou menos um ano, é que eu constatei que era aquilo mesmo que eu queria para minha vida, que me sentia bem fazendo o que fazia, que me realizava enquanto professora, tanto no lado pessoal, como no profissional (Ivana).

Não digo que a gente nasce determinada para ser algo na vida, acho que tem também a questão dos dons. Os dons é Deus que dá para que a gente os desenvolva, mas é lógico que as influências do meio no qual somos criados, a convivência com as diversas pessoas e situações vão nos fazendo (Maria Auxiliadora).

A família influenciou de forma marcante na formação intelectual, cultural e claro, profissional, de praticamente todos os nossos entrevistados, em especial no caso daqueles do sexo feminino. Maria Celeste diz que *“tenho certeza de que as falas familiares, de avós, dos professores, sem que fossem percebidas, tiveram muita influência em minha escolha profissional”*. A família é sem dúvida, um espaço privilegiado para nossas produções enquanto pessoas e profissionais.

Interessante perceber, o quanto os relatos mostraram o orgulho pela família e pelo ambiente em que foram criados, muitas vezes nos contando momentos muito íntimos e únicos. Pedro nos mostra isso quando diz:

Iniciei a minha vida escolar na cidade mineira de Carmo do Paranaíba (...), um cidade do interior mineiro, onde eu nasci, que era mais parecida com uma roça, muito mais rural do que propriamente

urbana, com uma população muito carente, a maioria que freqüentava a escola não possuía calçados. (...) Sem dúvida, precisamos voltar mais para a realidade de cada região, cada lugar em que trabalhamos. Mas era gostoso, tenho uma saudade enorme...

É interessante destacar também, a influência religiosa na formação de muitos dos nossos entrevistados. Isso exemplifica o peso da cultura brasileira construída com bases religiosas muito fortes, como também o fato de que na maioria das vezes, nossos entrevistados relatam que eram, senão as únicas, as melhores opções de formação existentes nas cidades em que foram educados. Tudo isso reforça as bases de uma educação tradicionalmente cristã em nosso país e em nossas práticas educativas. Vejamos alguns desses relatos:

Quanto a minha presença no Dom Bosco, foi uma presença significativa, muito rica, tenho boas lembranças e se hoje sou o que sou e tenho em termos de conteúdo, esta escola tem grande responsabilidade nisso (Fábio).

Tinha essa tradição mineira, família católica, de estudar em colégios religiosos (Celeste).

Dos professores do 2º grau, eu tenho lembranças do professor Osvaldo, chamado por todos de Osvaldão. Ele era irmão marista em Uberaba e eu devo muito a ele, por causa da grande seriedade e exigência (Pedro).

Após o Ensino Médio, fiz a graduação em matemática, na Faculdade Santo Tomás de Aquino de Uberaba, que também é de dominicanas. (...) Comecei minha carreira no Colégio Dom Bosco, que é um Colégio Salesiano (Maria Magdalena).

Outra circunstância que eu acho que muito me marcou, inclusive eu tenho o maior orgulho de dizer, foi a marca das dominicanas em

minha formação. Isso foi muito forte porque fiz o ginásio e depois o curso normal e o próprio terceiro grau. (...) Tenho uma marca muito forte das dominicanas! (Maria Auxiliadora)

Uma coisa que nos chamou a atenção, foi que alguns detalhes do que nos foi relatado, constituíam-se em lembranças muito pessoais, que não foram divididas ou reveladas, como por exemplo, a que nos fala Maria Auxiliadora:

Um dos fatos mais engraçados que eu acho na minha vida, foi quando eu fiz a primeira série, naquela época o primário, em que tive muita dificuldade para aprender a ler e eu nunca contei para ninguém.

Já como profissionais alguns entrevistados destacam os sonhos que foram surgindo, alguns deles considerados até meio impossíveis, mas que acabaram acontecendo. Como se aquilo em que tivéssemos nos tornado, as escolhas de novos caminhos, fossem se conjugando para torná-los realidade. Um desses sonhos é o de trabalhar no ensino superior, que ficou muito claro no seguinte relato:

Quando entrei no UNIARAXÁ como aluna, pode até parecer brincadeira, mas eu falava que iria voltar como professora. Já se disse que “sonho que se sonha só é apenas sonho, mas sonho que se sonha junto se torna realidade”, acho que foi algo mais ou menos assim. Me formei no final de 93, já no começo de 94 entrei para a pós-graduação e no começo de 95 (...) fui chamada a assumir algumas aulas de Estudos de problemas brasileiros no UNIARAXA (...). Hoje já tem mais de dez anos que estou trabalhando na faculdade (Ivana).

A importância de sonhar e a força que os sonhos têm, foram muito significativos e o como vamos buscando caminhos para alcançá-los. Maria Auxiliadora nos mostra isso, lembrando do dia em que tomou posse como reitora do UNIARAXÁ:

Aí me vem a imagem do meu pai, a voz dele dizendo pra mim, exatamente o seguinte: “A menina que estudou na roça, virou reitora”, foi o que ele me disse logo após a minha posse como reitora.

Vale lembrar que “os sonhos transformam a vida numa grande aventura. Eles não determinam o lugar aonde você vai chegar, mas produzem a força necessária para arrancá-lo do lugar que você está” (CURY, 2004, p. 137). O sonho é, com certeza, o primeiro passo para a realização.

Outra coisa que nos chamou a atenção é a prática voltada não só para a dimensão da formação técnica, mas acima de tudo humana, numa clara alusão à consciência de que educar é formar o ser humano integral, o cidadão em todas as suas dimensões. Alguns relatos nos mostraram isso:

Por tudo isso, é que acredito que tive bons professores, que me ensinaram a trabalhar com o aluno não só como um robzinho, mas um aluno que escreve, que aprende, que fala, que devolve conteúdo. Aprendi que a formação do aluno como um ser, um cidadão, é mais importante, e por causa disso tudo é que considero que tive uma boa formação (Luiza).

Em educação, se a gente não acreditar que vale a pena investir em nossa formação constante, para assim podermos formar seres humanos através deste processo, é melhor desistir dessa profissão. Se você não acredita nessa proposta, não adianta você ser professora (Letícia).

Acredito que a minha história deixou marcas muito fortes na minha atuação profissional, não é possível separar. Essa coisa de não desvincular a formação profissional, os conhecimentos, da formação humana, acredito que tem muito a ver com a forma de minha mãe ser e agir em sua profissão. Procuro valorizar sempre meus alunos, mesmo reconhecendo que muitos deles nos chegam cheios de fragilidades na sua formação, acho importantíssimo valorizar a pessoa humana (Ivana).

É muito fácil perceber o compromisso de todos com o humano, e não há como negar que é essa a educação que fica, que forma para toda a vida. Conhecimentos estão disponibilizados em diversos meios, além de estarem sendo produzidos de forma tão acelerada que nos faz saber que estaremos sempre os buscando. Agora formação, essa ninguém nos tira, fica para sempre.

Algumas dificuldades no processo de formação escolar levaram a pensar e a querer buscar meios que permitissem acertar mais nas práticas pedagógicas, lembrando também, que ninguém é igual a ninguém. Somos fruto de uma educação homogeneizadora, por mais paradoxal que seja e temos muito claro que isso não pode acontecer, mas as práticas voltadas para a heterogeneidade ainda são muito escassas. Vejamos:

As lembranças que eu tenho da minha vida escolar são muitas, eu me lembro que da 1ª a 4ª séries eu estudei no grupo escolar e sempre tive muita dificuldade com matemática (...). Me especializei em psicologia escolar e a minha dissertação do mestrado foi sobre o fracasso escolar. Tenho a impressão que até hoje estou buscando consertar esse trauma que tive com a matemática (Letícia).

E continua:

Quanto às influências teóricas e políticas que sofri na faculdade e em minha formação específica, tive um grande problema com Sociologia e Filosofia, que estudei no primeiro semestre do curso. Outro problema era que meu pai que é militar, na época ainda na ativa, me levava a um conflito muito grande, pois o professor de Sociologia criticava tudo, eu chegava em casa e ia discutir com meu pai que não concordava com o professor. Por tudo isso, eu nem contava na faculdade que meu pai era militar, não abria a boca. Tudo isso me fazia sentir uma alienada, uma idiota ali (Letícia).

Tudo isso nos mostra e nos leva a pensar, que nossa formação é um processo do pessoal ao coletivo, sofrendo as marcas daqueles e com aqueles que convivemos e partilhamos nossos momentos. Abramowicz (2002) nos lembra:

Só é possível refletir sobre a prática docente e debatê-la, no coletivo, por meio da partilha de saberes. É em comunhão com outros seres humanos, professores, que nós nos desenvolvemos e nos formamos, fazendo-nos e refazendo-nos. O professor se constrói em um processo coletivo (...). No coletivo se desenvolvem vínculos de confiança e solidariedade, contribuindo para um clima de convívio rico e estimulador. (ABRAMOWICZ, 2002, p. 140)

Podemos perceber que todos constroem sua identidade, seus saberes, sua História, no decorrer de suas próprias vidas, e esses processos dependem das influências que sofremos, dos modelos que adotamos. É sem dúvida um processo dinâmico e ativo, histórico, colado à realidade sociocultural de cada um. Segundo Dominicé: “a vida é o lugar da educação e a história de vida, o terreno no qual se constrói a formação... Por isso, a análise da formação não se pode fazer sem uma referência explícita ao modo como o adulto viveu as situações concretas de seu próprio percurso educativo”. (Apud NÓVOA, 1992, p.24)

Isso nos faz refletir sobre o que nos diz Luiza, quando se refere *que “em alguns momentos da minha vida, quando eu passei a morar na cidade e comecei a estudar, às vezes eu me sentia como um peixe fora d’água, às vezes me sentia discriminada porque eu vinha da fazenda onde os hábitos e os costumes são diferentes dos alunos que moravam na cidade”*. Todas as mudanças, todos os desafios, constituem situações concretas que interferem em nosso processo de formação, em nosso modo de ser e agir.

Outra coisa que nos chamou a atenção, é que muitas vezes a vida pessoal esteve diretamente emaranhada à vida profissional. Luiza mais uma vez nos conta que: *“tive a alegria de ser inclusive, aluna do meu esposo e brincava muito com ele, pois era muito rígido nas correções dos meus trabalhos, não permitia que eu errasse. Foi uma alegria muito grande ter aprendido muito com ele, lembranças boas”*.

Outro aspecto importante são as influências históricas em nossa vida, em nosso constituir-se. Entre nossas entrevistadas, nesse caso as mulheres, podemos perceber as marcas de uma educação e de uma sociedade machista. Todos os relatos abaixo nos mostram isso claramente:

Eu sempre tive vontade de ser professora e aconteceu que ser professora pra mim, no meu momento de vida de esposa, de mãe, foi até mais fácil (Luíza).

(...) não pensava muito em carreira e profissão. Minha mãe é que aconselhou para que eu matriculasse nesse colégio (Escola Normal), pois ela tinha estudado lá, era o colégio dela, na cabeça dela existia aquela noção de que eu devia ter uma formação, para ser professorinha, me casar e cuidar dos filhos e da casa. Essa profissão era boa para mim, por eu ser mulher (Letícia).

Na escola, a admiração que tinha por alguns professores, eu acho que interferiu também e foi me constituindo. Até mesmo as falas de que ser professora é coisa de mulher, que é até um reflexo negativo, tudo isso, com certeza, foi me tornando professora (Maria Celeste).

Apesar de haver aquele desejo, aquele sonho de ser professora, existiu também que naquela época, a única opção que tínhamos de estudo era para ser professoras, fazer o magistério. Na verdade todos brincavam dizendo que sendo mulheres só poderíamos fazer o curso normal, pois trabalhar só podia se fosse para ser professora, ou então ficar esperando o casamento (Maria Auxiliadora).

Todas essas análises nos apontam, conforme Freitas (2000, p.97), que “a escolha do Magistério pela mulher brasileira teve determinantes sócio-históricos pertinentes à historicidade da constituição da mulher, que se deu à sombra da tradição patriarcal de nossa sociedade, com suas concepções e ideologias pertinentes às relações econômicas de produção capitalista”.

A História nos faz e de alguma forma fazemos a história. Mesmo com as diversas mudanças nos últimos anos, ainda vivemos em uma sociedade extremamente machista e patriarcal, com valores muitas vezes preconceituosos no que diz respeito à mulher. Louro (2002), em seus estudos sobre a história das mulheres no Brasil, especificamente sobre as mulheres na sala de aula, nos fala sobre a “feminização do magistério”, apontando suas causas no país. Ela comenta:

A identificação da mulher com a atividade docente, que hoje parece a muitos tão natural, era alvo de discussões, disputas e polêmicas. Para alguns parecia uma completa insensatez entregar às mulheres usualmente despreparadas, portadoras de cérebros “pouco desenvolvidos” pelo seu “desuso” a educação das crianças. (LOURO, 2002, p. 450)

Foi possível perceber através dos relatos de nossos entrevistados o preconceito e a desvalorização da mulher na sociedade. Até sua capacidade intelectual é criticada, sendo que na maioria das vezes o pouco estudo é devido à falta de oportunidades, tanto no que diz respeito a cursos, quanto no que diz respeito ao que a sociedade “exigia” delas, deveriam se casar cedo e cuidar dos filhos.

Essa mesma autora continua:

Outras vozes (...) afirmavam que as mulheres tinham, “por natureza”, uma inclinação para o trato com as crianças, que elas eram as primeiras e “naturais educadoras”, portanto nada mais adequado do que lhes confiar a educação escolar dos pequenos. Se o destino primordial da mulher era a maternidade, bastaria pensar que o magistério representava, de certa forma, “a extensão da maternidade”, cada aluno ou aluna vistos como um filho ou uma filha “espiritual”. O argumento parecia perfeito: a docência não subverteria a função feminina fundamental, ao contrário, poderia ampliá-la ou sublimá-la. Para tanto seria importante que o magistério fosse também representado como uma atividade de amor, de entrega e doação. (LOURO, 2002, p. 450)

Tudo isso mostra o porquê de existirem muito mais mulheres nas fases iniciais do magistério, como também o histórico descaso, alvo de diversos protestos, como os salários. O professor no Brasil, principalmente nas séries iniciais, é muito pouco valorizado e ganha vergonhosamente mal.

Também existe a famosa “idéia” de que as mulheres devem ser dóceis, não devem se alterar, muitas vezes sendo até desrespeitadas como profissionais. Tudo isso ainda é muito “comum” hoje em dia nas nossas

escolas, e foi um processo de constituição histórica permeado por diversas ideologias.

Todos esses fatores nos fazem questionar nossa identidade, muitas vezes a não nos valorizarmos como profissionais e até mesmo a “engolir” coisas que nos desagradam profundamente. Lutar contra esse sistema tão forte, tão historicamente tecido é muito difícil, necessita de conhecimento, união e coragem, como também de saber que mudanças são lentas e gradativas, que possivelmente os resultados não serão vividos por nós que o construímos no presente. Vale destacar, que:

Há que se resgatar a falta de conscientização de nós professores, de que nós próprios somos agentes, atores e responsáveis pelas nossas vidas e que somente com nossas próprias forças e competências faremos mudanças no meio em que vivemos. (PORTAL, 2002, p.122)

Alguns de nossos entrevistados expressam esses questionamentos, essas angústias. Letícia por exemplo, formada inicialmente para ser psicóloga, mas que foi se descobrindo como professora, diz:

Cheguei a trabalhar como psicóloga escolar aqui em Araxá, mas percebi que meus maiores investimentos eram na faculdade, na educação. Aí fui deixando tudo até me dedicar somente às aulas. Vivi nessa época a minha primeira crise de identidade, pois pegava o meu registro no CRP, pagava por ele uma anuidade altíssima, mas não clinicava. Me perguntava: “sou psicóloga ou professora?”. Resolvi então a parar de pagar o CRP e ser professora (Letícia).

Mas ela também nos mostra que as crises são importantes em nossa vida, nos tiram de nosso comodismo e nos fazem achar soluções e caminhos e até mesmo a nos encontrar como pessoas. Ela continua:

Portanto, eu acho que essa crise de identidade é boa nesse sentido de fazer a gente dar uma reviravolta e buscar se descobrir de verdade. Eu estou me descobrindo como professora (Letícia).

É interessante destacar, o peso que o reconhecimento social teve nos questionamentos sobre ser ou não professor, as diversas falas, até mesmo dentro das famílias, que atestam essa desvalorização pelo magistério no país, como as que podemos ler:

Outra coisa que teve um peso muito grande foi o fato do “status”. Socialmente existe no Brasil o mito de que o professor é um coitado. Acho que tudo isso é uma desvalorização cultural que começou lá atrás, de que o magistério foi delegado às mulheres porque culturalmente existia a idéia de que o homem tinha que ser o provedor, não cabia a mulher ser a provedora, ela poderia ser a professora, não tinha problema, já que ela não ia ganhar muito dinheiro mesmo (Letícia).

Isso reforça a idéia de a docência ser vista como um sacerdócio, “muito conveniente para que se constituísse a imagem de que os professores, principalmente as professoras, fossem vistas como ‘trabalhadoras dóceis, dedicadas e pouco reivindicadoras’, o que serviria futuramente para lhes dificultar a discussão de questões ligadas a salário, carreira, condições de trabalho etc”, (LOURO, 2002, p.450), como também essa histórica desvalorização da profissão.

Quando pensamos sobre as influências de professores marcantes, lembramos de Castanho (2002), ao nos apresentar algumas características que deve possuir um professor marcante e elas são muito próximas do que nos contam nossos entrevistados. Vejamos:

As características que tornam marcantes tais professores são várias, destacando-se, em todas elas, a profunda inter-relação entre aspectos profissionais e pessoais. É possível perceber que a dimensão pessoal e a dimensão profissional se entrelaçam, fazendo um todo indivisível e responsável por uma postura admirável como professor. São descritos professores que ‘amavam o que faziam’, que ‘valorizavam o aluno’, que ‘sabiam explicar muito bem a matéria’, que ‘motivavam as aulas’, que eram ‘seres humanos ímpares’ (...). (CASTANHO, 2002, p. 155)

Concordando com Castanho, acreditamos que são importantes não só o conhecimento dos professores, mas a postura, o gosto, a dedicação, a consciência pelo e no que fazem. O que fica são as atitudes, a convivência, o acreditar, o humano. Mais importante do que ensinar é a forma de se relacionar com seus alunos, a capacidade de respeitar as diferenças, o constante incentivar, o acreditar nas possibilidades de cada um, a postura ética. Esses sim são exemplos e marcas carregadas por toda a vida.

Professores marcantes, que nos influenciam, são aqueles que conseguem nos tirar de nosso comodismo, de nossa mesmice, que nos mobilizam a querer ir além, a ter postura crítica diante da vida, a saber nos posicionar e decidir, a ter coragem de enfrentar nossas fragilidades e a acreditar em nossas possibilidades. São enfim, aqueles que nos marcam pelo humano, pelo querer desvelar o que somos e o que o mundo nos revela. Sobre influências e professores marcantes, vejamos o que dizem nossos entrevistados:

(...) e depois da reestruturação, passei para a dona Maria Santos, estudando com ela por quatro anos, não mudei de professora. Ela é um pessoa magnífica, que marcou muito a minha vida e eu acredito até, que muita coisa do que consegui ser, foi por causa dela que sempre confiava na gente. E continua: Tudo que lembramos dos nossos professores envolve a questão da postura, é o que fica marcado para sempre. É claro que o conhecimento é importante, vem incorporado, mas não lembramos do que nosso professor nos ensinou e sim da forma como nos tratou (Dona Elza).

Quanto a professores que me marcaram, eu tive uma grande professora, que foi a minha mãe – dona Neiva Santana, que era professora formada, numa época em que praticamente, na minha cidade, não tinha professoras formadas, e a minha mãe foi a minha grande motivadora (Pedro).

Acredito que indiretamente, minha mãe influenciou nessa minha profissão. Apesar de toda a dificuldade por ela vivida, ela nunca reclamava da profissão. Achava difícil sim, era mal remunerada, ficava insegura, mas ela mesma dizia que, assim que entrava para

dentro da escola, tudo que era problema ficava para trás, ela se tornava a professora, porque sentia prazer naquilo que fazia (Ivana).

Então, me lembro muito de toda essa vivência, desse contexto de vida de professora, de uma forma muito positiva, apaixonada e achava que ser professora era muito bom (Letícia).

Minha professora do terceiro ano primário foi a minha grande fonte de inspiração, até hoje. Além do carinho que ela tinha com a gente, era uma professora sensacional. Lembro-me com alegria (Pedro).

Todos deixaram muito claras as marcas boas que sofreram, as influências positivas, aqueles que passam por nossas vidas e são para sempre lembrados, interferem em nossa maneira de agir e fazer, são enfim, não só professores, mas seres humanos marcantes.

4.2 A relação prática/desafios nos cursos de formação de formadores

A formação escolar foi sempre permeada por alegrias, dificuldades e realizações. São imagens, fatos, viveres que ainda permanecem muito vivos e que marcaram muito do que todos são e fazem hoje. Tudo que aprenderam e viveram deixou marcas profundas, que estão impregnadas nas suas falas, atitudes, fazeres. Tardif (2002) nos diz que:

Um professor de profissão não é somente alguém que aplica conhecimentos produzidos por outros, não é somente um agente determinado por mecanismos sociais: é um ator no sentido forte do termo, isto é, um sujeito que assume sua prática a partir de significados que ele mesmo lhe dá, um sujeito que possui conhecimentos e um saber-fazer provenientes de sua própria atividade e a partir dos quais ele a estrutura e orienta. (TARDIF, 2002, p. 230)

Através das narrações colhidas, percebemos o sentido de cada um pertencer a um tempo e um espaço histórico. Sobre as experiências profissionais, foram várias lembranças, relatos de experiências, dúvidas, dificuldades, desafios, como também diversas realizações e alegrias. Os momentos vividos em sala de aula se mostraram sempre muito significativos, como também se constituíram no campo mais rico para as descobertas e o crescimento, pois:

Cada aula é uma celebração, muito mais do que simples aprendizado de utilidades práticas para atividades futuras. Os alunos, juntamente com os professores, não se reúnem apenas para planejar o seu porvir. Vivem esse fantástico entrecruzamento entre as linhas do passado e do futuro, marco este que sinaliza o presente. (RODRIGUES, 1996, p.30)

São vários os autores, e dentre eles Guedes-Pinto (2005), que concordam ser a aula o espaço mais significativo na formação do professor.

Também nos chamaram a atenção os relatos das várias dificuldades que surgem no dia-a-dia da profissão, tais como insegurança, cobranças, exigências, diferenças, os questionamentos sobre os vários discursos que estão impregnados na sociedade.

Mas em meio à insegurança, eu tinha muita vontade, faltavam materiais diferentes, tinha que seguir um ritmo diferente do meu, sempre fui de querer inovar muito (Dona Elza).

As dificuldades de aprendizagem são muito medicalizadas, muito ideologizadas e a escola ainda continua muito elitizada (Maria Celeste).

Tive muita dificuldade de me impor, parecia que eu tinha que ser a professora boazinha para ser aceita. Odeio ser chamada de boazinha, odeio essa marca (Letícia)

Os desafios foram vários e, continuam sendo não existem receitas, cada situação é única. As mudanças são constantes, o instável se apresenta

diariamente, mas de acordo com o que já vivemos e nos tornamos, vamos encontrando caminhos e soluções. Temos consciência de que:

A busca da resposta pronta para uma situação incerta é sempre ilusória e inútil, pois situações que reúnam tantas especificidades como ensino, aprendizagem, relacionamentos interpessoais resultam do interjogo de afetividade, valores, diferenças, o que exige também muito da sensibilidade e intuição do professor para fazer a leitura precisa do que está ocorrendo no momento exato. (GRILLO, 2002, p.73)

Ao mesmo tempo em que os desafios surgem e são vencidos, fica o crescimento, a vontade de ir além, a certeza de que o caminho está se fazendo e de novas possibilidades que vão aparecendo e se concretizando. Todas as dificuldades serviram como fonte de aprendizagem e aprimoramento, como se pode constatar:

Sempre fui muito questionadora, e na faculdade isso foi mais acentuado, não aceitava, questionava as formas como a sociedade era instituída, que muitas vezes a gente engole sem pensar. Eu nunca fui de aceitar, mas não percebia isso muito bem (...). Sei que é difícil, mas temos que ter o compromisso, pelo menos de fazer nosso aluno pensar, de não ser alienado (Ivana).

Daí em diante, a vida inteira, fui passando por situações diferenciadas e pouco depois de formada, fui convidada a dirigir a primeira escola, começando aí a mesclar minha vida entre ser professora e ser administradora ao mesmo tempo (Maria Auxiliadora).

A história de cada um dentro do UNIARAXÁ como formadores de formadores, entre realizações e dificuldades, se mostrou muito rica e permeada por situações diferenciadas e ao mesmo tempo muito parecidas, muitas vezes como conseqüência de políticas governamentais, mudanças sociais, desafios que se colocavam no caminho de cada um. No ambiente de aprendizagem se faz necessário, principalmente hoje onde, como lembra

Frigotto (1996), os governos neoliberais deixam nossos países mais pobres, excludentes e desiguais, em que se exacerbam o individualismo e a competição selvagem, quebrando os laços de solidariedade coletiva e intensificando um processo de seleção, onde os melhores triunfam, é preciso valorizar a educação, não tanto para correr nas raias da modernidade, mas, sobretudo, para humanizá-la. Nossa investigação nos mostra isso, quando os professores investigados percebem que

na vivência do cotidiano escolar, mediados pelos sujeitos que dele participam e a ele dão vida, (que) os educadores em formação vão, aos poucos, olhando sob diversas perspectivas e possibilidades aquela realidade que, a cada vivência, passa a ser mais próxima de sua realidade e constitutiva de sua subjetividade. (FONTANA e GUEDES-PINTO, 2002, p.21)

Concordamos com as autoras, e podemos reforçar com os seguintes relatos de nossos entrevistados:

As mudanças que estão sendo propostas na educação, eu acredito que são aceitáveis, vivemos uma época de transição, uma época em que tudo muda de forma acelerada, então é meio complicado. É por isso que vejo as medidas como necessárias, mas nem todas surtem efeito (Dona Elza).

O atual momento que estamos vivendo nas licenciaturas, com todas as mudanças, acredito ser uma questão conjuntural e não pontual (Maria Magdalena).

Depois de passar por todas essas mudanças, percebemos que é preciso redefinir o papel do educador, do profissional da área de ensino, e para que isso aconteça, nós temos que trabalhar muito a formação nossa como professor, em sintonia com as novas propostas de ensino, precisamos parar de achar que quem tem diploma de curso superior, curso de especialização, mestrado, já serve para dar aulas. Para dar aulas, eu acredito ser indispensável, fazer curso específico, licenciatura. Isso é muito sério (Fábio).

Os desafios que estão sendo postos ao ensino superior no país são muitos e estão diretamente ligados á Reforma do Ensino Superior no Brasil sob uma lógica neoliberal. Podemos destacar que, de acordo com essa lógica, estabelece-se o “Estado mínimo e o máximo de mercado”, sob uma matriz mercantil e privatista, na qual a educação é concebida como mercadoria, distanciando-se cada vez mais da sua natureza de direito social universal.

A Reforma do Ensino Superior Brasileiro tem como objetivo transformar a Universidade, de uma instituição social, em organização social, regidas através de medidas provisórias e emendas constitucionais. Esta reforma teve na LDB – Lei de diretrizes e bases – Lei 9394/96 seu estatuto de legalidade, pois esta lei define a “flexibilização” como a grande estratégia de destruição da Universidade fundada no reconhecimento público de legitimidade que lhe confere autonomia do saber (CHAUÍ, 1999), Essa mesma autora diz que a grande reforma do ensino em curso no Brasil segue um modelo proveniente de um documento do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento), designado como plano estratégico para as universidades latino-americanas e caribenhas, que faz um diagnóstico das universidades para propor um modelo baseado em dois critérios. O primeiro seria o da relação custo/benefício, ou seja, gasta-se muito e o resultado social é mínimo. O segundo critério seria o da evasão, que é apresentado como um fato da natureza, o que é feito de maneira descontextualizada da realidade latino-americana.

Toda a reforma que vem sendo realizada privilegia a privatização do ensino, o que se expressa no grande número de instituições que foram criadas nos últimos anos, muitas delas com qualidade criticável. Saviani (1998) afirma que “ao que parece, a expressão ‘Centros Universitários’ foi a fórmula encontrada para burlar o Artigo 207 da Constituição Federal que afirma que as universidades obedecerão, o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”. Numa inversão de valores, o objetivo passou a ser “adquirir e reproduzir para não criar. Consumir, em lugar de realizar o trabalho de reflexão” (CHAUÍ, 2001, p.62).

Sabemos que a maioria dessas instituições criadas, pela não exigência de cumprir com este tripé que deve sustentar o ensino superior,

trabalham apenas o ensino, e muitas vezes de forma questionável quanto à sua qualidade. No UNIARAXÁ, a exigência de trabalhar o ensino, a pesquisa e a extensão vêm sendo efetivadas. Existem muitos projetos de extensão voltados para a educação infantil, a educação de adultos, a qualidade de vida após os 40 anos, projetos sociais, assistência judiciária, entre outros. Quanto à pesquisa, já foi criada uma comissão de pesquisa, vinculada a um Comitê de Ética, e vários projetos vêm sendo desenvolvidos, já com um número significativo de apresentações em Encontros e Congressos. Temos muito que caminhar, muitos desafios, mas os caminhos estão sendo traçados.

Quanto a isso, podemos recorrer ao que nos falou Maria Auxiliadora:

Quando penso em situações mais difíceis, acredito que o mais difícil para mim foi a transformação que vivemos aqui no UNIARAXÁ. Estávamos em um momento histórico, em que, ou nós fazíamos a mudança, ou o próprio mercado de trabalho fecharia as nossas portas.

Apesar de todas as dificuldades vivenciadas nesse processo de Reforma universitária, nossos entrevistados se mostraram muito conscientes do seu papel, certos de que os caminhos estão sendo construídos e as possibilidades para melhorar estão sendo sempre perseguidas, mesmo entre desafios, muitos deles comuns a uma instituição de ensino particular, que mesmo sem visar lucros, pois é mantida por uma fundação, tem muita dificuldade de manter seu quadro de alunos no que se refere ao pagamento de mensalidades. A grande maioria dos nossos alunos trabalha para poder custear o seu ensino, e isso se reflete em alunos muitas vezes cansados, sem tempo para se dedicar a leituras diárias, conteúdos além escola, pesquisas.

Sabemos que ainda temos muito que melhorar, e muitos dos problemas externos, principalmente aqueles ligados à má formação dos nossos alunos, como consequência da baixa qualidade do ensino fundamental e médio, são sentidas dentro do UNIARAXÁ. Muitos de nossos alunos

escrevem mal, não sabem se expressar, não gostam de ler, têm dificuldade de criação e de inovação. Mas, mesmo com estes desafios e dificuldades, existe uma preocupação muito grande com a qualidade, com a melhoria desses alunos, com a formação do ser humano integral. Maria Auxiliadora, como reitora da instituição diz:

Nossa missão no UNIARAXÁ, o que a gente quer mesmo, é formar profissionais com formação humanística, com consciência de que a pessoa precisa ser melhorada, porque conhecimento ele vai buscar pelo resto da vida, não dá então para priorizar só conhecimento e sim a formação.

E continua:

Uma das grandes frustrações que levanto pra nós no magistério, é que não estamos formando pessoas para nos substituir, e isso só começou a suavizar em minha vida, quando vejo vocês se formando e desempenhando trabalhos com qualidade e desempenhando trabalhos com qualidade e dedicação em tudo que fazem. Muitos são exemplos, você (a entrevistadora) é um deles.

Outra coisa que chama a nossa atenção, é que a LDB 9394/96, que define as bases da educação nacional, e o Decreto 2.207/97, que regulamenta o Sistema Federal de Ensino, contém referência explícita à preparação pedagógica para o exercício da docência no ensino superior, ao exigirem que as instituições de ensino superior contem com parcelas de seus professores titulados em nível de pós-graduação. Vejamos:

A preparação para o exercício do magistério superior far-se-á em nível de pós-graduação, prioritariamente em programas de mestrado e doutorado. Parágrafo único: O notório saber, reconhecido por universidade com curso de doutorado em área afim, poderá suprir a exigência de título acadêmico (LDBEN, art. 66).

Essa Lei ainda coloca que, em seu oitavo ano de vigência, as instituições de ensino superior deverão contar com um terço de seu corpo

docente titulados na pós-graduação *stricto sensu*, dos quais 15% de doutores, pelo menos.

O UNIARAXÁ teve que se adequar a essas exigências, foi uma fase difícil, muitos professores tiveram dificuldades de fazer sua pós-graduação, por fatores econômicos, distância, necessidade de trabalhar. Mas, aos poucos as coisas foram se encaminhando, e a própria instituição incentivava e apoiava com ajuda financeira. Hoje, o quadro docente da instituição, conta com 9% de doutores e 40% de mestres e, muitos professores estão fazendo cursos nestes níveis. Quanto a essa situação vivida, vale destacar o que nos disse o professor Fábio:

Depois de tudo isso, veio a nova LDB, exigindo que uma porcentagem de professores universitários deveria ter título de mestre ou doutor. Rapidamente, mesmo com críticas até mesmo de colegas da faculdade, que prefiro não mencionar, é uma questão ética, fui fazer um mestrado na UNIUBE (Universidade de Uberaba).

Foram muitos os desafios, e ainda o são, pois atender a todas as exigências que as leis e decretos fazem, têm sido uma tarefa diária nas instituições de ensino superior, e também no UNIARAXÁ.

Podemos exemplificar com as palavras de Maria Auxiliadora, que vive dia-a-dia esses desafios como reitora:

Com relação à transformação em Universidade, temos que repensar. Nós já vínhamos colocando com muita força que em 2007, pelo Decreto Federal, tínhamos a obrigatoriedade de ir a Universidade. Isso não se faz por Decreto, se faz por caminhos, por maturidade, por capacidade e tudo mais. Hoje, eu já falo isso com tanta segurança, pelo seguinte: como é que vai ser aprovada a Reforma do Ensino Superior?

As instituições de Ensino Superior, no nosso caso, como Centro Universitário, estão passando por uma fase conturbada, as regras estão confusas, e em muitos casos, a qualidade têm deixado muito a desejar, o

que nos faz pensar na qualidade duvidosa oferecida por muitos desses cursos.

Em meio a todas essas exigências e mudanças, percebemos entre nossos entrevistados, a alegria que a profissão proporciona na maioria das vezes. Muitos, falam da satisfação e da realização de verem esses alunos com carências irem superando suas dificuldades e fragilidades e crescendo no desenvolver do curso. Também, foi muito lembrada a aprendizagem integral da pessoa, as influências que deixamos marcadas em nossos alunos. Em muitos dos relacionamentos que se desenvolvem no convívio escolar, a realização pessoal é mútua, e a aprendizagem acontece em via dupla, pois aprendemos muito ao ensinar. Vejamos algumas dessas falas:

Confesso que é na sala de aula que a gente mais aprende (...). Mas, o que me deixa mais satisfeito, sem dúvida, é quando você pega um aluno que tem um monte de limites, uma limitação muito grande, e você consegue fazer com que esse aluno melhore em todos os sentidos, a começar por seu português, que passe a entender, a interpretar um texto (Pedro).

Não tem nada melhor do que um aluno chegar pra gente e falar que aprenderam além daquilo que tentei ensinar, a enxergar a vida de forma diferente, a valorizar e a tentar mudar alguma coisa neles. Indiretamente, os estamos influenciando, somos exemplo, e isso é o mais importante dentro da educação (Ivana).

Me realizo muito no que faço, sobretudo, naquilo que as pessoas que convivem comigo estão fazendo. (...). Então, quanto mais você se coloca a serviço do outro, mais isso volta para você. Com o conhecimento e os dons, conseguimos realizar muitas coisas e nos realizar enquanto pessoas e profissionais (Maria Auxiliadora).

A melhor coisa é a troca de experiências, o aprendizado que adquirimos a cada turma nova que entramos. Alguns aprendizados são doloridos, mas não deixam de ser aprendizados. Eu me sinto feliz nesse aspecto e o mais gostoso é quando você esbarra com pessoas que dizem terem sido nossos alunos, isso fortalece a gente (Fábio).

Sobre o trabalho com a formação de formadores, nos cursos de licenciatura, percebemos que vivemos um momento de transição, um momento histórico sim, pois tudo é construção histórica, e esses cursos têm passado por processos de esvaziamento, decorrentes da pouca valorização do magistério (GONÇALVES, 1998), como também, por mudanças que objetivam não só a sua maior qualidade, como também inovações e possibilidades que se abrem.

Especificamente no UNIARAXÁ, tudo isso é vivido e percebido, mas é também encarado com seriedade e vontade de buscar fazer cada vez melhor, apesar das dificuldades que são vividas. Também é destaque o reconhecimento das licenciaturas como o caminho mais importante na formação do profissional da educação entre nossos entrevistados:

Pensando nas licenciaturas, considero o ponto mais importante na formação do professor (Luiza).

Com relação aos cursos de Licenciatura, de formação de formadores, acredito que o maior desafio é o pouco interesse que as pessoas têm para com esses cursos. (...). Uma coisa que acho prejudicar muito, é o reforço que os próprios professores insatisfeitos dão, quando falam mal da profissão (Maria Auxiliadora).

Com relação aos cursos de formação de professores, acredito que eles estão caminhando para uma grande valorização e mudanças em termos de qualidade (Elisa).

Uma coisa que anda ocorrendo no UNIARAXÁ é o esvaziamento dos cursos de licenciatura, que é um sintoma da própria desvalorização do magistério com os baixos salários, a falta de programas sérios de valorização do corpo docente. A desvalorização do professor vem sendo legitimada, sendo instituída, a partir da própria história da educação no país (Maria Celeste)

É isso que mais me preocupa na formação de professores, levar nossos alunos a serem excelentes profissionais, mas acima de tudo, excelentes seres humanos (Dona Elza).

A preocupação com a formação de profissionais cientes de seu papel social, também foi muito lembrado. Percebemos que os desafios na busca de profissionalização do professor precisam, além do resgate pela valorização deste profissional, da constante busca pela qualidade. O desafio é sempre procurar atingir o maior número de professores, o que também pode ser feito através da oferta de cursos de especialização na área pedagógica visando a sua inovação. Dentro do UNIARAXÁ, este objetivo tem sido buscado, como também existe o projeto, até mesmo ousado, de transformar a instituição em um centro de referência regional, voltado para esta formação continuada. Quanto a isso vejamos:

O que eu mais gostaria de fazer em relação ao Instituto de Educação, é nós continuarmos essa luta para a formação de professores, fazendo o melhor, com a melhor qualidade possível, da forma mais interessante, até chegarmos a criar um Centro permanente de capacitação de professores, tenho isso muito forte comigo, esse referencial (Maria Auxiliadora).

Vejo nosso caminho aqui no ISE (Instituto Superior de Educação), como se tornando um Centro de formação regional de professores, trabalhando a formação continuada, a educação continuada dos professores da região (Maria Magdalena).

Mais uma vez reforçando a questão da formação integral, com consciência de seu papel profissional e da dimensão que o mesmo implica, Dona Elza diz:

Uma das piores qualidades que a pessoa pode ter é a mentira, às vezes nem é mentira, é omissão, e quando isso acontece, a pessoa fica desacreditada, isso me preocupa muito, em educação então, não deveria acontecer nunca. Com relação ao professor isso se torna mais sério, porque ele é uma pessoa muito visada, muito exposta. Tudo isso me preocupa porque trabalhando com formação de professores, alguns alunos não têm essa percepção.

Interessante destacar também, o aprendizado e o crescimento que resultaram de todos os processos de mudanças que foram vivenciados:

Tudo isso me acrescentou muito, me emocionei muito, e estou tentando trocar essas coisas que fui aprendendo, com meus alunos da graduação (...). O leque é muito grande, as teias de relações que a gente vai construindo são muito profundas, a teia de significados é muito ampla (Maria Celeste).

Quanto às dúvidas e preocupações, são muitas, mas é também muito forte a crença naquilo que fazem. É reconhecido que muitos dos problemas atuais é consequência, mais uma vez, de políticas governamentais atreladas a interesses de mercado, como também, tentativas de consertar o que foi desgastado durante anos de descaso. Sabemos que as mudanças precisam acontecer não no ensino superior, mas sim, no ensino fundamental, pois é onde as bases são construídas, para assim os resultados positivos poderem ser sentidos em todos os níveis, inclusive no superior. Guedes-Pinto (2005), afirma que não podemos desconsiderar o fato de que a vida na escola é um processo complexo, não sendo possível transformá-lo apenas através de nossa vontade. Nos relatos abaixo isso ficou patente:

O professor no momento, não um professor universitário, que é minoria, mas um professor de ensino fundamental e médio, tanto na escola pública como privada, não está sendo e nem está recebendo pelo seu trabalho como deveria. Tudo isso está fazendo com que haja uma falta de professores no mercado, uma falta de interesse em se formar como profissional do magistério (Luiza).

Pensando no que me agrada e desagrada em minha profissão, o que mais me desagrada é o descrédito, o desmérito que a sociedade tem para com ela. E com tristeza que digo isso, e é uma coisa que sempre lutei muito, foi contra esse descrédito (Pedro).

(...) nossa profissão é muito desvalorizada, é uma questão histórica. Aos poucos estamos mudando isso, mas é um processo muito lento.

Na faculdade, apesar das dificuldades, somos mais respeitados, temos um salário melhor, mas a grande maioria não é assim. Para piorar, ainda têm aqueles professores que só entram para a profissão por falta de opção, por bico, isso é terrível, desmerece mais ainda toda a classe profissional. Para mim, a primeira coisa a ser feita, é todos nós, sem restrição, nos valorizarmos enquanto classe profissional e enxergarmos a força que temos enquanto tal (Ivana).

Precisamos nos organizar mais enquanto classe, nos unirmos, somar forças, participar de sindicatos. Precisamos acreditar e assumir a força que temos e que não enxergamos ter. Se formos medir em termos quantitativos, somos a classe que possui o maior número de membros, isso em qualquer lugar do mundo (Pedro).

Tudo nos mostra e nos faz entender ainda mais, que o exercício da docência envolve o professor em sua totalidade. A sua prática é o resultado do saber, do fazer, mas fundamentalmente, do ser, o que significa compromisso com ele mesmo, com o aluno, com o conhecimento que é compartilhado e claro, com a sociedade e todo o seu processo acelerado de mudanças, sempre permeados pela postura ética naquilo que faz e vive todos os dias.

Ainda são várias as dificuldades e desafios, e, especificamente nos cursos de licenciatura, que vivem um esvaziamento geral, e no UNIARAXÁ não tem sido diferente, têm-se buscado alternativas que os mantenham funcionando, mas que também, não levem a uma defasagem em sua qualidade. Uma das alternativas implantadas foi trabalhar com 20% da carga horária semanal na forma semi-presencial, com apoio e orientação de professores. É uma busca pela permanência no mercado que tem dado certo, mas alguns professores ainda se sentem preocupados com esta mudança. Quanto a isso, recorreremos ao que nos fala o professor Pedro:

Quanto ao problema que tem havido em relação às licenciaturas, não só aqui no UNIARAXÁ, mas em todo o Brasil, vejo com muita tristeza. Mesmo sabendo que não é uma coisa localizada, é preocupante. Se a gente pensar em outros cursos, como medicina,

administração, economia, qualquer curso, onde é que estão os recursos didáticos? Quem são os professores? Onde está a sua formação? Reclama-se tanto da falta de didática. O que temos visto? Não conheço nenhuma universidade no mundo, que queira alçar vôos mais altos, que não tenha cursos de licenciatura, é uma condição “sine qua non”.

As dificuldades e desafios são sentidos e vivenciados, pois as pressões e os sinais das contradições e urgência por mudanças são muitos. Também se reconhece as limitações da educação superior brasileira, muitas vezes como consequência das desigualdades sócio-econômicas e de formação básica. Apesar de querermos qualidade, sabemos que atingi-la demanda tempo e reestrutura do ensino básico. Não adianta apenas aumentar o número de pessoas que têm acesso ao ensino superior, mas sim, oferecer uma formação de qualidade não só técnica, mas humana. Estamos avançando em quantidade, mas ainda temos muito que caminhar em termos de qualidade e o UNIARAXÁ também vive essa realidade. Exemplificando, podemos citar as palavras da professora Maria Celeste:

Ainda existem problemas? Muitos, mas a gente sabe pelas próprias circunstâncias de acesso aos cursos, dos vestibulares, ou processos seletivos, como se chama hoje, que não temos condição de selecionar alunos com uma boa base de leitura, eles nos chegam com uma grande deficiência que trazem do ensino médio, de toda a sua formação anterior. Mesmo que digam para nós, que o que importa não é o nível com que o aluno entrou, mas o estágio com que ele sai, eu como professora de Didática, sei bem que você não consegue em um curto tempo, ensinar um aluno a ler com compreensão, com bom nível de interpretação, o que ele não conseguiu construir ao longo de uma vida estudantil.

Outra coisa que preocupa muito são as medidas sugeridas para minimizar o histórico desnível de acesso ao ensino superior, sendo este muito maior entre a população negra e mestiça. Infelizmente, as propostas e

alternativas adotadas, não resolverão o problema. Resolver o problema envolve oferecer condições sociais mais justas, como também o ensino básico público de qualidade. Mais uma vez recorremos às palavras da professora Maria Celeste:

Essa pretensa inclusão que o governo está querendo fazer, com reserva de vagas em universidades, não vai mudar o ensino no país. O que tem que mudar é o ensino básico e médio que deve ser de qualidade, aí sim as pessoas terão condição de ter acesso melhor à universidade.

Em meio a essa busca pela identidade do Ensino superior no país, também nossos entrevistados estão se questionando sobre quais caminhos seguir. Sabemos que docência não é simplesmente transmissão rápida de conhecimentos, muito menos adestramento, mas acima de tudo, é formação ampla e comprometida com qualidade.

4.3 Ser professor formador – significados e sentidos

Definir e compreender nossas práticas e o como elas foram produzidas é um exercício muito rico. Em nossas trajetórias são diversas interferências que se mostram presentes naquilo em que nos tornamos, em nossa identidade, como nossa história familiar, nossa trajetória escolar, as relações que estabelecemos, nos diversos campos sociais em que convivemos, a cultura que temos acesso, as crenças religiosas, a estrutura política e econômica nas quais estamos inseridos, são diversos referenciais.

Em meio a tudo isso, nossa imagem e aquilo que realmente somos vai se estruturando e se manifesta em nossos fazeres e em nosso modo de ser e relacionar. Durante nossa investigação, foi possível perceber que todos os nossos entrevistados, de maneiras diferenciadas, foram se revelando e se conhecendo, e todos manifestaram prazer em trabalhar no UNIARAXÁ. Percebemos a crença de estarem desenvolvendo um trabalho bem feito como

também o fato de trabalharem e conviverem em um ambiente que lhes proporcionam alegrias.

Tenho orgulho do que sou hoje, do que faço (Ivana).

Sobre a minha vida no UNIARAXÁ, me considero “peça de museu” do UNIARAXÁ, porque assim que eu me formei, em 1976, eu comecei a trabalhar lá, e estou até hoje. Estudei lá, ainda como FAFI, depois comecei a trabalhar, passando pelas mudanças para a FIAP e depois UNIARAXÁ em 2002. realmente, minha realização pessoal como professora, aconteceu dentro do UNIARAXA, eu me sinto muito bem lá, me sinto como se fosse parte da minha vida, como se fosse a minha casa, como se em cada momento ali dentro eu me realizasse como profissional (Luiza).

Na medida em que somos úteis para os outros, estamos sendo também para nós, essa filosofia de vida eu tenho. Também me acho responsável, comprometida com tudo aquilo que vivi e vivo, venci muitos obstáculos (Dona Elza).

Já no que diz respeito ao que cada um é, ao como se vêem, muitos dos relatos são permeados pela emoção, pela certeza na escolha do magistério, pela satisfação e crescimento humano, pois “todo o processo de criação acontece na história e é marcado por ela. Simultaneamente, todo processo de criação tem um história singular em que entrecruzam pessoas, eventos diálogos” (KRAMER; JOBIM e SOUZA, 2003, p. 147). Vejamos o que nos falam nossos entrevistados:

Se alguém chegasse pra mim hoje e me perguntasse se eu escolheria minha profissão de novo, eu escolheria sim. Escolheria porque eu acho que nunca me senti frustrada (...). Consegui ser verdadeira no que fiz. Tenho a vida, a experiência vivida, trabalhei em todos os níveis (Dona Elza)

Sou acima de tudo professora, com muito orgulho, apesar de todas as vicissitudes (...). Se me perguntassem hoje, se eu escolheria ser

professora novamente, sem dúvida que eu escolheria sim, sem medo de ser feliz (Maria Celeste).

Outro dia, no Centro de Convivência do UNIARAXÁ, participando da II Jornada de Educação, falei que se a gente realmente voltar após a morte, quero voltar mulher e professora. Creio que essa coisa de querer ser professora, sempre foi muito forte em mim, desde muito pequena (Maria Auxiliadora).

Não consigo me ver como uma profissional desvinculada da pessoa que sou. A imagem que tenho como profissional é a imagem que os alunos têm de mim, pois eles manifestam isso. Sou uma professora séria, exigente, mas ao mesmo tempo alegre, descontraída, que não briga por qualquer coisa, calma, que tem ponderação para tratar das questões (Maria Magdalena).

Eu me sinto muito feliz nesse aspecto e o mais gostoso é quando você esbarra com pessoas que dizem terem sido nossos alunos, isso fortalece a gente. Ser professor é ser uma pessoa sem fronteira. É estar sempre na frente do limite (Fábio).

Se fosse para escolher hoje, novamente essa profissão, eu escolheria com certeza. Sou apaixonada pela relação professor-aluno. Gostaria de dizer mais uma vez, que ser professor é muito bom, ser professor vale a pena. Vale a pena diante dos momentos que a gente vive e do agradecimento das pessoas com as quais você teve a oportunidade de conviver. (Elisa).

Se fosse para escolher ser professora hoje, eu escolheria sem dúvidas. Depois de mais de treze anos de profissão, não me vejo fazendo outra coisa. É uma opção consciente, não tenho vontade de fazer outra coisa (Ivana).

Em nenhum momento da minha carreira, pensei em parar, em procurar outra coisa. Todo o tempo, tive a certeza de ter feito a escolha certa (Maria Magdalena).

São todos, relatos de simplicidade, mas também de complexidade, de sentimentos e de identificação com o magistério.

Já no que diz respeito à imagem que têm de si mesmos, às alegrias pelo que se tornaram e pelo que fazem, é muito fácil perceber como as histórias de vida foram tecidas em meio a sentimentos e relacionamentos muito significativos. Alguns de nossos entrevistados tiveram uma vivência profissional com laços profundos de relacionamentos afetivos, que se complementaram e se complementam até hoje. Isso fica muito claro no que lemos abaixo:

Eu fiz especialização “lato sensu” quando terminei a universidade e logo, logo eu me casei. O Pedro foi meu colega e nós tivemos uma convivência afetiva e intelectual muito rica, como ainda temos até hoje e essas memórias talvez me emocionem também por esse lado, por ser onde conheci a pessoa que amo e sermos parceiros na vida e na história, na vida e na profissão. Isso trouxe trocas muito ricas, que eu acho que nada no mundo vai conseguir apagar (Maria Celeste).

O trabalho desempenhado pelos nossos entrevistados tem sempre a preocupação e o objetivo de atingir a qualidade não só pedagógica, mas também humana. Isso se manifesta no “feed back” dos próprios alunos:

Com relação a minha atuação profissional, o que eu acho muito gratificante, é quando um aluno escreve um bilhetinho para mim, mesmo agora na graduação e diz: “Dona Luiza, eu a admiro muito, tenho a senhora como meu modelo”. Não me vejo como modelo, mas me sinto lisonjeada, é claro, isso massageia o ego. Também quando um aluno que eu sei que tinha muita dificuldade de aprendizagem consegue aprender, que eu colaborei para isso, é o momento mais gratificante para mim. Eu sempre me pautei pela responsabilidade, pelo carinho, pelo amor aos outros, por amar sempre ao próximo (Luíza).

Agora, quando um aluno chega pra gente e diz que não esquece aquilo que dissemos, não esquece nossas aulas, nosso jeito de ser, o fato de termos feito alguma coisa por ele, mesmo que não tenhamos percebido, isso é muito gratificante! Nada no mundo paga, é uma das melhores coisas da profissão! (Ivana)

Educar é sem dúvidas um ato de amor pelo outro, para o outro, por si mesmo, pelo que fazemos, já que:

Amar ensinar significa desejar ardentemente que o outro aprenda a ter prazer nisto; ter prazer em partilhar com o outro um trecho do percurso que já fez (e que continua fazendo), tendo consciência de que o caminho do outro terá suas peculiaridades. Esta satisfação é que vai também ajudar a suportar a fadiga da atividade e a sustentar a necessária paciência pelas formas e ritmos de apreensão do outro. (VASCONCELOS, 2001, p. 63)

Todas as marcas, todas as tramas que foram tecidas na constituição da identidade de nossos entrevistados, estão muito claras em suas lembranças, em suas imagens enquanto profissionais, em seus fazeres profissionais diários. Podemos observar em algumas dessas falas, este constituir-se e instituir-se diários:

Se alguém chegar e pedir para eu me definir, sem sombra de dúvida que eu me defino como o Pedro professor e não o Pedro empresário. Em nenhuma ficha cadastral minha será encontrado como profissão: empresário e sim professor. Sou professor por convicção, formação e bem querer. Sou um grande privilegiado, sou bem aceito pelos alunos e tenho consciência disso e, acho que é por essa razão que dou aulas até hoje, dar aulas é a grande realização da minha vida. Estar na escola, na sala de aula, sempre me deixou alegre (Pedro).

Enquanto educadora acredito e não abro mão, se deixar de acreditar, se abandonar minhas crenças, não construiremos um futuro sólido. Temos de trabalhar no hoje para mudar o futuro, e não veremos essas mudanças efetivamente, mas somos responsáveis por elas, se não trabalho por isso, sinceramente, acho que não tem sentido o que faço (Ivana).

Tudo isso me faz ver que a minha história de vida está completamente emaranhada com a minha vida profissional, hoje eu enxergo isso muito claramente. Não tem como afirmar que a vida profissional é mais forte que a pessoal, mas tenho que admitir que

vivi muito mais a vida profissional, embora eu seja uma pessoa muito próxima da minha família (Maria Auxiliadora).

Tenho a vida vivida, trabalhei em todos os níveis e foi uma experiência gratificante, que realmente me ajuda muito no meu trabalho, porque, principalmente na formação de professores, tudo que vivi me traz uma certa tranquilidade no meu trabalho, tanto na parte do conteúdo, com no fazer com que os alunos busquem o conhecimento de forma tranqüila (Dona Elza).

Interessante também destacar, a consciência enquanto cidadãos, o assumir um papel não só de repassar conhecimentos, mas também de formar pessoas conscientes de seu papel social, num país que também está a se constituir enquanto nação, claramente nos mostrando como somos instituídos por tudo aquilo que vivemos e convivemos. “Ao assumir a postura de efetivo compromisso e realizar esta tarefa de construir uma nova prática pedagógica e social, temos convicção de que o professor estará resgatando seu papel histórico, sua própria cidadania” (VASCONCELOS, 2001, p.63). Confirmando tudo isso:

Se pudesse dizer em poucas palavras, eu sou professora que questiona o ser professora e quer continuar questionando continuamente o ser professora. Porque nós não somos professores, nós estamos sendo, assim como o Darcy Ribeiro fala que “o brasileiro é um povo em sendo”, nós somos professores em sendo, nós somos alunos em sendo, nós somos mulheres, homens, brancos, negros, índios em sendo, e que a gente possa ser, da melhor forma possível (Maria Celeste)

Chamou-nos a atenção a crença na educação, as possibilidades de no fazer diário, contribuir para melhorar aqueles com os quais convivemos, nosso meio e a nós mesmos.

Sou muito crédula a respeito da educação, isso me faz muito feliz, me sinto muito realizada, gosto de ir trabalhar, gosto de fazer o que faço (Letícia).

Outra coisa que acho importante é a crença que tenho no ser humano, em sua capacidade de ser um agente transformador. Primeiro em se transformar enquanto pessoa, depois transformar também as pessoas que estão a sua volta (Elisa).

Também a esperança e a certeza no trabalho que desempenham, apesar de todas as vicissitudes sofridas, ser motivo de orgulho e crença de que estão desempenhando uma função das mais importantes na formação de um povo. Mesmo com todo o descaso sofrido pela educação em nosso país, o gosto pelo que fazem pode ser percebido através dos relatos abaixo:

Por mais que queiram rotular os professores, que dentre todos os profissionais que existem, são os que fazem presença na vida de qualquer pessoa, precisamos levantar a cabeça e ter orgulho do que fazemos, lembrando também que não existe escola sem aluno e sem professor, eles é que constituem a escola (Pedro).

Vale lembrar também, que aqueles que amam o magistério, que não são professores por bico, que não “deixam a peteca cair”, que se unam enquanto classe. Sem dúvida é uma coisa horrível para o nosso país, um país em que se diz a toda hora que a educação é a saída, essa falta de respeito e valorização do professor. Sei que é difícil, mas que resgatar nossa identidade e reconhecimento, depende muito da gente mesmo. Que todos peguem essa bandeira e não aceitem esse descrédito. Que a gente lute com vontade e força para não permitir que isso continue acontecendo (Pedro).

Todas as falas, todas as recordações, todo o revelar-se, mostraram-nos essências muito ricas, seres humanos complexos, que mesmo incompletos, estão dia-a-dia se construindo como profissionais, pois ninguém está pronto, o caminho se faz diariamente, as alternativas e questionamentos se apresentam em todos os momentos, mas, o que já foi construído, os caminhos que já foram trilhados, nos mostram trajetórias muito ricas, um mundo particular, pois “o mundo é do tamanho do conhecimento que temos dele. Alargar o conhecimento, para fazer o mundo crescer, e apurar seu sabor, é tarefa de seres humanos” (RIOS, 2001, p. 24). Cada um de nossos

entrevistados continua a alargar o seu mundo e a buscar alternativas para melhorá-lo. Vidas únicas, com significados diversos, mas ao mesmo tempo tão parecidas, como é possível constatar:

Assim é nossa vida, feita de altos e baixos, muitas estruturas interferindo no nosso tecer, nos fazendo rir e chorar, outras vezes, perder o fôlego de êxtase, mas tudo fazendo parte de nossa criação. Tudo é vida, minha profissão é vida! É a minha vida e a vida de tantas pessoas que comigo convivem, cada uma delas criando e tecendo sua própria tapeçaria, numa teia de fios que se tocam em diversos momentos (Ivana).

Acredito que o que me faz muito feliz sendo professora, é esse convívio com as pessoas, que te renova o tempo inteiro, pois a cada semestre recebemos um grande número de novos alunos (Maria Auxiliadora).

Sou apaixonada por aquilo que faço, sou apaixonada pelos meus alunos, pelos meus colegas. É lógico que temos momentos de stress, momentos de conflitos, mas acho que vamos amadurecendo e percebendo que a gente tem que lutar e defender aquilo em que acreditamos em termos de educação (Elisa).

Todos os professores ouvidos nesta investigação se constituíram como profissionais nas ondas de suas histórias de vida. Não são profissionais por terem feito um curso superior, mas, por terem acreditado e assumido todas as exigências e responsabilidades por sua opção, pelo que fazem. Ficou evidente que "(...) qualquer relação com o saber comporta também uma dimensão de identidade: aprender faz sentido por referência à história do sujeito, às suas expectativas, às suas referências, à sua concepção de vida, às suas relações com os outros, à imagem que tem de si" (CHARLOT, 2000, p.72). Todas as escolhas, todas as pessoas, todos os momentos, foram fundamentais na constituição docente de cada um. Em meio a histórias diferentes, muitas vezes não reconhecidas em seu valor, fomos percebendo o tamanho da riqueza de suas vidas.

Acreditamos que cada entrevistado, em tudo que foi lembrado, falado, contado, viveu momentos não de relembrar, mas de reinterpretar o vivido, dando novos significados e sentidos ao que foi e, principalmente, ao que é hoje como pessoa e profissional. Histórias de vida ricas, de professores únicos, que vivem e também constroem tantas outras Histórias de vida dentro do UNIARAXÁ.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A certeza de que estamos sempre começando, a certeza de que é preciso continuar, e a certeza de que podemos ser interrompidos. Fazer da interrupção um caminho novo, da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sonho uma ponte, da procura um encontro”.

Fernando Sabino

Esta pesquisa é um estudo sobre memórias. Memórias marcantes de personagens muitas vezes desconhecidos, mas que tecem e escrevem no dia-a-dia, suas próprias histórias – ricas e inigualáveis, e a história da educação no Brasil. Não se tratou de uma amostragem, mas sim de um registro de lembranças, de imagens do passado que ressurgiram firmes, como se acabassem de acontecer, de histórias permeadas pelo individual e coletivo. Os professores investigados foram aos poucos se revelando e nos mostrando histórias únicas, entre lembranças e confissões que constituem a tecitura desta investigação.

Hoje, não sei dizer se o que escrevi foram reflexões, imagens, recordações de nosso ofício docente, ou se foram viagens às lembranças, saudades, vontades, desejos. “Fazer o percurso à procura do ofício de mestres, artífice, artista que há em nós, reaprender saberes e artes, recuperar a imagem (...). Contar para mim, e a nós nossa própria história”. (ARROYO, 2004, p. 16), foi tudo isso misturado, construindo, relendo, entendendo.

Uma coisa que ficou muito clara, é que não há como nos olhar sem entender que o que procuramos no presente é carregado de todo um passado que foi nos construindo através de diversas influências, conheceres, relacionamentos, viveres. Em todos que foram ouvidos pude perceber um silêncio de olhares, um revisitar interno, uma viagem à memória, uma descoberta ou re-descoberta de si mesmo. Como Thompson (1992) afirma, o pesquisador que trabalha com História Oral, ao fazer com que as pessoas confiem nas lembranças e interpretações particulares do passado, em sua capacidade de colaborar para escrever a história, possibilita que os entrevistados, rememorem a própria vida e forneçam informações valiosas às novas gerações.

Pesquisar e analisar o campo do instituir-se dos professores envolvidos obrigou-me também, a um olhar amplo e profundo, que segundo Imbernón

é importante ter, pelo menos, dois tipos de olhares. Há um primeiro olhar imediato, próximo, de curto alcance, um olhar que nos ajuda a resolver esses problemas cotidianos que chegam a nos obcecar e não nos permitem levantar os olhos. (...) tento ultrapassar esse olhar de curto alcance e estimular o hábito do segundo olhar, ou seja, mais amplo e profundo. (IMBERNÓN, 2000, p. 77)

Muitas vezes, alcançar este “olhar” mais amplo e profundo, foi um desafio, que mesmo buscado, pôde não ter sido atingido plenamente. Digo isso, porque no que se refere à educação são vários aspectos, influências, interferências, tanto objetivas como subjetivas, num ir e vir do macro ao micro e vice versa.

Realizar qualquer pesquisa envolvendo a educação e principalmente os agentes educativos leva-nos a tentar deixar de lado muitas ideologias, verdades postas, crenças. Foi sem dúvida, um exercício rico em possibilidades, descobertas e alegrias, e às vezes, até doído, pois compreender subjetividades pode revelar saudades, frustrações, desejos ocultos. Como nos disse Maria Celeste: *“Tudo isso, me faz pensar mais uma vez em como a gente é produzido por expectativas, falas, linguagens, que*

vão-nos constituindo como seres humanos". Investigar pessoas, os sujeitos que foram ouvidos, que vivem e constroem no dia-a-dia a educação dentro do UNIARAXÁ, revelou-se num campo muito rico em conhecimentos e acima de tudo, no que diz respeito ao humano.

Depois de analisar todos os sujeitos da nossa pesquisa, constatei que, mesmo em meio aos desafios, dúvidas, inseguranças, todos acreditam no que fazem, enxergam a educação como aquela que favorecerá a igualdade de oportunidades e a equidade, sem perder de vista os inúmeros problemas e dificuldades que todos nós vivenciamos diariamente em nossa prática profissional. Temos consciência de que é preciso, sempre, nos envolver na busca por uma nova prática social que ajude o ser humano a inserir-se na sociedade, de maneira ativa e como elemento de transformação.

Paulo Freire (1995) nos fala:

Ser utópico não é apenas ser idealista ou pouco prático, mas também efetuar a denúncia e a anunciação. Por isso, o caráter utópico de nossa teoria e prática educativa é tão permanente como a educação em si, que, para nós, é uma ação cultural. Sua tendência para a denúncia e a anunciação não pode se esgotar quando a realidade, hoje denunciada, amanhã cede seu lugar à realidade previamente anunciada na denúncia. Quando a educação já não é utópica, isto é, quando já não possui a unidade dramática da denúncia e da anunciação, ou o futuro já não significa nada para os homens, ou estes têm medo de se arriscar a viver o futuro como superação criativa do presente, que já envelheceu. No entanto, conforme uma visão autenticamente utópica, a esperança não quer dizer cruzar os braços e esperar. A espera só é possível quando, cheios de esperança, procuramos alcançar o futuro anunciado que nasce no marco da denúncia por meio da ação reflexiva... a esperança utópica é um compromisso cheio de risco. (FREIRE, 1995 p.21)

Alguns dizem que a utopia é ilusória, é irreal, não nos leva a nada. Claro que a utopia pela utopia é um círculo vicioso, mas a utopia sonhada em grupo, sem perder de vista "a luz no final do túnel", é uma possibilidade na busca de caminhos e formas para transformar a realidade que está posta com

relação ao ensino no país, e especificamente, ao ensino superior, à formação de futuros formadores. Podemos confirmar isso nas palavras de Maria Auxiliadora, quando nos fala: *“Na verdade, quando você sonha, e sonhar é um direito de todos, com consciência de que tem o direito àquele sonho, você agrega tudo que é necessário para constituir aquele sonho em realidade. Então, acaba que o UNIARAXÁ hoje, é o que é, porque foi sonhado e realizado por muitos”*. A realização desta investigação, também foi para mim, sem nenhuma dúvida, a realização de um sonho muito caro e importante, a transformação de uma utopia em realidade.

Segundo Bauman (2001), a fluidez pode ser a principal metáfora para o estágio do tempo presente. Os fluidos “‘fluem’, ‘escorrem’, ‘esvaem-se’, ‘respingam’, ‘transbordam’, ‘vazam’, ‘mudam’, ‘borrifam’, ‘pingam’, ‘são filtrados’, ‘destilados’; diferentemente dos sólidos, não são facilmente controlados” (2001, p. 08). Na inconstância da leveza dos tempos atuais, o derretimento dos sólidos é o traço permanente, e o homem tenta se encontrar em meio a tanta inconstância, tanta quebra de paradigmas, como também encontrar caminhos e meios que o façam gente, que o levem a se realizar. Vivemos tempos paradoxais, tempos em que várias perguntas são feitas e poucas respostas encontradas. Tempos em que o homem se vê perdido pela falta do próprio tempo, tempos em que precisamos acreditar naquilo que fazemos enquanto educadores, tempos de ter noção e assumir a responsabilidade no nosso fazer diário.

Todos os professores ouvidos, muitas vezes entre angústias e questionamentos, trabalham pela mudança, pela busca de alternativas, pelo tentar fazer o melhor, vivendo em conflito com todo este sistema envolto em jogos de interesses, amarrado com mercados, com ideologias, com interesses particulares em detrimento do público. Infelizmente, “a tarefa de construir uma ordem nova e melhor para substituir a velha ordem defeituosa não está hoje na agenda” (BAUMAN, 2001, p.12), precisa ser buscada, possibilitada, mas nem por isso, deixa de ser possível.

Diante desse quadro de mudanças aceleradas, de novos paradigmas que são questionados, como de outros que nos são apresentados, como professores, e acima de tudo, educadores, só nos resta, sempre, repensar

nossa formação e, principalmente, nossa atuação pedagógica, comprometida com uma sociedade mais justa e mais humana, uma sociedade capaz de entender e conviver com essa fluidez que se faz presença dia-a-dia. Acreditamos que esse é o perfil dos “atores” desta investigação.

Nas palavras de Pimenta & Anastasiou (2002):

A finalidade da educação escolar (superior) na sociedade tecnológica, multimídia e globalizada, é possibilitar que os alunos trabalhem os conhecimentos científicos e tecnológicos, desenvolvendo habilidades para operá-los, revê-los e reconstruí-los com sabedoria. O que implica analisá-los, confrontá-los, contextualizá-los. Para isso, há que articulá-los em totalidades, que permitam aos alunos ir construindo a noção de “cidadania mundial”. (PIMENTA & ANASTASIOU, 2002, p.81)

Também recorreremos às palavras de Dias Sobrinho, quando comenta sobre o papel da educação superior:

A educação superior, por mais que se transforme, não pode ser renuente a seu papel de formação intelectual e moral, ao mesmo tempo que, de desenvolvimento material das sociedades, por meio das atividades públicas de construção e promoção de conhecimentos e valores. A educação superior é um patrimônio público na medida em que exerce funções de caráter político e ético, muito mais que uma simples função instrumental de capacitação técnica e de treinamento de profissionais para as empresas. (SOBRINHO, 2005, p. 5)

Encerrando este percurso investigativo, além de sabermos do tamanho de nossa responsabilidade e dos desafios que estão postos, de termos consciência do nosso comprometimento profissional e ético para com cada um de nós, para com nossos alunos, e para com a sociedade em geral, fica a certeza de que apesar do inesperado, sempre vale a pena educar. Paulo Freire questiona “se estamos sendo seres da pura adaptação à realidade, miméticos ou se, pelo contrário, atuantes, curiosos, capazes de correr risco, transformadores, terminamos por nos tornar aptos para intervir no mundo,

mais do que puramente a ele nos acomodar” (2000 p. 92). Sem dúvida, todos os nossos entrevistados podem se enquadrar como seres comprometidos e conscientes daquilo e naquilo que fazem.

Todo o percurso vivido nesta investigação proporcionou-me uma vivência muito rica, que me fez enxergar tantas coisas novas, como também repensar algumas posturas e comportamentos. Poder dividir e desvelar detalhes de vidas tão ricas como as que tive a oportunidade de investigar, me fizeram cada vez mais crer que a minha escolha foi muito oportuna e acertada. Emaranhada a tantas histórias, tanta riqueza de vidas, o que mais me chamou a atenção é que na vida, mais importante do que conhecimentos é ter sabedoria. Sabedoria, que nos faz aptos a discernir e a acertar.

Acredito que realizar esta investigação, foi também um exercício de sabedoria, o saber ouvir, o respeitar as diferenças e subjetividades, o se colocar no lugar do outro, o partilhar, o calar quando necessário, o guardar no mais íntimo ser as confissões que me eram contadas, tudo isso, constituiu-se em momentos especiais e inigualáveis, que só foram possíveis no desenrolar do próprio trabalho.

Nas identidades que foram tecidas, fui descobrindo e conhecendo pessoas tão cheias de vida, com histórias tão bonitas e únicas. Histórias que tive a alegria de contar, identidades pessoais, construídas diariamente em tudo que foi e continua sendo vivido,

diferentes trajetórias e distintos momentos (..) Histórias no plural; formas de falar a vida (fora e dentro da escola) no plural; maneiras de mudar essa vida no plural também. E é nesse plural que reside a singularidade que faz de nós seres humanos, que nos permite descontinuar para continuar. (KRAMER, 1993, p. 199)

Emoções, lágrimas, sorrisos, alegrias, descobertas, orgulho pela profissão, dificuldades, desafios, registros e análises de saudades, sentimentos e lembranças que foram resgatadas, sonhos que se fazem e se

renovam, vidas que foram partilhadas. Enfim, Histórias de vidas carregadas de significados e sentidos, vidas que foram e estão sendo vividas.

Ficam muitas dúvidas, às vezes algumas certezas, de que poderíamos ter feito diferente, mas o mais importante é que, fica a partilha, a troca, o diálogo, a busca de compreensão, a alegria pela descoberta e pelo conhecer, o compromisso com aquilo que fazemos e com aquilo que somos. Fica enfim, a dedicação, o crescimento, o prazer, o auto-conhecimento.

Todas as experiências vividas nesta investigação, também fizeram com que eu me conhecesse melhor. Novos olhares, novas descobertas, novos sentimentos. Algumas vezes foi dolorido, foram muitas emoções que estavam adormecidas e empoeiradas pelo tempo. De tudo, a certeza de que nunca estamos prontos, de que não somos perfeitos, mas também a consciência e o direito de sempre buscar o aperfeiçoamento e o reconhecimento como profissionais e acima de tudo, como seres humanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWICZ, Mere. “A importância dos grupos de formação reflexiva docente no interior dos cursos universitários”. In: CASTANHO, Sérgio e CASTANHO, Maria Eugênia (Orgs.). **Temas e textos em metodologia do ensino superior**. 2.ed. Campinas: Papyrus, 2002, p.137-142.

ANDRÉ, Marli E. D., LÜDKE, Menga. **A Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986. (Temas básicos em educação e ensino).

ARROYO, Miguel G. Essas escolhas têm uma longa história. In: **Caderno do Professor**. CERP/SEE – MG, n. 5, março de 2000.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre** – Imagens e auto-imagens. 7.ed. Petrópolis: 2004.

ASSUNÇÃO, Maria Madalena S. de. **Magistério primário e cotidiano escolar**. Campinas: Autores Associados, 1995.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. **A colônia brasilianista** – História oral de vida acadêmica. São Paulo: Nova Stella, 1990.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. **Canto de morte kaiowá** – História oral de vida. São Paulo: Loyola, 1991.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de História Oral**. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2002.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: T. A Queiroz, 1987.

BRANDÃO, Carlos R. Ousar utopias: da educação cidadã à educação que a pessoa cidadã cria. In: AZEVEDO, José Clóvis, GENTIL, Pablo, KRUG, Andréa et.al. (Orgs). **Utopia e democracia na educação cidadã**. Porto Alegre: UFRGS/SME, 2000.

BRASIL. **LDBEN** – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei 9394/96.

CASTANHO, Maria Eugênia. “Sobre professores marcantes”. In: CASTANHO, Sérgio, CASTANHO, Maria Eugênia (Orgs.) **Temas e textos em metodologia do ensino superior**. 2.ed. Campinas: Papyrus, 2002. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos de uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CHAUÍ, Marilena. “A universidade Operacional”. **Folha de São Paulo**. Caderno Mais. 09/05/1999. p. 54-61.

CHAUÍ, Marilena. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

CHAUÍ, Marilena. **Seminário: Universidade: Por que e como reformar?** MEC/SESu: 6 a 7 de agosto de 2003.

CONTRERAS, José. **A autonomia dos professores**. São Paulo: Cortez, 2002.

CURY, Augusto. **Nunca desista dos seus sonhos**. 3.ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

DOSSE, François. **A história em migalhas**: dos “Annales” à “Nova História”. Tradução de Dulce da Silva Ramos. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1992.

ESTEVE, José M. “Factores de mudança: doze elementos de transformação no sistema escolar”, in: NÓVOA, Antônio (org.). **Profissão professor**. Porto – Portugal: Porto Editora, 1991.

FAZENDA, Ivani (Org.) **Dicionário em construção**. São Paulo: Cortez, 2001.

FINOCCHIO, Ana Lúcia Ferra. O processo de construção da identidade humana. In: CUNHA, Sônia da. **Psicologia e práticas educacionais**. Campo Grande: UFMS, 2000.

FONSECA, Selva Guimarães. **Ser professor no Brasil**: história oral de vida. Campinas: Papyrus, 2003.

FONSECA, Selva Guimarães. "Saberes da experiência, histórias de vida e formação docente". In: CICILLINI, Graça Aparecida, NOGUEIRA, Sandra Vidal. (Orgs). **Educação Escolar** – Políticas, saberes e práticas pedagógicas. Uberlândia: EDUFU, 2002. p. 85-102.

FONTANA, Roseli Cação. "Trabalho e subjetividade. Nos rituais da iniciação, a constituição do ser professora". In: **Cadernos CEDES 50** – Relações de ensino – análises na perspectiva Histórico-cultural. Campinas: UNICAMP, 2000. p.103-119.

FONTANA, Roseli Cação. **Como nos tornamos professoras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FONTANA, Roseli A. Cação; GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. "Por entre sombras". In: SHIGUNOV NETO, Alexandre; MACIEL, Lizete Shizue Bomura. (Orgs.) **Desatando os nós da formação docente**. Porto Alegre: Mediação, 2002. p.05-22.

FREIRE, Paulo. "Escola pública e educação popular", in: FREIRE, Paulo. **Política e educação**. México: Século XXI, 1992.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho D'água, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. São Paulo: Cortez. 2001.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção (Org.) **Memórias de professores**: história e histórias. Juiz de Fora: UFJF, 2000.

FRIGOTTO, Gaudêncio. "Trabalho e educação: Formação técnico-profissional em questão". **Universidade e sociedade**. São Paulo: Andes, 1996, p.38-42.

GONÇALVES, Tadeu Oliver, GONÇALVES, Terezinha Valim Oliver. "Reflexões sobre uma prática docente situada: buscando novas perspectivas para a formação de professores". In: GERALDI, Corinta Maria Grisolia, et. al. (Orgs.) **Cartografia do trabalho docente**: professor(a)-pesquisador(a). Campinas: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB, 1998.

GRILLO, Marlene. "O professor e a docência: o encontro com o aluno". In: ENRIGONE, Délcia (Org.). **Ser professor**. 2.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p.73-89.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. **Rememorando trajetórias da professora alfabetizadora: a leitura como prática constitutiva de sua identidade e formação profissional.** Campinas: Mercado das Letras: Faep/Unicamp: São Paulo: Fapesp, 2002.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia et. all. "Percurso de letramento dos professores: narrativas em foco". In: KLEIMAN, Angela B. e MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles (Orgs.) **Letramento e formação do professor: práticas discursivas, representações e construção do saber.** Campinas: Mercado de Letras, 2005. p. 65-92.

IMBERNÓN, Francisco. Amplitude e profundidade do olhar: a educação ontem, hoje e amanhã. In: IMBERNÓN, Francisco (Org.). **A educação no século XXI – os desafios do futuro imediato.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

JOUTARD, Philippe. "História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína. (Orgs.). **Usos e abusos em história oral.** 5.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

KRAMER, Sônia. **Por entre as pedras – arma e sonho na escola.** São Paulo: Ática, 1993.

KRAMER, Sônia & JOBIM E SOUZA, Solange (Orgs.) **Histórias de professoras – Leitura, escrita e pesquisa em educação.** São Paulo: Ática, 2003.

KRAMER, Sônia & JOBIM E SOUZA, Solange. **Experiência humana, história de vida e pesquisa: um estudo da narrativa, leitura e escrita de professores.** Caxambu: 17ª Reunião da ANPED, 1994.

LACERDA, Nilma Gonçalves. **Manual de tapeçaria.** Rio de Janeiro: Revan, 2001.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana – danças piruetas e mascaradas.** 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LAVILLE, Christian, DIONNE, Jean. (adaptação da obra: Lana Mara Siman). **A construção do saber – Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda.; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela.** Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1977.

LOURO, Guacira Lopes. "Mulheres na sala de aula". In: PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil.** 6.ed. São Paulo: Contexto, 2002. p.443-481.

LÜDKE, Menga, ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986. (Temas básicos em educação e ensino).

MEIRELES, Cecília. "Contemplação", In: _____. **Mar absoluto**. Rio de Janeiro: Record, 1983.

MOITA, M. C. (Org.) **Professor do ensino superior**: Identidade, docência e formação. 2.ed. Brasília – DF: Plano Editora, 1992.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez. Brasília: UNESCO, 2000.

NEVES, Lucília de Almeida. Memória e história – potencialidades da História Oral. In: **ArtCultura**. UFU – Universidade Federal de Uberlândia: Uberlândia – MG, vol. 5, n. 6, jan-jun – 2003. p.27-38.

NORONHA, Olinda Maria. **Políticas neoliberais, conhecimento e educação**. Campinas: Alínea, 2002.

NÓVOA, Antônio. **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1997.

NÓVOA, Antônio. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

NÓVOA, Antônio. (Org.) **Profissão professor**. 2.ed. Porto: Porto Editora, 1991.

PENIN, Sônia T. de Sousa. **A Aula**: espaço de conhecimento, lugar de cultura. 4.ed. Campinas: Papyrus, 1999.

PIMENTA, Selma Garrido, ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no Ensino Superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

PORTAL, Leda Lísia Franciosi. "O professor e o despertar de sua espiritualidade". In: ENRICONE, Délcia (Org.). **Ser professor**. 2.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p.109-123.

QUEIROZ, Maria I. "Relatos orais: do Indizível ao dizível". **Ciência e cultura**. n. 39, mar. 1987.

REY, F. L. Gonzales. A pesquisa e o tema da subjetividade em educação. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 24, 2001, Caxambu. **Anais**. ANPED, Caxambu, 2001. Disponível em: <http://www.anped.org.br/24/te.htm>. Acesso em out. 2003.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Compreender e Ensinar** - Por uma docência da melhor qualidade. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

RODRIGUES, Neidson. **Da mistificação da escola à escola necessária**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 1996.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil (1930/1973)**. 25.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1967.

SACRISTÁN, José Gimeno. A educação que temos, a educação que queremos. In: IMBERNÓN, Francisco (Org.). **A educação no século XXI** – os desafios do futuro imediato. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SANTOS, Boaventura Sousa dos. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. Porto: Afrontamento, 1995.

SAVIANI, Demerval. “A Universidade no contexto da nova LDB e da atual política educacional”. In: **Jornal da UNICAMP**. dez. 1998.

SCHAFF, Adam. A concepção marxista do indivíduo. In. SCHAFF, Adam. **O marxismo e o indivíduo**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1967.

SOBRINHO, José Dias. **Educação superior, globalização e democratização**. Qual universidade? Campinas, 2005.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o magistério. In: **Revista Brasileira de educação**. Rio de Janeiro: nº 13, 2000. p.05-24.

THOMPSON, Paul E. **A voz do passado**. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais** – a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Resgate do professor como sujeito de transformação**. 8.ed. São Paulo: Libertad, 2001.

VIEIRA, M. P. A. et.al. **A pesquisa em História**. 4.ed. São Paulo: Ática, 1998.

ZAGO, Nadir. "A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa". In: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P. de ; VILELA, R. A. T. (Orgs.) **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.